



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Estudos Sociais e Políticos

Raquel Guilherme de Lima

**Os sentidos do diploma: percepções sobre mobilidade social através do
ensino superior**

Rio de Janeiro
2016

Raquel Guilherme de Lima

Os sentidos do diploma: percepções sobre mobilidade social através do ensino superior



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antônio Costa Ribeiro

Rio de Janeiro
2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA IESP

L732 Lima, Raquel Guilherme de.
Os sentidos do diploma: percepções sobre mobilidade social
através do ensino superior / Raquel Guilherme de Lima. - 2016.
231 f.

Orientador: Carlos Antonio Costa Ribeiro.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Estudos Sociais e Políticos.

1. Mobilidade social – Teses. 2. Ensino superior - Teses. 3.
Sociologia – Teses. I. Ribeiro, Carlos Antonio Costa. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos
Sociais e Políticos. III. Título.

CDU 378.245

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Raquel Guilherme de Lima

Os sentidos do diploma: percepções sobre mobilidade social através do ensino superior

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 16 de maio de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Antônio Costa Ribeiro (Orientador)
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

Prof. Dr. Adalberto Moreira Cardoso
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

Prof^ª. Dra. Mariana Cavalcanti Rocha Dos Santos
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

Prof. Dr. Paulo Jorge da Silva Ribeiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^ª. Dra. Ana Pires do Prado
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2016

DEDICATÓRIA

Para Jair Guilherme e Maria Bernadete,
Por nosso amor, por nossa resistência.

AGRADECIMENTOS

Quando do processo de escrita da tese, a redação dos agradecimentos é vislumbrada como momento derradeiro, onde as pessoas que suportaram todas as loucuras da candidata ao título de Doutora terão o seu devido reconhecimento. A felicidade da chegada desse momento, de fato, é redentora.

Início esse ritual, agradecendo aos meus pais, a quem dedico essa tese, vivo com a certeza da minha incapacidade de replicar o amor que me devotam. Os cuidados, a crença nas minhas escolhas e total apoio aos meus projetos. Maria Bernadete e Jair Guilherme, ademais, são homenageados por trazerem em suas biografias as marcas de um árduo trabalho tão pouco recompensado em nossa sociedade.

Meu querido irmão, Flávio, minha cunhada Angélica, meus sobrinhos Livia e Miguel, minha avó Terezinha, grande incentivadora dos meus projetos, minha avó Tina, minha madrinha Marly, meu padrinho Juventino, minha prima-irmã Michelle, toda a minha família tão solidária, tios e tias, primos e primas, meu muito obrigado sempre.

Reconheço também a importância das instituições, que garantiram o percurso e a chegada a termo de tão importante empreitada. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço a concessão da bolsa de doutorado regular e da bolsa sanduíche, que me proporcionou a experiência inédita e tão proveitosa de intercâmbio na Fondation Nationale (Sciences Po). Agradeço em especial ao professor Marco Oberti (OSC-Sciences Po), que me recebeu durante esse período. Agradeço ao Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP – UERJ), ao corpo docente e ao quadro de funcionários, destaque Cris, Carol e Bia sempre solícitas e extremamente profissionais.

Agradeço aos membros externos da banca, a professora Ana Prado (UFRJ) e ao professor Paulo Jorge (UERJ), que aceitaram prontamente o convite proposto e certamente farão importantes contribuições a este trabalho. Dedico igual reconhecimento aos membros internos da banca, professora Mariana Cavalcanti e ao professor Adalberto Cardoso, a quem agradeço especialmente pelos cursos ministrados que influenciaram grandemente esse trabalho.

Ao professor Frédéric Vandenberg (IESP-UERJ), agradeço as indicações bibliográficas e a disponibilidade com a qual se apresentou para auxiliar este trabalho.

Ao meu orientador Carlos Antônio Costa Ribeiro, agradeço o acompanhamento ao longo desses anos, sobretudo nos momentos os quais ele cobrou o meu comprometimento com a tese, sem, contudo, desistir de me auxiliar na conquista do objetivo final.

Ao amigo Thiago Panica, deixo o meu agradecimento por suas leituras atenciosas e criteriosas dos meus capítulos.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdade (NIED-UFRJ), coordenado pelas professoras Elisa Reis e Graziella Moraes agradeço o convite e a oportunidade de integrar o grupo há mais de um ano. O núcleo, que ainda é composto pelo professor Flávio Carvalhaes, foi um ponto decisivo na reta final desta trajetória pelos constantes incentivos que lá recebi. Agradeço as pós-doutoras Samara Mancebo e Verônica Tostes, aos mestrandos, doutorandos e bolsistas de iniciação científica, assim como os professores do núcleo, pelas sugestões e críticas apresentadas a este trabalho.

Agradeço aos amigos da UPP-Social, em especial, Ricardo, Samuel, Henrique e Vinícius, e do Iser pelas oportunidades de trabalho e pelos laços de amizade feitos nestas oportunidades.

Agradeço a Maria Isabel McDowell Couto, a Bel, pelo enorme afeto com o qual sempre me dedicou a sua amizade e o apoio decisivo para o término dessa jornada. Agradeço também por sua postura intelectual e as inúmeras conversas sobre sociologia urbana, em especial, o caso do Rio de Janeiro, que engrandeceram a minha formação.

Ao amigo Tomás Garcia agradeço pelo companheirismo desde minha chegada ao Rio. Em Tomás encontro os dois mundos nos quais transito o universo popular e o intelectual que ele alia com a sua perspicácia e enorme erudição. A sua mãe Maria Célia, agradeço os almoços e a simpatia mineira compartilhada.

O Rio de Janeiro me apresentou outras pessoas que possuem grande significado para minha vida na cidade, que me estimulam intelectualmente e que, sobretudo, me confortam nas intempéries da vida e nas saudades das minas gerais. São elas: Pedro e Ana, pelos tempos da Aiuru, Pedro Benetti, sempre solícito, os amigos Felipe Maia, Fernando Perlatto e Rodrigo Cantu presentes desde o mestrado, Kelly Pedrosa, Betina Fresneda, aos amigos herdados Pedro Laureano, Rafael Betencourt, Bruno Garcia, Savana Cecília, Martin Santacatterina, Mariana Poyares, e o querido viajante Bernardo Bianchi.

Aos amigos da vida, agradeço a Monique Carvalho, Pedro Charbel e Renata Braga, com quem dividi o período mais glamuroso desse doutorado, Ah Paris! Aos

amigos de samba e de carnaval, Leila, Gustavo, Fernanda, Mahatma, as amigas Uriella Coelho, Livia Froes e Lilian Gomes, a Kelly Melilo e Célio mineiros do coração.

Flávio Carvalhaes e Juliana Candian são grandes incentivadores do meu projeto de pós-graduação no Rio de Janeiro, que começou há algum tempo. Desde que cheguei a louca Guanabara pude contar com todo o tipo de apoio vindo dos dois, por isso os agradeço imensamente. A Ju, especialmente, pela amizade que construímos e que se tornou tão importante para mim.

Agradeço também às pessoas que me auxiliaram no encontro do perfil que buscava na tese. Tamires Alves, Gustavo Bezerra, os colegas de doutorado Anderson Paulino e Vinícius, Diego, Bárbara Grillo, Aline, Jorge Chaloub, Juliana Candian, Flávio Carvalhaes, Maria Isabel, Lilian Gomes, entre outros. Aos entrevistados que me concederam parte do seu tempo e me confiaram suas histórias indispensáveis para a feitura deste trabalho, muito obrigada.

A visão privilegiada para compreender o mundo que me cerca foi uma das maiores heranças que as Ciências Sociais me legou. Da história que se iniciou em 2003 guardo na memória mestres, autores, lugares que, sem dúvida, foram importantes nessa trajetória. Os amigos, entretanto, foram, sem dúvida, a grande inspiração para seguir nessa caminhada. A graduação na UFMG, o ambiente universitário tão profícuo às descobertas propiciado pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), são lugares preenchidos por pessoas especiais, que foram determinantes em minha trajetória. Agradeço à Martha e Laura, que optaram por outros rumos profissionais, mas me impactaram profundamente com a altivez que defendiam suas ideias e com a coragem que encaram a vida e os desafios que lhes são postos. Breno e Marina, companheiros dessa saga acadêmica, compartilharam comigo o mesmo destino profissional e as mesmas angústias. Devo a personalidade absolutamente incrível dos dois, minhas maiores risadas. Agradeço aos quatro, todo incentivo e afeto que nos une ao longo de mais de uma década.

Por último, agradeço a Jorge por construirmos uma relação tão generosa. Incansável nos estímulos para que eu prosseguisse com a minha tese, ele não se furtou um só momento, em me ouvir, debater autores que não lhe eram completamente familiares, revisar e discutir inúmeras vezes o trabalho feito. A sua importância na minha vida acadêmica, contudo, extravasa esse momento. O modo como Jorge encara o seu ofício de docente, seu papel como intelectual público e a grandeza que ele vê nas Ciências Sociais me animaram e deram fôlego determinante para que eu recuperasse o gosto pela carreira. Minha maior inspiração, que sorte tê-lo ao meu lado.

RESUMO

LIMA, Raquel Guilherme de. *Os sentidos do diploma: percepções sobre mobilidade social através do ensino superior*. 2016. 220f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A ascensão social através da credencial do ensino superior é comumente vista como um dos caminhos mais legítimos e meritocráticos, mesmo que nem sempre como dos mais prováveis, na sociedade brasileira. Apesar da grande iniquidade do sistema educacional, uma parcela significativa dos indivíduos mais pobres da população vislumbra melhorar de vida através dessa via. A presente tese busca compreender os sentidos atribuídos ao diploma de ensino superior por oriundos das camadas populares. Através das histórias de vida de 25 pessoas, argumenta-se que, para além dos retornos econômicos, o significado de tal qualificação remonta à centralidade do mundo do trabalho para a ampliação da cidadania observada no país a partir de 1930. Os sentidos do diploma foram analisados por duas chaves, não excludentes entre si: estudar pela expectativa do retorno material e estudar para “ser alguém na vida”. As imagens de trabalhadores desumanizados como o “puxador de carroça”, assim como daqueles vinculados a tarefas manuais e desvalorizadas, são exemplos de indivíduos excluídos ou incluídos de forma subalterna à sociedade, que habitam o imaginário dos jovens adultos pesquisados. O verniz do diploma é capaz de afastar o exercício de tarefas degradantes e os confere uma espécie de passe para a frequência de lugares sociais outrora simbolicamente interditos a eles. Os impactos do diploma são analisados em distintas dimensões da vida dos sujeitos investigados, como o pertencimento de classe e o padrão de sociabilidade dos mesmos. A tese se organiza em quatro capítulos. O primeiro busca uma contextualização do sistema educacional brasileiro, com ênfase na organização do sistema de ensino superior, assim como recupera a discussão clássica, nas ciências sociais brasileiras, sobre a ampliação da cidadania e a vinculação ao mercado de trabalho a partir de 1930. O segundo capítulo se atém à exposição da perspectiva metodológica empregada, à construção das tipologias de narrativas, e, por fim, ao tratamento dos principais sentidos atribuído ao diploma nas entrevistas. O terceiro e o quarto buscam, através do pertencimento de classe e da questão da sociabilidade, analisar, por diferentes perspectivas, o impacto da entrada e saída da universidade para os entrevistados.

Palavras-chave: Mobilidade Social. Ensino Superior. Sentidos. Diploma.

ABSTRACT

LIMA, Raquel Guilherme de. *The meanings of diploma: perceptions about social mobility through higher education*. 2016. 220f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Brazilian society sees the social mobility through higher education credential as a legitimate and meritocratic path. Despite great inequalities in the education system, many poor individuals aspire to get a better life through this path. This doctoral dissertation aims to understand social meanings of higher education credentials to working class individuals. Through 25 life's stories, it discusses, besides the economical returns, the centrality of the world of work for the citizenship's achievement in Brazil since 1930's expansion. The dissertation reflects from the meanings of higher education credential by two not mutually exclusive analytical keys: "searching study for material returns" and "study to become someone in life". The images of dehumanized workers, as the "wagon puller" (*puxador de carroça*), as well as those engaged in manual and not worthwhile jobs are examples of individuals excluded or included as subalterns in Brazilian society. They inhabit the imaginary of the young adults surveyed, for whom higher education credential is capable to prevent exercising degrading tasks. It would give them, as well, a pass to places theretofore symbolically interdicted. We investigate the impacts of higher education credential in different areas, as the social class belonging, sociability and genders roles. The first chapter contextualizes the Brazilian educational system, focusing on higher educational system. It also reflects on the centrality of the world of work for the expansion of citizenship in the 1930's, a classical debate in Brazilian social sciences. Next chapter deals with methodological questions, proposing narrative typologies and presenting the main meanings of higher education credentials stated in the interviews. The third, fourth and fifth chapters discuss the impacts of university for the investigated group through the social class belonging, sociability and gender roles.

Keywords: Social Mobility. Higher Education Credential. Narratives

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados, sexo, idade, raça e estado civil	26
Tabela 2 - Bairro do Rio de Janeiro ou cidade de moradia dos entrevistados na infância e adolescência e na fase atual.....	28
Tabela 3 - Curso e universidade frequentados pelos entrevistados.....	31
Tabela 4 - Escolaridade e ocupação do pai e da mãe dos entrevistados.....	34
Tabela 5 - Evolução dos matriculados no sistema de ensino superior brasileiro por rede, 1960-2010.....	45
Tabela 6 - Distribuição por grau acadêmico dos cursos ofertados nos anos de 1995, 2002 e 2012.....	49
Tabela 7 - Escolaridade e ocupação do pai e da mãe dos entrevistados agrupados na tipologia 1 – “era o caminho natural”	77
Tabela 8 - Escolaridade e ocupação do pai e da mãe dos entrevistados agrupados na tipologia 2 “era um caminho desejado, mas não natural”	81
Tabela 9 - Escolaridade e ocupação do pai e da mãe dos entrevistados agrupados na tipologia 3 “era o caminho inesperado”	85

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	14
1	O SISTEMA EDUCACIONAL E O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO: AS DESIGUALDADES PERSISTENTES.....	37
1.1	A educação no Brasil e as desigualdades persistentes.....	38
1.1.1	<u>A organização do sistema de ensino superior.....</u>	44
1.1.2	<u>A expectativa de ascensão do brasileiro e a cidadania regulada.....</u>	53
2	NARRATIVAS SOBRE O SENTIDO DO DIPLOMA DE ENSINO SUPERIOR.....	65
2.1	Sobre o conceito de narrativa e o seu uso para as Ciências Sociais.....	65
2.1.1	<u>Tipos de Narrativas.....</u>	71
2.1.1.1	“Era o caminho natural”	75
2.1.1.2	“Era o caminho desejado, mas não natural”	79
2.1.1.3	“Era o caminho inesperado”	84
2.2	Os sentidos do diploma.....	88
2.2.1	<u>O estudo e as expectativas pelos retornos materiais.....</u>	89
2.2.2	<u>O estudo e o “ser alguém na vida”</u>	100
3	OS SENTIDOS DO DIPLOMA E O TRÂNSITO ENTRE A ORIGEM E O DESTINO.....	108
3.1	Trajetórias de mobilidade educacional nas camadas populares brasileiras: principais temas e contribuições.....	108
3.2	Os dois mundos e a socialização plural: um argumento a favor do equilíbrio.....	118
3.2.1	<u>Retrato Sociológico 1 - José do Patrocínio, o geógrafo.....</u>	136
3.2.2	<u>Retrato Sociológico 2 - Ruth de Souza, a comunicóloga e psicóloga.....</u>	142
4	OS SENTIDOS DO DIPLOMA E A SOCIABILIDADE.....	150
4.1	A sociabilidade em foco: capital social e redes.....	151
4.2	Fronteiras simbólicas e as redes pessoais.....	165
4.2.1	<u>Semelhança dos amigos e a separação do joio do trigo.....</u>	166

4.2.2	<u>As relações superficiais e os “metidos”</u>	172
4.2.3	<u>Os camaradas de longa data e os conselheiros</u>	175
4.2.4	<u>Os amigos “ricos”</u>	178
5	OS SENTIDOS DA ASCENSÃO E OS PAPÉIS DE GÊNERO	183
5.1	A emancipação feminina: escolarização e mercado de trabalho	184
5.2	Jovens pobres: juventude, trabalho e masculinidade	192
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
	REFERÊNCIAS	205
	ANEXO – Roteiro de Entrevistas	217

INTRODUÇÃO

Entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000, a propaganda de um famoso cursinho pré-vestibular em Belo Horizonte transmitia a felicidade e a notoriedade que a aprovação no vestibular da bem reputada Universidade Federal de Minas Gerais trazia para os candidatos vitoriosos. Os aprovados eram apresentados, em câmera lenta, comemorando o feito ao som de melodias dignas dos grandes épicos hollywoodianos. Os corpos pintados, as cabeças raspadas para os homens, representavam a imagem do jovem bem sucedido, o orgulho da família. Os destaques nesse tipo de comercial eram os aprovados em cursos disputadíssimos, como Medicina e Direito, com alto nível de exigência quanto à habilidade dos candidatos.

Destacada como uma menina inteligente no meio escolar e familiar desde cedo, a universidade aparecia para mim como um destino certo. A importância dos estudos, aliás, sempre fora um mantra enfatizado por meus pais, eles mesmos que, pelas agruras da pobreza, não prosseguiram para além do 1º ano do antigo colegial. A deferência recebida pelos êxitos na escola me animava e criava em mim uma expectativa sobre o reconhecimento que futuras conquistas poderiam representar.

Findo os oitos anos de escolarização básica em uma instituição municipal, o primeiro grande plano rumo a uma escola de excelência foi traçado por mim. Alimentei o sonho de cursar o ensino médio numa escola técnica federal, o CEFET. A desastrosa experiência com o Vestibulinho de tal instituição, entretanto, me apontou que, embora fosse uma aluna dedicada, as deficiências acumuladas ao longo dos anos, e, sobretudo, a falta de malandragem na feitura de um certame como aquele, me impediriam de conquistar o objetivo maior: a aprovação no vestibular da UFMG. O lugar almejado precisava ser a federal, tanto pelos altos custos das mensalidades de uma faculdade particular quanto pelo orgulho de ter naquela lista a comprovação de todos os elogios recebidos até aquele momento: eu era a menina inteligente.

Já experimentada em uma seleção concorrida, sabia que seria necessário um investimento maior para a aprovação no vestibular. As propagandas dos cursinhos enfatizavam que sem os macetes, lá ensinados, nada de nome na tão sonhada lista. Na primeira tentativa, consegui fazer apenas uma espécie de intensivo associada ao término do segundo grau. A minha opção era o curso de Direito, mas as notas, apesar de boas, não me levaram para a concorrida segunda etapa. No ano seguinte, a preparação precoce e exclusiva me credenciou a ocupar uma

das vagas em um curso que pouco conhecia, mas que, certamente, tinha a descrição mais sedutora de todas as graduações do manual do candidato da Universidade Federal de Minas Gerais: Ciências Sociais.

Na casa dos meus pais, no meu antigo quarto, por vezes, abro uma caixa recheada de lembranças e lá encontro uma lista, envolta em plástico resistente, enumerando nominalmente os aprovados no vestibular de 2003 daquela tão desejada instituição...

A experiência e o método.

O sistema de ensino superior brasileiro absorveu, em 2013, 16,5% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, enquanto, no início dos anos 2000, esse percentual era de 9,2%¹. Apesar dos avanços, tal desempenho se reflete no baixo percentual de egressos de nível superior na população economicamente ativa, os quais alcançavam, em 2013, 14% de formados, considerando a faixa etária de 25 a 64 anos. Os percentuais encontrados para Chile, Colômbia, Costa Rica e México para o mesmo período e população informam, respectivamente, 21%, 22%, 18% e 19% de portadores da credencial de nível superior² (OCDE, 2015). Embora tenha sido alvo de políticas governamentais nas últimas décadas que envidaram, por caminhos distintos, sua expansão, a ampliação do sistema de ensino superior brasileiro ainda não logrou atingir índices de cobertura aos encontrados em países com condições socioeconômicas parecidas ou até mesmos piores. Somada a insuficiente cobertura do sistema, a baixa representatividade de pobres, pretos e pardos nas faculdades e universidades contribuiu para o perfil elitista do alunado de nível superior no Brasil (RISTOFF, 2013b). Os temidos vestibulares, atualmente substituídos pela prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), eram o mecanismo para selecionar, resguardando a “meritocracia” da competição, os mais preparados entre o numeroso volume de candidatos.

Ante o disputadíssimo e exigente pleito, jovens com diferentes aportes socioeconômicos e culturais idealizavam uma vaga em uma instituição de ensino superior, conferindo ao diploma sentidos diversos. O perfil de interesse dessa pesquisa contempla egressos desse sistema oriundos de camadas populares, pessoas que traçaram uma trajetória considerada inesperada

¹ Dados podem ser consultados no site do Observatório do Plano Nacional de Educação (PNE): <http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/12-ensino-superior/indicadores>

² Informações disponíveis em: <https://data.oecd.org/brazil.htm>

para indivíduos com o mesmo pertencimento de classe - objetos de análise de estudos importantes como os realizados por Portes (2001), Silva (2011b) e Viana (1998). Compreender os sentidos do diploma de nível superior a partir da percepção desses egressos motivou as discussões empreendidas nesta tese. Os sentidos, no plural, sempre foram um norte analítico, pois mesmo controlando o grupo entrevistado a partir de determinados atributos, era esperado que tal experiência fosse significada de maneira distinta pelos indivíduos ouvidos. Uma das hipóteses imaginadas seria encontrar relatos recorrentes, relacionando o sentido do título superior ao alcance de posições mais vantajosas no mercado de trabalho, uma vez que o prêmio atribuído por tal credencial ainda é bastante alto em nossa sociedade (BARBOSA; COMIN, 2011). Esse não foi, entretanto, o único padrão presente. Buscou-se, ante todas as variações, as nuances que o discurso esperado pudesse conter - para retratar de modo mais fiel a complexidade da questão - assim como outros sentidos regularmente mobilizados pelo grupo analisado.

Antes, contudo, de apresentar os resultados da pesquisa, a breve exposição da minha própria experiência, logo no início deste trabalho, almeja convidar o leitor para uma reflexão sobre a relação da pesquisadora com a produção e a natureza do material empírico que orientou as discussões futuramente apresentadas. Igualmente aos jovens adultos que encontrei ao longo da pesquisa, eu havia enfrentado o vestibular partindo de condições tidas como desvantajosas nessa competição. Também sou, portanto, egressa do sistema de ensino superior oriunda de camadas populares. A própria vivência da trajetória que busquei investigar ao longo desse doutorado, ao mesmo tempo em que oportunizou a “entrada no campo”, implicou em limitações e grande esforço por resguardar o devido trato metodológico que a coleta e análise dos dados demandam em um empreendimento como este.

Realizar uma pesquisa, sobretudo qualitativa, requer o aprendizado de uma linguagem nativa, requisito que é facilmente reconhecido em termos de uma etnografia, mas que também se faz necessário quando se utiliza como ferramenta metodológica as entrevistas em profundidade, como foi o caso desta tese. Conhecer a “língua nativa”, por ter vivido a mesma experiência, foi uma facilidade a mais para a construção da minha estratégia investigativa, para além do recurso ao conhecimento acadêmico acumulado na área de interesse. Quando da elaboração da primeira versão do meu roteiro de entrevista, aspectos importantes para o entendimento desse tipo de trajetória, como a relação estabelecida entre a família e a escolarização do indivíduo em análise, já eram um dado. O meu conhecimento da fala nativa fazia com que chegasse ao campo, mobilizando situações vividas ou conhecidas, que

rapidamente encontravam respostas do meu entrevistado. Por exemplo, em termos da relação família e escola, questionava em certo momento se ele (a) já havia escutado expressões do tipo “esse menino não dá problema na escola”.

Se, por um lado, eu possuía o conhecimento da linguagem que expressava as situações e emoções usualmente vividas em processos como esse, entretanto, a fluência nesse idioma foi novamente ativada através dos momentos catárticos, onde alguns entrevistados dialogavam diretamente com as minhas emoções ou traziam recordações de aspectos por mim esquecidos ou ignorados. A parcialidade do domínio dessa linguagem era, ademais, outra questão, que se colocava à medida que o material empírico ganhava volume. O olhar sociológico é, em geral, ávido perscrutador de regularidades que confirmam ao comportamento de indivíduos ou instituições o status de fenômenos sociais passíveis de análise. Como pesquisadora, eu assumia de antemão que as trajetórias selecionadas apresentariam convergências em relação aos enquadramentos macroestruturais vinculados à pertença de classe e demais atributos. Os sentidos da experiência, contudo, embora marcadamente influenciados pela macroestrutura, seriam modulados a partir das particularidades biográficas de cada caso. A interpretação que eu possuía da minha trajetória era, nesse sentido, uma dessas modulações e, por isso, não poderia funcionar como um filtro que exaltasse posturas mais empáticas aos meus olhos e bloqueasse outras menos aprazíveis³. A consciência da necessidade de aprender um novo léxico, para lidar com o problema de pesquisa imaginado, era posta à pesquisadora, que deveria estar atenta a uma complexidade de reações e significados, presentes em uma situação que eu mesma havia vivido e sobre a qual trazia as minhas memórias afetivas.

Nas primeiras entrevistas, foram mobilizadas questões que logo se revelaram pouco eloquentes, as quais investigavam se o indivíduo se via como bem sucedido ou considerava a própria trajetória como um caso de sucesso. Tais perguntas, que evocavam a imagem do sucesso, deflagravam nos entrevistados respostas padrão, um tanto desconcertadas, que ora indicavam que sua trajetória como profissional ainda era muito recente para se considerar um caso de sucesso, ora repetiam um discurso de autoglorificação, a confirmar o rótulo notável atribuído a alguém que vence tantas dificuldades e conquista o êxito. Parte do meu roteiro estava contaminado por um termo de uso frequente na Sociologia da Educação, casos de sucesso e de fracasso escolar (LAHIRE, 2004a), e também por um julgamento de valor que exaltava casos

³ A obviedade dessa constatação, para cientistas sociais mais experimentados e mesmo para os mais jovens, não tira seu valor de ser mencionada nesse contexto, especialmente por ilustrar a partir dos procedimentos da pesquisa adotados, suas consequências.

de superação de desigualdade sociais, os quais sempre motivaram minha trajetória pessoal e intelectual. A imagem do jovem pobre que vence obstáculos era um lugar comum, ainda que completamente admirável não me traria elementos interessantes capazes de melhor compreender a complexa realidade social.

Em um encontro, porém, uma expressão que já havia sido pronunciada em outras ocasiões foi finalmente decodificada pelos meus ouvidos. Estava ali um caminho relevante para trabalhar com o problema proposto. Os sentidos do diploma superior, uma vez impossíveis de serem esgotados com pesquisas de mesmo porte, apareciam de forma recorrente em duas chaves não excludentes entre si: estudar para conquistar um melhor padrão de vida e estudar para “ser alguém na vida”. Eis a expressão. O insight ocorrido nesse encontro ajudou a calibrar o roteiro. A percepção dos entrevistados sobre os sentidos do diploma foi buscada em diversas questões, tanto nas mais diretas - “Qual o sentido da formação superior para a sua vida?” - quanto naquelas indiretas, extremamente profícuas, que geravam informações sobre a percepção desses sentidos em diferentes dimensões da vida do entrevistado, como a sociabilidade e o pertencimento de classe.

O material empírico que será exposto, e que embasa toda a argumentação proposta, é composto de relatos sobre a trajetória de vida de egressos do sistema de ensino superior oriundos das camadas populares. A natureza desse material não se justifica como uma opção puramente estética, mas a partir das especificidades das questões que se pretendem responder, ou melhor compreender, com o presente estudo. Estão implícitas na discussão perguntas que buscam explicitar por que e como tais significados foram construídos pelos atores analisados, as quais demandam o uso de ferramentas metodológicas que captem os significados que os indivíduos atribuem às suas ações sociais. Os relatos de vida, obtidos através das entrevistas, nos revelam as percepções dos entrevistados sobre os temas tratados a partir das interpretações do conjunto de valores compartilhados pela sociedade. Como afirma Bertaux (1980), “os pesquisadores intentam extrair a complexidade de valores e representações que existem primeiramente no nível coletivo para depois se apoderar mais ou menos das subjetividades⁴” Investigar as razões e os mecanismos pelos quais os sentidos comunicados foram construídos contempla, dessa forma, duas dimensões necessariamente vinculadas, mas analiticamente separadas no trato sociológico: o indivíduo e a sociedade.

⁴ “...les chercheurs s’attachent ici à dégager des complexes de valeurs et de représentations qui existent d’abord au niveau collectif avant de s’emparer plus ou moins totalement des subjectivités. » (BERTAUX, 1980 :204)

A seleção de indivíduos com atributos semelhantes e um destino comum, no caso a formação de nível superior, permite a observação de variações dentro de cada percurso biográfico, problematizando, dessa forma, a construção de identidades totalizantes a partir do pertencimento de classe. Ou seja, a socialização plural típica da modernidade afetaria a predição dos destinos, adesões e sistemas de identificação de pessoas com as mesmas origens socioeconômicas (LAHIRE, 2002; 2006). Os repertórios de ação do indivíduo não podem ser assumidos como reflexo de uma experiência unívoca, mas como um relicário de influências mais ou menos determinantes entre si. Todavia, se a modernidade multiplica pertencimentos, que tensionam ainda mais a classe social como marcador absoluto de trajetórias, a potencialidade destas múltiplas identificações, que devem ser analisadas para cada biografia, não indica, contudo, a ausência de constrangimentos macroestruturais, que através das limitações que impingem acabam por criar regularidades.

A análise de narrativas foi uma das formas de lidar com o material empírico reunido nesta tese. Para além de uma análise de discurso, baseada na semântica e sintaxe do texto, o uso do conceito de narrativa é mobilizado para marcar a potência deste tipo de perspectiva, que toma os repertórios de que os indivíduos se valem não apenas como representações do mundo, mas como forma dinâmica de constituição do mesmo (RICOUER, 1995, 1980). Através desta perspectiva, o trabalho se propõe à análise dos significados do diploma de nível superior e dos possíveis reflexos desse sentido para o pertencimento de classe e para a sociabilidade de tais indivíduos. As distintas modulações dessa narrativa, reunidas em três tipologias, expressam as variantes simbólicas que uma mesma experiência vivenciada para um grupo semelhante pode assumir.

Ademais, embora almeje tratar os casos estudados sem recair em determinismos de classe, a análise apresentada é consciente da importância desse atributo para se compreender o desenvolvimento de trajetórias particularmente em um contexto de expressiva desigualdade social como o caso brasileiro. A iniquidade de oportunidades no Brasil, que empurra grande número de indivíduos à condição de pobreza e exclusão social, impede muitas vezes a construção e a legitimação de narrativas que questionem o status quo (SOMERS, 1994). O caráter agonístico da realidade social impõem aos jovens oriundos das camadas desfavorecidas dificuldades de buscar repertórios alternativos, que valorizem a sua própria condição e lhes ofereçam caminhos para a superação de desigualdades. As restrições quanto o acesso às informações e exemplos sobre carreiras, assim como outros tipos de atuação profissional que

não aquelas encerradas no meio popular, são exemplos dessas limitações da linguagem, que restringem o horizonte de expectativas de pessoas com este perfil.

Nos casos apresentados, há tensionamentos, com intensidades distintas, entre o movimento ascensional e a origem popular do entrevistado. Os possíveis conflitos decorrentes do trânsito entre os dois mundos, o popular e o de classe média e alta, são relacionados às narrativas encontradas sobre os sentidos do diploma de ensino superior na vida dos investigados. Estudar para melhorar de vida em termos materiais e estudar para “ser alguém na vida” são por vezes combinados e, outras vezes, isolados, em relatos que buscam enfatizar a formação superior como passe para um padrão de vida de classe média e retratar o diploma como um verniz, capaz de matizar a origem socialmente desvalorizada.

A integração valorosa à sociedade brasileira é tanto percebida em termos de consumo quanto de rejeição de destinos ocupacionais precários, que não apenas penalizam economicamente quem os exerce, mas parecem lhes subtrair a própria humanidade. A centralidade do mundo do trabalho para a cidadania brasileira é um dado presente nesse trabalho, que apresenta a saga de jovens adultos ávidos por se qualificar e ocupar posições de trabalho mais vantajosas que aquelas desempenhadas pelos pais, parentes ou vizinhos. “A utopia varguista⁵” é, de certa forma, reeditada pela geração analisada que tem, sobretudo, no exemplo dos pais as marcas da integração precária ao mercado de trabalho brasileiro e à sociedade como um todo. Nos casos estudados, há aqueles que se posicionam de forma mais crítica frente a esta realidade e outros que se colocam mais afeitos às regras do jogo, valorizando ideias hegemônicas como a meritocracia. Não há personagens completamente chapados. A tese busca, portanto, contemplar as nuances que as narrativas permitem desenvolver em diferentes abordagens. Os velhos ensinamentos weberianos, que apontam para a necessária mediação do método, encontram aqui ecos claros, mas dissonantes.

A objetividade é assumida como um horizonte inalcançável, mas que, tal qual uma bela paisagem, captura o olhar e acaba por orientar a caminhada. Dessa forma, em meio aos conflitos que envolvem a feitura de um trabalho acadêmico, e que aqui expus parcialmente, as próximas páginas pretendem realizar uma discussão sobre os sentidos de uma passagem, ela própria significada e significativa para a própria pesquisadora.

⁵ A expressão é utilizada por Adalberto Cardoso (2010) para expressar a força das leis trabalhistas no imaginário dos trabalhadores brasileiros.

O perfil dos entrevistados⁶

A seleção dos entrevistados prezou por eleger aqueles que representassem a primeira geração de suas famílias a cursar uma faculdade. Os pais deveriam ter completado no máximo o ensino secundário e, quando integrantes da população ativa, exercido ofícios predominantemente manuais e com baixa exigência de qualificação. Estas características foram definidas com o objetivo de indicar a origem popular do público alvo da pesquisa.

A prioridade era encontrar indivíduos na faixa dos trinta anos que houvessem frequentado o sistema de ensino superior a partir dos anos 2000, cuja primeira década foi marcada pelo fortalecimento da expansão do ensino superior no país e pela implantação de medidas que visavam à democratização do acesso (FERES JUNIOR; DAFLON; CAMPOS, 2013). Associado ao critério da formatura, os candidatos cujas trajetórias obedeciam às condições de objeto de análise, já deveriam ser atuantes no mercado de trabalho.

Embora as características definidas acima representassem critérios com restrita flexibilidade, as variações no perfil aconteceram e foram extremamente profícuas para a questão proposta. Consonante com Small (2010), a seleção buscou replicar casos semelhantes entre si, mas também flexibilizar os parâmetros de seleção estabelecidos para compreender com maior acuidade os fatores que influenciavam e modificavam as percepções dos atores. As condições socioeconômicas das famílias são classificadas em uma escala que parte de situações mais precárias a outras que flertam com a fronteira de uma classe média baixa. Narrativas semelhantes entre indivíduos com padrão de vida distintos demonstram a atuação de outros condicionantes, para além do fator renda, na conformação de planos educacionais longevos. Apesar de nenhum entrevistado ter questionado o seu pertencimento de origem às frações populares, a partir dos relatos obtidos é possível também estudar como as diferenças, quanto ao orçamento familiar presentes no grupo, impactaram o horizonte de expectativas dos indivíduos e, conseqüentemente, suas decisões.

A partir de critérios definidos, a procura dos casos foi realizada através do acionamento de contatos pessoais⁷ da pesquisadora e, subsequentemente, a partir de indicações dos próprios

⁶ A referência aos entrevistados será feita da seguinte forma: E1, E2, E3 (...) E25 = Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3 (...) Entrevistado 25. As falas serão marcadas por aspas simples e itálico ‘*exemplo*’.

⁷ A rede acionada contou com a mobilização de antigos colegas de trabalho, quando participei do projeto “UPP Social”, parceria da prefeitura do Rio de Janeiro e da ONU-Habitat, no período de 2011-2012. Entrevistei colegas que havia conhecido nessa oportunidade e que se enquadravam no perfil que buscava. Cheguei a outros contatos, por indicações de ex-professores e coordenadores de cursinhos pré-vestibulares comunitários (PECEP,

entrevistados, seguindo um modelo conhecimento como “bola de neve”, onde o investigado indica ao pesquisador possíveis candidatos ao estudo. Ao total realizei 29 entrevistas, sendo 25 analisadas. A temporalidade da feitura das últimas entrevistas impossibilitou a inclusão destas no corpus analisado. O prejuízo à compreensão do problema colocado, contudo, fora minorado, pois ao concluir a maior parte das entrevistas já havia chegado a um ponto de saturação (BERTAUX, 1980), momento onde o pesquisador percebe a repetição de temas e o acréscimo pequeno de novas dimensões a serem abordadas, obviamente no que tange a aspectos concernentes ao recorte definido.

As entrevistas seguiram um roteiro aberto, semidiretivo, cuja intenção estava no estímulo à produção de relatos informados e detalhados sobre as questões colocadas. Os locais de encontro foram definidos pelos entrevistados, a duração dos mesmos não foi previamente estabelecida e esteve condicionada à disponibilidade de cada indivíduo e ao gosto que tiveram pelo o encontro pouco usual a que estavam dedicando o seu tempo. Todos os relatos foram transcritos e codificados a partir de temas amplos: (expressões do sentido do diploma, marcações de fronteiras, percepções sobre a rede social e questões de gênero).

A receptividade dos entrevistados ao convite para a participação na pesquisa foi bastante positiva. Os que responderam ao meu contato - através de e-mails, mensagens no Facebook e telefonemas – se mostraram interessados no tema. Durante o encontro, muitos se sentiram contemplados com a expressão que era utilizada para caracterizar o perfil buscado, “primeira geração de formados na família”⁸, a qual repetiam na entrevista e nas conversas preliminares, interessados em saber mais sobre a tese. Esta apropriação do termo me indicou certo domínio de um repertório - muito mobilizado politicamente nos últimos anos - utilizado para indicar trajetórias de mobilidade educacional como as que eles haviam traçados. Em nenhuma abordagem o tema geral da investigação causou dúvida para os contatados. Eles sabiam que o movimento que haviam feito rumo à universidade era algo, de certa forma, inesperado para os seus pares de classe.

Finalmente, passamos a descrição do grupo em relevo. O grupo reunido é composto por 13 mulheres e 12 homens, que, em média, possuem 30 anos. Dos 25 analisados, 19 estão atualmente casados ou vivendo uma união estável. A respeito da escolaridade desses parceiros,

INVEST e EDUCAFRO). Conheci outros através de indicações de amigos e colegas de doutorado. E, finalmente, pedi aos entrevistados indicações de possíveis participantes da pesquisa.

⁸ Alguns entrevistados me copiaram em e-mails e mensagens de Facebook direcionada a própria rede pessoal de contatos com o intuito de angariar mais casos para a minha pesquisa. Nessas mensagens, a expressão “primeira geração de formadas” era usada para caracterizar o público que eu buscava. Outras informações como escolaridade e ocupação dos pais não figuravam nestes contatos.

temos 12 formados no ensino superior, 2 atualmente graduandos, e 5 com o ensino médio completo, sendo dois com a formação técnica.

Marcadores de desigualdades sociais extremamente relevantes na sociedade brasileira, o gênero e a raça figuraram no discurso dos entrevistados com intensidades distintas. Diferenças vinculadas ao gênero foram mais evidentes nas percepções sobre os sentidos do diploma de nível superior do que as relacionadas à questão racial. É importante ressaltar que não estavam contempladas no roteiro de entrevista perguntas que interpelassem diretamente os temas da raça, racismo, papéis de gênero, machismo e feminismo. Acionados livremente, dentro de um contexto que estimulava abertamente a reflexão sobre o pertencimento de classe social, o material coletado proporcionou análise de maior fôlego, como mencionado, para as mudanças percebidas pelos entrevistados quanto aos papéis de gênero após a entrada e conclusão do curso de nível superior, tema abordado no 5º capítulo desta tese.

A ênfase na classe social para a seleção do público de interesse, identificados como a “primeira geração de formados da família”, pode ter diluído a força da categoria raça no discurso dos entrevistados. Das 25 entrevistas analisadas, 19 entrevistados foram classificados como negros, categoria que reúne pretos e pardos, enquanto 6 foram classificados como brancos. As menções ao termo “negro” foram frequentes quando vinculadas aos cursinhos pré-vestibular destinado à clientela “negra e carente” pelos quais muitos passaram.

Espontaneamente, 7 entrevistados (E4, E11, E14, E16, E18, E19 e E20) mobilizaram a questão do pertencimento racial. Os entrevistados E4 e E14 reportaram o incômodo que sentiram ao frequentar ou se candidatar para uma vaga em cursinhos pré-vestibulares destinados à jovens negros e carentes. Os dois relatos se assemelham no tom crítico a tais instituições por não considerarem a origem popular dos candidatos como tão relevante quanto à questão racial. O entrevistado E14, migrante nordestino, foi tanto classificado como se autotranscreveu como branco. Coincidência esta que não se repetiu no caso do E4, pois o mesmo não se percebe como negro, embora tenha sido classificado de tal forma.

Eu me senti discriminado nesse cursinho porque a prioridade era para negros e eu não era negro. A condição era que eu poderia participar, mas se chegasse outro candidato negro, eu teria que sair. [...] Ele não me olhava dentro de um recorte social, não pensava que eu tive o interesse de procurar, não, ele estava apenas preocupado com a questão racial. O público do cursinho era de pessoas que se autodeclarassem negras, negros e carentes, mas o carente de dinheiro era só o restante do título. (E4)

Ambos casos remetem às discussões atuais que envolvem questões de desigualdade social e de identidade racial. Muitas pesquisas já demonstraram que a raça produz efeito independente do pertencimento de classe social nas chances de vida do indivíduo. Negros de classe média e alta possuem, em média, piores retornos do que os seus pares brancos, por exemplo. O incômodo expressado por E14 revela, entretanto, que as disputas no meio social, simbólicas e materiais, sobre o fator que mais impacta as trajetórias, a raça ou a classe, devem estimular maior reflexão. Se, por um lado, captamos a contestação por parte dos atores sociais da independência ou, até mesmo, da relevância do pertencimento racial para as chances de vida, por outro lado, nas produções científicas, há maior ênfase da análise interseccional da ação de diferentes marcadores, como classe, raça e gênero.

Outra importante reflexão sobre a questão racial na atualidade reside na categoria negro e no seu reconhecimento social. Formada por quem se define fenotipicamente pelas cores pardo e preta, tal categoria carrega em si feições políticas importantes vinculadas à luta do movimento negro por igualdade. Estimular os “pardos” e/ou “morenos” a se identificarem enquanto negros é uma tentativa de questionar os efeitos alienantes de tais categorias da luta política, nos termos do movimento. Esta discussão complexa sobre miscigenação e identidade racial não pode ser contemplada neste trabalho, já que os dados coletados não permitem análises deste escopo. O caso de E4, contudo, parece indicar a pertinência dessa discussão. Tal entrevistado fora classificado como negro, contudo o mesmo não se percebe como tal. Aprofundar o debate sobre a noção de negritude em diferentes estratos da sociedade brasileira contribuirá para a compreensão desse e outros casos, considerando a amplificação do debate em torno da identidade racial nos últimos anos.

Espontaneamente, E11, E16, E18, E19 e E20 se autodeclararam negros. São relatos com intensidade distintas que revelam a percepção da negritude em ambientes de classe média. E16 e E18 destacaram a percepção de que eram os únicos negros nas escolas particulares pelas quais passaram. E18 articulou com maior evidência a classe e a raça no seu discurso, no qual maior ênfase é dada à sua origem popular. Os relatos de E11, E19 e E20 colocaram em destaque como a negritude foi uma lente determinante para a compreensão do mundo que os cercavam e para a vivência de experiências específicas, como as situações de preconceito. Nesses relatos, a raça é uma categoria que parece fazer a diferença. Os entrevistados trouxeram para a entrevista a questão racial e apontaram como, além da pobreza, o fato de serem negros teve um efeito em suas trajetórias.

O nome dele era Leandro, ele também era negro, tinha poucos, tinha até alguns não era tão absurdo, mas é claro que éramos minoria. O cara era negro e também queria ser militar. Pensei, “pô, o cara é meu colega!” (E11)

Acho que a maneira que os meus pais conduziram isso sempre foi muito saudável, porque na realidade de quem mora em comunidade, além do preconceito social, que é óbvio que existe, ainda tem um preconceito racial. [...] Nesse dia que ela me levou no prédio, o porteiro olhou pra nossa cara e falou: “olha só, moça, o elevador de serviço é aquele lá”. A gente estava em frente ao elevador social. Na época, ainda tinha isso, elevador social e de serviço. Ainda tem, não é?! (E19)

Depois eu sofri um, muito sutil assim na Nute, porque foi o aniversário de uma amiga da PUC e eu fui pra Nute e os seguranças... e eu era o único negro, não, tinha dois negros, a menina, que era a Thaís, que estudava na PUC também e eu. E aí na revista o segurança deixou entender que eu não deveria estar lá, que eu não teria dinheiro para pagar. (E20)

Reflexões sobre a questão racial também estiveram presentes na narrativa de E3 e E21. Enquanto E3 declarou sentir-se mais confortável em espaços culturais ocupados pela negritude em relação àqueles ocupados pela branquitude, E21 relacionou a interdição simbólica a que a família se impõe, quanto a frequência de determinados espaços urbanos valorizados, mais a questão social do que a racial.

Embora não figurasse como principal chave para a compreensão das trajetórias educacionais dos entrevistados, a questão racial se mostrou presente no discurso de alguns. O foco na questão da classe social e a não investigação direta do tema podem ter contribuído para o espaço que o mesmo ganhou nos relatos. Os exemplos demonstrados acima de menções espontâneas a esta importante questão, associados aos recentes mecanismos de ação afirmativa que tanto animaram o debate público nas últimas décadas, são importantes indicadores da pertinência dessa agenda de pesquisa.

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados, sexo, idade, raça e estado civil.⁹

Entrevistado	Sexo	Idade	Raça	Estado Civil
E1	F	28	Branca	Solteira
E2	F	31	Negra	Casada
E3	M	28	Negra	união estável
E4	M	36	Negra	casado
E5	F	24	Branca	solteira
E6	F	29	Negra	casada
E7	M	29	Negra	casado
E8	F	37	Negra	casada
E9	M	35	Branco	casado
E10	F	28	Negra	união estável
E11	M	29	Negra	casado
E12	M	24	Negra	solteiro
E13	M	37	Negra	casado
E14	M	30	Branca	solteiro
E15	F	28	Branca	casada
E16	M	31	Negra	casado
E17	F	32	Branca	casada
E18	M	29	Negra	casado
E19	F	31	Negra	casado
E20	M	27	Negra	solteiro
E21	F	30	Negra	solteira
E22	M	35	Negra	casado
E23	F	30	Negra	casada
E24	F	33	Negra	casada
E25	F	28	Negra	casada

Fonte: A autora, 2015.

Dos 25 entrevistados, quatro ainda moram com os pais (E5, E12, E14 e E21). Em relação aos demais, dois entrevistados não são do Estado do Rio de Janeiro. O E18, que saiu de uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais, exemplifica sua mudança de endereço como um dos sinais de sua ascensão social. Há aqueles que mesmo percebendo uma ascensão em termos de renda e de ocupação, em comparação aos pais, ainda sentem dificuldade de traduzir essa mobilidade em termos de moradia. Os entrevistados E4 e E13 tematizam essa questão. O primeiro construiu uma casa na Rocinha, local onde sempre viveu, por encontrar maior facilidade para garantir a casa própria e o último se mudou da Rocinha para o Santa Marta, outra favela localizada na zona sul do Rio de Janeiro. As favelas cariocas são heterogêneas quanto a sua composição demográfica e ao padrão de moradia. A marcação da localidade de

⁹ A informação sobre a raça dos entrevistados se trata de uma heteroclassificação atribuída pela pesquisadora, sendo que o agrupamento “negro” reúne pessoas de cor parda (morena) e preta.

moradia, o principal acesso dos morros do Pavão Pavãozinho e da Babilônia (Saint Roman e Ld Ari Barroso), para os entrevistados E15 e E22, por exemplo, não apontam necessariamente condições de moradia precária. Pelo contrário, há casas e prédios, especialmente, localizados em favelas da zona sul da cidade, como Pavão Pavãozinho (Copacabana), Babilônia (Leme) e Santa Marta (Botafogo), com alto padrão de construção e ocupadas por famílias com rendas média e alta. O processo de gentrificação dessas comunidades é cada vez mais denunciado por acadêmicos, movimentos sociais e, sobretudo, antigos moradores dessas regiões, que não conseguem sustentar o aumento do preço de aluguéis e serviços¹⁰. Um ponto interessante nos casos analisados é o valor que alguns atribuem em ter a própria casa e não pagar aluguel. Alguns justificam a escolha do local de moradia, mais distantes do centro e zona sul da cidade, pelo fato de serem proprietários do imóvel. O E11, por exemplo, identifica essa preferência com uma cultura popular de valorização da casa própria e de grande temor da instabilidade gerada pelo aluguel. Os deslocamentos rumo às regiões mais nobres da cidade, como E19, que deixa a Rocinha para viver em Copacabana, ou E20, que sai de Nova Iguaçu para ocupar um apartamento na Lapa, alugado, são marcados como parte do movimento ascensional traçado por eles.

¹⁰ Não é raro reportagens na mídia carioca sobre a ocupação dessas favelas por bolsistas de pós-graduação, famílias de classe média entre outros personagens considerados “exóticos” nas favelas da zona sul.

Tabela 2 - Bairro do Rio de Janeiro ou cidade de moradia dos entrevistados na infância e adolescência e na fase atual.

Moradia Infância e Adolescência	Moradia Atual
E1 Belo Horizonte (MG)	Barra da Tijuca
E2 Bonsucesso	Penha
E3 Cidade Alta	Cidade Alta
E4 Rocinha	Rocinha
E5 Ilha do Governador	Ilha do Governador
E6 Piedade	Piedade
E7 Rocinha	Engenho da Rainha
E8 Ilha do Governador	Macaé (RJ)
E9 Anchieta	Anchieta
E10 Duque de Caxias (RJ)	Duque de Caxias (RJ)
E11 Imbarie - Duque de Caxias (RJ)	Olaria
E12 Ilha do Governador	Ilha do Governador
E13 Rocinha	Santa Marta
E14 Laranjeiras	Laranjeiras
E15 Pavão Pavãozinho (Saint Roman)	Copacabana
E16 Vila Valqueire	São Cristóvão
E17 Brás de Pina	Bangu
E18 Barão do Monte Alto (MG)	Niterói (RJ)
E19 Rocinha	Copacabana
E20 Nova Iguaçu	Lapa
E21 Morro do Borel	Morro do Borel
E22 Madureira	Morro da Babilônia (Ld Ari Barroso)
E23 Santa Marta	Santa Marta
E24 Manguinhos	Santa Marta
E25 Anchieta	Anchieta

Fonte: A autora, 2015.

A escolarização básica do grupo ocorreu predominantemente no ensino público municipal e estadual. Três casos (E1, E5 e E16) integralizaram praticamente todo o ensino fundamental e o médio no sistema privado, em escolas classificadas por tais entrevistados como intermediárias quanto ao preço cobrado pela mensalidade. O E9 concluiu o ensino fundamental em uma escola privada e o ensino médio em uma escola pública federal. Já E8 e E18 cursaram parte de sua formação básica em escolas privadas na condição de bolsistas integrais. Em algumas histórias, como a de E2 e E11, há o relato do esforço da família por manter os filhos em escolas particulares localizadas nas redondezas da moradia da família. Dificuldades orçamentárias acabaram por conduzir tais entrevistados ao sistema público. Muitas famílias populares veem na escolha do sistema privado uma estratégia para fugir das deficiências

creditadas às escolas públicas, contudo, o limite da sua capacidade financeira resulta na escolha de instituições muitas vezes com desempenho igual ou pior do que o encontrado nas escolas municipais e estaduais de ensino básico. A heterogeneidade quanto à qualidade de ensino das instituições que compõem o sistema particular é uma das explicações para essa realidade. (ALVES, SOARES, XAVIER, 2014).

Todos aqueles que cursaram universidade particular, 15 casos, o fizeram com algum tipo de bolsa (integral ou parcial). A totalidade dos entrevistados egressos da PUC Rio, por exemplo, obteve bolsa integral, majoritariamente oferecida pela instituição através do Fundo Emergencial de Solidariedade da PUC – Rio (FESP)¹¹. O Programa Universidade para Todos (PROUNI), em sua modalidade de custeio integral, foi acessado nesta universidade por um caso (E15). Os egressos das demais instituições de ensino superior privado contaram com bolsas parciais em suas mensalidades e uma entrevistada contou com o financiamento total dos custos de sua graduação por benfeitores estrangeiros (E21). Dos egressos de instituição pública, três estudantes da UERJ (E10, E11 e E19¹²) entraram pelo sistema de cotas sociais e raciais. A importância dos cursinhos pré-vestibulares comunitários foi destacada, em muitos casos, especialmente, entre aqueles cujas famílias tinham as condições socioeconômicas mais frágeis, como importante mecanismo para a aprovação no vestibular. O conhecimento do programa de bolsas das faculdades particulares, ademais, é uma importante informação creditada pelos entrevistados aos cursinhos comunitários¹³.

A escolha do curso superior foi pautada por uma série de motivos entre os entrevistados. Muitos relataram que tinham um conhecimento restrito das possibilidades de carreira de nível superior. O meio escasso de trabalhadores com este nível de formação no qual conviveram foi apontado como uma das limitações que dificultou e influenciou a escolha da graduação perseguida. Nesse contexto, experiências profissionais anteriores à entrada na universidade foram retratadas como um importante contato para a formação de preferências, como os casos de E3, E7, E12 e E23. Os cursinhos pré-vestibulares aparecem em vários relatos como

¹¹ Os bolsistas integrais contemplados pelo FESP da PUC Rio não receberam somente o benefício da isenção total da mensalidade, mas também auxílios passagem, alimentação, xerox, entre outros. Dois cotistas da UERJ também relataram o recebimento de uma bolsa manutenção destinada aos selecionados através do critério social e racial.

¹² A E19 cursou Comunicação Social em uma instituição particular, a FACHA, com bolsa integral e Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) onde foi aprovada no vestibular acionando o mecanismo de cotas.

¹³ O número expressivo de bolsistas integrais, especialmente egressos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, é reflexo da rede de ex-professores e coordenadores de cursinhos comunitários que eu acionei na busca por entrevistados. Muitos desses cursinhos têm grande proximidade com a igreja católica e, conseqüentemente, com a PUC-Rio. Para uma análise desse movimento, ver Nascimento (1999).

responsáveis pela definição da carreira seguida. Alguns entrevistados disseram que nos cursinhos tomaram conhecimento sobre o sistema do vestibular, como a nota mínima para a aprovação e a concorrência de cada carreira. Nesse ambiente, um ajuste de expectativas era estimulado para que os candidatos ampliassem suas possibilidades de aprovação, ou seja, aqueles que desejavam carreiras altamente seletivas eram apresentados a outros cursos, menos competitivos, que desconheciam até então. Jovens oriundos de classes populares, não brancos, tendem a se concentrar em carreiras desvalorizadas pelo mercado. A menor competitividade destas carreiras é algo que explica parte destas escolhas. A ideia de uma inaptidão para as carreiras tecnológicas e de exatas provavelmente está relacionada à deficiência de professores destas áreas no sistema público de ensino médio. Em várias entrevistas, o déficit de conhecimento na área de exatas foi relacionado às dificuldades do vestibular e ao bloqueio da escolha de carreiras que demandassem tais disciplinas. São relatos que apontaram a ausência de professores de Matemática e Física, por vezes, durante os três anos do secundário.

Alguns poucos casos relataram a escolha da carreira informada por uma expectativa do exercício concreto de determinada profissão. Dos que se imaginavam atuando profissionalmente, temos aqueles que podem ser descritos como trabalhadores estudantes, algo próximo da proposta de BARBOSA, COMIN (2011), indivíduos que planejam a qualificação educacional vinculada ao próprio ambiente de trabalho. O caso de E12 se enquadra perfeitamente nessa descrição, pois ele decide cursar Gestão Ambiental, na modalidade tecnólogo, vislumbrando uma promoção na empresa na qual estava empregado como *office boy*. Em outros exemplos, a atuação quando jovens aprendizes apresenta para alguns um ambiente profissional onde projetam o seu próprio futuro. O desejo de se formar para realizar determinado trabalho é pouco comunicado, mas aparece em algumas histórias, como a de E19, que sempre sonhara em aparecer na televisão, senão como atriz, ao menos como jornalista.

Tabela 3 - Curso e universidade frequentados pelos entrevistados.

Entrevistado	Graduação	Instituição de Ensino Superior
E1	Medicina	UNIRIO
E2	Geografia	UFRJ
E3	Serviço Social	UNISUAM
E4	Ciências Sociais	PUC Rio
E5	Ciências Sociais	UFRJ
E6	Administração	PUC Rio
E7	Serviço Social	PUC Rio
E8	Matemática	UFRJ
E9	Biologia	UFRRJ
E10	Desenho Industrial	UERJ
E11	Geografia	UERJ
E12	Gestão Ambiental	Estácio de Sá
E13	Ciências Sociais	PUC Rio
E14	Engenharia de Petróleo	PUC Rio
E15	Pedagogia	PUC Rio
E16	História	UFF
E17	Letras	UCAM
E18	Engenharia Elétrica	UFF
E19	Comunicação Social e Psicologia	FACHA/UERJ
E20	Relações Internacionais	PUC Rio
E21	Enfermagem	São Camilo
E22	Serviço Social	PUC Rio
E23	Administração e Ciências contábeis	PUC Rio/UCAM
E24	Serviço Social	PUC Rio
E25	Enfermagem	UFF

Fonte: A autora, 2015.

No momento da entrevista, apenas duas entrevistadas estavam desempregadas, sendo que uma havia optado pela interrupção da carreira para se dedicar exclusivamente à maternidade. A grande maioria estava empregada em postos vinculados a sua área de formação. Nas entrevistas não foram capturadas queixas sistemáticas quanto aos retornos esperados e àqueles recebidos após a diplomação, pois muitos justificavam uma incapacidade de avaliar tais retornos pelo momento inicial da carreira. Alguns colocaram senões quanto à carreira escolhida e manifestaram o desejo de fazer outro curso superior. O E14, por exemplo, relatou o desejo de fazer Ciência da Computação e disse ter escolhido Engenharia de Petróleo porque não sabia exatamente as diferenças que existiam entre as engenharias. Quanto às possibilidades do mercado de trabalho, as principais reclamações dos entrevistados recaíram no favorecimento que alguns colegas de formação possuíam no acesso às melhores oportunidades profissionais.

Por último, os dados da tabela 4 buscam retratar, a partir da escolaridade e ocupação dos pais, as condições de origem em termos de capital cultural e capital econômico que os entrevistados tiveram acesso. A educação dos pais é um ativo importantíssimo para o progresso escolar dos filhos, como diversas pesquisas já demonstraram (CORSEUIL *et alli* 2001; HASENBALG, 2003b; RIBEIRO, 2011;). Em relação ao capital cultural herdado, observa-se que na maioria dos lares a escolaridade dos pais era baixa, como esperado e definido pela pesquisa. Parte importante desse grupo, contudo, chegou a concluir o ensino secundário. A maioria dos pais não completou os oito anos de escolarização obrigatória, chegando a 13 pais e 13 mães o número dos que não concluíram o ensino fundamental. Dentre os que possuem o ensino fundamental como teto máximo de escolarização, somam-se 3 pais e 3 mães, além de alguns, também 3 pais e 3 mães, que realizaram a transição para o ensino médio, mas não concluíram esse nível. Por fim, contabiliza-se 6 pais e 6 mães com o ensino secundário completo, escolaridade significativa para esta geração e mesmo para a atualidade, onde observa-se a média de 8,8 anos de escolaridade para a população economicamente ativa no Brasil, segundo dados do Ipea (2013).

A ocupação das mães do grupo analisado mostrou grande regularidade ao padrão de inserção da mão de obra feminina no mercado de trabalho brasileiro para as gerações mais antigas. É sabido que a participação das mulheres na PEA cresceu consideravelmente nas últimas décadas, formada por um público que encontrou espaço, sobretudo, no setor de serviços, criando uma espécie de *pink color*, expressão que Ribeiro (2007) utiliza analogamente aos operários trajados de macacão azul, conhecidos como *blue color*. Nadya Guimarães (2004) verifica crescimento de 63% da participação das trabalhadoras no mercado de trabalho entre os anos de 1985-1995, indicador que cresce desde então. Se as entrevistadas do grupo são contemporâneas da intensificação da entrada das mulheres no mercado de trabalho e do aumento de escolaridade do grupo, a geração das mães dos pesquisados não conta a mesma história¹⁴. Das 25 mães de entrevistados, 8 se ocuparam majoritariamente durante a criação dos filhos do emprego doméstico, enquanto 7 se dedicaram às atividades do próprio lar como “donas de casa”. O emprego doméstico na década de 1970 absorvia 25% das mulheres ativas no mercado de trabalho brasileiro, proporção que registrou queda importante nos últimos anos, perfazendo 17% em 2009. (BRUSCHINI et ali, 2011). Do restante, duas combinaram o emprego doméstico com as funções de manicure e de camelô. A ocupação de costureira foi exercida por três mães, sendo que uma trabalhava exclusivamente no ambiente doméstico. As

¹⁴ O tema dos papéis de gênero será abordado com mais detalhes no capítulo 5.

demais exerceram ocupações manuais, com exceção de duas, que estiveram vinculadas a postos de trabalho não manuais de rotina, atuando como “auxiliar administrativo” e “caixa/recepcionista”. A maioria das mães do grupo trabalhou em alguma atividade remunerada ao longo da criação dos filhos. A inserção das mulheres das gerações mais velhas no mercado de trabalho, contudo, é marcada pela ocupação de postos menos formalizados e mal remunerados. O retrato descrito do grupo entrevistado confirma essa regularidade.

Em muitos casos, os entrevistados relataram a grande rotatividade entre ocupações que os pais e mães faziam. As informações da tabela 4 destacam as atividades principais que eles exerceram na época da infância e da adolescência dos filhos. Três casos relataram os movimentos da figura paterna em busca da realização do sonho de trabalhar por conta própria, em casos onde o pai deixou o trabalho de carteira assinada que exercia para montar o seu próprio negócio. Alguns, com maior êxito que os outros, acabaram por envolver outros parentes no negócio, como o pai de E11, que se aventurou na venda de material de construção civil acompanhado pelo irmão. Já o pai de E19 deixou de ser empregado no comércio para trabalhar solitariamente como corretor e administrador de imóveis na Rocinha. A E1 e o E9, que estão entre aqueles que usufruíram de condições econômicas mais favoráveis que os demais, relataram, por sua vez, que os pais passaram um tempo nos Estados Unidos trabalhando como imigrantes ilegais na construção civil.

As ocupações paternas são mais variadas, embora estejam também concentrados em ocupações manuais, qualificadas e não qualificadas, que compõe em diferentes esquemas à classe trabalhadora¹⁵. A ocupação de fotógrafo e de bancário, ocupações não manuais de rotina, são exceções nesse quadro.

¹⁵ Sobre os distintos esquemas de classe e suas aplicações ver: RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil. Bauru, SP: Edusc. 2007.

Tabela 4 – Escolaridade e ocupação do pai e da mãe dos entrevistados.

	Escolaridade do Pai	Escolaridade da Mãe	Ocupação do Pai	Ocupação da Mãe
E1	EM completo	EM completo	Agricultor/Imigrante EUA	Auxiliar administrativo
E2	EF incompleto	EF incompleto	Auxiliar de serviços gerais	Cozinheira
E3	EM completo	EF incompleto	Ourives	Doméstica e Camelo
E4	EF incompleto	EF completo	Pedreiro	Empregada Doméstica
E5	EM técnico	EM incompleto	Conta própria	Dona de casa
E6	EM completo (EJA)	EF completo (EJA)	Marceneiro	Dona de casa
E7	EF incompleto	EF incompleto	Porteiro	Diarista
E8	EM incompleto	EF incompleto	Fotógrafo	Costureira
E9	EM completo	EM completo	Bancário/Imigrante EUA	Dona de casa
E10	EM completo	EM supletivo	Motorista de ônibus	Empregada Doméstica
E11	EF incompleto	EM completo	Soldador – Conta Própria	Manicure e Diarista
E12	EF incompleto	EF incompleto	Vigilante	Dona de casa e manicure
E13	EF incompleto	EF incompleto	Garçom	Dona de casa
E14	EF incompleto	EF completo	Porteiro	Diarista
E15	EF incompleto	EF incompleto	Zelador	Diarista
E16	EF incompleto	EM completo (EJA)	Eletricista (SENAC)	Dona de Casa
E17	EF completo	EF incompleto	Vendedor	Costureira
E18	EF incompleto	EF incompleto	Maquinista	Costureira
E19	EM incompleto	EM incompleto	Comércio/Conta própria	Caixa/Repcionista
E20	EF completo	EF incompleto	Gari	Empregada Doméstica
E21	EF incompleto	EF incompleto	Camelô	Empregada Doméstica
E22	EF incompleto	EM incompleto	Caminhoneiro	Dona de casa
E23	EF incompleto	EF incompleto	Carpinteiro	Servente
E24	EF completo	EM completo	Pintor	Dona de casa
E25	EM incompleto	EF incompleto	Metalúrgico	Empregada Doméstica

Legenda: EF = Ensino Fundamental

EM = Ensino Médio

EJA = Educação de Jovens e de Adultos

Fonte: A autora, 2015.

Delimitação do problema e organização da tese.

A construção do problema de pesquisa se fez em torno dos sentidos atribuídos à credencial de ensino superior por egressos do sistema oriundos de camadas populares. Os retornos econômicos reservados a tal credencial na sociedade brasileira, embora muito relevantes para a compreensão dessas trajetórias, não é a única expressão desse projeto de vida. Os impactos do diploma ultrapassariam as questões financeiras e exporiam aspectos da profunda desigualdade social vigente no país.

O trabalho é composto, além desta introdução metodológica, de 5 capítulos e uma sessão destinada às considerações finais.

No primeiro capítulo, busca-se situar o leitor sobre a organização do sistema educacional no Brasil, expondo dados desde a educação básica até o ensino superior, assim como analisando as desigualdades de oportunidade que atravessam as diferentes etapas educacionais. Após a abordagem do sistema educacional, passa-se a uma análise do mercado de trabalho no país, ressaltando-se a centralidade do mesmo para a construção do ideário e das práticas da cidadania. Dessa forma, retoma-se a clássica discussão proposta por Wanderley Guilherme dos Santos (1987) sobre a cidadania regulada.

O segundo capítulo articula os caminhos teóricos e metodológicos adotados para analisar o material empírico que embasa as discussões estabelecidas na tese. O capítulo se inicia com a exposição sobre o uso do conceito de narrativa inspirado na obra de Paul Ricoeur (1980, 1995) e sua aplicação nas Ciências Sociais. Após essa exposição, são apresentadas as tipologias de narrativas, que foram construídas a partir da análise dos relatos obtidos por meio das entrevistas. Finalmente, a última sessão apresenta os principais sentidos atribuídos pelos pesquisados ao diploma de ensino superior e os relacionam às tipologias construídas.

Uma breve revisão sobre o enquadramento do objeto da tese na Sociologia da Educação, a partir de importantes trabalhos realizados na academia brasileira, abre o terceiro capítulo da tese. O levantamento dos principais temas ressalta a questão do uso do conceito de “trânsfuga de classe” (BOURDIEU, 2007, 2008) para classificar a mobilidade social das classes trabalhadoras. A ideia de deserção, presente em tal conceito, é contraposta às histórias de vida estudadas e problematizada. Argumentando contra a um modelo de socialização unívoco, a proposta de Bernard Lahire (2002, 2006) de uma socialização plural se adequa melhor aos dados analisados. As discussões do capítulo abordam o pertencimento de classe dos entrevistados propondo um movimento constante e pendular entre a origem popular o destino de classe média.

Discutir o padrão e a influência da rede de sociabilidade dos entrevistados é o objetivo do 4º capítulo desta tese. Temas como a diversificação dos contatos (GRANOVETTER, 1973, MARQUES, 2010), o relacionamento com os velhos e novos amigos e, por fim, a demarcação de fronteiras simbólicas (LAMONT, MÓLNAR, 2002) são ilustrados e analisados através do material empírico.

Encerrando a tese busca-se nas histórias de vida investigadas discutir os vínculos entre os papéis de gênero e o sentido do diploma universitário. Evitar o que seria esperado como

papéis da “mulher” e do “homem” foi um elemento importante da trajetória ascensional dos entrevistados. O capítulo pretende realçar as tensões, inflexões e rupturas dos papéis de gênero ressaltando as interseções com os conflitos de classe presentes nas narrativas analisadas. Os casos são interessantes para pensarmos como questões de gênero se fazem presentes entre os dilemas decorrentes do trânsito entre classes distintas – a classe popular de origem e a classe média profissional de destino.

Por fim, seguem-se as considerações finais.

1 O SISTEMA EDUCACIONAL E O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO: AS DESIGUALDADES PERSISTENTES.

Até muito recentemente em nossa história, o vestibular representava o grande divisor de águas para os egressos do ensino médio que se aventuravam na disputa pelas insuficientes vagas ofertadas pelo sistema público de ensino superior brasileiro. A temida prova, que contemplaria os exitosos com o passe para a formação superior, mobilizava uma série de instituições e estratégias pessoais. Uma enorme variedade de escolas de ensino médio especializadas, cursinhos pré-vestibulares e orientações vocacionais estavam disponíveis, de acordo, é claro, com as capacidades financeiras de cada um. A disputa acirrada pelas vagas penalizava, nesse sentido, sobretudo os estudantes oriundos do sistema público de ensino médio, que não contavam com a estrutura e o investimento educacional que os concorrentes mais abastados usufruíam. Para a grande maioria dos tentantes, que não obtinha êxito no disputado vestibular das universidades públicas, restava a opção do investimento no sistema privado, já que o exame de seleção para a maioria destas instituições era substancialmente menos concorrido, com a exceção de alguns cursos, oferecidos por instituições confessionais ou de formação de elite, onde se verificava alguma disputa pelas vagas.

Defrontados com as chances remotas de conquistar uma vaga nas instituições de ensino superior (IES) públicas, o desgaste com o vestibular não fazia, entretanto, maior sentido para muitos egressos do ensino médio brasileiro. Por outro lado, os altos custos das mensalidades cobradas no sistema privado impossibilitavam a matrícula de muitos candidatos com menor renda. Tais obstáculos afastavam do sistema de ensino superior muitos dos possíveis candidatos oriundos das camadas populares. Não a toa o sistema de ensino superior brasileiro tem no elitismo¹⁶ de sua clientela uma de suas principais características.

As histórias de mobilidade que serão analisadas nessa tese se desenvolveram dentro do contexto anunciado acima. Apesar do cenário adverso, os entrevistados viram, em vários momentos de suas trajetórias, na obtenção de um título superior o caminho mais promissor para se conquistar melhores condições de vida. A máxima “estudar para ser alguém na vida” é um exemplo do significado que esse investimento representa para parte dessas pessoas. A entrada¹⁷

¹⁶ O elitismo aqui é utilizado para caracterizar a baixa representatividade de pobres e não brancos no sistema de ensino superior brasileiro, quando comparada à proporção desse grupo no conjunto da população.

¹⁷ O próximo capítulo apresenta a discussão acerca das percepções dos entrevistados, e das narrativas que eles constroem, sobre a entrada no ensino superior e os sentidos conferidos a essa experiência.

no sistema de ensino superior brasileiro foi guiada pela promessa de uma conquista, materializada por um diploma, que os recompensam tanto materialmente quanto simbolicamente.

Nesses termos, a discussão abaixo pretende destacar o contexto institucional enfrentando pelos entrevistados, assim como os mais importantes aspectos relacionados ao mercado de trabalho e a certo imaginário nacional, para a compreensão do valor do título universitário em nossa sociedade. Inicialmente, o capítulo abordará o desenvolvimento recente do sistema educacional brasileiro - destacando em primeiro lugar o nível básico, fundamental e médio - para depois se ater ao sistema de ensino superior, analisando seus modos de expansão e democratização do acesso. Aborda-se, logo em seguida, o mercado de trabalho, a partir de uma discussão clássica sobre cidadania e trabalho no Brasil, assim como através de informações sobre a estrutura ocupacional do país. Por fim, tais reflexões são relacionadas à hipótese de trabalho da tese.

1.1 A educação no Brasil e as desigualdades persistentes.

Ao tratar do perfil da clientela do ensino superior brasileiro, é necessário não perder de vista que as principais barreiras, responsáveis pela desigualdade educacional no país, já se encontram de pé nas primeiras etapas de formação. Parte da explicação para tal quadro está na recente ampliação da cobertura do sistema educacional nos níveis fundamental e médio.

As medidas efetivas de inversão do quadro de atraso educacional, em tais campos, coincidem com o período de redemocratização do país, no início da década de 80, quando o número de matriculados no sistema cresceu substancialmente. Entre 1991-1998, o Brasil atingiu a marca de 95% das crianças em idade elegível matriculadas no ensino fundamental, colocando-se muito próximo da universalização do acesso no nível básico de ensino. Em relação ao ensino médio, no mesmo período, o sistema atingia, contudo, apenas 30% dos jovens na faixa etária de 15-17 anos (CASTRO, 1998). Após a primeira década dos anos 2000, observa-se no Brasil a consolidação da universalização do ensino fundamental e o crescimento da cobertura do ensino médio, que em 2009 registrou taxa líquida de matrículas de 50.9%, com aumento significativo de 20% em relação à taxa auferida 11 anos antes (AMORIM LIMA, 2011). Em 2013, 59.5%, dos jovens em idade elegível estavam matriculados no ensino secundário,

segundo dados da Pnad, ou seja, o sistema conseguiu absorver 59,5% do total da população entre 15-17 anos, faixa etária que define a população elegível para a etapa¹⁸.

Os efeitos da ampliação do número de vagas no nível fundamental e médio são sentidos tanto no aumento da escolaridade da população quanto na diminuição da desigualdade educacional. Mesmo com a expansão do sistema educacional nos anos de 1990, a média de escolaridade dos brasileiros ainda estava, todavia, muito abaixo dos padrões internacionais. Segundo Hasenbalg (2003b), os ingressantes no mercado de trabalho possuíam, em 1999, aproximadamente 6,5 anos de estudo completos, ao passo que de acordo com os dados da PNAD 2012, analisados pelo IPEA (2013), a média da escolaridade dos trabalhadores brasileiros cresceu para 8,8 anos completos. Nessa publicação, o IPEA ainda afirma que, analisando o período de 1992-2012, registra-se não apenas o aumento da escolaridade média da população, que passa de 5,7 para 8,8 anos de estudo completos, como também verifica-se a queda da desigualdade educacional entre os brasileiros, medida pelo Índice de Gini, que passa de 0,435, em 1992, para 0,274 no ano de 2012.

Esses dados indicam como, muito antes de sonhar com o curso superior, muitos brasileiros possuem grande dificuldade em concluir o ensino fundamental e o ensino médio. Carlos Antônio Costa Ribeiro (2011) demonstra que, ao considerarmos as diferentes transições educacionais que o estudante brasileiro deveria concluir, as quais vão desde a superação das quatro séries iniciais do ensino fundamental até a conclusão do curso superior, obter ou não o diploma do ensino fundamental é a passagem que mais influencia a desigualdade de resultados educacionais (DRE), ou seja, a escolaridade medida em anos de estudo completos.¹⁹ A análise indica que o grande gargalo para a inequidade educacional no país está localizado nas transições iniciais, onde ocorre a perda de elevado número de estudantes, que sequer chegam a pleitear uma vaga no sistema terciário. A marcante seletividade das primeiras etapas exclui os indivíduos com piores condições socioeconômicas, de modo que se observa menor desigualdade entre os alunos que chegam às transições finais, por se tratar de um grupo mais homogêneo.

¹⁸ Para análise da evolução do número de matrículas e da cobertura do sistema educacional brasileiro ver as análises do INEP realizadas a partir do Censo Escolar. Disponíveis em: <http://portal.inep.gov.br/resumos-tecnicos>. O site do observatório do Plano Nacional da Educação também oferece informações de fácil acesso sobre o desempenho do sistema educacional brasileiro, ver: <http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/3-ensino-medio/indicadores#>.

¹⁹ Segundo o autor, no mesmo artigo, é digno de nota que recentemente tem crescido também o impacto de completar o ensino médio para a desigualdade de resultados educacionais (DRE).

A maior homogeneidade não impede, segundo Ribeiro (2011), que características relacionadas às desigualdades de oportunidades educacionais (DOE), como ocupação do pai e raça, exerçam grande peso para o ingresso do indivíduo na faculdade. “Em suma, os resultados mostram claramente que, por um lado, há mais desigualdade de oportunidades nas transições educacionais iniciais do que nas transições mais elevadas do sistema, e, por outro lado, que as desigualdades são, em sua maioria, ‘persistentes ao longo do tempo’” (RIBEIRO, 2011, p.63). Dessa forma, a enorme seletividade verificada no ensino fundamental e médio contribui significativamente para o perfil elitista do alunado de nível universitário no país.

Nas últimas décadas, contudo, é cada vez maior o número de estudantes que conseguem conquistar o diploma secundário, o que produz uma maior demanda por vagas no ensino superior. É sabido que os candidatos que irão concorrer a uma vaga nas universidades já venceram diversos gargalos do sistema educacional brasileiro e que, portanto, já possuem um nível de escolaridade acima da média populacional. Contudo, para entrar nesse novo mundo, sobretudo nas instituições públicas, há ainda uma série de fatores que favorecerem determinado perfil de candidato. Mesmo diante de um grupo já devidamente selecionado pelas transições anteriores, o peso da desigualdade de oportunidades entre os candidatos é determinante para sentenciar quem irá prosseguir em sua trajetória educacional.

É imprescindível analisar o aspecto quantitativo, em termos de cobertura do sistema educacional brasileiro, para conhecer os mecanismos de produção da sua extrema iniquidade. O aspecto qualitativo do ensino ofertado também atua, entretanto, como grande definidor das chances de sucesso escolar. A estratificação presente no sistema educacional brasileiro penaliza os egressos da escola pública no momento do vestibular – que atualmente, em grande parte das instituições, é viabilizado pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No Brasil, as crianças e jovens de famílias de classe média e alta tem acesso a uma formação de melhor qualidade do que as crianças e jovens oriundas da classe popular. Em certa medida, este quadro se dá porque a maioria dos filhos desses estratos estuda na rede particular de ensino nos níveis fundamental e médio, enquanto os demais são usualmente usuários da rede pública, no caso, das redes estaduais e municipais²⁰. No momento de concorrer a uma vaga na faculdade, os alunos que passaram pelo sistema privado possuem larga vantagem frente aos da rede pública.

²⁰ Esta afirmação ressalta a discrepância entre a qualidade de ensino oferecida na rede privada, para os níveis fundamental e médio, daquela oferecida na rede pública. Contudo, é válido ressaltar que internamente a rede privada também existe grande diferença entre instituições quanto ao ensino ofertado. A escolha da escola dos filhos reflete uma série de outros determinantes, como renda familiar e a escolaridade dos pais, que são indispensáveis para se compreender as diversas trajetórias educacionais. Sobre a composição do alunado das escolas de nível básico brasileiras ver: ALVES, SOARES e XAVIER (2014).

Ironicamente, o benefício se reverterá para o grupo privilegiado em vagas nas universidades públicas que são, salvo exceções significativas, instituições que possuem qualidade reconhecidamente superior frente à maioria do setor privado.

O desafio da universalização do acesso ao ensino básico no Brasil não foi acompanhado, por sua vez, do mesmo esforço no que se refere à qualidade de ensino. O retrato do sistema aponta taxas elevadas de distorção idade-série - ou seja, grande número de alunos em idade avançada em relação a idade considerada adequada para o nível, número expressivo de reprovações, estabilizadas em torno de 26%, e ainda grande evasão escolar (SOARES, 2004; ALVES, 2007; CREZO et al, 2007). Os problemas estruturais são refletidos no baixo desempenho dos alunos da rede pública nos sistemas de avaliação em larga escala, que procuram mensurar o aprendizado de conteúdos básicos.²¹ Após ultrapassar as barreiras que os levariam a evasão escolar, e já de posse do diploma do ensino médio, o egresso do sistema público terá que vencer uma defasagem de conteúdo, que limita enormemente sua competitividade nos vestibulares mais concorridos. Para superar tais lacunas, o candidato precisa recorrer a cursinhos pré-vestibulares²² que custam dinheiro e tempo, recursos escassos para jovens que, muitas vezes, já se encontram no mercado de trabalho, obrigados a contribuir com a renda familiar.

É importante investigar o efeito que a escola pode produzir isoladamente na trajetória educacional dos indivíduos. O impacto das instituições escolares no sucesso de seu alunado é, contudo, significativamente menor do que o efeito exercido pelas características socioeconômicas e culturais. A origem do indivíduo, ou seja, os atributos que ele herda de sua família, representam, inegavelmente, fatores importantes para a determinação de seu destino. O perfil socioeconômico dos entrevistados foi, nesse sentido, definido a partir de marcas comumente associadas a trajetórias acidentadas e breves no sistema educacional, como a inserção precoce no mercado de trabalho. Trata-se, portanto, de indivíduos cujo estoque de ativos pessoais, medidos nas dimensões econômica, social e cultural, contribuiria

²¹ O Sistema Nacional da Educação Básica (Saeb), criado em 1990, é um importante indicador de desempenho do ensino fundamental brasileiro. Os resultados apontam que o desempenho dos estudantes para conhecimentos básicos em Língua Portuguesa e Matemática está muito aquém do desejado. Ver Soares, 2003.

²² O movimento de cursinhos pré-vestibulares do Rio de Janeiro cumpriu um papel relevante na inserção de jovens pobres nas universidades públicas e privadas do estado. Em muitas entrevistas realizadas para essa tese, a participação do então candidato em algum cursinho pré-vestibular comunitário, ou seja, uma instituição gratuita e com clara missão social, foi retratado como fundamental para a conquista do objetivo. Para uma análise mais aprofundada sobre o tema, ver: NASCIMENTO, Alexandre do. Movimentos Sociais, Educação e Cidadania: Um estudo sobre os Cursos Pré-Vestibulares Populares. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 1999.

substantivamente para a reprodução de sua condição de classe popular (BOURDIEU, 2007,1986).

A teoria bourdiesiana enfatiza a capacidade de reprodução dos diferentes tipos de capital (material e simbólico) e a vincula à manutenção dos privilégios da classe dominante. O capital econômico, entendido como o estoque de recursos diretamente convertidos em dinheiro que pode ser institucionalizado na forma de propriedades, como direitos de propriedade, cumpre um papel fundamental na lógica da reprodução social, já que influencia fortemente a obtenção dos demais tipos de capital, sem, contudo, determiná-la.

Os jovens brasileiros, oriundos de classes populares, enfrentam grandes obstáculos para vivenciar o tempo da juventude puramente como um período de formação tanto da personalidade quanto de formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho (CAMARANO, 2006; CARDOSO, 2008; CORSEUIL *et alli* 2001; GUIMARÃES, 2006; HASENBALG, 2003b; MADEIRA, 2006; LAM, MARTELETO, 2006,). Essa dificuldade acontece porque, geralmente, tais jovens conciliam estudo e trabalho ou, nos casos mais drásticos, interrompem sua trajetória educacional para se dedicar somente ao trabalho. A dupla jornada, de estudante e trabalhador, e as frequentes interrupções da trajetória escolar prejudicam o desempenho acadêmico desses alunos e os colocam em posição desvantajosa frente a seus pares. Eduardo Marques (2010), em estudo comparativo das redes sociais de indivíduos de classe média e popular, identifica diferenças quanto à sociabilidade escolar e à socialização para o trabalho entre os jovens desses grupos. Segundo o autor, durante a juventude o indivíduo tanto adquire gradativamente atributos do mundo adulto quanto desenvolve sua rede de relações sociais. O ritmo deste processo seria, todavia, distinto entre os jovens de classe média e os jovens das classes populares. Os primeiros experimentariam a transição para a vida adulta de forma “paulatina e paralela”, sendo o período escolar o local deste processo. Já para os filhos da classe popular, a escola não representaria o lugar por excelência da transição para a vida adulta. As razões decorrem da superposição entre a vida escolar e outros eventos, característicos da vida adulta, como casamentos, gravidez precoce e a entrada no mercado de trabalho em ocupações de baixa qualidade. Se os jovens de classe média experimentam um lento processo de socialização com o mundo do trabalho, que envolve a passagem prolongada pelo sistema educacional, o mesmo não aconteceria com os pobres, que por diversos imperativos culturais e econômicos (SARTI, 2005) estão mais propensos à socialização ao mundo do trabalho na prática, sem a mediação do período de formação escolar, onde se formam as redes de contatos profissionais.

Para além dos efeitos da renda domiciliar, os vínculos familiares e sociais influem diretamente no desempenho escolar do indivíduo. Dessa forma, Bourdieu (1986) chama atenção para as potencialidades do capital social²³, que pode ser definido como os recursos originários da inserção do indivíduo nas relações sociais. De acordo com esta perspectiva, cada família pode ser interpretada como detentora de um estoque de recursos (capital social, econômico e cultural) a ser distribuído entre os membros da mesma. Aqueles pertencentes a famílias numerosas seriam prejudicados, pois teriam que dividir os recursos disponíveis com um maior número de indivíduos (LAM, MARTELETO, 2006; MARTELETO, 2002). Hasenbalg (2003a) ressalta a importância do capital social neste contexto, pois, segundo o autor, é a partir deste recurso que os demais – capital econômico e cultural – serão convertidos “... em condições mais ou menos favoráveis à socialização das crianças, funcionando como um filtro para esses outros capitais” (HASENBALG, 2003a, p. 56). A atenção, os cuidados, e a energia de pais com grande número de filhos costumam, nesse sentido, atribuir montantes rarefeitos a cada um.

O capital econômico e o capital social, sobretudo o primeiro, são abordados na literatura que trata sobre os efeitos da origem do indivíduo para o seu sucesso no sistema educacional. O efeito do capital cultural é, entretanto, um dos fatores, comparativamente aos demais, que mais impacta a longevidade e a qualidade da vida escolar de um indivíduo. Análises empíricas demonstraram as consequências positivas para o sucesso escolar de possuir pais com alta escolaridade. A progressão nos estudos está intimamente ligada com o volume e a “qualidade” do capital cultural do aluno. “E, o que é mais importante, a acumulação de capital cultural começa no processo de socialização primária na família, onde se desenvolve um sistema de disposições internalizadas (habitus de classe)” (HASENBALG, 2003a, p.67).

Nas pesquisas acerca dos determinantes para as tomadas de decisões dos jovens brasileiros – prosseguir ou não com os estudos, entrar no mercado de trabalho, conciliar estudo e trabalho, etc. - a variável “educação dos pais” aparece como uma das mais influentes. Os jovens que possuem pais mais educados estariam em posição mais vantajosa quanto à progressão dos estudos (CORSEUIL et al, 2001). Maria Alice Nogueira (2010) destaca as estratégias pedagógicas das famílias de classe média e alta quanto à preparação de seus filhos para ocuparem as vagas mais desejadas no sistema universitário brasileiro. Convergem nesse

²³ O quarto capítulo é dedicado à discussão de como a mobilidade ascendente vivenciada pelos entrevistados conferiu novos significados aos seus vínculos sociais. Nessa oportunidade, o tema da sociabilidade será tratado a partir dos estudos sobre redes sociais e as marcações simbólicas de que os indivíduos se valem para se diferenciarem dos demais.

sentido uma série de atitudes que visam a apropriação de comportamentos valorizados e eficazes para a vida de um estudante, como a disciplina, o conhecimento de línguas estrangeiras, reforços escolares, orientação vocacional, dentre outros.

É por meio desse somatório de fatores que o jovem brasileiro oriundo das camadas populares enfrenta uma disputa onde a sua probabilidade de êxito é drasticamente menor do que a dos seus concorrentes das classes média e alta. A maioria dos entrevistados frequentou o ensino médio público. Em seus relatos as percepções sobre as deficiências do sistema estão marcadas, dentre outros momentos, nos comentários sobre a ausência de professores, especialmente da área de exatas, que podiam perdurar ao longo de todo ano letivo. A falta de docentes significou o não aprendizado de uma série de conteúdos cobrados nos vestibulares, de modo que os reflexos da má formação foram sentidos em tais concursos, onde muitos só alcançaram êxito depois de alguns anos de cursinho preparatório. A defasagem educacional, de um lado, e as insuficientes vagas no sistema público, de outro, colocaram para parte dos tentantes as faculdades e universidades particulares como única opção. O perfil do alunado de ensino superior no Brasil se explica, em parte, por essa conjunção de fatores, que favorece determinado tipo de candidato enquanto penaliza a grande maioria, mas também pode ser compreendido por meio da sua arquitetura institucional.

1.1.1 A organização do sistema de ensino superior.

A organização institucional do sistema de ensino superior brasileiro é marcada por duas características definidoras. A primeira é o desenvolvimento tardio do mesmo, ocasionado pela política centralizadora da colonização portuguesa, que retardou a criação de universidades no Brasil²⁴. Somente com a vinda da corte portuguesa em 1808, são criados cursos de nível superior, localizados em escolas profissionalizantes isoladas pelo país. As primeiras universidades surgiram apenas com o governo de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945, momento marcado pela inauguração da Universidade de São Paulo (USP), em 1934. Apenas no século XX, portanto, as universidades debutaram em solo brasileiro, um nascimento tardio que influenciou notadamente o ritmo do desenvolvimento de todo o sistema educacional no país.

²⁴ As primeiras iniciativas de criação de escolas secundárias e de cursos de nível superior em solo brasileiro partiram dos Jesuítas. A fundação do Colégio Bahia, em 1572, é o marco inaugural dos projetos educacionais da Companhia de Jesus no país. Nele eram oferecidos cursos de nível superior em teologia e o curso de artes, também chamado de ciências naturais ou curso de filosofia. Os jesuítas desenvolveram sua missão pedagógica em outras cidades do Brasil colônia, se tornando os principais expoentes da educação no país até sua expulsão em 1759 (CUNHA, 1988).

A expansão do setor só ocorrerá, contudo, a partir de 1960 impulsionada pela demanda da população por mais vagas nas universidades. Eunice Duhran (2003), afirma que no período de três décadas, entre 1960-1990, as matrículas cresceram de um total de 100 mil alunos inscritos nas IES públicas e privadas para o montante de 1,4 milhão. A pressão pela criação de mais vagas nas universidades irá ganhar força no período militar, momento de forte repressão política e intelectual, quando ocorreu a primeira onda de crescimento de matrículas no país. A ampliação em um período autoritário também não ficaria sem consequências e contribuiu enormemente para a arquitetura institucional do ensino superior brasileiro.

A segunda característica diz respeito à participação preponderante do setor privado no processo de expansão do sistema. Em 1960, o setor público era responsável por 58,5% dos alunos no ensino superior, enquanto o setor privado abrigava 41,4% dos discentes. Em 1970, o setor privado inverte essa proporção e passa a acolher a maioria das matrículas, 50,5% dos matriculados contra 49,5% do setor público. Anos mais tarde, em 2001, as estatísticas atestavam a participação majoritária do setor privado, informando uma distribuição percentual de 68,9% dos matriculados neste setor, contra 31,1% no setor público. O longo e intenso processo expõe suas consequências até os dias atuais, onde o setor privado, segundo os dados do Censo do Ensino Superior de 2010 realizado pelo Inep, responde por 74,2% dos alunos. (DUHRAN, 2003; PRATES, 2005; CUNHA, 1988).

Tabela 5 - Evolução dos matriculados no sistema de ensino superior brasileiro por rede, 1960-2010.

ANO	Rede Pública		Rede Privada		TOTAL
	N	%	N	%	
1960*	59624	58,6	42067	41,4	101691
1970*	210613	49,5	214865	50,5	425478
1980	492232	35,7	885054	64,3	1377286
1990	578625	37,6	961455	62,4	1540080
2001	944584	31,1	2091529	68,9	3036113
2010	1643298	25,8	4736001	74,2	6379299

Fonte: Censo do Ensino Superior Inep, 1980-2010.

*Dados retirados de DURHAM (2003)

No período militar, ocorre a primeira reforma universitária que tinha como objetivos a modernização e a expansão do sistema. Segundo Cunha (1988), a postura dos militares ante as universidades se concentrava em dois eixos: enfraquecer o movimento estudantil e conduzir, pautada pelo modelo americano, a modernização das IES. Os descontentamentos com o sistema

universitário vigente, vocalizados pelo movimento estudantil, ressoavam na classe média, que constituía uma importante base de apoio político dos militares. Os estudantes pautavam a necessidade de uma universidade crítica e projetavam no modelo da recém-inaugurada Universidade de Brasília uma via interessante.²⁵ Também colocavam questões sobre a estrutura universitária e discutiam fortemente a democratização e a expansão do acesso. Nesse ínterim, surge a figura do excedente, que uma vez aprovado no vestibular, não encontrava a vaga pretendida nas universidades²⁶. Pressionados por sua base de apoio, que percebia na educação superior um caminho privilegiado para a ascensão social, o governo militar colocou em prática um plano de modernização do setor universitário. Com essa reforma, são criados os departamentos, extintas as cátedras, é implantado o sistema de créditos, dentre outras medidas institucionais que procuram aproximar o modelo brasileiro do americano, tudo isso sob influência de consultores norte-americanos e, em parte, da comunidade acadêmica.

A suspensão de direitos políticos e a forte repressão às manifestações sociais formavam o pano de fundo do cenário político. As medidas autoritárias, que recrudesceram ao longo da primeira década do regime militar, facilitavam, por sua vez, a implementação da estratégia do governo, que primava pela ampliação do sistema terciário brasileiro através da expansão de matrículas no setor privado. As inúmeras cassações, perseguições, prisões e mortes de profissionais da universidade pública e de membros do movimento estudantil enfraqueceram, por sua vez, qualquer oposição contra essa política.

É a partir desse contexto que deve ser vista a mudança do perfil das IES brasileiras, que passa a contar com maior concentração de matrículas no setor privado e vê a lógica de mercado dar o tom de todo o sistema, mesmo em segmentos da universidade pública²⁷. Segundo Valdermar Sguissardi (2008), o crescimento de matrículas na primeira década do regime militar

²⁵ A organização institucional e pedagógica da Universidade de Brasília, influenciada pelas ideias de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, foi considerada referência para o sistema de ensino superior brasileiro que buscava modernizar-se na época. A UNB trazia muita influência do modelo americano, mas teve o seu desenvolvimento abortado pelo golpe militar (CUNHA, 1988).

²⁶ A figura do excedente irá motivar uma série de demandas judiciais que pretendiam assegurar a matrícula para os que tinham sido aprovados nos exames, mas que excediam o número de vagas previstas pelos cursos. Após a peleja judicial, da qual inúmeros “excedentes” saíram vitoriosos, muda-se a nomenclatura de exame para concurso vestibular que não aprova ou reprova os candidatos, apenas os classificavam de acordo com o desempenho obtido na prova (CUNHA, 1988).

²⁷ Sobre a criação de fundações universitárias, programas de avaliação de desempenho entre outras medidas tomadas para modernizar e racionalizar a administração de instituições públicas de ensino superior, ver: PRATES, Antônio Augusto Pereira. Os Sistemas de Ensino Superior na Sociedade Contemporânea: Diversificação, Democratização e Gestão organizacional – O caso brasileiro. Tese de doutoramento em Sociologia, UFMG, 2005.

registrou taxa média de 289,1% para o setor público contra 990,1% no setor privado. A segunda década do período militar possui, por sua vez, aumento do setor sem alteração do perfil de expansão via mercado consolidado na década anterior.

O período que vai do início da abertura política ao fim do primeiro governo eleito democraticamente é marcado por fortes crises econômicas e sociais, típicas de grandes transições políticas. O sistema de ensino superior brasileiro permanece estagnado nesse período, com média de crescimento anual de 1.5% entre os anos 1984-94, segundo os dados do MEC/INEP (SGUISSARDI, 2008). Paulatinamente, ganha força o modelo neoliberal de desenvolvimento, já presente no eixo norte-atlântico desde o início dos anos 1980 e intensamente implantado na ditadura militar chilena. O ideário neoliberal se distingue, dentre outros aspectos, por reduzir drasticamente a participação do Estado na execução dos serviços sociais, os quais seriam executados de forma mais eficiente pelos mecanismos do mercado.

A retomada do crescimento substantivo do número de matrículas acontecerá durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) um exemplo pátrio do arquétipo neoliberal acima descrito. Entre os anos de 1994 a 2002, ocorre a segunda grande onda de expansão do sistema novamente liderada pelas IES privadas. É também o período da aprovação da Lei de Bases e Diretrizes da Educação de 1996, sob a gestão do Ministro da Educação Paulo Renato, que representa o principal marco legal das mudanças que o sistema educacional brasileiro passará desde então. Na oportunidade, são regulamentadas diretrizes que já estavam sendo gestadas em governos anteriores, os quais, como já dito, buscaram sanear o sistema através do mercado. As avaliações de desempenho são fruto desse contexto, sendo formuladas como medidas de controle de qualidade do ensino oferecido em diferentes instituições. O ENEM e o PROVAO, avaliações do ensino médio e do ensino superior, respectivamente, são implantados com intenção semelhante^{28 29}.

Os dois governos de FHC deixaram um legado de média de crescimento das matrículas das IES privadas de 109,5%, contra 52,3% na IES públicas. O resultado está diretamente associado, por outro lado, à redução do número de IES públicas, de 10,5% no período, contra

²⁸ O ENEM é implantado em 1998. O objetivo do exame era avaliar anualmente os egressos do ensino médio. Sendo que os avaliados faziam a prova voluntariamente. Em 2004, o ENEM passará a ganhar grande adesão da população, pois tem o seu resultado atrelado a política de concessão de bolsas no sistema privado do governo de Luís Inácio Lula da Silva. O Provão, também criado na década de 1990, se tratava de exame aplicado no último semestre de formatura dos graduandos com a finalidade de mensurar a qualidade do ensino superior no país. Foi descontinuado em 2003 para dar lugar ao Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade).

²⁹ A LDB de 1996 abre a possibilidade de diferentes tipos de graduação no ensino superior. Até então, o grau terciário no Brasil era majoritariamente atingindo pela formação de bacharéis ou licenciados. Ainda havia, em número ainda muito reduzido, a formação tecnológica. Os cursos sequenciais são regulamentados à época como alternativa mais rápida e direcionada a formação de mão de obra qualificada pelas faculdades.

o aumento do número de IES privadas de 127,8%. (CUNHA, 2003; SGUISSARDI, 2008; NEVES, 2012).

A partir de 2003, com a mudança do governo federal e a chegada de Luís Inácio Lula da Silva (PT) ao poder, o sistema de ensino superior brasileiro será alvo de uma série de políticas que visam sua expansão e democratização. Muitas delas alcançarão grande popularidade, acompanhadas de um número não muito menor de polêmica. O PROUNI, o novo vestibular e o REUNI são bons exemplos nesse sentido.

Segundo Saguissardi (2008), embora se observe uma recuperação do crescimento das instituições públicas de ensino superior, até 2006 o cenário de participação dos setores público e privado quanto ao número de matriculados seguia a mesma tendência, com ampla vantagem para as IES privadas. As estatísticas de 2011 revelam que os impactos das políticas de revalorização das universidades públicas não foram sentidos em relação à mudança de perfil do sistema, já que no referido ano 74% dos discentes no ensino superior estavam no setor privado enquanto somente 26% do total de alunos se encontravam no setor público (RISTOFF, 2013a).

O REUNI foi lançado em 2007 com o objetivo de ampliar o acesso e a permanência no ensino superior público federal. A adesão voluntária das instituições federais de ensino superior (IFES) às diretrizes do programa tinha como contrapartida um aporte contínuo de recursos durante cinco anos para adequação da infraestrutura e do corpo docente ao cumprimento das metas estabelecidas. Associado aos objetivos do REUNI, o governo federal criou novas instituições públicas, muitas destas adotando critérios de descentralização regional, incentivou a formação de cursos noturnos e concedeu mais vagas para o corpo docente das IFES. Analisando comparativamente os recursos aplicados em governos anteriores, observa-se não apenas o crescimento de investimentos nas instituições federais de ensino superior, mas também a diversificação do sistema resultado dos aportes feitos na educação tecnológica (NEVES, 2008; CEPEDA, MARQUES 2012). É necessário apontar que ao lado de políticas como o REUNI, de expansão e reestruturação das IES federais, a permanência majoritária do setor privado dentro do sistema também é explicada através de outras políticas do governo, como o PROUNI e ampliação do FIES, que age no sentido de fortalecer estas instituições³⁰.

³⁰ O Programa Universidade para Todos foi criado para ser mais um mecanismo de democratização do acesso ao ensino superior através do uso da capacidade ociosa das IES privadas. Segundo a lei nº 11.096 de Janeiro de 2005, o programa é “destinado a concessão de bolsas integrais à estudantes com renda familiar per capita até 1 salário mínimo e meio. Bolsas de 50% e 25% destinadas à estudantes com renda familiar per capita de até 3 salários mínimos.” O programa gera críticas quanto ao enorme incentivo indireto dado às IES privadas sem a exigência em igual intensidade de contrapartidas sociais. Para críticas ao PROUNI ver: CATANI et al 2006; CATANI, HEY, 2007. Já o REUNI programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais,

Outra mudança importante observada é o estímulo dado ao crescimento de formações de nível superior nas modalidades de tecnólogo e à distância. Em 2004, a regulamentação do texto da LDB, através do Decreto nº. 5.154, impulsionou a expansão da educação tecnológica em diferentes níveis de formação no país. “Em 2008, os cursos de tecnólogo já respondiam por 17,6% do número de cursos de graduação presencial, com grande oferta no sistema privado.” (SILVA, 2011a, p.76). Os dados do Inep relativos a 2011 indicam que 16% do total de graduados do país obtiveram o diploma de tecnólogo. A modalidade de graduação à distância também vem aumentando sua participação no sistema. No período de 2007 a 2011 a graduação na modalidade à distância cresceu 156% enquanto a modalidade presencial apresentou crescimento de 25% (RISTOFF, 2013a). Esse aumento significativo, contudo, ainda não ameaça a hegemonia dos cursos presenciais dentro do sistema, os quais absorvem, segundo os dados Inep 2012, 84% das matrículas. De acordo com os dados apresentados na tabela 5, no período entre 1995 e 2002 o sistema terciário brasileiro oferecia basicamente a possibilidade de formação nas modalidades bacharelado e licenciatura, 94,4% e 95,2%, respectivamente, somados os dois tipos de graus. Em 2012, percebe-se que a modalidade tecnólogo cresce significativamente em relação aos outros dois anos, atingindo um crescimento da oferta de cursos superior aos 1000% entre os anos de 1995 e 2012 (em números absolutos; registra-se o aumento da oferta de 303 cursos para 5619).

Tabela 6 - Distribuição por grau acadêmico dos cursos ofertados nos anos de 1995, 2002 e 2012*.

Grau	Ano					
	1995		2002		2012	
	N	%	N	%	N	%
Bacharel	3077	56,6%	6820	51,7%	17485	56,9%
Licenciatura	2052	37,8%	5730	43,5%	7614	24,8%
Tecnólogo	303	5,6%	636	4,8%	5619	18,3%
Total	5432	100,0%	13186	100,0%	30718	100,0%

Fonte: Censo do Ensino Superior Inep, 1995-2012.

*Os dados utilizados foram elaborados pela autora juntamente com a equipe envolvida na pesquisa “Avaliando o impacto da expansão do ensino superior na redução da desigualdade” do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Desigualdade do IFCS – UFRJ. (NIED).

lançado em 2007, tem nas instituições públicas o seu foco de ação. Segundo o decreto nº 6.096, o programa foi instituído “com o objetivo de criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais”

A ampliação desses novos formatos de educação superior no país possui enorme potencial de democratização do acesso a esse nível de formação à população brasileira. O mesmo aconteceu em outros países, como os Estados Unidos, que possuem a maior parte dos matriculados no ensino superior vinculada a cursos de curta duração com ênfase tecnológica. Essa via de expansão enseja, todavia questionamentos quanto ao retorno socioeconômico que o diplomado em cursos desse tipo pode alcançar, uma vez que a diversificação institucional pode criar um sistema educacional estratificado em instituições de elite e de massa.

O debate sobre o ensino superior brasileiro ganhou novos contornos durante a última década. Nota-se que, atualmente, o tema da expansão está inescapavelmente associado à questão da democratização do acesso. A expansão do sistema e a inclusão de grupos excluídos, demandas que há tempos eram pautadas pelos movimentos sociais, ganharam força no período e se transformaram em políticas públicas durante os anos 2000. Ou seja, não importa somente que mais pessoas ingressem nas universidades, mas também é necessário saber quem acessa o sistema. A introdução dos mecanismos de discriminação positiva, as cotas raciais e sociais, que geraram – e ainda produzem - calorosos debates sobre sua eficácia e constitucionalidade, associados a outras políticas já mencionadas, como o PROUNI e o REUNI, abriram mais oportunidades a candidatos antes excluídos. Pesquisas recentes³¹ apontaram um pequeno deslocamento no perfil do alunado de nível superior a favor da democratização do acesso, embora não suficiente para alterar substancialmente a característica elitista da clientela de tal sistema (NEVES, 2012; RISTOFF, 2013b).

Acerca do surgimento destes mecanismos de democratização no sistema de ensino superior brasileiro, é importante ressaltar dois aspectos importantes para esta tese. O primeiro se relaciona com o período de implantação de tais políticas de inclusão, que coincide com o momento no qual os entrevistados estavam formulando sua entrada na universidade como um projeto ou desejo. Alguns, inclusive, foram por elas beneficiados. Embora não se tenha elementos suficientes neste trabalho para discutir o impacto deste cenário para o horizonte de expectativas destes indivíduos, certamente esse é um dado relevante para a compreensão das trajetórias analisadas. Outro aspecto importante, que se relaciona diretamente com as histórias analisadas na tese, é o pioneirismo do Estado do Rio de Janeiro na efetivação das cotas sociais

³¹ As análises dos dados socioeconômicos do ENADE mostraram que 35% dos concluintes do ensino superior em 2014 eram os primeiros da família a cursarem formação superior. Ver notícia em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/12/35-dos-formandos-sao-os-primeiros-na-familia-a-chegar-a-universidade>.

e raciais. A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) foram precursoras na incorporação de ações afirmativas ao adotarem, nos respectivos processos seletivos de 2003, cotas que combinavam critérios sociais e raciais. Muito se questionou sobre a legalidade das cotas raciais até tomada de posição do Supremo Tribunal Federal, que, por unanimidade, declarou a constitucionalidade do sistema de ações afirmativas para negros em 2012.

Nos últimos anos, gradualmente, grandes universidades adotaram algum critério de diferenciação e inclusão social nos seus processos seletivos. A introdução crescente de ações afirmativas nos vestibulares se deve, em parte, ao ajuste institucional que tais universidades realizaram após aderirem ao REUNI. É válido lembrar que uma das exigências de tal programa era o comprometimento das IES partícipes com a criação de mecanismos de inclusão social. A consolidação das ações afirmativas é também explicada pela relevância que o critério social passou a ter no debate, também expressa, no caso, pela introdução de bonificações ou reserva de vagas para oriundos de escolas públicas³². (FERES JUNIOR, DAFLON, CAMPOS, 2013).

As políticas de ações afirmativas almejam estabelecer critérios que de fato consigam tornar o ambiente universitário brasileiro mais diverso e representativo. A política de cotas sociais, que contempla, sobretudo, os egressos do sistema público de ensino médio, se mostra mais palatável à opinião pública do que aquelas baseadas no critério racial. A discussão sobre qual atributo possuiria maior impacto na conformação das desigualdades sociais, se o critério de classe ou o de raça, é um debate que está longe de ter um consenso nas ciências sociais, mas que tem nos seus desdobramentos importante fonte de informação para o melhor ajuste destes critérios. De um lado, os efeitos da lei nº 12.711/2012 já permitem inferir que o percentual de 50% de egressos do ensino médio público, previstos na mesma, pode ser alcançado em breve para a maioria dos cursos, mesmo que as carreiras mais elitizadas, como o de Medicina, ainda estejam distante deste objetivo.

Demonstramos anteriormente como a expansão do sistema de ensino superior brasileiro passou sobretudo pelo mercado, especificamente através da enorme participação das IES privadas na oferta de vagas e absorção da demanda. O perfil do alunado das instituições de ensino superior brasileiras é resultado de uma soma fatores, como visto até o momento, onde

³² “Atualmente 9,3% das vagas disponíveis nos vestibulares de 1º e 2º semestre das universidades públicas estaduais e federais em todo o Brasil estão reservadas para candidatos pretos e pardos pelo regime de cotas fixas. Esse percentual é de 11,3% para alunos egressos de escolas públicas e de baixa renda. Outros candidatos (indígenas, deficientes etc.) usufruem de reserva de 2% das vagas [...]” (FERES JUNIOR, DAFLON, CAMPOS, 2013, p. 320)

se destacam as deficiências do sistema educacional público nos níveis básicos, o peso das desigualdades sociais e a insuficiência de vagas nas universidades públicas.

Embora, as pesquisas realizadas sobre o tema se refiram muitas vezes às características do alunado das IES públicas, é necessário ressaltar que as IES privadas reproduzem fortemente esse perfil elitista em alguns casos com mais força do que a segregação observada nas públicas. Segundo Rezende Pinto (2004), de acordo com as informações do questionário socioeconômico do Exame Nacional de Cursos de 2003, o Provão, há maior representação de indivíduos brancos e provenientes dos extratos de renda superiores nas instituições particulares do que nas públicas. Essa tendência seria verificada não apenas nos cursos mais caros e praticamente inacessíveis aos menos abastados, como o de Medicina, mas também em cursos de acesso mais democrático, como o de Pedagogia. Prates (2007) argumenta no mesmo sentido e afirma que as enormes taxas de evasão do sistema privado excluem justamente os estudantes mais pobres da rede. Aqueles que permanecem em tal sistema e conseguem se graduar seriam os mais afortunados economicamente, capazes de pagar as mensalidades cobradas por tais instituições.

Resulta dessa competitiva seleção, um perfil de alunado portador de atributos socioeconômicos que são sobre representados dentro das faculdades e universidades. O Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil, GEA/FLACSO, em publicação destinada a análise do perfil socioeconômico dos estudantes de graduação do país, retratou bem essa discrepância entre a população brasileira e os seus alunos do ensino superior. Abaixo, são destacados trechos que descrevem os resultados da análise dos dados do questionário socioeconômico (QSE) do ENADE, no período entre 2004 e 2009.

Em termos percentuais, pode-se afirmar que em média o campus brasileiro continua 17% mais branco do que a sociedade brasileira (RISTOFF, 2013b, p. 9)

Mais de um terço dos estudantes brasileiros (34%) estão na faixa de renda mensal familiar de até três salários mínimos. Na sociedade brasileira, o grupo de famílias nesta faixa de renda é de 52%, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)/IBGE de 2011 [...] Dados da Pnad 2011 revelam que apenas 7% das famílias brasileiras têm rendimento familiar mensal superior a dez salários mínimos. No campus brasileiro, no entanto, este percentual em 2009 era três vezes maior (21%). Por outro lado, percebe-se que em seis anos a proporção de estudantes dessa faixa de renda foi reduzida em 7%. (RISTOFF, 2013b, p. 12)

Os alunos que frequentaram escola pública no ensino médio representam grande maioria no país, chegando a 87% em 2011. No entanto, os estudantes da educação superior (pública e privada), que no primeiro ciclo do Enade diziam ter origem na escola pública de ensino médio, representavam apenas 46% do total. Este percentual subiu para 51% em 2009, quando se completou o segundo ciclo do Enade. (RISTOFF, 2013b, p. 14)

Os dados descrevem bem as desigualdades que persistem nas IES brasileiras. A publicação do GEA ainda explora a estratificação interna ao ensino superior, ao comparar a composição do alunado de cursos de elite com a composição de cursos de menor prestígio social, como as licenciaturas. Nesse caso, as discrepâncias da representatividade dos grupos populacionais segundo renda, cor e escolaridade tornam-se ainda maiores. “O estudante de Medicina, por exemplo, em 67% dos casos, tem pais com instrução superior, vem de família das duas faixas de renda mais elevadas (70%), frequenta um dos cursos com o mais alto percentual de brancos (76%), vem de escola do ensino médio privado, em 81% dos casos, e é o que menos trabalha (8%)” (RISTOFF, 2013b, p.18).

Por tais razões, a aprovação no vestibular de um jovem pertencente às camadas populares é motivo de orgulho e símbolo de um feito hercúleo, considerando as suas condições de origem. Toda a comoção em torno da conquista se consubstanciava com a esperada visualização do nome do aprovado nas listas das faculdades. Os rituais de comemoração marcavam o simbolismo da façanha e o início de outra difícil caminhada até o alcance da meta de “ser alguém na vida” através da educação. O valor da formação, para os entrevistados, caminhou, por sua vez, ao lado da perspectiva de uma inserção ‘privilegiada’ em um mercado de trabalho conhecido pela oferta de empregos de má qualidade. Esse é o outro vetor fortemente presente nos projetos de vidas em destaque nessa tese, sobre o qual se buscará uma melhor compreensão.

1.1.2 A expectativa de ascensão do brasileiro e a cidadania regulada

O horizonte de expectativas de um indivíduo é afetado por diferentes fatores: como as conjunturas política e econômica ou por suas características de origem, tal qual discutido anteriormente. Os casos analisados foram selecionados a partir de critérios que garantissem um grupo de indivíduos onde a formação universitária fosse algo inédito em relação a seus progenitores. Dessa forma, era interesse da pesquisa compreender como o desejo de se tornar um profissional de nível superior foi elaborado e implantado por estes indivíduos. Dentre as várias questões que foram colocadas, a percepção dos entrevistados sobre a educação, vista como uma via de ascensão social, possível e certa, instigou a presente análise sobre um dado que, embora parecesse evidente na realidade brasileira, valeria ser investigado. Os sentidos da formação universitária, como irá se argumentar, extravasam a percepção sobre a melhor

aceitação e valorização do diploma superior no mercado de trabalho, pois também se amparam na ideia de uma integração diferenciada daqueles que possuem tal credencial na sociedade em que vivemos, trazendo uma importante dimensão simbólica para o debate.

É sabido que profissionais de nível superior são mais valorizados no mercado de trabalho brasileiro, em média, que os demais. Para além da usual relação, observada internacionalmente, entre anos de estudo e valorização social, este fato é também explicado por diferentes motivos, como a escassez desse tipo de titulação entre a população economicamente ativa e a cultura corporativista, que regula o exercício das profissões no Brasil. Partindo dessa evidência, demonstrada por diversos pesquisadores da área de estratificação social, pode-se melhor compreender a estratégia de ascensão social via educação superior seguida pelos entrevistados. Sem dúvida, os retornos materiais vinculados aos profissionais de nível superior estiveram no imaginário e discurso desses jovens e de suas famílias quando do investimento daqueles na formação universitária. Contudo, para além dessa importante motivação, sem falar de outras de ordem puramente pessoal, é também possível discutir essa escolha através dos valores mais abstratos que organizam nossa sociedade e nos fornecem um repertório comum, o qual é mobilizado pelos atores em determinadas situações para justificarem, negarem e transformarem uma série de comportamentos.

A centralidade do mercado de trabalho formal para a construção do ideal de cidadão é tema conhecido dentro da ciência social brasileira. O ponto de partida para essa explícita vinculação entre identidade profissional e cidadania ocorre a partir de 1930, momento em que Getúlio Vargas sobe ao poder e inicia a elaboração do conjunto de leis trabalhistas, que regularia a relação entre Estado, mercado e trabalhadores no país³³.

Quando Vargas chega ao poder, há um contexto político onde nenhuma das elites nacionais conseguia se estabelecer como hegemônica e, portanto, orientar o projeto de nação no período pós 1930³⁴. O equilíbrio de poder entre as classes reforça, nesse sentido, a importância do aparato estatal naquela conjuntura, sobretudo diante do grande desafio que se colocava no cenário público desde o final da década de 1910: a questão das massas urbanas.

³³ É sempre importante ressaltar a luta empreendida pelo movimento operário no Brasil por melhores condições de trabalho no período anterior a chegada de Getúlio Vargas ao poder. Nas primeiras décadas da república, o movimento teve no léxico anarquista e comunista suas principais influências ideológicas. As demandas dessa época colocaram para o governo reivindicações que depois serão consolidadas por Vargas em seus aspectos mais elementares. Para uma melhor discussão do tema ver: JUNIOR, Theotônio. “O Movimento Operário no Brasil”. Revista Brasiliense, nº 39, pp. 100-118. 1962.

³⁴ Sobre o assunto ver WEFFORT, Francisco, O populismo na política brasileira e FAUSTO, Boris, A Revolução de 1930: história e historiografia.

Com a crescente urbanização e os avanços na organização dos trabalhadores, expressos nas greves gerais de 1917 e 1919, as reflexões sobre as formas de inclusão ganham o centro do debate público, mobilizando autores tão diversos como Oliveira Viana e Rui Barbosa.³⁵ A legitimidade estatal passava a depender do trato com as massas. Para mobilizar seu apoio, contudo, é necessário ao Estado ressignificar a questão social, até então tratada como questão de polícia. O fantasma de uma possível ruptura da ordem, através da conjunção entre oportunistas e classes populares, reorienta o tratamento destinado às massas na política nacional, seja através de ações práticas ou da retórica, mesmo que elas continuassem a ser fustigadas pelo braço repressor do Estado. O conflito entre empregados e patrões havia agitado o início do século XX no país, tendo primeiro o anarquismo e depois o comunismo alimentado os ideais da classe trabalhadora. Getúlio Vargas percebe bem a conjuntura e amparado nos conselhos de Antônio Carlos, adere a necessidade de “fazer a revolução antes que o povo a faça”, estratégia que o permitirá se firmar, mesmo após inúmeros desafios e instabilidades, no poder, promovendo um tipo de aliança inédito entre o Estado e o mundo do trabalho. A CLT é a certidão máxima desse pacto, que não só regulamentaria as relações no mercado de trabalho, mas também produziria forte impacto no imaginário coletivo sobre a constituição da cidadania na sociedade brasileira. Esse é o ponto que, nessa discussão, interessa a essa tese.

O Estado Novo emplacou não apenas um projeto de governo, mas uma ideia de reconstrução da nação e de seus cidadãos, como bem anunciado por Oliveira Vianna (1927). Este ideal foi assimilado e acalentado pela massa brasileira, recém chegada aos centros urbanos, que acreditava na sua inserção em uma sociedade garantidora de direitos e, sobretudo, nutria o sonho de ascensão social que o trabalho citadino poderia oferecer. Tratando desta conjuntura, Wanderley Guilherme dos Santos (1987) formulou o conceito de “cidadania regulada”, que resume bem qual era o projeto do Estado Novo para a população brasileira.

Por cidadania regulada entendo conceito de cidadania cujas raízes encontram-se, não em um código de valores políticos, mas em um sistema de estratificação ocupacional, e que, ademais, tal sistema de estratificação ocupacional é definido por norma legal. Em outras palavras, são cidadãos aqueles membros da comunidade que se encontram localizados em qualquer uma das ocupações reconhecidas e definidas em lei. A extensão da cidadania se faz, pois, via regulamentação de novas profissões e/ou ocupações, em primeiro lugar, e mediante ampliação do escopo dos direitos associados a estas profissões, antes que por expansão dos valores inerentes ao conceito de membro da comunidade. A cidadania está embutida na profissão e os direitos do cidadão restringem-se aos direitos do lugar que ocupa no processo produtivo, tal como reconhecido por lei. Tornam-se pré-cidadãos, assim, todos aqueles cuja ocupação a lei desconhece. (SANTOS, 1987:68).

³⁵ Sobre a preocupação dos autores com o tema ver BARBOSA, Rui, A questão social e política no Brasil e VIANA, Francisco José Oliveira, O idealismo da Constituição.

O protótipo desejável do cidadão do Estado Novo pressupunha um homem, chefe de família, pleno de suas condições físicas e, sobretudo, participante da população economicamente ativa na qualidade de trabalhador formal, integrado à legislação trabalhista instituída pelo governo. Este ideal de cidadão, durante todo o período 1930-1964, foi uma realidade inacessível a muitos brasileiros. O cumprimento de diversas leis trabalhistas – salário mínimo, férias remuneradas, oito horas de jornada laboral – sancionadas pelo Estado foi, por sua vez, raramente realizado em sua totalidade pelo patronato, que não apenas tardou a cumprir como muitas vezes ignorou vários dos preceitos legais (CARDOSO, 2010). O sucesso do projeto varguista, entretanto, se apoiou significativamente na maneira como a população brasileira o incorporou. A propaganda do Estado Novo conseguiu internalizar na mente do brasileiro a necessidade de se integrar ao governo para o alcance de melhores condições de vida, ou, em outros termos, para a sonhada aquisição da cidadania. Adalberto Cardoso (2010) descreve essa adesão nos termos de uma “utopia varguista”: “...se o processo de inclusão dos nacionais no universo desses direitos foi desigual e intermitente, por outro lado, a crença na possibilidade de inclusão na cidadania regulada parece ter sido universal.” (CARDOSO, 2010: 228)

Ângela Castro Gomes (1988), recorrendo a imagem de uma aliança³⁶ entre Estado e a classe trabalhadora, afirma que, anteriormente a 1930, já havia a figura do trabalhador brasileiro, mas que apenas após a Revolução há a vinculação do trabalhador à figura do cidadão. O projeto varguista, levado a cabo por figuras como Gustavo Capanema e Francisco Campos, recorria a essa formulação como maneira de vincular, e subjugar, as massas ao Estado. Os objetivos de Vargas de valorização do homem brasileiro e a consolidação de uma democracia social compunham, sem dúvida, um projeto político radicalmente diferente das políticas liberais vigentes ao longo da maior parte da Primeira República³⁷. A constituição de um Estado forte estava em clara dissonância ante as políticas liberalizantes de expansão do mercado. A legislação trabalhista é o maior sinal desta orientação seguida por Vargas, já que a CLT

³⁶ O principal argumento defendido por Ângela Castro Gomes (1988) pretende reinterpretar a relação estabelecida entre Estado e a classe trabalhadora, durante a era Vargas, como uma via de mão dupla, onde os dois elementos participam de maneira ativa de sua constituição. O que não é o mesmo que afirmar que os dois elementos usufruísem do mesmo nível de poder e influência na relação.

³⁷ Os últimos anos da Primeira República já trazem um fortalecimento do poder central e do Estado, o qual fora, por sua vez, já esboçado no governo de Hermes da Fonseca. Sobre o assunto ver FRANCO, Afonso Arinos de Melo, Um estadista da República: Afrânio de Melo Franco e o seu tempo.

sinalizava para o mercado que o Estado era soberano e tinha poder de regulamentar as relações mantidas na esfera econômica, definindo através do direito, e não por meio do mercado, o valor da força de trabalho³⁸.

O trabalhador era o elemento popular central para toda a concepção política idealizada pelo Estado Novo. A adesão da classe trabalhadora a este projeto não pode, todavia, ser compreendida como um movimento irrefletido da mesma, já que pela primeira vez no Brasil a questão social era tratada como tema central para o governo. O caminho para a consolidação da democracia social no país seria dado, nesse enredo, pela promoção da cidadania através da expansão do trabalho protegido pelo Estado.

O contrato de fundação do Estado estabelecia, dessa forma, uma relação pessoal (o que é diferente de individual) entre o chefe da nação, materializado na ‘pessoa moral’ do Presidente Vargas, e todo o povo ‘trabalhador’, entendido como uma ‘pessoa coletiva’. (...) O povo não eram todos indistintamente. Eram todos os que estavam dentro, os que estavam solidários entre si e com a autoridade. E a marca desta solidariedade era dada por um princípio jurídico-econômico e também moral. O povo eram os que trabalhavam, por distinção aos que estavam fora – os desempregados, os mendigos, os criminosos ou os subversivos, em suma, os marginais. Estes não recebiam e não retribuía, logo não se comunicavam e não era reconhecidos. (GOMES, 1988:251)

A regulamentação do mercado de trabalho através dos direitos trabalhistas definiria quem estava integrado à ordem cidadã brasileira, segundo a lógica do “quem tem ofício tem benefício”³⁹. Nessa dinâmica, quem estava fora do mercado de trabalho formal encontrava-se em um estágio social inferior, eram os “pré-cidadãos”, um conjunto heterogêneo que tinha na ausência de direitos o seu traço unificador. A centralidade do trabalho, visto como necessário à dignidade do homem é reforçada pelo repertório de construção de nação do Estado Novo, o qual, sem dúvida reverbera fortemente nas classes populares, mesmo que a sua realização seja uma quimera para a maioria dos seus membros. Como observado por Cardoso (2010), a crença na inclusão através da cidadania regulada foi antes uma promessa do que uma realidade de fato, mas, nem por isso, deixou de ter uma eficácia simbólica que é continuamente atualizada pelos brasileiros.

Ao definir a inclusão formal no mercado de trabalho como critério estruturante para o alcance da cidadania, o Estado brasileiro excluía do status de cidadão grande parte da população, que não usufruía dos direitos trabalhistas. Tal exclusão pode ser compreendida em termos menos dramáticos se levarmos em consideração a alta transitoriedade que marca as

³⁸ Sobre o tema ver VIANNA, Luiz Werneck, Liberalismo e Sindicato no Brasil.

³⁹ Ângela Castro Gomes (1988)

trajetórias ocupacionais dos brasileiros, que circulam entre a formalidade, a informalidade, o desemprego e a inatividade. A “utopia brasileira” era cumprida ao menos em parte da vida útil do indivíduo, o que avigorava ainda mais sua força. Há que se ressaltar, entretanto, que embora a esperança de conseguir a carteira assinada funcionasse como um amortecedor de frustrações, ela não alargava os critérios que definiam quais indivíduos pertenciam à casta de cidadãos brasileiros.

Jessé Souza (2004, 2003) discute as consequências da modernização periférica brasileira para a criação de subcategorias de indivíduos que valeriam menos em relação àqueles portadores das características “enobrecedoras ou equalizadoras objetivamente definidas por uma configuração valorativa histórica ou contingente qualquer”. A ordem social brasileira se organizaria, nesse sentido, de maneira em que os que nela se integram, mesmo que subalternamente, negam o reconhecimento dos excluídos pela mesma ordem como membros desta sociedade. O mendigo, o miserável e o desempregado são o refugio de uma dinâmica social, que mesmo em um dos seus princípios básicos de solidariedade não é capaz de reconhecer como iguais todos os partícipes daquele ordenamento⁴⁰. O “nascimento cívico” da cidadania brasileira, ancorada em ideais republicanos, é marcado por essa hierarquia que estratifica indivíduos de acordo com a sua inserção na estrutura ocupacional e, no limite, nega a inclusão de parte da população nesse parâmetro civilizacional. Para Jessé Souza, este seria o exemplo de uma sociedade que se moderniza de fora para dentro, incluindo determinados grupos e excluindo outros. “‘Dignos’ da proteção estatal vão ser os grupos e setores de trabalhadores que contribuem efetivamente para o esforço modernizador – antes de tudo, os trabalhadores qualificados e urbanos. A ‘disjunção’ operada socialmente entre os que são considerados seres humanos de primeira e de segunda qualidade recebe o selo do Estado” (SOUZA, 2004: 109).

A cidadania brasileira, portanto seria um instrumento do Estado para a incorporação seletiva ao ordenamento social, pois, uma vez fundada a partir de um princípio hierarquizador,

⁴⁰ Gabriel Feltran (2014) argumenta sobre a questão da alteridade radical que impede o reconhecimento do outro como igual. O autor mobiliza a imagem de inimigo público no Brasil, uma vez simbolizada para o malandro vadio e que, atualmente, se deslocaria para o marginal – indivíduo esvaziado de direitos e, no limite, de humanidade na sociedade.

subverteria os valores de igualdade estabelecidos em suas experiências ocidentais pioneiras⁴¹
42.

O problema está em outro lugar e diz respeito a uma história e a uma tradição que não abre lugar para o indivíduo se reconhecer como cidadão. E obstrui por isso mesmo uma intersubjetividade ou, como propõe Boaventura dos Santos, uma interlegalidade que articula contextos societários diversos por referência a valores publicamente reconhecidos dos direitos básicos de sujeitos individuais e coletivos. (Santos, 1999). Essa referência de uma igualdade prometida a todos, que alimenta a crença na capacidade da lei e de justiça em dirimir conflitos, impor limites de arbítrio das vontades privadas e garantir as reciprocidades que a noção de igualdade supõe, é o que não se constitui na sociedade brasileira. (TELLES, 1994: 238-239)

O jargão popular “estudar para ser alguém na vida” também pode ser lido dentro dessa chave. Onde para ser reconhecido como um alguém, membro respeitável da sociedade, é necessário um crivo institucional, no caso o diploma de ensino superior, para atestar o seu valor como cidadão. Esse é um sentimento que em parte impulsionou o projeto dos entrevistados, mas que também produziu incômodos e dissonâncias.

É necessário ressaltar que, à época da regulamentação e consolidação da CLT, a modernização brasileira não se fez calcada em mão de obra especializada. Grande número de trabalhadores alcançaram postos muito bem remunerados com pouca escolaridade, especialmente se considerarmos os parâmetros atuais. O diploma do ensino secundário era requisito de postos desejados até a década de 1970, como no caso da gerência do Banco do Brasil. Como aponta Adalberto Cardoso (2010), nesse período a educação era um ativo caro, que não fazia sentido para famílias numerosas cujos membros eram facilmente absorvidos por um mercado de trabalho em expansão. A ampliação do sistema educacional, mesmo que muito

⁴¹ Aqui cabem duas ressalvas. A primeira se refere à ideia de exclusividade dos problemas que a efetivação do ideal de cidadania enfrenta no Brasil. Os tempos atuais nos oferecem uma série de exemplos, que extravasam as fronteiras tupiniquins, de lutas por reconhecimento e efetivação de direitos de minorias e maiorias que respondem por diversos nomes: refugiados, imigrantes, negros, entre outros. A outra seria à referência a um modelo puro e “correto” do desenvolvimento da cidadania nos países ocidentais centrais, este um princípio de difícil defesa empírica, seja o parâmetro o caso francês ou o caso norte americano, por exemplo, onde a luta de imigrantes ou de cidadãos negros questiona severamente a condição de subcidadãos enfrentadas por tais grupos em suas respectivas nações. O exercício proposto é o de questionar como a cidadania, princípio pretensamente equalizador, já nasce como um produtor de clivagens no Brasil.

⁴² “O Estado anula, a seu modo, as diferenças de *nascimento, de status social, de cultura e de ocupação*, ao declarar o nascimento, o status social, a cultura e a ocupação do homem como *diferenças não políticas*, ao proclamar todo membro do povo, sem atender a estas diferenças, coparticipante da soberania popular em *base de igualdade*, ao abordar todos os elementos da vida real do povo do ponto de vista do Estado.” (MARX, p. 25:1991). Para uma discussão sobre as promessas da modernidade a partir de uma perspectiva crítica, além de Marx como referência obrigatória, ver também os trabalhos produzidos pela Escola de Frankfurt, como ADORNO, HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*.

lenta, aumenta a escolaridade dos brasileiros e produz, conseqüentemente, o fenômeno de inflação das credenciais. Ou seja, a inflação ocorre quando muitas pessoas alcançam determinado nível educacional e a credencial obtida perde o seu valor de distinção. Para o mesmo trabalho que em uma geração anterior se exigia o diploma secundário, passa-se a exigir o diploma de nível superior como requisito básico⁴³. Novamente, o caso da gerência do Banco do Brasil é um bom exemplo. Contudo, mesmo durante a modernização, os melhores postos, recompensados na estrutura ocupacional brasileira, continuavam reservados para os mais escolarizados. A modernização e o “milagre econômico” brasileiro consagram a inserção de mão de obra pouco escolarizada em trabalhos com baixo retorno econômico e social. Os períodos de crise econômica, vividos nas décadas de 1980 e 1990, desestabilizam esse padrão que, associado ao aumento dos níveis de escolaridade populacional, forçaram ainda mais o fechamento das posições mais vantajosas aos mais qualificados. Nesse momento, o investimento em educação torna-se mais evidente às classes populares, como requisito necessário para a inserção no mercado de trabalho.

Um último ponto, não menos importante, trata do imaginário coletivo mobilizado para a compreensão das trajetórias analisadas: a crença da mobilidade ascendente parece ganhar as massas, de forma mais intensa que em outras épocas, após 1930. Mais do que um desejo de melhorar de vida, mover-se para uma classe social superior é uma expectativa que ganha crescente força desde o processo de urbanização e industrialização do país e se coloca como um importante amortecedor antes às dificuldades do cotidiano, especialmente para os mais pobres (SCALON, 2004a).

O Brasil passou por um processo intenso de mudança da estrutura social, que se iniciou com a Revolução de 1930 e foi vivamente desdobrado nas décadas posteriores através do modelo desenvolvimentista. Dentre as várias mudanças ocorridas no território brasileiro neste período, os processos de urbanização e industrialização destacam-se por sua velocidade e abrangência. A crise do modelo exclusivo agrário exportador e a emergência da indústria aceleraram o processo de urbanização. Esse movimento, como já discutido, foi ainda

⁴³ A dinâmica da desigualdade educacional pode ser pensada através de diversos olhares. Destacam-se duas argumentações baseadas em pesquisas empíricas que são relevantes para a compreensão do caso brasileiro. A primeira seria a hipótese da desigualdade maximamente mantida, MMI, a qual nos informa que somente quando as classes privilegiadas da população atingem níveis de saturação em determinado nível educacional ocorre queda na desigualdade de acesso (RAFTERY e HOUT, 1993). Samuel Lucas (2001) argumenta sobre os efeitos da desigualdade educacionais medidas horizontalmente, ou seja, considerando indivíduos matriculados no mesmo nível. A desigualdade efetivamente mantida EMI nos diz que outros mecanismos para além do acesso, como o tipo de rede que o indivíduo se vincula, são importantes para a compreensão da queda da desigualdade.

impulsionado pela promessa da obtenção de direitos trabalhistas. Segundo Adalberto Cardoso (2008), “Em 1940, aproximadamente dois terços dos brasileiros viviam no campo, e o restante, nas cidades. Quarenta anos depois, a equação se inverte, com dois terços vivendo nas cidades” (CARDOSO, 2008: 574). O processo de industrialização representou uma janela de oportunidades para indivíduos acostumados às agruras da vida no campo. A integração do migrante do mundo rural nessa sociedade foi feita de forma subalterna, sendo a maioria alçada a postos de trabalhos manuais não qualificados, ou seja, fora da indústria moderna que motivava tantos sonhos. Contudo, as histórias de sucesso, mesmo que de pequena monta se descritas em termos percentuais, representavam em termos absolutos um grande contingente de pessoas. Segundo Carlos Antônio Costa Ribeiro “Como há muitos filhos de trabalhadores rurais, o percentual de 1,1% que obteve mobilidade até o topo corresponde a grande número de pessoas – 16% da classe de profissionais altamente qualificados (RIBEIRO, 2007:61).”

É verdade, por um lado, que o desejo de melhorar de vida não é uma boa medida para distinguir diferentes populações. A intensidade e as formas de realização desse desejo, todavia, são modulados de acordo com a experiência histórica de cada nação. No Brasil, país tantas vezes descrito como um dos mais desiguais do mundo, o projeto da massa assalariada de melhorar de vida, conquistando posições mais vantajosas na estratificação social parece assentado em expectativas difíceis de se concretizarem. Tais expectativas, contudo, não estão fundadas somente nos devaneios dos mais pobres, confiantes em um futuro mais promissor. A esperança encontra respaldo histórico no intenso processo de modernização brasileiro que retirou milhares de trabalhadores no campo⁴⁴. Como Carlos Antônio Costa Ribeiro (2007) expõe: o processo de industrialização é prenhe de oportunidades de ascensão social. O movimento em massa de trabalhadores egressos do meio rural rumo às cidades resultou em níveis de mobilidade estrutural nunca antes vistos. “Enquanto algumas classes de origem estão diminuindo, outras de destino estão aumentando, o que leva obrigatoriamente a mobilidade,

⁴⁴ “A comparação das distribuições de origem e destino fornece informação inicial sobre as mudanças intergeracionais na estrutura de classes brasileira em cada um dos quatro anos analisados (1973, 1982, 1988 e 1996). A mudança mais significativa é o rápido declínio das classes rurais, que se expressa no enorme contingente de homens com origens rurais e no reduzido porcentual com destino nesse setor. Em 1973, sete em cada dez homens entre 25 e 64 anos no mercado de trabalho eram filhos de trabalhadores rurais ou pequenos proprietários rurais; em 1996, a proporção diminuiu para cinco em cada dez. Em contrapartida, em 1973, apenas três em cada dez homens trabalhavam no setor rural e, em 1996, somente dois em cada dez ocupavam-se no campo. Esse declínio intergeracional no setor rural é constante ao longo dos quatro anos estudados, embora tenha sido mais acentuado até 1982 e diminuído daí em diante. Na distribuição de destino, observou-se um declínio de 28% na população que trabalhava no setor rural entre 1973 e 1982. Entre 1982 e 1988, e entre 1988 e 1996, houve desaceleração da diminuição do trabalho rural que foi da ordem de 6% e 7%, respectivamente.” (RIBEIRO, 2007: 164)

que é chamada de estrutural por ser provocada pela mudança entre geração dos pais e a dos filhos na estrutura de classes ou ocupacional.” (RIBEIRO, 2007: 155). No caso, a classe que diminuiu vertiginosamente estava concentrada na base da pirâmide ocupacional brasileira. Os efeitos da mobilidade estrutural não foram, contudo, sentidos com igual força nos padrões de associação entre classe de origem e classe de destino. Mesmo ocupados nas cidades em empregos precários, os novos trabalhadores urbanos conquistaram melhores condições de vida em relação à geração anterior radicada no campo.

Ante a uma sociedade extremamente desigual, os brasileiros não apenas legitimam esta ordem, mas, sobretudo, creem na possibilidade de melhorar de vida através da mobilidade social⁴⁵. Esta crença remonta ao período da modernização, personificado no exemplo de diversos conhecidos, familiares próximos ou distantes, que “deram certo na vida”. Mesmo que os membros da classe trabalhadora não possuam os ativos necessários, ou, na linguagem bourdesiana, o estoque de capital material e simbólico, que os permitiria conquistar as posições mais recompensadoras, eles legitimam valores como a meritocracia enquanto ordenadores do meio social. Nesta perspectiva, os que estão no topo e estudaram merecem altos salários, pois se esforçaram e são merecedores dessa distinção (SCALON, 2004a). Todos podem melhorar, basta se esforçar. Segundo tal lógica, o que irá determinar as chances de ascensão é a intensidade do investimento aplicado, especialmente no que se refere à qualificação educacional, logo, toda sorte de desvantagens sociais parece ser facilmente vencida pela vontade e pelo empenho pessoal.

A propriedade do sistema educacional de funcionar como reproduzidor das desigualdades sociais já está largamente documentada. A eficácia de sua legitimidade, entretanto, continua a atrair a esperança daqueles que querem subir de vida, ou, ao menos, ver os filhos percorrendo tal caminho. A aposta dos mais pobres na educação como mecanismo de ascensão social é reforçada pelos impedimentos sofridos por quem não possui as credenciais necessárias ao exercício das ocupações mais vantajosas social e economicamente (BARBOSA, 2014). Salvo os talentos artísticos e o raro sucesso dos empreendedores, a classe popular muitas vezes precisa enfrentar o sistema educacional para poder se credenciar às ocupações que rebaixam o saber prático em função do título. Nas entrevistas, há relatos que identificam as limitações dos trabalhadores sem qualificações. Na percepção dos entrevistados, sobretudo tomando como

⁴⁵ O Livro “Imagens da Desigualdade”, organizado pela Prof.^a Dr.^a Celi Scalon é composto por uma coletânea de artigos que discutem às percepções de desigualdade dos brasileiros a partir dos dados do survey “Percepção de Desigualdades” fruto de pesquisa realizada no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro no período entre 2000 e 2002.

referência a experiência vivida pelos pais, destaca-se o preconceito e certa injustiça na dinâmica credencialista, que não valoriza o saber prático. É o caso do pai pedreiro que ‘manja’ tudo de obra, mas que nunca recebeu o mesmo valor dos engenheiros, ou da mãe que desejava trabalhar na área da saúde, mas que sempre estava atrás quando o assunto era a formação requerida.

Concluindo o capítulo, é necessário relacionar as características institucionais e culturais apresentadas com o contexto vivenciado por aqueles cujas percepções sobre a própria trajetória são protagonistas desta análise. A maioria dos entrevistados concluiu o ensino médio no final da década de 1990 e início dos anos 2000. Momento em que o ensino secundário aumentava sua taxa de matrícula no país e o ensino superior, mais especificamente em 2005, era palco de uma série de políticas visando sua expansão e democratização. Ou seja, os jovens adultos pesquisados, em sua maioria, usufruíram de maiores oportunidades educacionais tanto no ensino médio quanto no ensino superior. Como já dito, se mais pessoas possuem determinada qualificação educacional segue-se uma desvalorização da mesma. O diploma do ensino médio não é visto pelos entrevistados como suficiente para conquistar a boa vida que desejavam, era preciso se diferenciar a partir do curso superior.

Em contrapartida, o baixo desempenho do mercado de trabalho quanto à geração de empregos havia traumatizado a população nos anos de 1990. Após a consolidação das eleições diretas e da estabilidade macroeconômica, o desafio que se apresentava para a nação era fazer novamente sua economia crescer e ser capaz de gerar empregos. O remédio para o desemprego, contudo, parecia ser, ao longo da década de 1990, responsabilidade do próprio trabalhador, que precisava se reciclar e aprender novas habilidades para se adequar às novas demandas do mercado. A segunda metade da década de 2000 marca o retorno do crescimento da economia e, conseqüentemente, o aumento de novos postos de trabalho. Em muitos relatos, a necessidade de se preparar para uma melhor inserção no mercado é diversas vezes expressada. Com temporalidades distintas, os entrevistados perceberam que para mudar de vida era necessário investir em uma formação educacional mais longa.

Finalmente, os exemplos dos pais, em muitos casos trabalhadores engendrados em ocupações de baixo retorno, serviram muitas vezes de estímulo e aviso quanto aos limites sociais enfrentados por quem não possui as qualificações requeridas pelo mercado. O apoio direto dos pais ou a simples observância do entorno foi comunicada pelos entrevistados como sinal da integração precária que determinados trabalhadores ou indivíduos obtinham na sociedade brasileira. Dessa forma, se por um lado os retornos materiais vislumbrados pelo

exercício de uma profissão de nível superior pareciam uma aposta segura, por outro, diferentes determinantes, como a vivência da plena cidadania, também orientavam os planos ascensionais dos entrevistados. A interpretação dos sentidos atribuídos ao diploma de ensino superior é, portanto, construída através de duas chaves não excludentes entre si: as relações do estudo com as expectativas pelos retornos materiais e a visão da educação como caminho para “ser alguém na vida”. O próximo capítulo articula esse argumento ao material empírico que informa as análises feitas na presente tese.

2 NARRATIVAS SOBRE O SENTIDO DO DIPLOMA DE ENSINO SUPERIOR.

Contar uma história envolve a exposição de fatos e afetos, que são percebidos pelo narrador como elementos adequados para formar um conjunto coerente, capaz de transmitir os sentidos desejados. O ato de narrar expõe, desse modo, elementos valiosos para melhor compreender o sujeito que narra e o contexto no qual ele se insere.

A análise dos aspectos socioculturais que compõem uma narrativa permite ao sociólogo trabalhar temas que estão no cerne da própria disciplina: como a clássica relação entre sociedade e indivíduo, a socialização e a reflexividade da ação. Neste capítulo, tais questões aparecerão não para serem tratadas de maneira exaustiva dentro de uma reflexão puramente teórica, mas para compor a análise do material empírico que norteia as discussões desta tese. Nesse sentido, os relatos tanto evidenciam experiências individuais, irredutíveis à biografia de cada um dos entrevistados, quanto explicitam expressões de um repertório coletivo que atravessa as experiências pessoais. O modo como cada entrevistado narrou a própria trajetória é relevante tanto para compreendermos a importância que a formação universitária possui para a sociedade brasileira, quanto para explicitarmos o papel da educação dentro do processo de socialização e individuação, presente em cada trajetória.

O capítulo se organiza da seguinte maneira: a primeira parte é dedicada a uma revisão do conceito de narrativa e da sua recepção pelas Ciências Sociais, a segunda seção expõe a análise do material empírico e disserta sobre os tipos de narrativas construídos a partir das modulações percebidas nos relatos colhidos e, finalmente, a última sessão relaciona as tipologias construídas aos dois principais sentidos atribuídos ao diploma universitário pelos entrevistados.

2.1 Sobre o conceito de narrativa e o seu uso para as Ciências Sociais.

Os entrevistados foram induzidos a relatarem sua trajetória respondendo a questões que buscavam compreender, dentre outros aspectos: o processo de escolarização desde os primeiros anos, a relação da família com a educação, a importância dos laços sociais (vínculos fraternais, parentais e profissionais), as vivências de trabalho e lazer na infância e adolescência, a entrada

na universidade, a experiência universitária, a formatura e a entrada no mercado de trabalho e, por fim, o sentido que a formação universitária possui na vida de cada uma dessas pessoas.

No decorrer da pesquisa de campo, observou-se a ocorrência de diferentes ‘estilos’⁴⁶, através dos quais as histórias eram contadas. Embora obviamente essa diferença estivesse em parte vinculada à diversidade das personalidades encontradas, alguns aspectos da trajetória dos entrevistados forneceram evidências de temas que podem ser tratados a partir da lente sociológica. Os distintos modelos de narrativa surgiram apesar do direcionamento do roteiro de perguntas e também da seleção dos entrevistados, que se preocupou em reunir pessoas com características semelhantes e que pudessem ser classificadas, segundo alguns critérios, como pertencentes a famílias da classe trabalhadora.

Tais diferentes modos de contar a história de vida foram reunidos em três tipologias: narrativas que caracterizam a entrada na universidade como um “caminho natural”, narrativas que retratam a entrada na universidade como um “caminho desejado, mas não natural” e, finalmente, narrativas que percebem a entrada na universidade como um “caminho inesperado”, quase um acidente de trajetória. Evidentemente, a realidade sempre extravasa as tentativas de classificação, o que implica em dizer que há elementos dos diferentes tipos de narrativas presentes em um mesmo relato. A construção das tipologias, contudo, prezou por evidenciar o principal estilo do relato, valendo-se da identificação de expressões (aspecto gramatical), estilos de narrações, emoções e demais aspectos relevantes. Antes de apresentá-las, cabe, todavia, aprofundar o argumento que aponta esse tipo de análise como relevante para a proposta deste trabalho.

Em qualquer narrativa há uma intenção, por parte de quem narra e, por que não, uma tentação, por parte de quem a recebe, de assumir o que se apresenta como uma ordem necessária dos fatos. A transmissão de um relato, ou seja, o encadeamento de fatos que se desenvolve de maneira a acionar outros acontecimentos, está implicado de sentidos que buscam o entendimento dos receptores a que são endereçados. A aparente ordem não nos revela de imediato, entretanto, a seleção, consciente ou inconsciente, dos eventos que serão narrados, assim como o encadeamento arbitrário a que os mesmos estão submetidos, para conferir uma uniformidade ao que existe como desordem na realidade.

⁴⁶ Modos de estruturar a narrativa, expressões de emoções, uso de diferentes entonações, duração da entrevista, escolha das palavras, expressões, etc. A ideia de estilo não deve ser vista como simples idiossincrasia dos indivíduos, mas enquanto maneira de apreender e se relacionar com a realidade social. Embora com preocupações diversas, é possível vincular o termo ao conceito de “estilo de pensamento”, que Karl Mannheim desenvolve em seu clássico ensaio sobre o pensamento conservador (Mannheim, 1959).

O argumento que está implícito na última sentença é devedor da fina e complexa análise desenvolvida em extensos trabalhos - como nos três tomos que integram sua discussão em “Tempo e Narrativa” - pelo filósofo Paul Ricoeur: “...O tecer da intriga foi definido, no plano mais formal, como um dinamismo integrador, que tira uma história una e completa de um diverso de incidentes, ou seja, transforma esse diverso em uma história una e completa (RICOEUR, 1995: 16).

De forma sucinta, é possível dizer que as reflexões de Ricoeur sobre o tempo são motivadas por suas concordâncias e discordâncias ante a construção heideggeriana acerca do mesmo tema. A ideia do tempo como algo puramente abstrato, simples ‘lugar’ onde ocorreriam os fatos, é uma noção que será desconstruída por Heidegger através de sua reflexão filosófica sobre a temporalidade como existência e não como uma simples abstração que se organizaria em medidas similares. A experiência do tempo como uma existência, por sua vez, é fortemente determinada, na perspectiva do filósofo alemão, pela finitude da vida individual. A certeza da morte coloca para o indivíduo um ponto intransponível, que influenciará de modo decisivo o sentido das experiências que ele vive.

A percepção do tempo como uma experiência humana, e não como uma abstração metafísica, também está presente na filosofia de Ricoeur. A narrativa, entretanto, é a saída crítica do autor ante a perspectiva individualista sobre o tempo, construída por Heidegger. Permitir um olhar para o tempo que não se limite ao indivíduo - ou seja, superar a limitação da experiência temporal tão circunscrita na ideia da morte - é a função da narrativa na filosofia de Ricoeur. Ela é a via pela qual o indivíduo ultrapassa a sua própria experiência através da construção de um tempo público. A presença de um tempo público no ato de narrar traz uma ideia de interação, já que tal fato obriga o sujeito a sair dele mesmo para se fazer compreender a um outro. As formas narrativas são também estruturas sociais, que decorrem da interação inerente às redes de sociabilidade dos indivíduos e ao tempo no qual eles realizam suas ações. O tempo público é o tempo do estar com o outro.

Se a narrativa é preta de sentido a ser transmitido, isto só ocorre porque o encadeamento que une os eventos narrados confere à história uma estrutura inteligível. O enredo - *plot* - representa, portanto a estrutura de uma história. “By plot I mean the intelligible whole that governs a succession of events in any story” (RICOEUR, 1980: 171). A vinculação entre enredo e tempo público é significativa e nos interessa especificamente, pois ela permite articular o repertório sociocultural e a dinâmica intersubjetiva, presentes na maneira como os

indivíduos relatam sua própria experiência. “Narrar é dizer quem fez o que, por que e como, estendendo no tempo a conexão entre esses pontos de vista.” (RICOUER, 2014: 153).

A ênfase na temporalidade da experiência é outra contribuição importante da leitura de Ricoeur, que será útil para pensarmos a narrativa não apenas como representação, mas enquanto um mecanismo de construção da realidade. O tempo não pode ser percebido como uma sequência contínua do tempo presente, mas deve ser entendido como uma articulação dialética entre passado, presente e futuro. Quando se narra um evento no presente, se atualiza o passado e antecipa o futuro, já que as perspectivas temporais são inseparáveis do processo de dotação de sentido à própria experiência. A prioridade da significação de uma experiência não é, ademais, dada apenas pelo passado, mas tem no futuro, no horizonte de expectativas do indivíduo e dos grupos sociais, elemento central. Se, por um lado, as experiências pregressas determinam o sentido do presente e condicionam o futuro, o próprio futuro também determina as feições do passado⁴⁷.

O ato de narrar não pode ser assumido como aquele que constitui a todo instante a própria experiência, pois tanto há uma temporalidade múltipla presente na narrativa quanto uma direta influência dos eventos vividos sobre a forma de compreendê-los e ordená-los. Por outro lado, também não se assume a cronologia como senhora da experiência, onde só podemos narrar o que de fato foi vivido, já que há uma inevitável distância entre a experiência e a reflexão que a retoma.

O ponto central dos defensores dos estudos das narrativas dentro das ciências sociais, assim como nas demais humanidades, se funda no argumento de que narrativas não são apenas representações, mas construções de mundo. Ou seja, abandona-se a perspectiva do uso da narrativa como representação em favor de um olhar que a toma como condição ontológica da vida social. (RICOUER 1995, 1980, SOMERS 1994, POLLETTA et ali, 2011, FRANZOSI, 1998)

A linguística, área por excelência dos estudos sobre a linguagem, não pode ser ignorada em uma abordagem que pretende ressaltar um tipo de discurso, a narrativa, como importante para compreensão dos sentidos que os atores conferem às suas próprias ações. Em que pese a ampla relevância assumida pela linguagem nos mais diversos terrenos das humanidades, como a História, a Sociologia, o Direito e Filosofia – no que se convencionou chamar de “virada linguística” (“*linguistic turn*” ou “*narrative turn*”) – os campos da linguística permanecem sem

⁴⁷ Sobre a reconstrução e maleabilidade do passado consonante com a perspectiva apresentada ver: BERGER, Peter. (1986)

dúvida centrais para as reflexões sobre o discurso (POLLETTA et ali, 2011). Há que se ressaltar, entretanto, que o terreno proposto pela linguística aplicada, nesse caso a sociolinguística, tem feições distintas do anteriormente esboçado com Ricouer e dialoga com a sociologia a partir de outro campo. Enquanto Ricouer contribui com conceitos que permitem desenvolver um olhar sociológico mais elaborado para as narrativas, a sociolinguística colabora sobretudo com procedimentos que, com um necessário esforço de tradução, podem sofisticar o trato dos sociólogos com o discurso.

O trabalho seminal de Willian Labov e Joshua Waletzky (1967) é uma referência para os estudos de sociolinguística. A contribuição destes autores possui, obviamente, uma perspectiva análise própria a esse importante campo científico, que, sobretudo, pretende investigar as competências linguísticas dos atores e suas consequências. Embora esta tese não intencione realizar análises dos relatos de vida obtidos aos moldes da linguística, alguns conceitos utilizados pelos especialistas dessa área são importantes ferramentas para a discussão que se apresenta e ajudam a explicitar as potencialidades desse tipo de análise para trabalhos semelhantes. “We defined narrative as one method of recapitulating past experience by matching a verbal sequence of clauses to the sequence of events which (it is inferred) actually occurred.” (LABOV, 1972: 359-60)

Retomando a definição de Labov (1972) há elementos mínimos que são centrais para caracterizar o relato de uma sequencia de fatos como sendo de natureza narrativa. Definidas como recapitulações de experiências **passadas**, as ações ou os eventos, são o elemento básico de uma narrativa. Sintaxamente, elas são representadas por *narratives clauses*: “It is characteristic of a narrative clause that it cannot be displaced across a temporal juncture without a change in the temporal sequence of the original semantic interpretation (LABOV, WALETSKY, 1967:27)⁴⁸”. Dessa forma, a marca temporal pretérita e a ordenação dos fatos através de sentenças independentes - ou seja, aquelas que ao relatarem o que aconteceu no passado não podem sofrer alterações na ordem de sua apresentação, sob pena de mudança na interpretação do evento – são características básicas deste tipo de discurso. Esse conjunto de sentenças cumpre a função de responder a uma pergunta básica: “O que aconteceu, então?”, o que define na terminologia dos autores o “*complicating action*”.

⁴⁸ “É uma característica da cláusula narrativa sua impossibilidade de ser disposta ao longo de uma junção temporal sem uma na mudança na sequência temporal da interpretação semântica original (LABOV, WALETSKY, 1967:27)”

Ainda sobre a organização estrutural⁴⁹ das narrativas, Labov e Waletzky (1967) destacam a orientação e a coda. A orientação é responsável por transmitir informações contextuais, logo no início da comunicação, que são responsáveis por definir personagens da ação como o tempo (ou duração), o lugar da história e quem a desenvolve. A coda, por outro lado, sinaliza o fim do relato e tende a redirecionar o marco temporal da narrativa para o presente, sinalizando o fechamento do relato, o qual tem como função a prevenção da questão “o que aconteceu então?” Seguindo esse esquema, tomemos o seguinte exemplo:

- 1 – No verão de 2003, saiu a confirmação de minha aprovação no vestibular.
- 2 – As aulas se iniciaram no segundo semestre.
- 3 – Até a formatura, se passaram quatro anos e meio.
- 4 – Atualmente, trabalho na mesma área de formação.

Esta sequência de frases contém elementos que são coerentes com a estrutura organizacional de uma narrativa, tal como definida por Labov e Waletzky (1967). Orientação (contextualização), *narratives clauses* (o que aconteceu?) e a sinalização do fim (coda). Há ademais outro elemento de extrema importância, que está relacionado com a transmissão de significado. Retomemos o exemplo.

- 1 – No verão de 2003, saiu a confirmação de minha aprovação no vestibular.
- 2 – As aulas se iniciaram no segundo semestre.
- 3 – A espera pelo início das aulas parecia de décadas...
- 4 – Até a formatura, se passaram quatro anos e meio.
- 5 - Anos de muita descoberta, alegrias e sonhos.
- 6 – Atualmente, trabalho na mesma área de formação.

A introdução de frases livres como “anos de muita descoberta, alegrias, e sonhos” - que diferentemente das “*narratives clauses*” não estão subordinadas temporalmente à sequência dos eventos e que, portanto, podem mudar sua ordem de enunciação sem alteração semântica da narrativa - *ênfaticam*⁵⁰ a presença de uma importante função desse tipo de relato: “a função avaliativa”. É justamente nessa faceta de uma narrativa, que pode ser capturada através da sintaxe, da semântica e de outros elementos da fala, onde reside o maior interesse desse trabalho. A diferença entre os dois exemplos está na introdução de frases que buscam transmitir

⁴⁹ O modelo apresentado seria o esquema de uma organização estrutural básica de uma narrativa. Labov (1972) oferece um exemplo mais complexo de estrutura que incluem outros elementos. Contudo, a exposição do esquema básico de estrutura contempla os elementos mais importantes para o nosso objetivo.

⁵⁰ O destaque para o verbo enfatizar na sentença pretende esclarecer que a função avaliativa não depende da introdução no relato de “*free clauses*”. Os estudos linguísticos afirmam que a função avaliativa pode estar presente em todos os elementos estruturais da narrativa. Para um sociólogo, a intencionalidade avaliativa de qualquer discurso é um pressuposto.

explicitamente ao ouvinte (leitor) o significado que o evento “cursar a faculdade” possui para o narrador. Em todos os relatos que compõem o material empírico analisado nesta tese, o desenvolvimento dos eventos está envolto por um enredo tal como já assinalado pela definição de Ricouer. O enredo é o elemento que organiza essa sequência de eventos dentro de um contexto específico, o qual irá conferir coerência à história que está sendo contada. É através desse entrelaçamento entre fatos, contexto e sentido a ser transmitido que se fazem presentes não só os elementos de um repertório público, mas também a presença da interação social, materializada na figura do receptor do relato.

Em consonância com essa perspectiva, Charlotte Linde (1986)⁵¹ afirma que as potencialidades da análise de narrativas para as ciências sociais não estão em fornecer evidências sobre a realidade dos fatos, o que não implica obviamente em tomar as narrativas como meras ficções, mas justamente em perceber através das estruturas de significação impostas aos fatos narrados o que tais acontecimentos significam para as pessoas que o vivenciaram. Qual o sentido da ação? Como as pessoas entendem esses fatos?⁵² Franzosi (1998) reforça que a função avaliativa de um discurso além nos informar o sentido que ações possuem para o narrador também nos fornece informações sobre porque uma sequência específica de ações é encadeada de determinada maneira. De posse dessas perspectivas, os relatos de vida foram analisados com o objetivo de compreender os sentidos do diploma universitário para a vida das pessoas investigadas.

2.1.1 Tipos de Narrativas

A narrativa - entendida como um encadeamento de eventos passados em uma ordem aparentemente necessária - é um tipo de discurso que nos fornece uma sequência de informações sobre o narrador e a relação que ele estabelece com o seu receptor. Segundo Verena Alberti (2012) as narrativas:

...documentam como o entrevistado, ou a entrevistada, quer ser visto(a), ou o que ele(a) quer falar para nós. Documentam também a relação de entrevista, que se estabelece entre nós, os entrevistadores, e eles(as), os(as) entrevistados(as).

⁵¹ Além da função avaliativa, Charlotte Linde (1986) se propôs analisar as manifestações no discurso popular de sistemas peritos, como a teoria freudiana, numa dinâmica semelhante à dupla hermenêutica giddesiana. Essa manifestação presente nos discursos leigos é intitulada de “*explanatory systems*”.

⁵² A pesquisa qualitativa, em seus diversos estilos, é o tratamento metodológico adequado para questões de pesquisa dessa natureza. Há diversos trabalhos que procuraram esclarecer dúvidas e melhor orientar pesquisadores na escolha e no correto manejo de dados qualitativos. Para aprofundamento dessa questão ver: (Small, 2010; Alberti, 2012 ; Bertaux, 1980)

Documentam ainda a narrativa se constituindo. É no momento da entrevista que o diverso, o irregular e o acidental entram numa ordem, dada pelo entrevistado e pela presença ou pela ação dos entrevistadores. (ALBERTI, 2012: 164)

Todos os processos acima citados importam para as análises que se seguirão. O relato obtido na entrevista pode, e deve, ser compreendido a partir de várias perspectivas, seja como um produto construído a partir do entendimento que o ator faz da situação (GOFFMAN, 2011), enquanto resultado de incorporações de *habitus* de classe (BOURDIEU, 2007), como consequência de uma socialização plural intrínseca à modernidade e à vida nas metrópoles (LAHIRE, 2002; SIMMEL, 1973), ou como expressão de repertórios culturais mais amplos. Esses muitos instrumentos construídos pela tradição sociológica permitem perceber a complexidade que subjaz a essa expressão.

O entrevistado, através de processos conscientes e inconscientes, entrega um autorretrato que ele considera como o mais apropriado para aquele contexto. Os vinte e cinco “retratos” analisados nessa tese se constituíram apenas porque os entrevistados foram instados a responderem questões sobre o seu passado, a refletirem sobre suas escolhas, opiniões e sobre os significados que conferem às suas ações no momento da entrevista. Nesta dinâmica, os contadores de sua própria história de vida justificam⁵³ (*account*) seus comportamentos – como encontrado no clássico estudo realizado por Scott e Lyman (2008).

Por sua vez, sabemos que tais narrativas apenas tomam o formato que possuem porque os atores consideram em sua elaboração quem irá recebê-las. Os relatos de experiências de vida produzidas no contexto de uma entrevista de história oral, com um recorte temático como nos casos de ascensão estudados, são fortemente modulados pela figura da entrevistadora. O sentido da ascensão para as pessoas estudadas nessa tese pode sofrer variações se apresentado em diferentes situações para diferentes ouvintes. Pode-se enfatizar o sentido da ascensão vinculado a um aspecto comunitário, “subir na vida para ajudar os próximos”, se esse movimento é justificado aos pais membros da classe trabalhadora. O mérito, por sua vez, pode ser destacado, caso a plateia seja composta por colegas de trabalho: “só melhora de vida quem de fato merece”.

⁵³ “Um *account* é um dispositivo linguístico empregado sempre que se sujeita uma ação a uma indagação valorativa.” [...] Um *account* mantém familiaridade com o componente verbal de um “motivo”, no sentido weberiano do termo. Weber (1947, pp. 98-99) define motivo como “um complexo de significados subjetivos que parece ao próprio ator ou ao observador uma sustentação adequada à conduta em questão”. Seguindo a definição de Weber, e com base na psicologia social de George Herbert Mead e no trabalho de Kenneth Burke, C. Wright Mills (1940, pp. 904-913) foi um dos primeiros a empregar a noção de *accounts*. A filosofia britânica contemporânea, seguindo as indicações de Ludwig Wittgenstein, (aparentemente) desenvolveu de modo independente a ideia de um “vocabulário de motivos”. Um caso exemplar é Peter (1958).” (SCOTT, LYMAN 2008: 140)

Dentre outros exemplos. Diferentes sentidos, como frequentemente aparecem, podem também ser mesclados em um mesmo relato.

A interação não usual a que os participantes dessa pesquisa se submeteram certamente afetou a imagem que eles desejaram transmitir com suas histórias. Uma pesquisadora que almeja o doutoramento estimula expectativas que podem mobilizar ideias de sucesso, indiferença, fracasso e descontentamento. Como os entrevistados, já no primeiro contato, eram informados que a pesquisa se tratava sobre egressos do ensino superior oriundos de camadas populares, o sucesso da trajetória escolar desse grupo encontrava um espelho, com múltiplas distorções, no sucesso da trajetória escolar da pesquisadora, indicado para eles por seu status de doutoranda. Por mais que alguns, poucos, manifestassem críticas à cultura acadêmica, a identificação da pesquisadora parece ter transmitido uma ideia de expertise quanto à vida universitária. Desse ponto de vista, a eles era apresentada uma pessoa “bem sucedida” no campo que seria abordado como um habitat pouco favorável à entrada de pessoas como as mesmas condições socioeconômicas pelas as quais haviam sido socializados. Naquela interação, portanto, eles estariam em contato com alguém que conseguiu vencer várias etapas dentro da universidade e que, teoricamente, dado sua longa permanência nesse ambiente, valorizava aquele *métier*.

Se o doutorado transmitia, de um lado, uma ideia de sucesso, mesmo que apenas identificado socialmente como tal, mas não valorizado por alguns deles, a figura de uma mulher, jovem, vestida de maneira “simples”, que não sinalizava através de objetos marcas de sucesso material - acessórios caros, celulares modernos, essas pequenezas tão importantes para a imagem pessoal -, procurava transmitir outros sinais. Além da imagem “simples”, que talvez tenha sido decodificada como típica de uma estudante da área de humanas, era informado, em diferentes momentos da interação, que a pesquisadora também tinha uma origem popular, sem que esse fato fosse explorado ou amplamente exposto. Essa informação era dada não apenas como uma forma de ganhar a “confiança” dos entrevistados, mas também para que qualquer comentário ou questão que buscava mostrar o entendimento de situações vividas por jovens pobres dentro da universidade não fosse recebido como algo falso ou forçoso. Essas informações, em certa medida, influenciam as justificações, as ênfases, enfim, influenciam a escolha do enredo que estruturou a narrativa de cada entrevistado.

O tema da enquete, por sua vez, também foi um importante catalizador para os participantes. No caso, o convite para a entrevista já enunciava que se tratava, em linhas gerais, de uma pesquisa sobre indivíduos oriundos de camadas populares, formados no ensino superior

e que representassem a primeira geração da família, ao menos nuclear, a se graduar em tal nível. Nenhum dos entrevistados pediu maiores detalhes sobre o tema. Todos, de antemão, já tinham uma ideia do que seria perguntado e, muitas vezes, já queriam iniciar a entrevista com a descrição de suas experiências com os vestibulares prestados. Alguns pareciam encarar o momento como um reconhecimento público do grande esforço que fizeram para se formar no ensino superior. Outros, além do sentimento do mérito reconhecido, percebiam a entrevista como uma oportunidade de denúncia, de discussão pública do tema ou como uma possibilidade de contribuir de alguma forma para o acesso à universidade de mais jovens de camadas populares. Por tais razões, mesmo que as questões colocadas buscassem diversificar os caminhos pelos quais se poderia responder à pergunta motivadora dessa pesquisa - que seria entender o sentido da ascensão social através da educação superior pelos olhos do público em foco - as narrativas pareciam se organizar em torno da entrada da universidade. Obviamente, todas as informações dadas previamente às entrevistas e a natureza das perguntas postas confirmavam as expectativas dos entrevistados - mesmo que estes fossem inicialmente surpreendidos, por exemplo, por perguntas que remetiam a infância. Em outras palavras, a história que foi contada parecia se organizar através de um eixo que se apoiaria no modo como a universidade fazia ou não parte das expectativas de cada um. A partir desse entendimento, e apoiada na argumentação exposta acima, três tipos de narrativas foram construídos.

As tipologias “era um caminho natural”, “era um caminho desejado, mas não natural” e “era um caminho inesperado” procuram transmitir o principal estilo de cada entrevista, ou seja, as formas de estruturação de narrativas que podem ser expostas, de forma aproximada, por esses três modelos. Seria forçoso - e, sobretudo, incorreto - afirmar que tais tipos contemplam todas as falas dos entrevistados, até mesmo pela natureza fragmentada do discurso entrecortado por perguntas e reações da pesquisadora. Como já colocado, tipificações se fazem sobre certo exagero de traços, as quais, por isso, não pretendem uma representação “fiel” ou universal da realidade, mas a expressão de um determinado olhar sobre ela⁵⁴.

Como instrumento de análise, a construção de tipos de narrativas serve tanto para reforçar o argumento de que estas são mais do que simples representações, mas verdadeiros esforços de construção de mundos, quanto para não transformar histórias complexas de vida em modelos analíticos ambulantes. Tais construções estão circunscritas aos relatos produzidos

⁵⁴ Para Weber (2008), que recorre ao método, não há mesmo um real a ser descoberto, mas olhares acerca da realidade.

e não procuram caracterizar a plenitude do agir desses atores, de uma maneira ou de outra⁵⁵. As regularidades de perfis socioeconômicos, encontradas e discutidas, não pretendem, por sua vez, reduzir trajetórias complexas a velhos estereótipos de classe, que apontariam, erroneamente, para o esquema: se mais pobres logo menos adaptáveis e propícios a movimentos mais conservadores; caso ‘remediados’, mais adaptáveis e tendentes a movimentos mais sinuosos.

A maioria das falas transcritas na sessão abaixo traz a resposta dos entrevistados à pergunta sobre o momento que a universidade começou a ser considerada como uma possibilidade pelo entrevistado. Em alguns casos, esse conteúdo aparece bem desenvolvido em outros momentos da entrevista. Há também exemplos dessa situação. Trechos de respostas serão transcritos, e alguns destacados em negrito, com o intuito de realçar expressões e palavras chaves para o agrupamento dos relatos nos três tipos que se seguem.

2.1.1.1 “Era o caminho natural”

As histórias classificadas nesse tipo de narrativa apontam a entrada na universidade como uma progressão automática dos estudos, algo que já era esperado há muito tempo, e aparecia como um caminho natural.

O caminho natural rumo à educação, narrado por esses atores, também foi marcado por dificuldades e inseguranças próprias das famílias da classe trabalhadora, como a falta de dinheiro, a necessidade de trabalhar ou estagiar para ajudar no orçamento de casa, a renúncia de oportunidades por medo de possíveis instabilidades que isto poderia gerar, dentre outras. Nesse sentido, a ideia de natural não implica em facilidade do trajeto, mas em relativa segurança quanto ao lugar a ser alcançado: a universidade. Mesmo que essas dificuldades sejam pontuadas, a narrativa dos entrevistados tende a coloca-las em segundo plano. O grupo é diverso quanto às condições socioeconômicas das famílias dos entrevistados que o compõem, mas é possível apontar três casos (E5, E9 e E16) onde se percebeu o usufruto de uma situação econômica sensivelmente mais confortável do que os demais. Como conhecido, melhores condições socioeconômicas favoreceriam trajetórias educacionais longevas o que pode explicar

⁵⁵ Para uma discussão aprofundada sobre esse tópico ver: LAHIRE, B. Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais. São Paulo: Ed Artmed, 2004. ABBOTT, Andrew. What do cases do? Some notes on activity in sociological analysis. In: RAGIN, Charles; BECKER, Howard (Eds.). What is a case? Exploring the foundations of social inquiry. Cambridge University Press: New York, 1992.

a percepção de naturalidade quanto à formação de nível superior para parte desse grupo. A presença de outros entrevistados em tal tipologia cujas condições socioeconômicas eram mais frágeis apontaria, entretanto, para a influência de outros determinantes para a conformação do destino observado, e, principalmente, para a percepção que tais atores comunicaram sobre ele.

Como já mencionado, não há uma correspondência exata entre melhores ou piores condições socioeconômicas e a classificação dos entrevistados em determinado tipo de narrativa. Algumas regularidades, contudo, são notáveis e merecem um destaque argumentativo. Em média, aqueles que percebem a entrada na universidade como um “caminho natural” alcançaram esse objetivo mais cedo que os demais. A média de idade deste grupo para a aprovação no vestibular foi de 19,1 anos – enquanto que para os demais grupos as médias são, respectivamente, 21,4 e 22,1 anos. As mulheres são maioria nesse tipo de narrativa, assim como serão maioria na tipologia “era o caminho desejado, mas não natural”.

Há também um grande número de entrevistados com mães que trabalham como empregadas domésticas (diaristas ou regulares) ou sem remuneração, exclusivamente em suas residências como donas de casa. Em muitas entrevistas, por sua vez, a trajetória de vida da mãe é retratada como um exemplo a não ser seguido, especialmente no caso das entrevistadas que rejeitam o destino de casar, ter filhos e cuidar da casa. Por outro lado, muitos descrevem a mãe como a maior incentivadora para o prosseguimento dos estudos e a conquista de uma vida melhor⁵⁶. Em relação aos pais da maior parte dos entrevistados, as mulheres são menos escolarizadas do que os homens com os quais são casadas. Particularmente nesse grupo, todavia, a educação de pais e mães é semelhante, sendo que três pais e três mães interromperam os seus estudos durante o ensino fundamental, enquanto quatro pais e quatro mães estudaram para além do ensino fundamental, tendo alguns concluído o ensino secundário.

Quanto à ocupação, os pais deste grupo são os que possuem os melhores postos, levando em consideração informações do mercado de trabalho externas às entrevistas. São elas: autônomo (refrigeração), eletricista (SENAC), metalúrgico, bancário (imigrante ilegal EUA). Eles também estão entre os mais escolarizados. Mesmo que a tipologia de narrativa “era o caminho natural” agrupe casos com situações familiares distintas, é notável que parte das famílias pertencentes a esta tipologia são as que apresentam as melhores condições em termos de capital econômico e de capital cultural⁵⁷ (medido através da escolaridade dos pais) para os

⁵⁶ A questão de gênero está contemplada com mais detalhes no anexo “Os sentidos da ascensão e os papéis de gênero”.

⁵⁷ “Considerando os níveis educacionais completos, em 1995, quando a média de anos de estudo da população como um todo já era de 5,2 anos, 78,4% não possuíam nenhum nível de ensino completo, 9,6% tinham o ensino fundamental completo, 8,8% o ensino médio completo e 3,3% o ensino superior completo. Embora a variação da

filhos. Nesta análise, não se pode, e não se deseja, assumir determinadas características como causa de determinado certo comportamento. Contudo, parece haver, corroborando a extensa literatura⁵⁸ existente sobre sucesso escolar de camadas populares, uma relação entre melhores condições socioeconômicas e a progressão educacional bem-sucedida, a qual, nos casos estudados, é percebida como natural, sem maiores ameaças pelos contratempos usuais das camadas menos favorecidas.

Tabela 7 – Escolaridade e ocupação do pai e da mãe dos entrevistados agrupados na tipologia 1 – “era o caminho natural”*

	Sexo	Escolaridade do Pai	Escolaridade da Mãe	Ocupação do Pai	Ocupação da Mãe
E5	F	EM técnico	EM incompleto	Conta própria	Dona de casa
E9	M	EM completo	EM completo	Bancário/Imigrante EUA	Dona de casa
E10	F	EM completo	EM supletivo	Motorista de ônibus	Empregada Doméstica
E15	F	EF incompleto	EF incompleto	Zelador	Diarista
E16	M	EF incompleto	EM (EJA)	Eletricista (SENAC)	Dona de Casa
E23	F	EF incompleto	EF incompleto	Carpinteiro	Servente
E25	F	EM incompleto	EF incompleto	Metalúrgico	Empregada Doméstica

*As informações transcritas nessa tabela referem-se ao período da infância e da adolescência dos entrevistados.
Fonte: A autora, 2015.

A recepção dos entrevistados, vinculados a todos os tipos de narrativa, ao convite para realizar a entrevista foi muito boa. Todos se mostraram de alguma forma contemplados pelo perfil buscado e competentes para discutir o que, em linhas gerais, havia sido indicado como tema da investigação. Quando recebiam o convite da pesquisa - que dizia se interessar por egressos do ensino superior oriundos de camadas populares da sociedade brasileira – não se questionavam quanto ao pertencimento a tal perfil, assim como não problematizavam a relevância de sua própria história para a discussão que se pretendia. No imaginário de tais pessoas há, por sua vez, elementos comuns, como a ideia de superação de obstáculos socioeconômicos, de conquista, de mérito, da vivência de injustiças sociais e da reivindicação de um justo reconhecimento do feito realizado.

média de anos de estudo entre 1995 e 2009 tenha sido de pouco menos de um ano, a distribuição dos indivíduos, quanto aos graus completos, se alterou enormemente: 59% não possuíam nenhum nível de ensino completo, 13,5% possuíam ensino fundamental, 21% ensino médio e 6,5% ensino superior.” (BARBOSA, COMIN. 2011:77).

⁵⁸ Parte dessa literatura foi citada no primeiro capítulo dessa tese aqui destaco alguns trabalhos importantes sobre o caso brasileiro: CAMARANO, 2006; CARDOSO, 2008; CORSEUIL *et alli* 2001; GUIMARÃES, 2006; HASENBALG, 2003.

Aqueles que narraram a entrada na universidade como um “caminho natural” também se enquadram na descrição acima. Em comparação com os demais, contudo, tal grupo foi o que produziu os relatos mais breves em termos de duração da entrevista. Ao descreverem etapas da vida, especialmente da infância e da adolescência, muitos dos entrevistados demonstraram nostalgia, com uma sensação prazerosa ao recordar esses momentos, tipo de reação que ocorreu em grande parte do conjunto total de entrevistas. O que irá diferenciar esse grupo, em parte, é a ausência de demonstração mais explícitas de emoções como o choro, o embargo da voz e longas pausas (salvo para recordar algum detalhe específico), faltas eloquentes que são percebidas em todos os momentos da entrevista. Evidentemente, não se está sugerindo, com essa constatação, de modo algum, que essas pessoas não possuam fortes emoções deflagradas pelos temas tratados, em especial a entrada na universidade, mas apenas se ressalta o fato de que o caráter passional não transpareceu ao longo da interação social que marcou a produção de tais relatos. Características que associadas à própria fala nativa, como os trechos transcritos procuram exemplificar, contribuíram para o enquadramento desses casos em tal tipologia.

A percepção de um “caminho natural” também se revela no relato contínuo, sem grandes digressões para apontar fatos que evidenciem momentos de dificuldades ou que mobilizem fortemente os sentimentos. Um exemplo: a E10 relata que perdeu o pai aos 12 anos de idade, fato que é apontado sem maiores detalhes ou explícita comoção.

Para agrupá-los nessa tipologia, tiveram especial interesse algumas expressões, usadas para a resposta da pergunta sobre o momento em que cada um começa a considerar a entrada na universidade como uma possibilidade real: “etapa automática”, “tinha que entrar na faculdade, tinha decidido”, “Na verdade, no 5º ou 6º ano eu decidi ser professora de História”, “o caminho natural”. Abaixo estão transcritos trechos de respostas de alguns desses entrevistados e uma resposta completa para a questão “**Desde quando você começa a pensar em faculdade?**”, que pretendem reforçar, e dar materialidade, à perspectiva que se procura transmitir com essa tipologia.

E aquilo foi ficando mais claro para mim que era **outra etapa automática que sairia da escola e entraria em uma universidade.** (E5)

Eu já entrei no ensino médio sabendo que só o ensino médio não bastava. Se eu quisesse ter destaque, se eu quisesse me qualificar, **se eu quisesse largar na frente eu tinha que cursar uma universidade.** (E10)

Na verdade, no 5º ou 6º ano eu decidi ser professora de História, como eu ainda pretendo fazer faculdade de História (...) **enfim, eu ia fazer História, tinha decidido que faria História e seria professora.** (E15)

Mas, ela me deu a coleção de insetos, eu sempre gostei muito de Biologia. Eu lia os livros dela inclusive os de faculdade desde pequeno. (E9)

E16, homem, Historiador.

R – Você se lembra de frases, de situações, em que seus pais te incentivavam?

A minha mãe era tão ‘neurótica’ com os estudos que falava quando eu era muito pequeno de UERJ, UFRJ... nem sabia o que significava essas siglas. (...) Então, essa coisa de **faculdade foi um caminho bem natural, nós sabíamos que nos formaríamos no ensino médio e continuaríamos estudando.** Era um caminho bem natural fazer uma faculdade. O comum é começar a falar disso só no ensino médio, mas a gente já ouvia isso desde pequeno.

R - Você já me falou que a questão da universidade sempre foi presente na sua família. Como isso virou um plano para você?

Eu já tinha a pressão do meu irmão mais velho que já tinha passado. **Eu sabia que era o caminho natural**, me cobrei bastante de que tinha que seguir esse caminho. Era uma pressão pessoal minha, não da família. Começava-se a falar disso por conta da idade, no ensino médio e muita gente queria seguir o caminho técnico mesmo e não era o meu caso, já que eu não tinha aprendido nada. Não é possível! Eu tive dois anos e não tinha aprendido nada! Tive aula de eletrônica, resistor e nada! Eu olhava aquilo ali e era uma situação angustiante. Aí eu conversei com a minha mãe, que sempre estava pronta pra se esforçar e fazer o melhor. A minha mãe era sempre o ponto de contato, pra gente conversar e o meu pai era mais o provedor. Era “estudo, estudo”, mas não fazia muita diferença. Hoje em dia ele não sabe o que é mestrado direito. Então eu falei com ela que eu queria retornar pra estudar para o vestibular. Prontamente a gente se movimentou e deu certo, porque quando eu fiz o pré-vestibular eu estava meio confuso, não sabia o que escolher...

2.1.1.2 “Era o caminho desejado, mas não natural”.

A tipologia que caracteriza a entrada na universidade como um caminho desejado desde cedo, mas não natural, foi construída a partir dos relatos que mais destacaram os obstáculos socioeconômicos como dificuldades para a realização do fim almejado. O desejo de entrar na universidade surge, segundo o discurso de alguns entrevistados, já na infância. A marcação do sonho antigo é contrabalanceada pelos inúmeros problemas financeiros, revezes na trajetória, ou por uma incerteza de que seria possível vencer tais percalços.

A diferença marcante para o primeiro tipo de narrativa está na percepção que o entrevistado transmite sobre a entrada na universidade, que surge como algo desejado, mas em nenhuma medida natural. O estilo das histórias muitas vezes nos remete a uma saga, onde o indivíduo é um herói de um enredo épico a vencer os diversos obstáculos que se colocam em seu caminho. O sonho antigo, os desafios e a vitória.

Em comparação com as outras duas tipologias, o modo de narrar que enfatizou a entrada na universidade como um “caminho desejado, mas não natural” foi aquele que mais explicitou a

emoção dos entrevistados. As entrevistadas E1 e E6 se emocionaram ao ponto das lágrimas, afetadas sobretudo nos momentos em que, respectivamente, trataram da lembrança da experiência de trabalho na adolescência e do reconhecimento dos familiares quando da formatura. Já os entrevistados E7 e E18 se sentiram especialmente motivados para a entrevista, como se respondessem a uma missão. Na visão dos dois, a entrada e a permanência na universidade só foram possíveis, em parte, através da ajuda externa que tiveram para superar as injustiças sociais. Compartilhar sua história de vida foi encarado, no caso de E7, como uma forma de gratidão ao pré-vestibular comunitário, que viabiliza o sonho da universidade aos jovens pobres como ele tinha sido e, por E18, como uma chance de contribuir com uma agenda pública de discussão sobre o tema⁵⁹.

Dos nove entrevistados que compõem esse grupo, há sete mulheres e apenas dois homens. Os relatos presentes nas tipologias “era um caminho desejado, mas não natural” e “era um caminho inesperado” são caracterizados por conterem, em grande frequência e intensidade, referências aos limites resultantes da condição socioeconômica familiar dos pesquisados. Emoções, como já pontuado sobre esse grupo, foram constantemente demonstradas, - choro (E1 e E6), suspiros pesados, ressentimento (E2, E8 e E17), gratidão (E7 e E18) – bem mais do que nos demais segmentos. Em relação à tipologia “era um caminho inesperado”, a diferença recai na frequência do tipo de reação emotiva mais comumente demonstrado. Nesse outro grupo, assim como observado na tipologia “era o caminho natural”, emoções também foram demonstradas, a maioria, contudo, esteve mais ligada à nostalgia, expressa verbalmente ou através de sorrisos e olhares distantes quando relatavam a infância e a adolescência - salvo o relato de E11 integrante da tipologia “era um caminho inesperado”, mas que se aproxima nesse aspecto do grupo em relevo. Deve-se ponderar que a voz predominantemente masculina na tipologia “era um caminho inesperado” pode representar um controle importante de emoções, associado ao papel do homem em nossa sociedade, especialmente em um contexto de interação social estabelecido entre o entrevistado e uma mulher, que não fazia parte do círculo íntimo de nenhum deles.

⁵⁹ O modo como E7 e E18 foram acionados ajuda a compreender a relação que ambos tiveram com a entrevista. E7 foi indicado para essa pesquisa por coordenadores de um pré-vestibular comunitário do qual tinha sido ex-aluno. Ele se sentia extremamente agradecido ao projeto e fez diversas menções a esse sentimento ao longo da entrevista. Após a entrevista, ao encontrar um ex-professor do cursinho, um dos mediadores do contato, fez questão de demonstrar essa gratidão e satisfação com o reencontro. Conheci E18 através da indicação de um colega de doutorado que durante sua graduação tinha participado do projeto “Conexão de Saberes”, projeto nacional que destinava bolsas a estudantes oriundos de camadas populares.

Na tipologia “era um caminho desejado, mas não natural” as entrevistas, em média, possuem 11 minutos a mais de duração do que as integrantes do primeiro grupo apresentado. Inúmeras ênfases nos revezes da trajetória e nas dificuldades enfrentadas, assim como o modo de narrar mais pausado e dramático, são, sem dúvida, elementos que contribuíram para essa maior duração. A idade média em que tais pessoas foram aprovadas no vestibular perfaz, por sua vez, 21,4 anos. Em relação ao capital cultural, a maioria dos pais deste grupo encontra no ensino fundamental o limite de sua trajetória escolar, de modo que cinco pais concluíram, no máximo, o ensino fundamental, enquanto quatro estudaram além desse nível, não ultrapassando, todavia, o ensino médio. Já em relação às mães, seis possuem no máximo até oito anos de escolaridade, enquanto três estão acima dessa faixa, sendo que duas concluíram o ensino médio.

A ocupação dos pais se assemelha às encontradas no primeiro grupo, o qual apresenta, contudo, ocupações, em média, melhor remuneradas. No segmento em destaque, há, por sua vez, um maior número de mães ocupadas em trabalhos que geram renda. O ambiente doméstico, todavia, continua sendo uma esfera importante de atuação para essas mulheres já que, pelo relato dos filhos, duas eram exclusivamente donas de casa, enquanto outras duas trabalhavam como costureiras nesse mesmo ambiente.

Tabela 8 – Escolaridade e ocupação do pai e da mãe dos entrevistados agrupados na tipologia 2 “era um caminho desejado, mas não natural”*

	Sexo	Escolaridade do Pai	Escolaridade da Mãe	Ocupação do Pai	Ocupação da Mãe
E1	F	EM completo	EM completo	Cafeicultor/Imigrante EUA	Auxiliar administrativo
E2	F	EF incompleto	EF incompleto	Auxiliar de serv. Gerais**	Cozinheira
E6	F	EM completo (EJA)	EF completo (EJA)	Marceneiro	Dona de casa
E7	M	EF incompleto	EF incompleto	Porteiro	Diarista
E8	F	EM incompleto	EF incompleto	Fotógrafo	Costureira
E17	F	EF completo	EF incompleto	Vendedor	Costureira
E18	M	EF incompleto	EF incompleto	Maquinista	Costureira
E19	F	EM incompleto	EM incompleto	Comércio/Conta própria	Caixa/Recepcionista
E24	F	EF completo	EM completo***	Pintor	Dona de casa

*As informações transcritas nessa tabela referem-se ao período da infância e da adolescência dos entrevistados.

** Auxiliar de serviços gerais (estatutário)

*** Atualmente, cursa ensino superior.

Fonte: A autora, 2015.

O sentido do diploma para alguns destes entrevistados está relacionado ao exercício de profissões não manuais que se afastem de trabalhos braçais, os quais exigem um esforço físico que, na percepção deles, possui um caráter quase desumanizador. Em algumas entrevistas, há a

menção a personagens ou situações onde o trabalho braçal era usado pelos pais como uma ameaça à espreita daqueles que não se esforçassem na escola. É o que relata E6, que se recorda da figura do “Seu Nenê”, um puxador de carroça, que sempre era mobilizado por sua mãe como o exemplo de destino daqueles que não estudam. Já o entrevistado E18 se recorda do castigo que o irmão cumpriu capinando arroz, destino reservado para aqueles que não levavam o estudo a sério, já que em sua casa não haveria lugar para “vagabundos”.

A conciliação entre trabalho e estudo durante o ensino médio servirá como uma experiência ambígua para a meta da educação superior. Ora surgirá como um contraexemplo, dado à exigência de muito esforço e da pouca remuneração gerada nos empregos, ora será um canal para o encontro de profissionais com formação de nível superior, figuras que eram escassas no meio íntimo dos entrevistados. Esse é o caso do entrevistado E7. Acontecimentos semelhantes são encontrados na tipologia 3, “era um caminho inesperado”, ao passo que na tipologia 1, “era um caminho natural”, o contraexemplo ocupacional é percebido e relatado, sobretudo, através da ocupação dos pais, que poderiam obter melhores retornos caso tivessem o título superior, com especial ênfase na figura paterna. No caso do lado materno, como já mencionado, o contraexemplo está nos destinos de “dona de casa” e do emprego doméstico, menções que são encontradas em todos os tipos de narrativas⁶⁰.

A ênfase sobre a inferioridade social, e até mesmo sobre o aspecto desumanizador do exercício de algumas ocupações, a qual transparece nas narrativas dos entrevistados das tipologias 2 e 3, não é relatada da mesma forma pelos entrevistados da tipologia 1, “era o caminho natural”. Estes, em suas falas, enfatizam com maior ênfase os limites dos retornos materiais de ocupações de baixa qualificação, – nesse caso, a referencia é, sobretudo, o trabalho dos pais – mas sem a elas atribuir marcas mais profundas de exclusão social.

Para a classificação das entrevistas nesse grupo, além das propriedades do desenvolvimento dos relatos já mencionados, algumas expressões foram especialmente importantes, como as que descreviam o desejo de entrar na universidade desde cedo, as que indicavam incerteza quanto à realização desse sonho e as que introduziam enunciações adversativas, obstáculos. Novamente há a transcrição de alguns trechos de respostas e um relato completo para a questão sobre o momento em que o entrevistado passa a pensar sobre sua entrada na universidade.

⁶⁰ Na próxima sessão deste capítulo, a discussão recairá em aproximações e distanciamentos dos tipos de narrativas construídos considerando o sentido que estes indivíduos conferiram a esse processo de ascensão. Nesse tópico, o tema do consumo – estudar para ter um emprego bem remunerado, que viabilize o consumo de bens e serviços – será apontado como um unificador dessas narrativas.

Sempre. Talvez não conseguisse por não saber o que aconteceria na minha vida, mas que sempre imaginei continuar a formação, sim. Continuar a formação é fazer ensino superior.” Isso, com certeza. **Não tinha certeza se a gente conseguiria e se teríamos condição**, se faria universidade pública, porque não tinha certeza se conseguiria a privada, porque seria caro... **Enfim, tinha essas dúvidas.** (E1)

A gente que vem de escola pública tem todos os estereótipos de aluno de escola pública, das deficiências que o ensino público tem e a gente sabe quais são. Mas eu sempre quis fazer a faculdade, sempre sonhei com uma faculdade, era o meu desejo desde sempre. (...) Aí eu pensei: “**vindo de um colégio público, uma instituição pública é impossível pra mim**”. **Eu achava esse universo impossível de entrar pra quem veio de colégio público.**(E2)

Quando eu estava no segundo grau eu era empacotador, marrequinho, os marrequinhos das Sendas. [...] Eu era empacotador das Sendas, eu consegui crescer lá, galgar cargos legais, mas ainda assim não era o que eu queria”[...] Eu vi na faculdade, vislumbrei **essa possibilidade de ter uma profissão, de ser reconhecido, valorizado** (E7).

Eu sempre quis fazer jornalismo, mas não tinha certeza se era isso que eu queria. Porque a ideia de ser atriz era muito forte, mas me **deixava insegura**, porque eu tinha uma urgência, uma necessidade de dar certo e **na minha cabeça ‘dar certo’ era financeiramente** (E19).

E17, mulher, Professora Língua Inglesa.

R – Como é que concretiza a ideia de fazer universidade?

Na verdade, eu cresci com aquela ideia da área da saúde e quando essas coisas começaram a não acontecer eu fiquei muito frustrada e foi uma coisa que fez com que eu me afastasse da universidade. E eu também nunca tive muito apoio. O meu pai queria muito aquilo, mas não queria que eu gastasse dinheiro com isso. Ele queria que eu estudasse, pagasse os cursos, trabalhasse fora e ainda desse orgulho pra ele. Acho que a minha mãe não estimulou por conta disso, achava que era um abuso. Então, ela ficava na dela. Os meus irmãos, na verdade, já estavam casados, com filhos.

R – Quando você estava saindo do ensino médio, não é?

Eu já tinha sobrinhos. Eu tenho sobrinhos com 4 anos de diferença. Então, eu não podia contar muito com eles. Sempre me deram muito apoio, mas eu não podia contar muito com eles. E eu não tinha muita paciência. Então, quando eu vi que aquilo não estava acontecendo como acontecia para os outros e eu precisando trabalhar... porque, assim, **era uma realidade difícil mesmo.** Eu lembro de épocas que chegava o Natal e a gente não tinha ceia, porque a minha mãe é doente do pulmão, então nunca pode trabalhar muito, ganhar dinheiro de verdade e com o meu pai a gente não podia contar por conta da bebida. Ele ganhava até bem, mas o dinheiro não chegava em casa. Eu lembro que crescia e não tinha umas coisas em casa e eu pensava: “**pelo amor de Deus, eu não vou ficar aqui sonhando, vou trabalhar**”. Então eu comecei a levar o trabalho muito mais a sério do que o sonho de estudar. Aí eu comecei a trabalhar em shopping. Quando eu fiz 17, 18 anos, a minha mãe começou a trabalhar numa distribuidora de peças e eu fui trabalhar nessa empresa como recepcionista. Mas eu falava tanto que, depois de 2 meses, o chefe me mandou subir e trabalhar com vendas. E lá eu fiquei por 2 dois e conheci o meu marido. Eu o conheci com 18, me casei com 20, e o meu marido não tinha a pretensão de me ver estudar. Acho que ele pensava em me ver casada, cuidando dos filhos. **Então eu não tive muito apoio, mas eu mantive o sonho de estudar, ir pra faculdade.** Quando eu me casei, passou um tempo, aí eu saí dessa empresa, fui pra outra distribuidora de materiais de informática, fiquei por 7 anos e saí quando o meu filho nasceu. Aí lá eu fiz um curso de inglês porque a empresa

pedia para a gente colocar mais cursos no currículo e tinha uma proposta pra trabalhar viajando e precisava do inglês pelo menos intermediário. Mas eu nunca tinha feito inglês na minha vida, sempre faltava professor ou coisa do tipo e no ensino médio era optativo, porque o curso era de informática. Nessa empresa eu fiz um curso de inglês e aí eu pensei que tinha que ser professora, não tem jeito. **Aí eu entrei na faculdade.**

2.1.1.3 – “Era o caminho inesperado”.

A última tipologia de narrativa descreve a entrada na universidade como um caminho inesperado, um ponto de inflexão marcante na trajetória que o indivíduo anteriormente pensava em seguir. Essa ‘virada do destino’ aparece na vida do entrevistado como a salvação de uma condição indesejada – aqui o tom é dramático - ou como uma alternativa para viabilizar um estilo de vida – nesse caso, há a expressão de uma crítica à necessidade de formação superior. Nesse tipo de narrativa, a entrada na universidade e o sentido que decorre dessa experiência não estão presentes desde o princípio, como nas outras tipologias, mas emergem em determinado momento do relato, o que, por um lado, retira qualquer naturalidade que poderia cercá-lo e, por outro, dá um caráter mais fragmentário, ao menos aparentemente, à feição mais geral da narrativa.

O desejo de entrar na universidade aparece neste último tipo como resultante de um momento específico, que será determinante para que o entrevistado curse o ensino superior. Em algumas entrevistas, o projeto ascensional do entrevistado está direcionado para atuação em outras áreas, como a carreira militar. Na história ocorre um fato, uma experiência não prevista, fruto de um suposto acaso, que apresentará ao protagonista do enredo o ingresso no ensino superior, uma aventura que até então nunca tinha sido considerada seriamente. Nesta narrativa também se encontra a ênfase nas dificuldades impostas pela situação socioeconômica dos entrevistados - tal como observada na tipologia “era o caminho desejado, mas não natural” -, o desejo de seguir em outras carreiras e o questionamento da necessidade de cursar o ensino superior para “ser alguém na vida”.

As entrevistas desse grupo foram as mais longas, embora a diferença média de tempo para o grupo “era um caminho desejado, mas não natural” seja pequena. A presença majoritária de homens é sugestiva e pode indicar questões como a maior inserção, e valorização moral, da mão de obra jovem masculina no mercado de trabalho. As grandes inflexões das trajetórias revelam projetos ascensionais vinculados ao universo jovem masculino, sendo a carreira militar

o maior destaque dentre as entrevistas analisadas. Três entrevistados (E3, E11 e E22) desse grupo cogitaram seguir a carreira militar, sendo que E22 serviu dez anos à Marinha antes de ingressar na universidade. O futebol também chegou a ser opção para os entrevistados E3 e E12, mas, por motivos diversos, o plano não logrou sucesso. Todos conciliaram estudo e trabalho na adolescência, sendo que E4 e E13 passaram alguns anos no mercado de trabalho após a conclusão do ensino médio, antes do ingresso na universidade – experiência semelhante às vividas pelas entrevistadas E2 e E17 no tipo “era um caminho desejado, mas não natural”.

É neste grupo de entrevistados que se encontra a média de idade mais alta para a aprovação no vestibular, 22,1 anos. Três anos a mais para aqueles que relataram essa passagem como uma etapa natural e já esperada. A escolaridade e as ocupações dos pais desse segmento também são as mais baixas e precárias, considerando padrões históricos de remuneração e de formalidade encontrados no mercado de trabalho brasileiro. Oito pais e sete mães desses entrevistados estão entre os que concluíram no máximo o ensino fundamental. Apenas um único pai do grupo concluiu o ensino médio, enquanto duas mães começaram, mas não concluíram, o secundário. As mães estão concentradas no emprego doméstico e no trabalho não remunerado, exercido apenas no âmbito familiar. Os pais, por sua vez, exerceram ocupações diversas, algumas mais formalizadas do que outras.

Tabela 9 – Escolaridade e ocupação do pai e da mãe dos entrevistados agrupados na tipologia 3 “era o caminho inesperado”*

	Sexo	Escolaridade do Pai	Escolaridade da Mãe	Ocupação do Pai	Ocupação da Mãe
E3	M	EM completo	EF incompleto	Ourives	Doméstica e Camelo
E4	M	EF incompleto	EF completo	Pedreiro	Empregada Doméstica**
E11	M	EF incompleto	EM incompleto	Soldador - Conta Própria	Manicure e Diarista
E12	M	EF incompleto	EF incompleto	Vigilante	Dona de casa e manicure
E13	M	EF incompleto	EF incompleto	Garçom	Dona de casa
E14	M	EF incompleto	EF completo	Porteiro	Diarista
E20	M	EF completo	EF incompleto	Gari***	Empregada Doméstica
E21	F	EF incompleto	EF incompleto	Camelô	Empregada Doméstica
E22	M	EF incompleto	EM incompleto	Caminhoneiro	Dona de casa

*As informações transcritas nessa tabela referem-se ao período da infância e da adolescência dos entrevistados.

**Aposentados por invalidez

Fonte: A Autora, 2015.

Na percepção da maioria e no modo através do qual contam essa história, o ingresso na faculdade é interpretado como uma espécie de salvação de uma vida de pobreza e do exercício

de atividades profissionais pouco rentáveis e não prazerosas. Em alguns casos, a escolarização superior é interpretada como inevitável, levando em consideração o modo como a sociedade brasileira está estruturada, mas não necessária para ser alguém que possui conhecimento ou dignidade.

O “ser alguém na vida” através da educação vai suscitar tanto uma ideia de afastamento de ofícios cercados por estereótipos de inferioridade social e de exclusão, como visto no tipo 2, quanto uma crítica de alguns entrevistados ao que consideram uma imposição da sociedade brasileira, que demandaria o diploma para ser reconhecido e conquistar melhores postos de trabalho, mas não uma necessidade de fato. Em outras palavras, o argumento que esses entrevistados mobilizam parte da ideia de que não é, ou não deveria ser, necessário ter educação superior para ser um bom profissional ou ter plena cidadania.

Nesse grupo, tal questionamento foi feito claramente pelos entrevistados E20, E21 e E22, sendo acompanhado, especialmente, nos casos de E21 e E22, de uma crítica à cultura acadêmica (bacharelesca) brasileira⁶¹. O elemento comum e curioso da trajetória desses dois entrevistados é a interpretação que ambos fazem de um modo de vida europeu, fruto de experiências de vida adquiridas através de contatos pessoais. Esse conhecimento foi utilizado na entrevista como um exemplo de sociedade onde o título superior não é um passe necessário ao exercício de determinadas profissões e ao acesso da boa vida. A entrevistada E20 direciona sua crítica à maneira como a sociedade estratifica oportunidades e, na sua visão, consequentemente estratifica as pessoas que acabam por se considerarem cidadãos de segunda classe. A imagem que a entrevistada mobiliza está vinculada diretamente às condições de vida experimentadas por seus familiares, moradores de uma grande favela da Zona Norte do Rio de Janeiro, que não tiveram as mesmas chances de mobilidade que ela teve.

Algumas expressões-chaves utilizadas para o agrupamento das nove entrevistas dentro desta tipologia foram:

Foi muito louco. **Na verdade, eu nunca imaginei fazer faculdade, nunca quis...** (E3)

...algumas meninas já falavam da universidade, do que gostariam de estudar, e me perguntavam sobre o que eu queria estudar, **eu respondia que não queria.**(E4)

...olha foi uma questão muito circunstancial. [...] o meu sonho de infância era ser militar da marinha desde garoto. (E22)

Nós tínhamos um cadastro para manter um banco de dados de clientes, uma mala direta, no qual tinha várias perguntas, era facultativo, o cliente respondia ou não. **E**

⁶¹ A crítica, embora feita sem um tom agressivo, se estendeu à presente candidata ao título de Doutora.

uma das perguntas era sobre a profissão, e as pessoas respondiam advogado, engenheiro, médico, professor... Aquilo me chamou atenção. Eu pensei sou nascido e criado na favela, para mudar minha condição socioeconômica eu não vou buscar o tráfico de drogas, eu não vou ser um cantor de pagode, não vou ser jogador de futebol e para dar um futuro melhor para o meu filho **eu tinha que voltar a estudar.** (E13)

Talvez por ignorância ou por falta de informação o fato de passar quatro anos dentro de uma faculdade era muita coisa. [...] **A minha vontade de fazer curso superior foi mais por revolta dela do que por vontade própria mesmo.** (E14)

E21, mulher, Enfermeira.

R – [...], você já tinha uma preocupação com a questão da educação, do currículo. Os seus pais te influenciavam. E a faculdade como ela surge na sua vida. Quando você saiu do ensino médio, você estava pensando na faculdade ou você foi trabalhar, fazer outras coisas?

É uma longa estória... O meu pai é uma pessoa muito conservadora. Então, eu acho que ele arrumou alguns mecanismos para garantir que conseguisse avançar na educação. Um dos mecanismos que ele usava era permitir que eu namorasse só depois dos 15 anos. Porque toda a nossa rede... Você não precisa morar numa favela para saber sobre a gravidez na adolescência. Ele tinha muita preocupação disso acabar me limitando, bloqueando uma trajetória. Ele sempre falava que não queria que eu fosse como ele e minha mãe que eu deveria ser melhor do que eles. E era através do estudo que eu iria conseguir isso. Uma ideia que eu acho ridícula de “você tem que ser alguém na vida”. Como se os meus pais não fossem alguém na vida. Então, ele colocava isso como mecanismo. “Só vai namorar depois que fizer 15 anos. Porque, se você engravidar, vai ficar com criança no colo, marido, tem a questão da violência doméstica. Vai ficar limitada, não vai avançar. Vai ficar como o restante da galera”. Quando eu fiz 15 anos, ele ainda manteve esse ideal “vamos avançar!”. Quando eu consegui terminar o ensino médio foi o momento da libertação. **Era a hora de encarar o mercado, tentar conseguir um emprego. No meu primeiro emprego, eu trabalhei numa creche. O primeiro emprego sempre é muito difícil. Eu não tinha muita pretensão de fazer graduação. Eu queria romper o obstáculo que meu pai achava que nós não fôssemos conseguir. Terminou o ensino médio era para soltar fogos.** Eu trabalhei 1 ano numa creche. Depois fui trabalhar como voluntária numa ONG por dois anos.

R – Por que essa vontade se manifestou nesse momento? Você estava tendo contato com muitos profissionais?

Não. Até porque nessa ONG podia-se contar nos dedos quem tinha uma formação acadêmica. Eram pessoas que tinham uma vivência de anos (...). Não foi por isso. Acho que foi por uma necessidade interna de querer trabalhar com algo e necessitar de ferramentas. Era uma vontade de ter mais ferramentas para exercer qualquer coisa nesse universo social. Mas eu pensava em como fazer faculdade sem grana. Por isso, fui deixando passar. Eu não sei se nesse período já tinha PROUNI. Se tinha, eu estava desorientada sobre.

R – E quando você volta?

Eu fui em Dezembro de 2005 e voltei em Dezembro de 2006. Em Janeiro de 2006, que começou essa vontade latente de cursar a faculdade. Mas, não sabia como eu iria fazer para pagar uma faculdade. Durante o ano, eu fiz um curso de introdução aos estudos etno-linguísticos para poder ter base para entrar numa tribo indígena. Em Novembro, eu fui fazer uma parte prática desse curso na Bolívia. É onde entra a loucura toda. Como a JOCUM era um instituição religiosa (interrupção). Em Novembro de 2006, nós fomos para a Bolívia fazer uma parte prática desses estudos etno-linguísticos. Um dia veio um homem, nigeriano, cujo pais foram a Inglaterra com ele bem novinho. Ele cresceu na Inglaterra. Ele (...) veio como voluntário para atuar

junto à população indígena e ribeirinha. Ele ficou uns três meses. Em Novembro, ele me chamou para uma conversa. Como o meu inglês era muito deficiente ele chamou uma das líderes da organização para traduzir a conversa. Ele começou com um papo dizendo que era necessário eu cursar uma faculdade. Eu comecei a rir porque desde Janeiro estava com essa ideia latente. Eu fiquei pensando como ele sabia disso já que nossa comunicação era muito deficiente. Ele veio com uma conversa religiosa, que Deus tinha falado que eu precisaria ir para a faculdade e que ele seria a pessoa que levantaria os financiadores. Então, essa é a loucura. Eu preciso que você faça três coisas antes de darmos continuidade. A primeira é verificar se realmente faz sentido tudo isso que eu estou falando sobre universidade. A segunda descobrir qual seria o curso e depois a qual a cidade. Depois de tomada essas decisões, eu deveria voltar para ele. Eu comecei a pensar em Administração, Educação, Saúde... Minha estrela brilhou para a saúde. Eu decidi que era saúde e que seria interessante que eu voltasse para o Rio. Eu conversei com ele [o nigeriano] que me explicou que não tinha dinheiro, apesar de todos acharem porque ele morava na Inglaterra. Ele solicitou que eu voltasse para o Rio e fizesse um levantamento do dinheiro que iria precisar para mensalidade, xerox, transporte, lanches, todo o necessário para os anos de graduação. Que ele levantaria pessoas para realizarem doações durante quatro anos. Eu voltei para o Rio, fui fazer pré-vestibular...

2.2 Os sentidos do diploma

De antemão, a pesquisa definiu como objeto de interesse a trajetória ascensionial de egressos do sistema de ensino superior provenientes de meios populares. Entender o sentido desse movimento para essas pessoas é o que se pretendeu nessa empreitada. Nessa sessão, merecerão destaque os sentidos da formação superior para os entrevistados. Tais sentidos serão analisados sem a pretensão de uma correspondência exata com as tipologias de narração anteriormente elaboradas, as quais serão relacionadas em movimentos de aproximação e de afastamento.

O sentido de estudar para conquistar melhores condições materiais de vida é um ponto de convergência que une praticamente todas as entrevistas, resguardadas as suas distintas nuances. A conquista de uma renda melhor, o acesso a bens e serviços, a transferência de renda para os pais e a capacidade de proporcionar para a própria família uma melhor qualidade de vida são exemplos de justificativas corriqueiras para a obtenção do diploma superior. Como mencionado, esse sentido perpassa todas as entrevistas, com maior ou menor ênfase e tons de exaltação ou de crítica.

O estudar para ter um bom salário e conseqüentemente uma maior capacidade de consumo não sintetiza, entretanto, todos os significados expressos pelos entrevistados. Há certa ideia que, embora se apresente de forma tênue em alguns casos e explícita em outros, nos revela outro sentido associado à formação superior segundo a percepção dos entrevistados. Esse

sentido estaria bem representado na ideia de “estudar para ser alguém na vida”. O diploma nesse caso é um passe para uma inclusão social que não apenas reforça o aspecto do consumo, mas também traz consigo a ideia de *transubstanciação* – o tornar-se alguém, “mudar sua essência” - quando se evita o exercício degradante de determinadas profissões ou destinos marginais que pareciam estar à espreita. A alteração radical de uma essência, de todo modo, não se concretiza plenamente, pois se é verdade que os entrevistados percebem que incorporaram algo a mais em sua composição, um verniz ou um poder, que os torna diferentes após a formatura, eles permanecem vinculados ao mundo de origem através da importante identificação que possuem com o mundo do trabalho.

O modo de narrar a entrada na universidade se associa, com maior ou menor ênfase, à maneira de encarar a própria trajetória ascensional a partir desses dois grandes sentidos, que são tratados separadamente apenas por uma opção analítica⁶². As próximas subseções serão dedicadas a transmitir o sentido de estudar vinculado aos retornos materiais e o sentido de estudar relacionado a “ser alguém na vida”, a partir dos próprios relatos colhidos, que serão relacionados aos aspectos macrossociais. Significados que, em muitos casos, estão entrelaçados e vinculados à centralidade que o ensino superior ocupa no imaginário de cada uma dessas pessoas.

2.2.1 O estudo e as expectativas pelos retornos materiais.

As entrevistas confirmaram algo que, inegavelmente, nada possui de novo: as pessoas veem no diploma de ensino superior um mecanismo eficiente para o acesso a ocupações com melhor retorno no mercado de trabalho brasileiro. Nas entrevistas, estes ganhos são usualmente representados através do acesso a bens e serviços - carros, casa, viagens, coisas caras⁶³. A

⁶² A separação entre um sentido material da ascensão e o sentido simbólico desse movimento é marcada para enfatizar a argumentação que se fará sobre tais sentidos. Obviamente, a aquisição de bens materiais é carregada de simbolismo para as pessoas que ascendem socialmente. O interesse é ressaltar a diferença entre a percepção que alguns entrevistados possuem do título superior como um passe para uma vida mais afluyente e outros que, além dessa característica, percebem uma mudança qualitativa daquele que se integra na sociedade a partir do verniz da educação superior.

⁶³ Em a “Nova Classe Média”, Wright Mills argumenta que os colarinhos brancos, ou seja, os burocratas que formavam o estrato médio da sociedade americana à época viam no “trabalho um meio desagradável de atingir um fim superior”. Ou seja, o trabalho em si não fornecia para estes trabalhadores o sentido de sua dedicação. É interessante relacionar esse ponto aos relatos colhidos para esta tese. Nestes também há pouquíssimas menções sobre o próprio labor como importante ou significativo para justificar os esforços feitos rumo ao ensino superior. O lazer, o consumo, também são importantes medidores do valor do trabalho conquistado para os jovens adultos entrevistados. “Hoje o trabalho é julgado em termos de valores de lazer. O domínio do ócio fornece os critérios segundo os quais se julga o trabalho, é ele que dá ao trabalho a pouca significação que tem” (MILLS, 1976: 254)

possibilidade de ajudar parentes e dar boas condições de vida à própria família é outro dado importante, que aparece na percepção dos entrevistados que associaram o sentido de suas credenciais aos retornos materiais que elas possibilitam. Abaixo, são destacados alguns trechos onde essas referências estão bem exemplificadas.

Consigo fazer as coisas. Já vou tirar um carro agora, no final do ano, mas dá para tirar um bom carro, um excelente carro, já estou pensando num apartamento, já vai dar para fazer um financiamento daqui a um ano, já pago plano de saúde, mando dinheiro para minha mãe, compro coisa cara para mim... é ridículo isso, mas é uma coisa que eu nunca fiz na vida. (E1)

Ter um bom emprego, um bom salário... e acho que a foi mais nesse sentido, na verdade. (E5)

Olha, professor de matemática tem carro!” “Hoje por eu ter mais bens materiais do que qualquer outra pessoa da minha família, eles veem que é real.” “... já que serei professora de matemática, que eu seja pelo menos de ensino superior. Para ganhar mais. (E8)

Eu também quero ser bem sucedida, eu também quero ter uma carreira legal, também quero crescer, com 25 anos já quero ter o meu carro, o meu apartamento. (E10)

Os ciclos de recessão e de expansão, contidos entre a década de 1980 e a primeira quinzena dos anos 2000, constituíram o cenário macroeconômico no qual os entrevistados viveram as suas experiências e traçaram os seus planos até então. Nesses cenários, o mercado de trabalho e o sistema educacional funcionaram como importantes indicadores para essas pessoas sobre as possibilidades de ascensão disponíveis na conjuntura brasileira⁶⁴.

A crença na mobilidade social é um ideal que embala os sonhos do brasileiro. Em diversas pesquisas, como o *survey* “Percepção de Desigualdades⁶⁵”, os indivíduos afirmam, em média, estar em uma situação social melhor do que a vivida por seus pais e esperam melhorar, ainda mais, suas condições (SCALON, 2004a)⁶⁶, mesmo que esta mesma população declare

⁶⁴ Pese o foco nas condições estruturais das últimas décadas, correspondente a média de idade – 30 anos – do grupo em destaque, o exemplo da trajetória ocupacional das gerações passadas é, sem dúvida, um dado relevante nesse processo. Sendo, por conseguinte, os trabalhos exercidos pelos pais as maiores referências.

⁶⁵ O *survey* “Percepção de Desigualdades” integrou o projeto do Instituto Virtual “O Estado Social da Nação”, realizado entre os anos de 2000 e 2002 através do convênio feito entre o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e a agência de fomento de pesquisas do Estado do Rio de Janeiro FAPERJ. O projeto foi coordenado pelo Prof. Carlos Hasenbalg e parte dos resultados dessa pesquisa podem ser encontrados no livro “Imagens da Desigualdade”, coordenado pela Prof.^a Celi Scalón.

⁶⁶ No capítulo “o que os brasileiros pensam das desigualdades sociais?” Celi Scalón descreve os resultados obtidos em várias questões do *survey*. Em destaque, a autora chama atenção para os 96% da amostra que percebem uma considerável concentração de renda no país. Embora a maioria acredite que estará em melhor posição dentro de 10 anos, essa melhora é projetada em termos ‘modestos’ em relação à progressão na escala social. Dos entrevistados, 76% concordam que a sorte é um importante mecanismo para a ascensão social,

viver em um país marcado por uma enorme desigualdade de renda, segundo os dados da mesma pesquisa. Como enfatizado na literatura, a grande mobilidade estrutural observada quando do período de urbanização e industrialização, em meados do século XX parece ainda contribuir para a percepção da população de que é possível “subir na vida”. A percepção da grande desigualdade não provoca, por outro lado, o questionamento da legitimidade de mecanismos de estratificação, como a educação e a meritocracia. Dentre várias nacionalidades, são os brasileiros e os portugueses os que mais concordam com a utilização das credenciais como forma de diferenciação social. É, ademais, especialmente na amostra brasileira onde, na visão dos entrevistados, ocupações que demandam formação superior devem ser substancialmente melhor remuneradas que as demais (SCALON, 2004b).

A expectativa de mobilidade associada à educação, presente no imaginário coletivo brasileiro, é manifestada diversas vezes pelos entrevistados. Em muitos casos, os pais são citados como grandes incentivadores desse projeto. Mesmo quando o pai e a mãe não sabiam ao certo como seria o caminho ou qual o resultado que o investimento educacional poderia proporcionar, sempre repetiam o mantra “tem que estudar, tem que estudar”. Alguns entrevistados, como E16, E19 e E25, citam, por exemplo, as limitações no mercado de trabalho que os pais sofreram por falta de qualificação formal, mesmo estes sendo percebidos como altamente capacitados para as funções que exerciam.

Os projetos ascensionais aqui analisados não apenas expõem experiências pessoais e familiares de cada caso estudado, mas também desvelam padrões de desenvolvimento econômico e social pelos quais a sociedade brasileira passou nas últimas décadas. Uma melhor compreensão da centralidade do sentido de estudar para se ter melhores condições materiais de vida, reiterado em praticamente todas as entrevistas, fica evidente com a análise da evolução do mercado de trabalho no Brasil ao longo desse período.

O mercado de trabalho brasileiro se destaca pela grande oferta de postos mal remunerados e precários, levando-se em consideração padrões de formalidade, taxa de rotatividade e relação entre salário e produtividade. Esta perspectiva descreve com perfeição o quadro de oportunidades laborais na década de 80, período onde a maioria dos entrevistados nasceu. Nesta época, o alcance da estabilidade macroeconômica, onde merecia destaque, dentre outros aspectos, o combate à inflação, aparecia como o maior desafio para a economia brasileira. Tal diagnóstico estimulou a criação de diversos planos econômicos e tipos de acordos

seguido de 56% que concordam ser a inteligência e as qualificações importantes fatores nesse processo, por último, o esforço é visto apenas por 39,8% dos entrevistados como um mecanismo importante para se galgar melhores posições sociais.

com credores internacionais, impulsionados pela esperança de conquistar as condições necessárias para o crescimento do país. As inúmeras alternativas não surtiram o efeito esperado e, ao longo dos anos 80, a instabilidade dava o tom no cenário econômico do país. O Brasil vivia uma recessão embalada por altas taxas de inflação, o que o levava a ter dificuldade de honrar a sua grande dívida externa indexada a altos juros, e inspirava desconfiança no mercado internacional. O país tinha dificuldade em encontrar uma matriz de desenvolvimento que suplantasse o desenvolvimentismo autoritário, fortemente abalado pelos Choques do Petróleo, que fora cultivado ao longo da Ditadura Militar e já há muito dava sinais de esgotamento.

A forte crise na indústria nacional é um bom sintoma dos tempos: “A desaceleração do crescimento na década de 80 foi comandada pela indústria, cujo produto real cresceu apenas 1,8% ao ano entre 1980 e 1988.” (MODIANO, 1992:383). Os reflexos da crise econômica da década de 80, não afetaram, entretanto, de forma drástica a criação de vagas de trabalho, como se poderia imaginar. Os efeitos se concentraram sobretudo, na qualidade dos mesmos. O período registrou aumento do número de empregos e manteve entre 2,9% e 4% ao mês a taxa de desemprego (CARDOSO, 2003). Amadeo et alii (1994), apontam o crescimento do emprego de aproximadamente 35% para a década e reforçam que a maior perda do período estaria na queda de qualidade das vagas geradas.

Um dos indicadores da deterioração da qualidade do trabalho no Brasil seriam os baixos salários oferecidos à mão de obra. Nesse sentido, um fator que explicaria a queda salarial da época seria a maior absorção de trabalhadores por setores que tradicionalmente pagam salários mais baixos, como o setor terciário, onde foi observado um aumento de 50% da participação, enquanto a participação da PEA no setor secundário se manteve constante durante o período. Barros e Mendonça (1995) demonstraram que parte dos diferenciais de salários entre os trabalhadores se devia às diferenças de qualidade de emprego entre os ramos de atividades, tomando como referência os dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME-IBGE) (1982-1993). Ou seja, trabalhadores com os mesmo atributos ganham mais em determinados setores que em outros. As vagas geradas na indústria seriam, desse modo, melhores do que as geradas no comércio e nos serviços, já que no setor secundário encontram-se em média melhores remunerações, maior índice de carteira assinada, dentre outros fatores associados à maior qualidade.

Incumbidos de solucionar a grave crise econômica a qual o país atravessava, os governos democraticamente eleitos na década de 90 tiveram no controle da inflação e no saneamento das contas do Estado as suas maiores bandeiras. A influência dos credores internacionais e do modo

de governo e desenvolvimento neoliberal alicerçaram a conjuntura brasileira. O antídoto para a crise estaria na redução da máquina estatal, nas privatizações de empresas públicas e na flexibilização das relações trabalhistas. “No novo ambiente neoliberal, ao menos no nível do discurso, as forças de mercado guiam a política. Os termos revertem-se fazer política é liberalizar os mercados, é despolarizá-los.” (CARDOSO, 2003:75).

Quanto ao mercado de trabalho brasileiro, as políticas neoliberais de austeridade fiscal, adotadas para o controle da inflação, a abertura e a apreciação do câmbio, entre outras medidas, produziram elevadas taxas de desemprego. As novas tecnologias difundidas na produção industrial, visando reduzir mão de obra e alcançar maior produtividade, também contribuíram para esse quadro ao extinguirem antigas ocupações. O trabalhador demitido da indústria encontrava grandes obstáculos para a sua reinserção nesse mesmo setor, devido à sua baixa qualificação e à queda da participação da indústria no PIB. Enquanto parte dos desempregados estruturais se dirigiam para o setor terciário, outra encontrava no setor informal sua recolocação profissional. Segundo Neri, Camargo e Reis (2000), o aumento do nível de emprego no setor de comércio e serviços compensa o desemprego industrial durante o período de estabilização do pós-1994. Em 1996, porém, a estagnação do setor terciário pressiona novamente a elevação das taxas de desemprego no país.

Durante a década de 90, os padrões de regulamentação estabelecidos no mercado de trabalho são amplamente questionados. As elevadas taxas de desemprego e de informalidade são utilizadas como justificativa para a necessidade de revisão das leis trabalhistas vigentes no país, pois a redução das despesas trabalhistas do empregador seria um estímulo para a criação de novos postos e da maior formalização. De acordo com dados da PNAD, é nessa década onde se registra o percentual mais baixo do emprego formal, 43%, em relação ao período de 1981-2015 (COMIN, 2015).

Segundo o discurso hegemônico, a flexibilização das leis trabalhistas, de um lado, representaria maior estímulo à criação de novas vagas de trabalho ao desonerar o empregador. De outro lado, como contrapartida, o trabalhador deveria fazer a sua parte e adquirir novas habilidades com o objetivo de aumentar sua empregabilidade. Apontava nesse sentido o diagnóstico neoliberal de que o alto custo das garantias trabalhistas não seria condizente com a baixa produtividade média do trabalhador brasileiro, em muito vinculada a sua pouca escolaridade. A estratégia de empregabilidade, promovida pelo discurso neoliberal, coloca a cada indivíduo a responsabilidade pela sua inserção em um mercado de trabalho cada vez mais seletivo e demandante de profissionais qualificados. Os principais antídotos para evitar o

desemprego que afligia a população na década de 1990 estavam no investimento em educação e na requalificação profissional.

Entre os últimos anos da década de 1990 e os primeiros da década de 2000, os entrevistados entram no ensino médio e se formam. Muitos deles também iniciam sua trajetória no mercado de trabalho, em percursos marcados pela conciliação do estudo com o trabalho, realidade que também será mantida durante a formação superior. No grupo de entrevistados, o desejo de ter o seu próprio dinheiro é relatado como o principal motivo para a entrada precoce no mercado de trabalho. Como membros de famílias pobres, ajudar financeiramente em casa, com o pagamento de uma conta ou colaborando com algum gasto extraordinário, também é um fator que os incentiva a gerar renda na adolescência. A subsistência básica na família, especialmente quanto à provisão de alimentos, era de responsabilidade dos pais. As frases como *‘eu não passei fome em casa (E4)’*, *‘Arcar com despesas pessoais de comida, de alimentação, tranquilo, meus pais arcavam (E7)’*, comunicam que a renda que geravam no período não estava direcionada para a sobrevivência da família. O consumo típico de adolescentes – *‘Queria comprar o caderno com o Victor Belfort na capa (E3)’* - o dinheiro para um passeio, ou seja, itens que o orçamento reduzido das famílias não podia bancar eram garantidos com o salário do primeiro emprego.

Das 25 entrevistas analisadas, oito relataram que não exerceram atividades com fins de geração de renda até o ensino médio. O restante, 17 casos, afirmou ter iniciado sua trajetória ocupacional nessa época. Alguns trabalharam durante todo o secundário, enquanto outros durante um período apenas. Esse dado é coerente com o que se sabe sobre o padrão de transição da escola para o mercado de trabalho no Brasil. Processo, que segundo Carlos Hasenbalg (2003b), é marcado por “(1) o ingresso precoce no mercado de trabalho e (2) a conciliação ou superposição de estudo e trabalho” (HASENBALG, 2003b: 148). Tal padrão se diferencia do que seria considerada a forma ‘pura’, típica de países centrais, de transição da escola para o mercado de trabalho. Os jovens pobres iniciam sua trajetória laboral, em sua maioria, em empregos mal remunerados e pouco formalizados (BARBOSA; COMIN, 2011; CARDOSO 2008; GUIMARÃES 2006). O programa governamental “Jovem Aprendiz”, que por finalidade busca a inserção de jovens a partir dos 15 anos no mercado de trabalho, é citado por muitos entrevistados como uma via de acesso importante à primeira oportunidade de emprego.

Para muitos entrevistados, a experiência de trabalho na juventude foi mais um estímulo à entrada no ensino superior. O E7 relatou como sua vivência laboral na adolescência o serviu como um alerta para os limites ocupacionais que poderia encontrar sem uma qualificação

educacional. Em contrapartida, o mesmo entrevistado relata que esse ambiente de trabalho o apresentou ao mundo dos profissionais, em especial, dos profissionais da área de Administração, esta que acabou sendo sua primeira opção de curso superior. A experiência com profissionais de nível superior também marcou o E3 durante o seu trabalho na adolescência. O entrevistado, que não pensava em cursar uma faculdade, guardou em sua memória o contato que teve com uma assistente social quando trabalhou como jovem aprendiz, lembrança que foi uma das justificativas por ele mencionadas para a escolha da graduação em Serviço Social. O trabalho na adolescência, seja como um contraexemplo “esse não é o tipo de trabalho que quero fazer”, ou como uma experiência onde se tem contato com determinados tipos de profissionais, figuras mais raras no convívio íntimo dessas pessoas, é um dado importante na percepção do grupo em destaque.

Associado às primeiras experiências de emprego, o início da década de 2000 é um período onde a expansão do sistema de ensino brasileiro já impunha como qualificação mínima a necessidade de se ter ao menos o secundário para pleitear uma ‘boa’ oportunidade de emprego. Os entrevistados fazem parte dessa geração que possui maiores oportunidades educacionais e que não somente, mas também por isso, pode almejar um horizonte de expectativas mais amplo nesse campo⁶⁷.

Se na década de 1990 as oportunidades de se cursar o ensino médio são sensivelmente ampliadas, a década seguinte trará maiores possibilidades quanto à entrada no ensino superior. Especialmente ao introduzir no sistema medidas de democratização do acesso através de mecanismos de correção de desigualdades. A partir da década de 2000, os jovens das camadas populares em idade universitária, encontraram um cenário *teoricamente* mais promissor do que o vivenciado pelas gerações da década de 80 ou 90⁶⁸. A educação permanecia, entretanto, central no imaginário brasileiro como um mecanismo de superação das desigualdades.

⁶⁷ A inflação de credenciais e os mecanismos criadores de desigualdades horizontais muitas vezes frustram as expectativas idealizadas em torno da obtenção de determinada credencial educacional. Os entrevistados não apresentaram muitas queixas em relação aos retornos materiais da carreira escolhida. Os principais ajustes de expectativas observados se relacionaram ao exercício prático da carreira, que ora não era como imaginado ora não lhe trazia grande satisfação pessoal.

⁶⁸ A partir da análise de cinco décadas de censo, Ribeiro, Marschner e Ceneviva (2015) concluem que para as transições educacionais iniciais há um ganho substantivo de acessibilidade, mudanças que não são verificadas com a mesma intensidade para as transições mais avançadas. “Se em 1960 era bastante improvável que os jovens alcançassem 8 anos de estudo, em 2010 as chances de progressão educacional para T1, T2 e T3 são praticamente universais. Com relação aos níveis intermediários, há ganhos importantes de acesso condicional à entrada no ensino médio (T4), mas ainda não é possível identificar movimentos da mesma magnitude na transição rumo à T5 (completar o ensino médio), para a qual o sistema educacional brasileiro em 2010 mantém parâmetros de transição similares aos observados em 1980.” (RIBEIRO, MARSCHNER, CENEVIVA, 2015:91). Contudo, na proposta desta tese a expansão do sistema educacional - mesmo que tal expansão resulte

Do outro lado, no mercado de trabalho, os títulos acadêmicos continuavam recebendo alto retorno, apesar da diminuição relativa às proporções registradas nas décadas passadas. Essa é a constatação de Barbosa e Comin (2011). Para o ano de 1995, os autores encontram, analisando os dados da Pnad, que “... se dentro de um mesmo grupo ocupacional um indivíduo sem níveis de estudo completos ganhasse 1 real, com ensino fundamental ele ganharia 1,31 real, com ensino médio 1,79 real e, com ensino superior, 3,46 reais.(BABORSA, COMIN, 2011:88)” Já para o de 2009, tomando o exemplo do trabalhador sem escolaridade com a remuneração de R\$1, o aumento de renda segundo os níveis de escolaridade seria " 1,21 real com o ensino fundamental; para 1,44 real com ensino médio; e para 2,43 reais com o superior.(BARBOSA, COMIN, 2011:89)”

A primeira década de 2000 é marcada pela continuidade nas diretrizes macroeconômicas, delineadas ao longo dos anos 1990, e pela implantação de políticas redistributivas. O discurso político sofre, nesse sentido, uma inflexão importante. O novo governo, após um início marcado por certa continuidade com o modelo anterior, passa a delinear um novo tipo de gestão, chamada por alguns de neodesenvolvimentista⁶⁹, em contraposição ao modelo de desenvolvimento neoliberal. As retóricas dos governos, desde o período autoritário, iniciado em 1964, até o momento da redemocratização enfatizavam, sobretudo, o crescimento e a estabilização da economia. Com a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder, o discurso de governo, além de garantir a estabilidade macroeconômica, elege o combate à desigualdade social, desde que sem ameaças a ganhos das classes dominantes, como grande slogan⁷⁰. Nesse período, marcado por resultados e realizações expressivas, como a redução da desigualdade de renda e a implantação de cotas, raciais e sociais, em algumas instituições de ensino superior, os entrevistados traçavam os seus planos rumo à universidade.

O horizonte de expectativas dado, antes de ser uma realidade de fato, apresenta aos seus contemporâneos possibilidades de destinos que podem ser piores, iguais ou melhores do que as vivenciada no presente. Na primeira década de 2000, o discurso majoritário pautava-se pelo otimismo. Era chegada a hora do Brasil se afirmar como potência mundial, com a definitiva

em oportunidades desigualmente distribuídas - é assumida como um fator que afeta a percepção dos indivíduos ampliando o horizonte de expectativas destes.

⁶⁹ Sobre esse padrão interpretativo ver BOSCHI, Renato, GAITAN, Flavio, Intervencionismo estatal e políticas de desenvolvimento na América Latina. CADERNO CRH, Salvador, v. 21, n. 53, p. 305-322, Maio/Ago. 2008

⁷⁰ Para essa interpretação, que vê no governo do PT a clara opção por um reformismo fraco, em detrimento de um reformismo forte cultivado nos primeiros anos do partido ver SINGER, André (2012).

realização de uma promessa há muito aventada, o que deveria vir acompanhado de uma expressiva reparação de desigualdades históricas. Os relatos de vida, que compõem o corpus dessa tese, nos trazem a percepção de um determinado perfil, que foi alvo preferencial de discursos e políticas de governo. As políticas de revalorização do salário mínimo, os incentivos ao consumo, as políticas de transferência de renda aos mais pobres, a elevação da classe trabalhadora a uma ‘nova classe média’⁷¹ e a democratização do acesso ao ensino superior são exemplos de intervenções que afetaram, em maior ou menor medida, a vida do grupo analisado nesse trabalho. Eram eles que estavam ‘aptos’ para desfrutar daquele momento de novas oportunidades que se abriam para a progressão educacional, uma vez que tais jovens, filhos da classe trabalhadora, já haviam vencido importantes gargalos do nosso sistema, como a conclusão do ensino médio.

Duas hipóteses surgiram para explicar a queda da desigualdade de renda no país, inédita até então. A primeira apontava os programas de transferência de renda como o carro chefe dessa queda. A segunda atribuía ao desempenho do mercado de trabalho tais resultados (SOARES, 2006; BARROS et ali, 2006). As análises recentes, embora considerem a importância dos programas de transferência de renda, assumem as mudanças relativas ao mercado de trabalho como as maiores responsáveis pela queda na desigualdade de renda registrada no país (CARVALHAES, RIBEIRO, SOUZA, BARBOSA, 2014; SABOIA, 2007).

A centralidade das mudanças na distribuição das remunerações, mais do que mudanças relativas ao acesso ao trabalho, foi a hipótese defendida por Barros et alii (2006) para explicar a queda na desigualdade de renda mensurada nos primeiros anos da década. Soares (2006), por sua vez, argumentava a favor de uma reestruturação no mercado de trabalho, seguindo uma tendência de recontração de trabalhadores pouco qualificados atingidos pelo desemprego estrutural na década progressa, o que explicaria o impacto positivo a favor da redistribuição de renda. Outra hipótese lançada pelo autor se refere aos efeitos ocasionados pelo aumento da escolaridade da mão de obra brasileira. A maior oferta de mão de obra qualificada provocaria, nesse sentido, uma queda nos salários dos trabalhadores mais escolarizados. Dessa forma, haveria uma diminuição do rendimento da mão de obra qualificada, paralelo ao aumento do

⁷¹ A discussão sobre a formação de uma nova classe média no Brasil tem como referência o trabalho de Marcelo Neri (2008) que defende através de critérios limitados a elevação de uma massa de trabalhadores brasileiros ao que seria considerada uma espécie de “nova classe média” ou “classe C”. A repercussão do trabalho atraiu a atenção de diversos setores da sociedade, como a mídia e o governo, para além da própria academia. Os trabalhos de Márcio Pochmann (2012) e Jessé de Souza (2012), resguardadas as diferenças argumentativas, questionam a interpretação de Neri sobre a formação de uma nova classe média no Brasil defendendo a formação de uma nova classe trabalhadora a partir das mudanças ocorridas nos anos 2000. Para conhecer melhor tal debate, ver “Nova Classe Média: um debate científico ou ideológico?” dissertação de Jana Martins Leal (2015).

rendimento da mão de obra pouco qualificada. O artigo recente de Cavalhaes, Ribeiro, Souza e Barbosa (2014) oferece uma análise do desempenho do mercado de trabalho ao longo de toda a primeira década de 2000. Os autores chegam à conclusão que a criação de melhores postos de trabalho e, em contrapartida, a diminuição de postos de baixa qualidade, possui um peso significativo na queda na desigualdade de renda verificada no período.

Se houve um discurso nos últimos anos a favor da redistribuição de renda, consolidou-se também uma forte retórica pró-consumo. A “classe C”, ou a “nova classe média”, construídos massificados pela mídia e pelo governo, foram os símbolos criados para representar a promoção dos pobres à categoria de consumidor que possui crédito na praça, diversifica sua cesta de consumo e, para o espanto de alguns, até viaja de avião. Nas entrevistas, a ascensão marcada pelo poder de consumo é muitíssimas vezes enunciada.

Alguns, como a E2, apontam que não adianta possuir um título se não se possui uma boa colocação no mercado de trabalho, cuja renda auferida é capaz de proporcionar uma vida confortável para a família. Outros reconhecem o peso que o sucesso material tem para a atribuição do sentido à experiência universitária, mas o fazem com pesar. É o que relata, por exemplo, E6: *‘Eu acho que as exigências da sociedade são muito mais materiais, infelizmente’* e E17 *‘eu vejo as pessoas estudarem para ganhar muito dinheiro, para arrumar uma ‘bocada’...’*.

Na década de 1990, um dos símbolos mais populares de sucesso era uma espécie de *self made man* - os novos ricos ou os Emergentes da Barra⁷² da Tijuca -, que a partir das condições macroeconômicas favoráveis se tornava um grande empreendedor. Na década seguinte, soma-se a essa imagem de sucesso um elenco de novos personagens “bem sucedidos”, pertencentes à classe trabalhadora. A conquista de maior bem estar, realizada a partir do mercado de trabalho, possibilita que este grupo desfrute de estilos de vida antes reservados apenas à classe média. Nesse sentido, a integração desses trabalhadores se dá, em grande medida, a partir do consumo. Os jovens adultos entrevistados são enfáticos ao declararem maior capacidade na aquisição de bens e serviços como um dos grandes marcadores da ascensão social vivida por eles embora, estas pessoas já flertem com um pertencimento de fato, ou seja, marcado através da renda e ocupação, com a classe média.

Em relação às aproximações e aos afastamentos com os principais sentidos conferidos à formação universitária e as tipologias de narrativas, como já dito, o sentido de estudar

⁷² Para um olhar antropológico sobre os emergentes da década de 1990 ver: Lima, Diana N. O. *Sujeitos e objetos do sucesso: antropologia do Brasil emergente*. Rio de Janeiro, Garamond, 2008.

vinculado aos retornos materiais abrange praticamente todas as entrevistas, mesmo que apontamentos críticos sejam feitos a tal constatação. Antigas promessas de prosperidade, acalentadas pelas gerações mais velhas e reatualizadas por estes jovens adultos, demonstram a confiança nos retornos materiais que o título superior traria na sociedade brasileira. Os relatos de alguns enfatizam, entretanto, de forma mais contundente o esforço individual. Nesses casos, os méritos da conquista serão quase sempre divididos com os pais. O reconhecimento de que sem a ajuda dos pais tal conquista não seria possível gera uma espécie de dívida moral com a família, comportamento descrito em pesquisas semelhantes (MORAIS, 2013; PORTES, 2001).

As referências ao próprio esforço e à meritocracia estão presentes nas entrevistas sem, contudo, associar-se claramente a determinado tipo de narrativa. A entrevistada E10, por exemplo, que faz parte do grupo que narrou sua entrada na universidade como um caminho natural, acessou o ensino superior através de cotas sociais e possuiu uma bolsa permanência durante os primeiros semestres da faculdade. Em seu relato, esses aspectos são narrados, mas não aparecem vinculados necessariamente ao seu sucesso. O empenho e o pragmatismo da entrevistada são os aspectos mais ressaltados como determinantes para a conquista do diploma de ensino superior. O papel da mãe é também colocado como fundamental para o êxito de tal caminhada. Entre os que narraram a entrada na universidade como um caminho desejado, mas não natural, o próprio mérito é também destacado, especialmente nas entrevistas E1 e E8.

O aspecto distintivo entre as tipologias de narração e os sentidos conferidos a formação universitária está na ênfase da superação de uma condição social inferior, não apenas no sentido material, mas também no aspecto simbólico, presente em grande parte dos relatos das tipologias “era um caminho desejado, mas não natural” e “era o caminho inesperado”.

A marcação da importância de se pensar mecanismos coletivos para a superação de desigualdade, como as políticas de Estados, em muitos casos não são ressaltadas como determinantes na própria trajetória. O que pode indicar a permanência de um ideal meritocrático no imaginário das gerações mais jovens, mesmo elas sendo oriundas dos estratos populares da nossa sociedade e também clientela de programas de redução de desigualdades. Em contrapartida, as ressalvas feitas ao peso da origem social e as suas consequências negativas para as possibilidades de ascensão de um indivíduo são também frequentemente colocadas. Nesse sentido, pode-se inferir que os relatos analisados refletem um período onde o apelo ao combate às desigualdades sociais, parte feito através de políticas de transferência de renda e de discriminação positiva, conviveu com o chamado ao consumo e a sua ideologia liberal, ancorada na ideia de mercado.

Quem narrou a entrada na universidade como algo natural não enfatizou, por sua vez, os obstáculos oriundos da origem socioeconômica, nem conferiu às políticas sociais das quais foram alvo, quando foi o caso, papel determinantes nesse processo. Tal constatação é coerente com o “enredo” que envolve as histórias deste grupo, uma vez que o projeto ascensional foi descrito como algo que já era esperado. O mesmo não pode ser dito para quem narrou a entrada na universidade como um “caminho desejado, mas não natural”, ou para aqueles que identificaram esse evento como um “caminho inesperado”. Nos relatos da maioria dos entrevistados que compõem esses segmentos há um elemento importante que dá sentido a esse movimento ascensional para além das conquistas materiais. O sentido de se transformar em outro alguém, de transubstanciar-se, é um aspecto interessante presente na perspectiva de muitos desses indivíduos e que merece destaque a seguir.

2.2.2 O estudo e o “ser alguém na vida”

No tópico anterior, discutiu-se o sentido do diploma de nível superior através das expectativas de retorno material que dele decorre. Nessa sessão, encerra-se o presente capítulo com uma reflexão que expande o sentido de estudar para além dos parâmetros materiais. A partir da percepção dos entrevistados, verbalizada por alguns através da máxima “estudar para ser alguém na vida”, o sentido simbólico dessa ascensão será destacado. O “ser alguém na vida” através da educação é pensado nessa tese a partir da ideia cristã de transubstanciação, emulando a mudança do que seria uma essência constitutiva dessas pessoas, que por seu pertencimento às camadas populares estariam muito próximas aos destinos degradantes, seja no exercício de trabalhos pesados ou na marginalidade⁷³. A mudança de substância se dará justamente através da obtenção do diploma superior, que legitima o seu portador ao exercício profissional em determinado nicho. Destacam-se abaixo algumas passagens onde esse sentido foi verbalizado.

Na minha rua tinha um senhor que tinha um cavalo e uma carroça e eu morria de medo, porque ele dava comida para porco. Ai ela [mãe] falava: ‘se não estudar vai

⁷³ Em “A República dos Meninos. Juventude, tráfico e virtude” Diogo Lyra argumenta sobre a força do simbolismo, para além dos ganhos materiais, que impulsiona a adesão de jovens moradores da periferia de Nova Iguaçu (RJ) às atividades marginais. Possuir uma identidade social prestigiosa, dentro do seu meio, é uma das justificativas dadas por jovens “em conflito com a lei” para a transgressão legal. Em sentido contrário, mas com propósitos semelhantes, estão os jovens, cujas trajetórias são analisadas nessa tese. Em busca de uma inclusão “privilegiada” no contexto social a que pertenciam, os entrevistados trilharam um caminho legítimo dentro do status quo, mas, como os meninos “em conflito com a lei” estudados por Lyra (2013), fizeram esse percurso porque recusaram o destino de invisibilidade social relegado às classes trabalhadores.

ficar igual ao Seu Nenê, puxando carroça. Eu pegava essa imagem: ‘Meu Deus, eu vou acabar igual ao Seu Nenê puxando carroça. (E2)

Eu lembro que a minha mãe sempre falava: “a caneta é mais leve que a pá”. (...) Então, olhando para esse cenário e o que eu tinha antes, eu realmente era uma pária. Uma pária. Uma menina que morava na comunidade, num colégio dentro da comunidade, provavelmente nem fazia parte das estatísticas...(E6)

Porque formado eu seria alguém na vida, digamos. Eu conseguiria alguma coisa na vida. Eles aceitavam que eu não estivesse trabalhando desde que estivesse estudando (E14).

Não quero essa vida de trabalho. Até hoje brinco: “nunca peguei em enxada, vou pegar em coisas pesadas.” (...) Então, é nesse sentido. Um poder. O grau te dá o poder. Mesmo que lá eu recebesse R\$3 mil com as minhas aulas e com o projeto e depois eu recebesse R\$1200 teria um sentido diferente. (E18)

Ele sempre falava que não queria que eu fosse como ele e como minha mãe, que eu deveria ser melhor do que eles. E era através do estudo que eu iria conseguir isso. Uma ideia que eu acho ridícula de ‘você tem que ser alguém na vida’. Como se os meus pais não fossem alguém na vida. (E21)

O “ser alguém na vida” foi formulado nas entrevistas em contraposição aos destinos desumanizadores- como o do “puxador de carroça” ou o do “capinador”, que figuram como bichos papões de uma fábula infantil a amedrontarem a criança - e ao destino de “jovem infrator”. Dessa forma, a trajetória de sucesso de quem nasce nesse meio precisa ser traçada contra personagens de seu convívio próximo, que carregam consigo um pesado estigma social. Ou seja, é necessário se distinguir destas figuras para ser integrado de maneira digna e valorosa na sociedade. Muitas vezes, nos relatos obtidos, o personagem a quem se pretende representar como outro está intimamente ligado aos entrevistados, como o trecho da E21 destacado acima nos informa. O árduo labor dos pais também serve de contraexemplo para a definição deste sentido. De um lado, está a desvalorização do trabalho precário, que embrutece e sentencia à posição de inferioridade social. De outro, especialmente para os homens, está o crime e o temor de uma adesão à marginalidade.

O imaginário de desvalorização do trabalho manual no Brasil está presente na percepção de parte dos entrevistados. A desvalorização não se verifica apenas no retorno salarial, mas também em um verniz que determinadas ocupações parecem possuir ante as demais. A distinção social que o título superior representa na sociedade brasileira nos remete à discussão sobre os privilégios de certos profissionais, baseados na cultura do credenciamento educacional. Em seu livro “As Profissões Imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930”, Edmundo Campos Coelho analisa as estratégias que visaram o exclusivismo de algumas atuações profissionais aos possuidores de credenciais específicas. A dinâmica descrita nos

informa sobre o controle bem sucedido que determinadas corporações profissionais realizaram sobre o seu métié⁷⁴. De modo semelhante, os limites impostos à progressão na carreira pela baixa qualificação educacional aparecem nos relatos de alguns entrevistados. A percepção que estes possuem sobre a trajetória ocupacional dos pais nos fornece o exemplo de como a cultura credencialista, vigente no mercado de trabalho brasileiro, penaliza quem não possui as habilitações requeridas: *‘Meu pai entedia demais do ofício, de obra, de empreitada e tinha o engenheiro, que por ter o ‘canudo’ tinha mais oportunidades que ele. (E16)’* e *‘Se eu não me engano, primeiro ela fez um curso de auxiliar de enfermagem. E aí foram vários perrengues, primeiro ela fez este curso, mas não funcionou. Depois ela teve que fazer outro. Depois o auxiliar já não funcionava, tinha que ser técnico (E11).’*

Há, os relatos, uma gradação do valor do outro conferido através de sua atividade laboral. O trabalho, fonte de valorização moral das camadas populares, é o ambiente onde as distintas gerações irão adquirir parte da sua dignidade e do seu reconhecimento. O título superior, contudo, altera o valor dos filhos, aqui entrevistados, em relação a seus pais, ao conferir-lhes um substrato distinto. O lugar do assalariado sem qualificações no Brasil é marcado por uma inferioridade que não parece vinculada, na visão dos entrevistados, apenas ao seu exercício profissional. No extremo dessa hierarquia, estão os trabalhadores precarizados, aos quais o labor parece retirar-lhes até mesmo sua humanidade.

O exercício de uma ocupação degradante parece contagiar outras áreas da vida do indivíduo, condenando-o a uma espécie de degredo social. Tal percepção dos entrevistados se associa à discussão sobre a desvalorização do trabalho manual no país, com sua inelutável associação ao passado escravagista nacional⁷⁵. Sem sugerir uma imutável continuidade secular

⁷⁴ “Se a formação bacharelesca ministrada no Império por um reduzido número de escolas oficiais servira a um punhado de afortunados (geralmente apadrinhados por políticos) de passaporte para as posições de maior relevo na sociedade, tratava-se agora, na República, de instituir critérios meritocráticos que tão bem aderiram ao conhecimento técnico e científico (ao contrário da formação ornamental do passado). Nesses termos, o diploma deveria perder o caráter de marca de distinção social; e tão-somente como atestado de perícia render aos graduados vantagens estritamente profissionais a serem obtidas por competição no mercado”. (COELHO, 1999: 273-4)

⁷⁵ A degradação do trabalho manual e sua associação à escravidão no Brasil é abordada por diversos interpretes do pensamento social brasileiro. Em “A Revolução Burguesa no Brasil”, Florestan Fernandes aborda a questão em sua discussão sobre a ética do trabalho vigente na Colônia. “No mundo colonial, porém, a superposição da escravidão ao regime estamental acarretou uma degradação extrema do “trabalho mecânico” e impôs critérios inteiramente novos de suplementação do trabalho escravo por trabalho de “homens livres” ou “semilivres” (seja através do trabalho do liberto; do trabalho de homens livres e dependentes, e, portanto, excluídos da ordem estamental; e de artesãos, ‘homens de confiança’ ou parentes pobres, pertencentes à raça dominante e classificados na ordem estamental) Os números através dos quais tal situação se exprimia criavam uma realidade inelutável: a noção de trabalho se aplicava às tarefas ‘mecânicas’, ao labor a mando e para gáudio de outrem, e pressupunha, de uma forma ou de outra, a perda de dignidade social e de liberdade.” (FERNANDES, 1976: 190-1) Em “Homens Livres na Ordem Escravocrata” Maria Sylvia de Carvalho Franco também expõe o tema e o

desse imaginário, não resta dúvida que a mácula da escravidão ainda encontra reminiscências na associação do trabalho pesado à população negra, como expressa na preconceituosa expressão “trabalho de preto” e, por conseguinte, à “degradação do próprio trabalho manual como uma condenação, indigno senão de seres degradados” (CARDOSO, 2010:75).

Na percepção dos entrevistados, o labor desvalorizado não aparece necessariamente associado à questão racial. Como Jessé de Souza (2003) afirma, ao analisar “A integração do negro na sociedade de classes” de Florestan Fernandes, os nacionais desclassificados, a ‘gentinha’, não se restringiam apenas aos negros, mas a todos os que estavam em posição de dependência e eram tidos como não adaptáveis à ordem moderna capitalista. O mesmo autor chama atenção para a recorrência da expressão “ser gente” nas entrevistas realizadas por Florestan Fernandes na obra supracitada. Para Souza (2003), o desejo expresso de “ser gente” está relacionado à ausência de um acordo tácito na sociedade brasileira, que equalizasse social e juridicamente todos os seus membros a partir de um princípio básico de dignidade. Remetendo à discussão sobre o conceito abstrato de cidadania, no Brasil não comungaríamos de um ideal fundante, internalizado e imiscuído pré-reflexivamente nas práticas sociais, que bloqueasse a classificação rotineira da população entre cidadãos e subcidadãos.

O “ser gente”, nesse sentido, possui afinidades com a interpretação aqui sugerida para o “ser alguém na vida” através do ensino superior. O diploma é um poder, como nas palavras do E18, que permite ao indivíduo mudar sua origem e, por conseguinte, transformar o seu destino, pois o dota de outra substância, incomensurável ante a medida inicial, que não poderia ser conquistado meramente através da renda. O título permite, sobretudo, uma inclusão social em posição de destaque⁷⁶, ou seja, uma posição de outra natureza, que aqueles trabalhadores manuais sem qualificação não podem gozar.

Os relatos dos entrevistados, onde o destino laboral a ser evitado fica evidente, nos apresenta trabalhadores no exercício de funções extremamente precárias, em relação à sua remuneração e formalização. É necessário reafirmar, todavia, que o “ser alguém na vida” não parece ser construído em oposição radical aos trabalhadores assalariados que não possuem educação formal, mesmo que estes sejam retratados a partir de signos de inferioridade, como a

relaciona ao trabalho dos homens livres no contexto de escravidão. “...o artesão livre chegava a alugar um preto ‘para que lhe carregasse o martelo, a talhadeira e uma outra ferramenta pequena’, quando transitava pelas ruas.”(FRANCO,1997:216).

⁷⁶ Novamente, aqui se faz uma comparação com os jovens em “conflito com a lei” estudados por Lyra (2013). Os jovens infratores, objetos de análise em “A República dos Meninos, exprimem a visão pejorativa que possuem do trabalhador comum, o ‘otário’ – trabalhada por Zaluar (1985) - que muito labuta e pouco conquista. A posição que buscam nas atividades ilícitas é justificada pelos baixos retornos materiais e simbólicos que o trabalho assalariado não oferecia.

caracterização algo pejorativa do trabalho de quem não prosseguiu com os estudos como “servicinho” ou o lamento, já citado, sobre os limites no mercado de trabalho de quem não possui a credencial superior. A utopia varguista, tal como argumenta Cardoso (2010), foi um projeto político que logrou sedimentar no imaginário nacional a imagem dignificante do trabalho, formalizado e regulado pelo Estado, tal como formulado pelo projeto varguista. Nas entrevistas, o valor do trabalho não é questionado. Há, contudo, a percepção, por parte do grupo pesquisado, da desigualdade social, que estratifica e qualifica de acordo com os ativos pessoais de cada um os integrantes do mercado de trabalho brasileiro. O outro desumanizado parece, por sua vez, ser um trabalhador que atua em condições de extrema precariedade e fragilidade quanto aos direitos trabalhistas. Isolando tais personagens, restam aqueles que labutam em ofícios agregados na base da pirâmide ocupacional e que, na visão dos mesmos entrevistados, parecem sentenciados a tal lugar. O “ser alguém na vida”, quando dito em relação às possibilidades profissionais, indica a percepção de que se está de graus acima do lugar comum ocupado pelos trabalhadores sem qualificação, de modo que o diploma é um verniz que modifica o destino daquele indivíduo e o dota com um poder a mais, que se irradia para além do mundo do trabalho e influencia outras dimensões da vida de quem o possui.

Não é apenas o trabalho degradante ou o aprisionamento em trabalhos tomados como menores, os ‘servicinhos’, que precisam ser evitados. Para o jovem pobre, morador do Rio de Janeiro e região metropolitana, o destino da marginalidade também precisa ser refutado. As referências ao tráfico de drogas são feitas para exemplificar os pares que sucumbiram ao destino da marginalidade. Gabriel Feltran (2014) argumenta que o inimigo público há tempos não é mais o vadio sem ocupações, mas o bandido com cor e origem social definida, aquele que está presente no imaginário público como grande ameaça ao patrimônio individual. Nas palavras do autor “O “outro” fundamental da ordem pública já não é o desempregado, que pede integração social por querer ser trabalhador, por ter índole e religião de trabalhador. Nosso outro agora é o “bandido”, o inimigo público que precisa ser contido. (FELTRAN, 2014: 504)”. A proximidade com esse tipo social, identificado muitas vezes por sua cor, idade e moradia, provoca entre os entrevistados a necessidade de estabelecer uma rígida fronteira simbólica⁷⁷ entre sua persona social e os desviantes do seu entorno.

Como enunciado em parágrafos anteriores, o sentido de “ser alguém na vida” possibilitado pelo diploma de ensino superior está mais nítido na percepção dos entrevistados -

⁷⁷ O conceito de fronteira simbólica é utilizado tal como formulado por Lamont e Molnár (2002). Esse conceito será especificado e melhor trabalhado no quarto capítulo.

mesmo quando tal sentido é rejeitado - que ressaltaram os desafios e a excepcionalidade da formação superior em suas vidas, ou seja, daqueles que estão agrupados nas tipologias “era um caminho desejado, mas não natural” e “era um caminho inesperado”. Embora a maioria dos entrevistados agrupados na tipologia “era um caminho natural”, e algumas exceções presentes nas demais tipologias, identifique o rebaixamento social a que são acometidos determinados trabalhadores, em seus relatos não transpareceu o temor de que em algum momento de suas vidas sua identidade pudesse ser assimilada a partir destes destinos, mesmo que pessoas muito próximas em suas redes sociais, como os próprios pais, estejam entre tais trabalhadores. A E10, por exemplo, enuncia com certo desprezo os destinos ocupacionais que seus amigos de infância alcançaram, tendo como teto educacional o ensino médio. *‘A maioria não continuou, a maioria terminou o ensino médio e conseguiu um servicinho mais ou menos num lugar ou outro’*. A estratificação do mercado de trabalho brasileiro é clara para essa entrevistada, assim como para os demais.

A possibilidade de tornar-se um trabalhador sem qualificações ou qualquer outro personagem estigmatizado na ordem social não foram colocados, contudo, tão expressamente dentro da tipologia “era o caminho natural” como nas demais⁷⁸. Por uma série de motivos, o grupo cujo destino já parecia, aos seus próprios olhos, traçado de antemão, não se autodeterminava como portador de um estigma a ser superado. Não parecem perdurar, por exemplo, as marcas associadas aos filhos da classe trabalhadora moradora de grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro. Em suas percepções, o futuro era um lugar de melhoria de vida viabilizado pelo êxito educacional. Sua essência não possuía nada de menor ou negativo, já que por serem estudiosos, laboriosos e responsáveis a mobilidade social ascendente emergiria em sua trajetória com uma questão de tempo. Os destinos desvalorizados eram destinados aos outros, como os vizinhos, os amigos da escola e os parentes preguiçosos, que eram distintos deles.

De outro lado, estão os casos onde o ensino superior é visto, desde cedo, como a grande chance para a mudança de uma situação de pobreza ou como a possibilidade inesperada que surge para produzir efeito semelhante. As insuficiências do Estado, a violência, a degradação moral, todo esse conjunto de elementos, parecem estar todo o tempo à espreita dos entrevistados, que narraram sua história como um esforço de superação e fuga de um destino provável. Ao fim do tortuoso percurso rumo à graduação surge algo novo. O protagonista recebe

⁷⁸ A exceção é o caso de algumas mulheres da tipologia “era o caminho natural”, que assim como outras entrevistadas, comunicaram certa aversão ao destino de dona de casa – possibilidade posta a elas e exemplificada muitas vezes pela trajetória da mãe.

um verniz social que o distingue e o possibilita a se tornar referência para um meio maculado pela pobreza. Este sujeito distinto, que supera os estigmas sociais provenientes da desigualdade, estaria “finalmente” integrado em uma sociedade que, na percepção de alguns, valoriza o superficial e marginaliza os mais pobres. O sentido da formação universitária assume, nessa perspectiva, o efeito da transubstanciação, ao elevar esses indivíduos a outro nível, inalcançável sem o canudo, e ao possibilitá-los ser alguém de maior valor, claramente reconhecido.

Nas tipologias “era o caminho desejado, mas não natural” e “era o caminho inesperado”, há também maior incidência de percepções que conferem à estrutura social importante papel quanto à progressão e ao sucesso educacional. Os déficits do sistema educacional público, a necessidade de trabalhar para ajudar no orçamento familiar, a falta de informação e a consequente restrição do horizonte de expectativas do jovem pobre são frequentemente mobilizados como limitadores para o sucesso deste perfil social. Mesmo que, tomando as entrevistas analisadas como um todo, discursos sobre o mérito e o esforço estejam presentes em todas as tipologias mencionadas, os entrevistados que não tomaram parte do grupo “era o caminho natural” questionam mais explicitamente o papel do voluntarismo e da ação individual como grandes definidores para quem quer crescer na vida⁷⁹. O despertar crítico desses jovens para a estrutura desigual da sociedade brasileira, e suas consequências em algumas entrevistas, é claramente marcado. Essa percepção, em alguns casos, se deu no momento de preparação para o vestibular, quando eram alunos de cursinhos pré-vestibulares comunitários, como é o caso dos entrevistados E2, E6, E7, E11, E13, E19, E22. No Rio de Janeiro, muitas instituições se consolidaram a partir de uma forte militância pró-negros e pobres dentro da universidade, impulsionando no Estado a criação de políticas de cotas raciais e sociais. O discurso de muitos entrevistados reflete, nesse sentido, o léxico público de democratização do acesso às universidades vigente no período em que vários forjaram os seus planos rumo à universidade.

Como último ponto a ser levantado, há uma ressalva sobre as consequências de assumir o sentido da formação superior como algo que cumpre um importante efeito simbólico. A visão de “ser alguém na vida” através do ensino superior não é colocada pelos entrevistados sem reservas. Em muitos casos, essa perspectiva é tomada com ressaibo e contraposta a falas que

⁷⁹ O tema do mérito pessoal e as fronteiras simbólicas que são traçadas por pessoas que ascendem socialmente é algo recorrente nas pesquisas desse tipo. A tese de Thiago Panica (2015) nos oferece um rico inventário de percepções de indivíduos que experimentaram micro mobilidades no seio das camadas populares. A ascensão de curta distancia não impede que tais indivíduos usem critérios severos para diferenciá-los daqueles que permanecem em uma situação de pobreza. A proximidade física com a pobreza parece fortalecer a necessidade entre os que ascendem socialmente de diferenciar os virtuosos trabalhadores dos ‘acomodados’. No quarto capítulo, o tema das fronteiras simbólicas e os efeitos que a ascensão pela educação superior possui para a rede pessoal dos entrevistados será abordada.

valorizam elementos do mundo de origem. Em outros, há maior esforço em diferenciar-se dos que permaneceram estagnados socialmente. A transubstanciação sugerida de forma alguma representa uma ruptura com o meio de origem. As relações entre o mundo de origem e o mundo do destino, assim como a conciliação de diferentes redes sociais que decorrem desse movimento, serão os temas do próximo capítulo.

3 OS SENTIDOS DO DIPLOMA E O TRÂNSITO ENTRE A ORIGEM E O DESTINO.

As histórias de vida discutidas nesta tese guardam, em muito, semelhanças com outras, que motivaram pesquisas sobre a longevidade educacional de membros das camadas populares. As regularidades encontradas em trajetórias individuais de pertencentes à determinada classe social, obviamente, podem explicar boa parte destas semelhanças. Por outro lado, a inserção desse objeto de pesquisa dentro de um campo científico específico certamente atribui a tais percursos determinado ‘padrão de ocorrência’, que se vincula as referências teórico-metodológicas utilizadas na área.

O presente capítulo inicia suas discussões com uma revisão, não exaustiva, dos principais temas abordados em relevantes contribuições brasileiras sobre trajetórias educacionais longevas traçadas por membros dos estratos populares. A problematização das imagens atribuídas a quem ascende socialmente partindo dos estratos populares da população encerra essa sessão e encaminha os pontos teóricos que serão trabalhados na seguinte.

A culpa ou deserção, assim como o trânsito entre mundos irreconciliáveis, são hipóteses questionadas a partir das histórias de vida reunidas nessa tese. Mobilizando a revisão crítica dos pressupostos bourdesianos, proposta por Bernard Lahire, o capítulo problematiza a ideia de mundos encerrados sob a égide da classe social, a partir do conceito de socialização plural e da ideia de um trânsito intermitente realizados pelos entrevistados entre o mundo da origem popular e do destino de classe média.

O capítulo termina com a apresentação de dois perfis, que buscam através da exemplaridade sociológica que os caracteriza ilustrar a argumentação feita.

3.1 Trajetórias de mobilidade educacional nas camadas populares brasileiras: principais temas e contribuições.

A Sociologia da Educação é uma área que, por tradição, abriga substancial volume de pesquisas que buscam compreender as dinâmicas sociais envolvidas no processo de escolarização. Do surgimento de pesquisas nesta área até sua institucionalização como disciplina científica percebemos, todavia, mudanças do objeto de investigação que acompanharam o contexto histórico de cada época⁸⁰. O interregno entre o fim da II Guerra

⁸⁰ A divisão apresentada está baseada na proposta de Maria Alice Nogueira (1995). A autora descreve o desenvolvimento da Sociologia da Educação a partir de três períodos importantes para as pesquisas da área. Para

Mundial e a década de 1960 registrou grande crescimento demográfico e a retomada do crescimento econômico para diversos países centrais do Ocidente. Como consequência do aumento da população de crianças e de jovens, houve maior demanda por vagas no sistema educacional, pressão demográfica que resultou na ampliação de tal sistema nos países desenvolvidos. O grande interesse gerado pela educação no período sinalizava para as crescentes expectativas de mobilidade social através da escola, que a população começava a nutrir. Em países como Inglaterra, França e os Estados Unidos⁸¹, esse processo também despertou grande interesse dentro das universidades, o que culminou na realização de *surveys* com a finalidade de fornecer um diagnóstico do sistema educacional vigente. Nessa época, acumularam-se pesquisas sobre educação, pois havia uma grande aposta no poder transformador que a escola exerceria nas sociedades modernas. As pesquisas do período deixaram um legado empírico importante para o desenvolvimento das investigações na área e, especialmente, para as críticas formuladas, nos anos posteriores, sobre o papel da escola nas sociedades contemporâneas.

A partir da segunda metade dos anos sessenta, influenciados pela teoria marxista, surgem no cenário da Sociologia da Educação sociólogos que irão contestar duramente o papel transformador da escola na sociedade. Em contraposição ao otimismo criado em torno de tal instituição, tais pesquisadores irão atestar que a escola reproduz e legitima a condição de exclusão social daqueles que adentram no sistema. Os trabalhos dedicados à compressão dos caminhos trilhados, dentro do sistema educacional, por indivíduos de origem popular são ainda muito influenciados por esta tradição, atuante desde a segunda metade dos anos sessenta. Em 1970, o livro “A Reprodução”, de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, marcou a emergência desse paradigma teórico, que buscava desmistificar o papel que a instituição escolar possuía nas sociedades modernas. Em “A Reprodução”, os autores citados demonstraram que, ao contrário de nivelar as desigualdades sociais inerentes ao corpo discente, a escola as reproduziria favorecendo os detentores de melhores condições socioeconômicas.

O paradigma da reprodução influenciou enormemente os pesquisadores brasileiros, que movidos por inquietações de mesma natureza produziram grande número de estudos destinados

uma leitura informada, ver: NOGUEIRA, Maria Alice. Tendências atuais da Sociologia da Educação. In: II Seminário Catarinense de Sociologia da Educação, 1995, Florianópolis. II Seminário Catarinense de Sociologia de Educação - Leituras e Imagens. Florianópolis: UDESC/FAED, 1995.

⁸¹ O Relatório Coleman de 1966, que foi produzido nos EUA, destaca-se dentre esse tipo de pesquisa. As conclusões deste relatório ficaram famosas na área ao afirmarem que as escolas faziam pouca diferença para a trajetória de seus alunos em comparação às características familiares dos mesmos.

a demonstrar a função reprodutora de desigualdades do sistema escolar. A grande exploração do vocabulário da reprodução e de outras ferramentas conceituais similares limitou, apesar das suas virtudes, o desenvolvimento das pesquisas na área, que só viria a diversificar o trato com o seu objeto de análise a partir do final década de 1970 (NOGUEIRA, 1995)⁸².

Se há muitos trabalhos que, através da perspectiva sociológica, elegem a instituição escolar e suas dinâmicas como objeto de análise por excelência, outros, já na década de 1960, destacavam que mesmo ante o imperativo da reprodução membros das camadas populares, ainda que poucos, triunfavam nesse ambiente adverso⁸³.

Resguardadas as peculiaridades de cada trabalho, é possível dizer que todos buscavam compreender como trajetórias de sucesso escolar nos meios populares se mostravam possíveis, uma vez que as taxas de insucesso em tal meio eram conhecidas e já bastante documentadas. A questão norteadora de tais estudos estaria em explicar como trajetórias que traçam um movimento tão díspar em comparação a seus pares de classe. Outro aspecto caro a tais pesquisadores estava em compreender como acontece a assimilação desse sucesso por quem o conquista. Em outras palavras, entender o impacto psicossocial que o êxito em um “ambiente adverso” aos membros da classe de origem provocaria no candidato à ascensão social. É através dessa perspectiva - em particular, interessada em compreender os sentidos da ascensão social para egressos do ensino superior de origem popular no Brasil - que a presente tese se insere nesta tradição de pesquisa.

Na academia brasileira, há contribuições importantes que abordam tais aspectos. A maioria faz uso da metodologia qualitativa, mais especificamente, das entrevistas em profundidade para coletar o material empírico que embasa as discussões⁸⁴. Embora grande parte

⁸² Após a exploração quase exclusiva do paradigma da reprodução nas pesquisas sobre a relação escola e sociedade, surge uma nova vertente dentro da Sociologia da Educação caracterizado pelo deslocamento do enfoque investigativo para dentro do ambiente escolar. Uma vez que se sabe que a escola tende a manter as desigualdades externas a ela, o interesse dos pesquisadores se desloca para a compreensão dos processos pelos quais tal fenômeno ocorre, e ainda, quais seriam os procedimentos capazes de subverter essa ordem. Tal vertente ficou conhecida como “Efeito Escola”. Sobre o “Efeito Escola” ver: Bressoux (2003), Visscher (1999) e Soares, Torres e Alves (2002).

⁸³ Algumas referências, como os trabalhos de Jean-Paul Terrail (1990), Jean Yves Rochex (1995) e Richard Hoggart (1973) são frequentemente citados como exemplares deste debate, considerando, sobretudo a recepção de tais trabalhos por pesquisadores brasileiros.

⁸⁴ A dissertação de Juliana Athayde Morais (2013) é um destaque interessante nesse conjunto de trabalho sobre a entrada de jovens de camadas populares na universidade ao se valer de relatos autobiográficos como material empírico. A autora analisou o material produzido pelos bolsistas do projeto Conexão de Saberes que reunia jovens universitários oriundos das camadas populares através da proposta de uma autorreflexão sobre a própria trajetória. O projeto desenvolvido entre 2004 e 2008 em universidades federais resultou em 33 coleções com textos, reflexões e relatos desses jovens. Morais (2013) analisa, a partir de quatro coletâneas (UFPA, UFPE,

dessas reflexões seja produzida nos domínios universitários das Faculdades de Educação, o diálogo com a Sociologia se faz muito presente tanto em sua inscrição institucional, na subárea de “Sociologia da Educação”, quanto nas referências teóricas mobilizadas⁸⁵. Sem a pretensão de fazer uma revisão exaustiva da produção científica brasileira sobre o tema da longevidade escolar das camadas populares, serão destacadas algumas questões recorrentes em teses e dissertações que abordam este assunto e dialogam diretamente com o presente trabalho⁸⁶.

Compreender como foi possível o sucesso de um percurso considerado improvável no sentido estatístico, ou seja, tomando por referência o destino educacional modal de jovens com condições sociais semelhantes, é o objeto de análise por excelência desse tipo de pesquisa. O desdobramento dessa questão resultará na reflexão sobre quais seriam as características, tanto individuais quanto coletivas, que potencializariam a longevidade educacional, na maioria dos casos assumida como a entrada no ensino superior, de jovens oriundos de camadas populares. O acúmulo de conhecimento gerado por tais pesquisas permite apontar determinados elementos como facilitadores de tais trajetórias. Mesmo que propostas como, por exemplo, a desenvolvida por Viana (1998), argumentem contra a feitura de um simples inventário dessas práticas ao assumir uma postura analítica que atenta para as múltiplas combinações que esses elementos possam adquirir em cada trajetória específica, ainda assim é possível a identificação de características que são tidas como facilitadoras do percurso deste grupo social rumo à universidade.

Os vínculos entre as características familiares e a escolarização dos filhos, sem dúvida, são largamente exploradas como elementos que podem tanto facilitar quanto dificultar a trajetória escolar dos indivíduos. A relação das famílias populares com a escola é muitas vezes mal interpretada quando se procura entendê-la a partir do que seria o “tipo ideal” desta relação, representado pelas estratégias educacionais adotadas entre a classe média ou a classe média intelectualizada, que desde cedo já colocam a educação como um meio de ascensão e/ou de

UNB, UFMG), as principais formas de apoio que esses jovens receberam ao longo dessa caminhada. O ponto da autora revela que é no ambiente familiar e da vizinhança próxima que esse apoio se faz mais intenso.

⁸⁵ Do conjunto destas referências, cabe ressaltar, por sua relevância e impacto nas pesquisas brasileiras sobre educação, a tradição disposicionalista da ação, abordagem, por excelência, vinculada à contribuição teórica metodológica de Pierre Bourdieu. E também a revisão crítica e atualização de tal abordagem proposta por Bernard Lahire.

⁸⁶ Para uma revisão da produção científica nacional sobre o tema, especialmente aquela referente às dissertações e teses, consultar: SOUZA, Maria do Socorro Neri. *Do Seringal à Universidade: o acesso das camadas populares ao ensino superior público no Acre*. UFAC, 2009. (Tese de Doutorado). TARABOLA, Felipe de Souza. *Quando o ornitorrinco vai à universidade: trajetórias de sucesso e longevidade escolares pouco prováveis na USP; escolarização e formação de habitus de estudantes universitários das camadas populares*. USP, 2010. (Dissertação de Mestrado).

distinção para os seus filhos (NOGUEIRA, 2010). As famílias de classe média, especialmente, são diferenciadas em relação à formação educacional de sua prole por traçarem planos precoces e de longa duração envolvendo essa dimensão da vida. O próprio número de filhos aparece como um exemplo dessa visão estratégica. Embora entre as famílias de camadas populares não se tenha tão nítida a identificação⁸⁷ desse controle do tempo e das escolhas dessa natureza, é possível destacar comportamentos que demonstram o engajamento, de forma menos ou mais intensa, dos mesmos com a escola. Ou seja, mesmo que o projeto do filho universitário não seja colocado ou formulado como tal precocemente – na maioria das vezes, a ideia se desenvolve paulatinamente - é possível identificar uma série de atitudes das famílias populares com o mundo escolar que auxiliam seus membros mais jovens a progredirem nessa instituição (VIANA, 1998, SILVA, 2011, PIOTTO, 2007). Essa perspectiva vai ao encontro dos argumentos defendidos por Bernard Lahire, em “Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável”, obra que influenciou largamente as pesquisas brasileiras nas últimas décadas. A importância simbólica atribuída à educação pelas famílias populares pode ser compreendida em diversas manifestações, que não correspondem exatamente aos planos meticulosos traçados pelas classes média e alta. Argumentar contra a injusta “demissão dos pais”, percepção negativa que os professores franceses teriam referente à relação estabelecida entre as famílias de origem popular e a educação de seus descendentes, é o ponto principal de Lahire (2004). A valorização da educação para esse grupo passa muitas vezes por uma auto depreciação que coloca no filho a esperança de ter uma vida melhor do que aquela vivida por eles.

Nosso estudo revela claramente a profunda injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma ‘omissão’ ou uma ‘negligência’ dos pais. Quase todos os que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos ‘sair-se’ melhor do que eles. Aliás, é importante destacar que os pais, ao exprimir seus desejos quanto ao futuro profissional dos filhos, tendem, frequentemente, a desconsiderar-se profissionalmente, a confessar a indignidade de suas tarefas: almejam para sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal-remunerado, mais valorizado que o deles. (LAHIRE, 2004:334)

⁸⁷ O material empírico que informa as discussões dessa tese contém diversas menções sobre como os entrevistados percebem a importância que a educação possuía para os seus pais. Em grande parte dos casos, a educação representava abstratamente a chance que os filhos teriam para ter uma vida melhor. Essa crença mesmo que não se materializasse em ações concretas de âmbito pedagógico influenciava diversos comportamentos dos pais que marcaram os entrevistados como determinantes para o sucesso em suas trajetórias escolares. Em outros casos, mais raros, mesmo com um baixo estoque de capital cultural, famílias como a do E16 tinham uma série de estratégias voltadas para a escolarização dos filhos. Nas palavras de E16 ‘Minha mãe era maluca! Ela fazia no quintal lá em Petrópolis uma escolinha. Mandou a marceneira fazer aqueles banquinhos de madeira e pra gente era maravilhoso, esse contato... Ela queria incentivar a gente a escrever no diário, tinha material de papelaria, tinha canetinha, era bem legal.’

Tal engajamento pode ganhar contornos mais específicos como quando se considera a função moral que envolve o ofício de estudante, entendido analogamente à função moral atribuída ao trabalhador (SARTI, 2005). Isso se daria acentuadamente no caso destas famílias que extrairiam do seu trabalho valores fundamentais para a afirmação de sua própria dignidade e de sua distinção. Expandida a questão moral para além da analogia com o mundo do trabalho, a vigilância dos pais para que os filhos não caiam em um caminho de transgressões também merece destaque como uma conduta que parece produzir bons resultados quanto à formação escolar dos sujeitos investigados (VIANA, 1998, SILVA, 2011, PORTES, 2001, PIOTTO, 2007). Muitos entrevistados, que durante a infância e adolescência, residiam em bairros populares ou comunidades do Rio de Janeiro, relataram grande controle que os pais tinham em relação às suas amizades e brincadeiras de rua. Em muitos casos, os pais interditavam o ambiente da 'rua'. O E22 expõe claramente essa questão: *'Minha infância era baseada naquilo: não ir para a rua. Até 14 anos eu não ia para a rua. Nem eu nem minha irmã. As vezes, ficávamos na greta do portão olhando nossos colegas na rua. Quando minha mãe estava no portão, ela nos deixava ficar um pouco com os colegas. Mas quando ela entrava nos colocava para dentro.'* Outros apontaram que as saídas para brincar com os vizinhos eram controladas e muitos tinham nos irmãos e parentes as companhias mais frequentes para o lazer. Além das condutas mencionadas, que são frequentemente relatadas nas histórias que se tem conhecimento através das pesquisas sobre o fenômeno, outras atitudes não exclusivas dessa parcela da população, mas que delas demandam enorme empenho, são ressaltadas como importantes para se traçar um percurso escolar de sucesso. Alguns exemplos são o acompanhamento da vida escolar dos filhos, o apoio psicológico e o esforço financeiro hercúleo para prover as condições necessárias ao estudante.

Ainda sobre os recursos que partem dos vínculos sociais do estudante, é notório que a família pode servir como intermediária para o alcance de informações e de oportunidades vindas de redes mais distantes. Como é o exemplo da mãe, empregada doméstica, que tem acesso a informações, materiais e outras formas de ajuda a partir de sua relação de trabalho com as patroas, como relata o E20 *'Como a minha irmã era diarista, ela sempre trouxe revista, livros antigos do trabalho...'* Os vínculos sociais que potencializam a trajetória educacional do indivíduo podem extravasar os contatos mais íntimos. Os amigos da igreja, da militância ou do cursinho pré-vestibular, por exemplo, carregam a possibilidade de abrir portas impensáveis para o jovem pobre. Em teses e dissertações brasileiras consultadas sobre o tema, a importância dos recursos mobilizados através das redes sociais do indivíduo é ressaltada, embora essa influência

não seja objeto de estudo mais sistemático. São exemplos a consideração da atuação de uma “rede solidária” (PORTES, 2001), o processo de “socialização secundária” (SILVA, 2011) e a importância de uma “rede local” (MORAIS, 2013).

A influência das dinâmicas ocorridas no próprio meio escolar é outro ponto crucial enfatizado por tais pesquisas para a compreensão dessa trama. A imagem de “embarcações frágeis”, utilizada por Maria José Braga Vianna (1998), inspirada nas colocações de Bernard Lahire, para descrever o percurso dos universitários de origem popular objeto de pesquisa de seu doutorado, é uma metáfora presente em outras teses importantes sobre o tema. A imagem nos remete a um percurso que se faz com interrupções e sem grande planejamento, o que implica para quem o atravessa um cenário de instabilidade⁸⁸. O momento determinante para a progressão educacional dos estudantes dos meios populares parece se concentrar logo nas séries iniciais. Ser reconhecido como bom aluno em um ambiente caracterizado pela deficiência, inaptidão e fracasso é um importante signo distintivo nesse empreendimento. A crença na vocação para os estudos, que a família passa a ter após o crivo institucional, os elogios e a atenção dos professores ante aos bons resultados (tanto em relação às notas quanto ao comportamento) são pequenas vitórias que parecem contar muito na vida escolar do estudante. Em muitas histórias de vida sobre ascensão através da educação não é raro a percepção, de quem ascendeu socialmente, de que sempre fora destacado em seu meio familiar como aquele que tinha talento para os estudos. A divisão entre o filho que “serve para os estudos” e os demais é um comportamento que parece se repetir em famílias onde não se dispõe de tantos recursos para encorajar e sustentar toda a sua prole no sistema escolar. A E21, por exemplo, é a única dos seis irmãos que seguiu com os estudos até o ensino superior. A entrevistada relatou que seu pai a destacava como especial entre os irmãos no que se referia à educação. *‘Ele justificou que eu era uma exceção. Ele colocou a mesma carga para todos os filhos, o da obrigação, mas cada um seguiu por caminhos diferentes. Mas para ele eu era uma exceção.’* Aquele que recebe tal distinção a partir das boas notas ou do bom comportamento dentro da instituição escolar acaba por ter nesse reconhecimento um estímulo extra para o avanço nos estudos. A coleção de pequenos sucessos, portanto, é crucial e leva à conclusão de vários pesquisadores de que o “sucesso leva ao sucesso” nesse meio.

⁸⁸ As trajetórias agrupadas nas tipologias ‘era o caminho desejado, mas não natural’ e ‘era o caminho inesperado’ compartilham em muito o sentido atribuído pela metáfora “embarcações frágeis” utilizada por Viana (1998). Essas trajetórias foram marcadas, salvo poucas exceções, por idas e vindas do indivíduo quanto sua permanência no sistema educacional, por dúvidas sobre as reais possibilidades de êxito nesse campo e, no geral, por uma falta de planejamento que direcionasse o percurso de cada um deles rumo à entrada na universidade.

O bom rendimento escolar, medido através das notas, é um importante indicador da habilidade cognitiva do estudante e de suas possibilidades de êxito nesse campo. O E3, por exemplo, que se definiu como um *'bagunceiro nerd'* no início de sua escolarização, relatou que suas notas eram sempre boas, embora fosse tido como um aluno indisciplinado por seus professores. Esse caso é um contraexemplo do perfil de aluno bem-sucedido nos meios populares. As escolas que atendem uma clientela de baixa renda, geralmente, são aquelas onde a expectativa do corpo docente em relação aos seus alunos é muito baixa. Soma-se a isto, expectativas de total desordem, desobediência e violência, que muitos mestres nutrem quando vão lecionar em bairros pobres de grandes centros urbanos. Nesse contexto, ser um aluno cordato, respeitar as regras como o cumprimento de horários e possuir esmero em sua apresentação pessoal (uso de uniforme) e de seu material escolar são comportamentos que influem enormemente para o julgamento positivo que os professores possuem de seus alunos no ensino básico. A compreensão das regras do jogo no campo escolar, que não estão expostas diretamente como os conteúdos escolares, mas fazem diferença para o sucesso nesse campo, é crucial para o desenvolvimento da trajetória de membros das camadas populares. Em Silva (2011), tal aprendizado é colocado a partir do que o autor considera ser a “inteligência institucional” de jovens moradores do Complexo de Favelas da Maré/Rio de Janeiro, que conseguiram vencer diversos estereótipos e triunfar no sistema escolar chegando até a universidade. Portes (2001) cita a mesma relação como um “conformismo estratégico” ante ao sistema escolar, observado nas trajetórias estudadas por ele de universitários oriundos de camadas populares de cursos altamente seletivos da Universidade Federal de Minas Gerais.

Tanto o estímulo institucional quanto aquele recebido no seio familiar são importantes para a longevidade acadêmica, contudo as atitudes do próprio estudante também contam muito para essa caminhada. É o que afirma Portes (1993, 2001), por exemplo, ao colocar o interesse dos jovens pobres pelo universo escolar como determinante para a continuidade dos estudos. As chances de jovens de classe média malsucedidos em determinada etapa escolar desenvolverem uma trajetória de sucesso nesse campo são muito maiores comparativamente às observadas para os seus pares do meio popular. Para estes, o abandono dos estudos é sempre uma possibilidade real, e muitas vezes bem aceita em seu meio, o que estimula a entrada precoce no mercado de trabalho. Dessa forma, no caso de estudantes menos favorecidos economicamente, o protagonismo na busca de melhores oportunidades faz a diferença, quando não se pode contar com o conhecimento dos pais para o sucesso no sistema escolar. Atitudes que são tomadas no âmbito pessoal, como o adiamento da maternidade/paternidade, ou aquelas

que estão vinculadas diretamente à formação, como a busca de cursos e de instituições de maior prestígio, muitas vezes partem da iniciativa do jovem estudante e são também um ponto favorável nessa trajetória. Nas entrevistas realizadas, há vários depoimentos que indicam tal protagonismo, como é o caso de E10 e E20, que valorizaram a própria iniciativa quando da busca por uma escola de maior qualidade. *‘Como eu já conhecia a coordenadora dessa escola, eu fui até lá conversei, mostrei histórico dizendo que eu era uma boa aluna e que queria estar naquela escola (E10)’ ‘Acabei mudando porque fazia várias atividades extracurriculares e eu queria mudar, ter uma escola com mais acesso e nesse Brizolão eu achava que o ensino era muito ruim, já sabia que estava um pouco pra trás por causa do ensino público e aí eu tentei mudar de escola (E20).’* O acúmulo de conhecimento sobre a longevidade educacional dos estratos populares nos revela práticas institucionais, familiares e individuais, algumas próprias do meio, que favorecem o percurso desses jovens rumo à universidade. Ante tal acúmulo, algumas dinâmicas sociais, como o entendimento de outras formas de investimento na escolarização dos filhos, são despidas de preconceitos e melhor compreendidas.

Outro tema ressaltado nas pesquisas analisadas é a discussão sobre os impactos psicossociais da mobilidade educacional para os indivíduos, questão que aparece frequentemente como exemplo de comportamentos ou situações vividas pelo estudante pobre no ensino superior (PORTES, 1993, 2001). Alguns trabalhos aprofundam essa dimensão de estudo a partir da análise dos efeitos simbólicos que a entrada na universidade possui para o estudante e para a sua família, ou seja, deslocam a atenção para as demais relações que o indivíduo possui. (VIANA, 1998; PIOTTO, 2007⁸⁹)

Nas teses e dissertações brasileiras consultadas, tal questão muitas vezes se sobressai quando o assunto é a adaptação no ambiente universitário do estudante originário de um mundo onde o diploma de nível superior é um distintivo absolutamente escasso. Nesses trabalhos, o foco é o ambiente universitário e as relações travadas em seu interior. Contribuições como a de Viana (1998) e Portes (2001) afirmam que a travessia dos jovens universitários entre os dois mundos, o de origem popular e o novo mundo representado pela formação superior, não é feito sem enorme desgaste pessoal. Portes (2001), contudo, disserta sobre esse desgaste em termos mais ambíguos, ao pontuar a entrada na universidade vivida como um choque cultural para os sujeitos investigados, mas também como um ambiente repleto de novas vivências e de

⁸⁹ A tese "As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública", de Débora Piotto, foi elaborada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O diálogo direto que a autora faz em seu trabalho com a teoria sociológica contemporânea torna a obra facilmente inteligível para os pesquisadores da área de Sociologia da Educação.

aprendizagens. O foco do autor está na experiência universitária de seus investigados e nos modos de adaptação dos mesmos a tal ambiente. Já Viana (1998) desloca a atenção para além dos muros da universidade pontuando os custos subjetivos que o indivíduo terá que lidar ao fazer essa transição entre dois mundos distintos. Consciente das ambiguidades que podem envolver a transição, a autora considera a hipótese de que as trajetórias possam ser marcadas tanto por relações de ruptura quanto de continuidade com a origem popular. Em argumentação sobre os casos estudados, contudo, Viana (1998) valoriza em sua análise os conflitos entre os dois mundos que o indivíduo passa a conviver após sua aprovação no vestibular: “...não se vive impunemente o fenômeno do distanciamento cultural das origens, seja pela sua resultante - a de transformar-se em trânsfuga - seja pela própria experiência do processo.” (VIANA, 2007:239). Com menor ênfase, mas atento a esse importante aspecto da ascensão social vivida por seus investigados, a análise de Silva (2011) das trajetórias universitárias de moradores do Complexo de Favelas da Maré, no Rio de Janeiro, nos informa que somente em um caso houve, mais destacadamente, a percepção de desenraizamento do meio de origem após a experiência universitária. Nesse exemplo, há o relato de um enorme desconforto sentido pela investigada entre o modo de vida representado pela origem social e aquele adquirido após a graduação. Buscando um contraponto às teses de desenraizamento, conflito e ruptura com a origem de forma mais contundente, Piotto (2007) argumenta, a partir de seus casos, que a experiência vivida pelos jovens de origem popular na universidade não representa necessariamente uma cisão com o seu repertório cultural de origem, mas sim uma nova experiência enriquecedora que se soma às demais preexistentes. A autora ainda coloca que o sofrimento não é o tom principal dos relatos obtidos, apesar dos percalços vividos pelos sujeitos investigados em sua tese relacionados às dificuldades socioeconômicas.

De acordo com Jules Naudet (2007), a experiência de mover-se entre estratos sociais distintos, perfazendo um caminho de ascensão social, é comumente retratada a partir de dois extremos. De um lado, teríamos um sujeito atormentado pela dissonância encontrada entre os dois mundos, de outro a imagem de alguém que abandona suas origens e assimila totalmente os valores da classe de destino. Em concordância com o argumento de Naudet (2007), é necessário, a partir do estudo de casos de ascensão social, problematizar essas abordagens extremas que ora descrevem um processo de anomia, corporificado em um sujeito completamente desajustado, ora apontam para um sujeito “aculturado”, que rejeita suas raízes em favor do novo. Tal proposta está diretamente relacionada aos objetivos desta tese, que busca compreender os sentidos que a ascensão social via universidade possui para os entrevistados.

Dessa forma, de posse da literatura específica sobre ascensão social via educação e em diálogo com uma literatura mais ampla sobre esse processo, buscar-se-á uma chave interpretativa que contemple os diferentes repertórios culturais aos quais o indivíduo está exposto, sem as marcas negativa da deserção ou da culpa. Obviamente, não se trata da defesa de uma abordagem que elimine o conflito ou qualquer dilema próprio desse processo, mas da adoção de uma perspectiva teórica que assuma a socialização, em especial em grandes metrópoles como o Rio de Janeiro, como uma ação exposta desde cedo à influência de repertórios plurais que são internalizados pelos indivíduos com intensidades variáveis (LAHIRE, 2002; 2006). O material empírico analisado até então é valioso para essa discussão por apresentar diferentes maneiras de agir e pensar de pessoas com origem socioeconômica muito semelhante. Na próxima sessão, os estereótipos conferidos para quem ascende socialmente partindo de um estrato popular - “aculturado”, “desertor” - serão confrontados às histórias de vida reunidas nessa tese.

3.2 Os dois mundos e a socialização plural: um argumento a favor do equilíbrio.

As distâncias que separam as classes sociais no Brasil contemporâneo, mesmo após a queda histórica da desigualdade social registrada na última década, ainda são significativas. Distancias tão nítidas que tornam compreensíveis a frequente interpretação de casos de ascensão social, que partem dos meios populares, como um movimento cercado de choques culturais e tensões em busca de adaptação ao novo meio. Sem dúvida, como coloca Pierre Bourdieu, “ir de baixo para cima é guindar-se, trepar e trazer as marcas ou os estigmas desse esforço.”(BOURDIEU, 2007:137). As experiências dos entrevistados vividas em espaços usualmente frequentados pelas classes superiores, como a universidade, são marcadas por relatos que demonstram o espanto que muitos sentiram ao tomar conhecimento de práticas culturais e de hábitos de consumo completamente desconhecidos ou antagônicos aos que possuíam⁹⁰.

⁹⁰ É o que exemplifica as falas do entrevistado E4 e da entrevistada E8. ‘Dos 40 alunos que entram, acho que mais 3 ou 4 pessoas eram da mesma classe social que eu. Só. O restante morava no Flamengo, Tijuca, ia de carro... eu me lembro que os alunos iam de carro. Eu levava duas horas pra chegar em casa.’(E8). E ‘Quando eles viajaram para o exterior, fizeram um tour, foram à Paris, eles combinaram entre os dois. Nós ficamos sabendo próximos da data que eles iriam viajar. Foi algo como um comunicado porque eles não queriam constranger, nós conversamos sobre isso depois, eles não queriam constranger a gente dizendo que iriam viajar para o exterior.’ (E4)

Em nenhuma das histórias de vida, entretanto, há a marcação de traumas insuperáveis relacionados à fruição de espaços tidos como estranhos a indivíduos com origem popular. A segregação dos espaços urbanos, o preconceito e a discriminação são realidades que muitos entrevistados tiveram e ainda tem que enfrentar em sua experiência cotidiana. Contudo, sem negar ou minimizar os efeitos da “violência simbólica⁹¹”, institucional e até física contida nesse processo, é notório que em suas narrativas muitos dos entrevistados colocaram em relevo as estratégias pelas quais se adaptaram a esse novo ambiente. Semelhante aos casos estudados por Piotto (2007), a grande maioria dos entrevistados ressaltou como a experiência nesse e em outros ambientes antes tidos como ‘interditados’ à sua própria classe promoveram experiências enriquecedoras. Em seus relatos, transparece o orgulho do próprio feito, muitas vezes misturado a um discurso político que enfatiza a vivência de tais experiências como um direito finalmente acessado por pessoas como eles. O aprendizado de novos modos de agir, sentir e se colocar no espaço público, entretanto, não significou, para muitos, o esquecimento, a desvalorização ou a negação de antigas práticas e valores. A convivência de dois tipos de “habitus” nesse caso não é necessariamente uma sentença que condena o indivíduo a eterna danação do desenraizamento social ou a capitulação do estilo de vida das classes abastadas.

Através das 25 histórias de vida analisadas, podemos refletir esse trânsito por dois mundos por meio dos sentidos que o título universitário adquire para essas pessoas, ou seja, pelo papel do diploma como fonte de retorno material e/ou como retorno simbólico de ‘ser alguém na vida’. A tese reflete, especificamente, como tais percepções são construídas a partir da interação desses indivíduos com o ambiente de origem popular e da vivência dos mesmos no ambiente de classe média e profissional, uma vez formados e atuantes no mercado de trabalho. Para isso, a proposta será discutir as imagens associadas à ascensão social da classe trabalhadora a partir de questões relacionadas à socialização de tais indivíduos.

O trânsito de classe, aquele que deserta às suas origens, é comumente o conceito mobilizado por várias pesquisas para representar esse movimento. O conceito carrega consigo um sentido negativo, o de deserção, atribuído à experiência de mover-se entre estratos sociais distintos, perfazendo um caminho de ascensão social. Originalmente, o termo foi utilizado para descrever movimentos radicais de ascensão social como o caso de Juscelina, uma migrante do sertão da Paraíba que conquista o posto de alta executiva da Coca Cola no Rio de Janeiro, estudado por Priscila Coutinho (2015). Nos casos analisados, os movimentos de ascensão

⁹¹ Para a discussão do conceito de violência simbólica ver: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 10ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

percebidos não possuem o mesmo alcance que o exemplo acima. A saída da classe trabalhadora para a ocupação de uma posição de classe média, tal como a maioria das situações descritas nessa tese, entretanto, também são compreendidas e analisadas em muitas pesquisas através deste conceito. O salto social, mais modesto em comparação à mobilidade de grande amplitude sugere aos entrevistados um pertencimento à classe média, atravessado, contudo, por importantes referências da classe trabalhadora. O uso do conceito de *trânsfuga* tende a ser utilizado tanto para casos de mobilidade de larga amplitude quanto de mobilidade de menor escala na pirâmide social. Em relação às histórias de vida analisadas, o trânsito frequente entre tais pertencimentos de classe expõe os entrevistados a enquadramentos ora vindos do meio de origem ora do meio de destino, assim como também os estimula a produzir classificações para se movimentar em ambos os mundos. O equilíbrio defendido, antes de ser uma construção apenas teórica, é também uma evidência da vida cotidiana dessas pessoas, que por mais que tenham conquistado condições econômicas e culturais incomparáveis com os pares da origem permanecem vinculados a eles, em parte pelas limitações materiais de sua ascensão, que não alçou nenhum dos estudados às posições localizadas no topo do estrato populacional⁹².

Na obra de Pierre Bourdieu, encontramos o exemplo do “*trânsfuga de classe*” compreendido através de distintas chaves. O acultramento do Pequeno Burguês descrito em *A Distinção* nos revela um padrão de total deserção e negação das disposições adquiridas na socialização primária. “A decolagem sempre supõe uma ruptura, cuja negação dos antigos companheiros de infortúnio representa apenas um aspecto. Exige-se que o *trânsfuga* vire a mesa dos valores, proceda a uma conversão de toda a sua atitude.” (BOURDIEU, 2011:316). Em “*As Contradições da Herança*” a ênfase está na enorme culpa que acomete, sobretudo, quem melhora de vida oriundo das classes subalternas.

De todos os dramas e conflitos, ao mesmo tempo interiores e exteriores, ligados tanto à ascensão como ao declínio, que resultam das contradições da sucessão, o mais inesperado é sem dúvida o *dilaceramento* que nasce da experiência do êxito como fracasso ou, melhor, como transgressão: quanto mais sucesso você tem (isto é, quanto mais você cumpre a vontade paterna de vê-lo bem sucedido), mais você fracassa, mais você mata o pai, mais você se separa dele; e inversamente, quanto mais você fracassa (fazendo assim a vontade inconsciente do pai que não pode querer totalmente sua própria negação, no sentido ativo), mais você tem êxito. (BOURDIEU, 2008:590)

“Seja um burguês, mas permaneça simples” o pedido inconsciente do pai que deseja a ascensão social do filho, mas teme que este movimento acabe por separá-los em mundos

⁹² Há diferenças ocupacionais importantes, contudo, de profissionais como Médicos e Engenheiros, que possuem uma expectativa de renda significativamente superior do que Cientistas Sociais e Assistentes Sociais, por exemplo. A maior capacidade de consumo dos primeiros permitiria esse grupo movimentar-se por círculos frequentados pelas classes mais abastadas em comparação ao segundo.

distintos é o reflexo máximo do êxito vivido como fracasso. Aqui não há a mesquinhez do pequeno burguês, envolto nos seus cálculos de grandeza, a ignorar o que for preciso para atingir o seu objetivo. O personagem atormentado pela culpa é o que não consegue instrumentalizar completamente as suas relações pessoais e valores a favor do seu projeto de ascensão. Numa perspectiva autobiográfica, Bourdieu redime apenas o intelectual de origens humildes que a partir de uma autorreflexão sobre a própria trajetória pode apaziguar tamanho conflito.

Nos dois volumes dedicados a discussão da vida cultural da classe trabalhadora, Richard Hoggart (1973) descreve o modo de vida do proletariado inglês do início do século XX até o final dos anos 1950. Baseado em reflexões autobiográficas, o ambiente descrito nos remete a um contexto de forte reprodução social amparada no cultivo e na valorização de certo conformismo e resignação à própria condição. O ambiente homogêneo e totalizante, contudo, não impede que dele se encontre a saída. O bem-aventurado, que consegue melhorar de vida, não é por este motivo excluído ou estigmatizado pelo grupo de origem. A interdição, dessa forma, não é feita à ascensão social, mas ao questionamento que práticas e valores do universo proletário possam sofrer por quem experimenta outras influências: “Comportamentos classificados como não conformes às ideias do grupo ‘dar-se-ares’ ‘ter a mania que é superior’, ‘julgar-se melhor que os outros’ ‘ser presumido’, etc são reprovados e duramente sancionados.” (HOGGART, 1973: 104). Tal comportamento se repete nas histórias de vida analisadas nesta tese, os entrevistados “acusados” de perturbarem a etiqueta social consolidada em seu meio de origem, muitas vezes pela adoção de outras práticas, se ressentem do rótulo de ‘metidos’ que recebem de antigos amigos ou de familiares.

A busca de uma vida mais afluyente, tolerada pelos pares, não é, contudo, fácil de assimilar, uma vez tornada realidade. A ascensão através da educação, vivida pelo próprio Hoggart, é o exemplo em que o autor se baseia para descrever o desenraizamento social do jovem proletário que toma esse caminho. A chave aqui é a de uma deserção não intencionada, mas inevitável, quando se adquire outro status social a partir do diploma. “No entanto é esperto - motivo de orgulho, e simultaneamente fatalidade; tem de trocar aquele mundo por outro diferente, por um trabalho diferente” (HOGGART, 1973). A escalada do jovem proletário é representada por um calvário onde ele sente irremediavelmente distante dos pares ao mesmo tempo em que adentra um ambiente hostil que lhe demanda enorme esforço por decifrá-lo.

O trânsfuga de classe também é a imagem escolhida Jean-Pierre Terrail (1990) para representar os filhos da classe operária francesa que ascenderam socialmente através da educação superior nas décadas de 1970 e de 1980. O principal objetivo de Terrail (1990) é

discutir os rumos da classe trabalhadora francesa em vista das mudanças produtivas, culturais e sociais ocorridas no pós 68. A partir desta conjuntura, os efeitos da crescente individualização são interpretados através de uma chave um tanto negativa, que busca colocar tal processo em contraposição à viabilidade de um projeto comum para os trabalhadores franceses. Dessa forma, o estudo de caso de 23 biografias de profissionais de nível superior, oriundos dos meios populares, é abordado a partir de uma construção teórica que valoriza a descontinuidade entre o atual estilo de vida destes indivíduos e o de seu meio de origem. A complexidade dos casos, contudo, não deixa de ser contemplada pela descrição de Terrail (1990), que identifica diferentes formas de engajamento das famílias investigadas ante a escolarização. Os sentidos desse engajamento podem tanto nos revelar uma autodepreciação da condição operária como, em outros casos, apontar para uma valorização da mesma condição, nutrida como projeto político pela esquerda proletária.

Preocupado em demonstrar os efeitos desmobilizadores da individualização nas classes proletárias, entretanto, essas interessantes nuances são rebaixadas em favor do argumento geral da obra que preza por uma ideia de ruptura e de descontinuidade entre a cultura dos trabalhadores franceses de outrora e aquela vigente no período. Portanto, o trânsito de classe de Terrail, focalizado em meio à crise do estado de bem-estar social e o insurgente neoliberalismo, constrói o seu projeto de ascensão através de uma ruptura com sua cultura de origem para seguir. “Prosseguindo seus estudos, ele realiza o desejo dos pais, embora ao custo de fazer tudo para não ser o que eles são: amar e trair inevitavelmente...”⁹³ » (TERRAIL, 1990: 249).

A ênfase no choque cultural entre a origem popular e o destino de classe média, ou alta, ocorrido através da ascensão via educação superior, é feita, sobretudo, nos trabalhos onde a socialização do indivíduo que ascende é demonstrada ou assumida como uniforme. A pressuposição de uniformidade, no caso, ocorre quando se entende que o indivíduo durante o seu desenvolvimento psicossocial foi exposto quase exclusivamente a um único repertório cultural. Os exemplos, como já citados, podem ser representados pelo proletariado inglês do início do século XX de Hoggart, caracterizado por sua cultura sólida e resignada, ou pelos trabalhadores franceses de Terrail, marcados por um engajamento coletivo acentuado pela forte solidariedade de classe. No Brasil, considerando a imensa desigualdade social e a enorme seletividade do sistema de ensino superior, a imagem do trânsito de classe aparece em muitos

⁹³ Poursuivant ses études, il réalise le désir des parents, mais en faisant tout pour ne pas être ce qu'ils sont : aimer et trahir, inévitablement...⁹³ » (TERRAIL, 1990 : 249)

trabalhos como a que melhor descreve a trajetória de ascensão dos sujeitos investigados – embora tal representação apareça nuançada ou mesmo questionada em algumas contribuições.

Posto que a adaptação ao ambiente universitário quase sempre provocaria nos jovens dos meios populares sentimentos de angústia, frustração, solidão e de exclusão, os mesmos não podem ser lidos como sintomas de um conflito inesgotável entre dois mundos, que irá afetar ininterruptamente toda a trajetória de ascensão dos mesmos. Para a obtenção do material empírico que embasa esta tese, algumas condições de seleção dos entrevistados, já expostas, foram definidas, tais como já ter concluído o curso superior e estar atuante no mercado de trabalho. A superação da graduação, certamente, amenizou relatos de experiências negativas vividas durante o processo, se comparados às histórias de vida estudadas em outras teses, que optaram por trabalhar com jovens de camadas populares ao longo da sua formação. A avaliação de uma etapa consolidada e a imersão do grupo pesquisado no ambiente profissional trouxeram, todavia, ganhos para a pesquisa que pode analisar a percepção desses sujeitos sobre os sentidos que essa formação lhes proporcionou tanto em termos profissionais quanto pessoais. Os entrevistados, embora relatem experiências de conflitos e, sobretudo, de inadaptação entre os dois universos sociais habitados, dificilmente podem ser enquadrados pela imagem de trânsfuga de classe. As narrativas coletadas indicam que o trânsito que os entrevistados fazem entre a origem popular e o destino profissional de classe média não pode ser determinado pelo signo da culpa ou da aculturação, salvaguardando as diferenças evidentes entre as 25 histórias analisadas. Há, por exemplo, aqueles que marcam em seu discurso uma visão pejorativa dos pares que permaneceram ‘acomodados’, assim como há os que se ressentem mais acentuadamente dos rótulos que ganham dos antigos vínculos sociais, os quais acabam expondo a diferença de trajetória entre eles. Mesmo nesses casos, contudo, a confrontação e o isolamento não são sempre a regra. A ascensão social trazida pelo diploma universitário não representou um rompimento total com qualquer mecanismo de identificação dos jovens profissionais com o seu ambiente de origem popular. Pelo contrário, o que se percebe através dos relatos analisados é a manutenção de valores aprendidos no universo popular muito mais do que a sua negação. A religiosidade, por exemplo, é uma linguagem comum entre o filho bem-aventurado e seu passado, que os une através de um valor maior. As opções de lazer, como o pagode, o churrasco na laje e o futebol com os amigos não deixaram de ser valorizadas por quem conquista melhores condições de vida e surgem como meios pelos quais estes interagem ‘de igual para igual’ com os velhos camaradas.

A relação com o universo profissional, desde a entrada na universidade mesmo marcada pelos obstáculos relacionados à desigualdade social, também é retratada numa chave positiva. Os ambientes universitário e profissional são caracterizados como ricos em oportunidades que são devidamente aproveitadas por pessoas como eles, oriundas de classes desassistidas, as quais agarram toda e qualquer chance para crescer na vida. As características expostas como próprias de pessoas com trajetórias de vida semelhantes a deles, como seriedade, responsabilidade e experiência de vida, são vistas como uma vantagem no meio onde encontram tantos obstáculos e defasagens. Se é verdade que essa experiência pode ser vivida como trauma e causar enorme frustração, os casos estudados estabelecem, em sua maioria, outra relação com a universidade. De forma geral, os entrevistados saíram dessa instituição mais hábeis e empoderados para lidar com o mundo. Em seu discurso, muitos reconhecem valores em seu passado – *‘Tem a valorização do que você já vivenciada. Por exemplo, não que eu seja fã, um funk. Eu vou ouvir funk sim. Não adianta dizer que só o que vale é Chico Buarque’* (E13). Assim como ressaltam afluência vivida no presente *‘Tive a oportunidade de ir para Londres, uma cidade multicultural, vivenciei cada coisa maravilhosa. Foram dois meses maravilhosos.’* (E13). Conseguem, dessa forma, em muitos momentos, transformar o que é lido como problema, a convivência de dois mundos distintos, em um diferencial que muitas vezes se reverte em vantagem. *‘A mudança de hábito com certeza houve. Houve mudança de hábito, houve a valorização do que eu também já vivenciava.’* (E13)

O questionamento dos rótulos que descrevem a experiência de ascensão é reforçado através da reflexão sobre os tipos de socialização a que os entrevistados foram submetidos, enfatizando como distintos repertórios de ação já estavam disponíveis aos mesmos antes de sua entrada oficial no universo de classe média e alta.

A entrada na universidade, para muitos dos entrevistados, não significou a sua iniciação no mundo das classes altas. A ideia romântica do jovem pobre, frágil e facilmente constrangido, adentrando pela primeira vez o mundo dos ricos a partir de sua aprovação no vestibular não faz sentido para muitos deles. A oportunidade de conviver com pessoas de outras classes sociais e diferentes estilos de vida aumenta, como esperado, de acordo com a renda das famílias pesquisadas, mas, de nenhum modo, é o fator mais mobilizado para explicar esses encontros. Os jovens adultos investigados, embora nascidos em um ambiente popular, estiveram em maior ou menor medida em contato, em diferentes etapas da vida, com outras referências socioculturais que os proporcionam uma socialização heterogênea. Ou seja, a ideia de um indivíduo que incorpora um conjunto homogêneo de disposições para sentir, classificar e agir

e que, por isso, reage com tamanha estranheza às situações que não são compatíveis com o seu repertório disposicional não é factível no contexto analisado.

Tal contexto se refere às condições sócio históricas por onde se desenrolaram tais trajetórias. A grande maioria transcorreu em grandes centros urbanos da região metropolitana do Rio de Janeiro. Mesmo naquelas vividas parcialmente em cidades menores, entretanto, a conexão com figuras de outras classes foi um dado recorrente, além do fato dos entrevistados serem membros de famílias onde a migração sempre fora uma possibilidade, vivida ou almejada. Defender um modelo de socialização homogêneo e totalizante, tal como nos casos típicos das sociedades tradicionais, se torna inadequado em tais contextos. Não se quer transformar tal afirmação no argumento de batalha da tese, pois o mesmo já é sabido há tempos, o que se espera é relacionar a ideia da socialização heterogênea às situações onde se observa uma melhor adaptação e convivência com distintos repertórios de ação aplicados especificamente aos casos estudados.

Os conceitos diluídos na argumentação, até o momento, se referem à tradição disposicionalista, que possui em Pierre Bourdieu um dos seus maiores representantes. É com e contra ele, recorrendo às reatualizações de seu projeto teórico metodológico, propostas por Bernard Lahire, que a construção do argumento está sendo feita.

O conceito de habitus, “princípio unificador e gerador das práticas”, representa na obra de Bourdieu o elemento subjetivo do processo de incorporação das disposições próprias da condição de classe da qual cada um de nós é originário. (BOURDIEU, 2007, 2001 PETERS, 2015). “... o conceito de habitus tem por função primordial lembrar com ênfase que nossas ações possuem mais frequentemente por princípio o senso prático do que o cálculo racional (...) o passado permanece presente e ativo nas disposições por ele produzidas.” (BOURDIEU, 2001:78-9). O repertório de ações que o ator incorpora fornece um mapa que orienta o seu posicionamento no espaço público. Desde gestos às escolhas alimentares, o habitus incorporado é dessa maneira uma espécie de manual que ensina a cada indivíduo as facilidades e dificuldades que o seu repertório de ações encontrará para ser ativado na vida em sociedade.

Os conceitos de habitus e campo cumprem o propósito bourdesiano de operar a análise da realidade social sem cair no excessivo objetivismo, onde tudo se resume à estrutura social em uma perspectiva macrosociológica, ou, inversamente, no excessivo subjetivismo, onde tudo será lido contextualmente a partir da performance do ator.

A noção de campo refere-se a espaços objetivamente estruturados de relações entre agentes diferencialmente posicionados segundo uma distribuição desigual de recursos materiais e simbólicos, isto é, de capitais que operam como meios socialmente

eficientes de exercício do poder em tais espaços. O conceito de habitus aponta, por sua vez, para esquemas subjetivamente internalizados (via socialização) de geração da atividade prática dos agentes individuais, esquemas que tomam a forma de disposições mentais e corporais, i.e, modos potenciais socialmente adquiridos e tacitamente ativados de agir, pensar, sentir, perceber, classificar e avaliar. (PETERS, 2015:51)

O repertório incorporado é um conjunto durável de disposições extremamente propenso à reprodução. A performance do ator é ativada tacitamente através do reconhecimento de estruturas de ação familiares a seu repertório. Programados a agir de determinada forma, os indivíduos tendem a rejeitar situações onde não encontram a correspondência entre o habitus incorporado e as estruturas objetivas do campo. A engrenagem, que funciona por perfeita correspondência, obviamente se defronta com situações onde lhe são requeridos outro *modus operandi*. Tais situações provocam desgastes e tendem a revelar a profunda falta de naturalidade do agir de quem não está acostumado com aquela configuração situacional. A obra “A Distinção: crítica social do julgamento” é um exemplo eloquente da aplicação desta proposta teórico-metodológica. Através do estudo minucioso de práticas culturais de franceses de distintas classes sociais, Bourdieu argumenta sobre a enorme correspondência entre escolaridade (alta e baixa) e renda (alta e baixa), de um lado, e determinadas preferências culturais manifestadas na pesquisa. A obsessão pela equivalência entre o habitus incorporado e as práticas culturais esconde, por sua vez, a flagrante heterogeneidade de práticas, que dão o tom predominante da maioria dos perfis estudados⁹⁴.

A socialização primária, aquela vivida essencialmente na família, é o processo pelo qual o sistema de disposições homogêneas, própria à classe de origem, será incorporado pelo indivíduo deflagrando práticas semelhantes às mantidas pelos pares de classe. As socializações secundárias, vividas na escola ou vizinhança em ambientes populares tenderiam, por exemplo, a reforçar a homogeneidade dessas práticas através da convivência quase exclusiva com pessoas do mesmo perfil social. Seguindo a lógica bourdesiana, a homologia entre habitus e campo, que seria produto justamente da tendência à reprodução das práticas incorporadas, levaria o indivíduo a um destino de classe esperado. Os herdeiros, através de uma atração potente e silenciosa, ocupam os cargos para os quais parecem naturalmente vocacionados seguindo, dessa forma, a trajetória modal de seu grupo. Em outras palavras, a reprodução social, que promove o encontro entre habitus e estrutura objetiva, é o que explica a enorme probabilidade de filhos de profissionais qualificados se tornarem profissionais qualificados ou de filhos de operários se

⁹⁴ Revisões críticas aos argumentos defendidos por Bourdieu em “A Distinção” podem ser consultadas em Lahire (2006) e Brubaker (1985).

tornarem operários. De acordo com os moldes da Distinção, pode-se ainda completar a sentença descrevendo a enorme probabilidade de filhos de operários que se tornam operário manterem a forte predileção paterna por uma dieta hipercalórica, o gosto por esportes coletivos, a rejeição à arte abstrata, o gosto pela forma canção e assim por diante...

As disposições incorporadas somam-se aos capitais (social, cultural ou econômico) herdados objetivamente na forma de títulos, diploma, renda e contatos pessoais, todos os indicadores aptos a predizer quase fielmente à posição que cada indivíduo ocupará no espaço social. Essa correspondência, interpretada por vezes como determinista⁹⁵, descreve a tendência à reprodução social observada nas sociedades modernas. O encaminhamento tácito aos destinos possíveis dos atores sociais pode ser atravessado por momentos onde os mesmos sonham para além das suas possibilidades com projetos que fogem às suas capacidades de realização. O “envelhecimento social” reorganiza essas expectativas através de um ajuste amargo onde os indivíduos são conduzidos à “...desposarem sua condição, a tornarem-se o que são, a contentarem-se com o que têm.” (BOURDIEU, 2011: 104)

A correspondência entre disposições e estrutura objetiva nunca é perfeita e o célebre sociólogo francês reconhecia, e trabalhava, com trajetórias que desviavam das expectativas modais da classe. Os casos extremos lhe chamavam a atenção e, a partir deles, as fraturas ocasionadas no estoque de disposições, incorporado por experiências como a imigração e a mobilidade ascendente, formavam um novo tipo de “habitus clivados, destroçados, ostentando sob a forma de tensões e contradições a marca das condições de formação contraditórias de que são o produto.” (BOURDIEU, 2001:79).

O habitus clivado reflete o repertório de ação do “trânsfuga de classe”, praticamente a única possibilidade onde Bourdieu lida com uma socialização heterogênea, pela qual convivem no mesmo indivíduo distintas – e até contraditórias – propensões para agir. Ante o material empírico tratado nessa discussão, assumir essa perspectiva nos levaria a) a ignorar as variações do tipo de disposições para agir às quais os entrevistados foram expostos desde a tenra idade e a interpretar b) a assumir a experiência social dos mesmos como um relicário de situações dramáticas, demandantes de enorme esforço pessoal para dirimir os conflitos por elas ocasionados.

O grupo selecionado foi controlado a partir de critérios de pertencimento de classe que possibilitassem o enquadramento do mesmo na categoria “popular”. Tal definição, que tomada

⁹⁵ Claude Dubar (2005) atribui certo determinismo e culturalismo vinculado à proposta bourdesiana de socialização.

isoladamente é extremamente vaga, foi definida a partir da escolarização e da ocupação dos pais. Esse grupo pretensamente homogêneo, contudo, ofereceu um rico estudo de casos sobre os diferentes tipos de socialização encontrados nas camadas populares. Dessa forma, a caracterização da trajetória de ascensão dos entrevistados a partir de rótulos extremos, como o de trãnsfuga de classe, nos levaria a construção de tipos ideais, desconectados com a realidade. “Quando a sociologia fornece quadros coerentes deste ou daquele aspecto do mundo social sem expor casos menos nítidos, mais ambivalentes, ela mostra um social (e principalmente casos individuais) estranhamente homogêneo, que é quase inexistente nessa forma.” (LAHIRE, 2006:111).

“O pluralismo interno do ator é a regra, e não a exceção”. Esse pressuposto é o que melhor descreve o tipo de socialização a que os entrevistados foram submetidos durante sua infância e adolescência. Com intensidades distintas, grande parte relatou o contato com pessoas, lugares e atividades que lhes apresentavam novos mundos e, portanto, outras maneiras de encarar a própria vida.

Comumente, a socialização é apresentada como um processo dividido em duas etapas. A etapa vivida essencialmente na família, que seria a socialização primária, e as etapas subsequentes, onde o indivíduo é exposto a influências de grupos externos, como a escola, a vizinhança e o grupo religioso, ou seja, a socialização secundária. Assumir a socialização primária como um momento onde é transmitido ao indivíduo um conjunto uniforme de disposições, contudo, é um equívoco que essa separação analítica do processo provoca. Há duas formas de questionar a homogeneidade dessa transmissão cultural da família para a sua prole. Primeiro, desde muito cedo as crianças já estão expostas ao mundo externo através do contato com babás, creches, entre outros. Segundo, é preciso considerar o próprio espaço familiar como fornecedor de princípios contraditórios de referências para sentir, classificar e agir. A família, mesmo que de extrema importância para a formação do indivíduo, raramente consegue efetivar um plano total de transmissão de valores e práticas para os seus descendentes. Até porque a ideia da existência de um repertório uniforme é difícil de sustentar, mesmo considerando apenas o núcleo familiar. As narrativas dos entrevistados revelam esse fato quando, por exemplo, descreveram os papéis de gênero assumidos pelo pai e pela mãe. Em inúmeros relatos, a saída do mercado de trabalho da mãe por conta do casamento ou da gravidez foi exposto com pesar. Mesmo crescendo em um ambiente onde o papel de provedor estava vinculado ao homem, algumas entrevistadas foram afetadas por um desejo de conquistar a própria independência e seguir uma carreira. Em alguns casos, o incentivo à independência financeira e a ênfase na

carreira partiu da própria mãe, que carregava as marcas da insatisfação com os rumos de sua vida profissional. Já em outros casos a percepção negativa que as entrevistadas possuem sobre o destino ocupacional (ou da inatividade) materno parece servir de um contraexemplo poderoso.

Em algumas oportunidades, ao ser questionado sobre sua experiência escolar, infância e adolescência, E20 associou às oportunidades que teve à configuração particular do seu ambiente doméstico, considerado por um ele como propício a descobertas. O pai do entrevistado se aposentou aos 36 anos por invalidez do serviço de limpeza urbana que realizava no município de Nova Iguaçu. Esse fato, porém, foi colocado na entrevista como uma oportunidade, uma vez que o convívio entre o entrevistado e o seu pai aumentou depois desse evento. O trabalho de diarista da mãe também foi apresentado como fonte de benefícios extras, como os livros e revistas que ela trazia de seu serviço. Foi através do material didático do curso de inglês CCAA, obtido pela mãe em seu local de trabalho, que ele iniciou os seus estudos de língua estrangeira. *‘Era um ambiente muito propício, eu diria. Como o meu pai era aposentado, ele tinha um salário um pouco melhor do que a minha mãe. Ele sempre me levava pra fora de Nova Iguaçu. A minha infância era “vamos acampar em Copacabana, Cristo redentor”, enquanto muitas crianças não têm esse acesso.’* E20 também viu o seu horizonte expandir através dos vários cursos de teatro que frequentou desde cedo. *‘Então eu comecei fazendo curso de modelo e manequim, teatro, numa academia perto de casa em Nova Iguaçu. Aquilo foi crescendo e então eu comecei a fazer várias atividades e foram surgindo contatos, me inscrevi em agências... Então o teatro foi, com certeza, a base de tudo.’* As experiências da infância e adolescência marcaram o entrevistado, de modo que quando perguntado sobre sua adaptação no meio universitário, ele vinculou a facilidade que teve a tais experiências pregressas:

Dificuldade eu não tive, mas as pessoas falavam das escolas que elas estavam vindo e esse foi o meu primeiro impacto: “nossa, eu sou o único que estou aqui e que tenho um histórico mais simples, de ter dificuldades com educação”. Esse foi o meu primeiro desafio. Mas isso sempre, pelo teatro, fui uma pessoa muito tranquila. Navegar na PUC, pra mim, foi muito fácil porque, como eu estudei no tablado, que é uma escola tradicional, bem famosa, eu já tinha amizades muito grandes, muito fortes, com muitas pessoas que não se importavam com a minha origem: “ah, você veio de Nova Iguaçu. A gente estuda na mesma escola.” Então, eu navegava na PUC já conhecendo porque metade dos meus amigos do tablado fazem Comunicação na PUC. Então eu caminhava pela PUC e: “oi”, “oi”. Eu conhecia muita gente. (E20)

Durante a sua infância e adolescência, o E4 conviveu quase exclusivamente com os amigos da escola, que eram também os amigos da vizinhança. Morador da Rocinha, o trânsito entre os bairros nobres da Zona Sul do Rio de Janeiro era, entretanto, corriqueiro e necessário para acessar as escolas de ensino fundamental e médio. A localização privilegiada da Rocinha

no espaço urbano do Rio de Janeiro fez com que o entrevistado acessasse com facilidades espaços como a praia e o Jardim Botânico. A frequência, contudo, sempre era feita na companhia dos amigos da comunidade onde vivia, que também eram os amigos da escola. Quando perguntado sobre a frequência a cursos ou outro tipo de atividade, E4 relatou a oferta baixíssima na sua época de formações extracurriculares, lúdicas, ofertadas por ONGs ou outros atores na comunidade: *‘Raríssimo. Hoje eu sempre brinco que desde adolescente eu gostava de fotografia. Eu não tinha acesso a Internet e eu queria fotografar, aprender, mas nunca tive dinheiro para comprar uma máquina.’* E4 saía da Rocinha para estudar, ir à praia, visitar esporadicamente parentes em outras regiões da cidade e ponto. O entrevistado saiu do ensino médio sem pensar em universidade, na verdade, ele rejeitava essa ideia na época. Seu desejo era trabalhar e ter dinheiro para sustentar às necessidades de adolescente, assim como para ajudar em casa. Nesse período, ele conseguiu um emprego em uma copiadora localizada na Pontifícia Universidade Católica. O irmão já trabalhava no local e a proximidade com sua casa era um diferencial. Dois fatores são listados por E4 para definir sua entrada na universidade. Primeiro, ele estava na PUC e percebia que se não estudasse ficaria estagnado. *‘–Fiz para Ciências Sociais. Porque eu já trabalhava na PUC apesar da xerox não ser da PUC, ela era privada. Ai eu pensei “pô, eu acho que dá para estudar aqui”.’* Além do seu emprego, o apoio de sua namorada na época, atual companheira, foi também fundamental. Incentivadora do plano do namorado, foi através dela que ele soube da possibilidade de ser bolsista integral na instituição: *‘A Maria, minha esposa, toca nesse convento. Um convento que tem na Gávea, próximo da PUC. O reitor da PUC celebrava missa lá as vezes. E ela por coincidência, pelo convívio católico, ela conheceu o responsável pela vice-reitoria comunitária...’* A conciliação do trabalho e estudo, o encontro com pessoas com padrões de consumo e culturais totalmente diferentes dos que ele tinha foram apontados como questões impostas à sua vivência universitária. *‘Por exemplo, cursos de Engenharia, de Administração. Quando fazíamos trabalho em grupo começava uma conversa na roda sobre viagens, as pessoas da minha idade, ou mais novas, já tinham ido para Paris, Nova Iorque, Espanha, todos os países que você possa imaginar eles já tinham visitado. E eu não tinha assunto nenhum, porque eu não tinha visitado nenhum. Não sabia nada.’* Os estudantes de Ciências Sociais, contudo, em sua maioria eram bolsistas e tinham trajetórias de vida semelhantes à do entrevistado. As dificuldades de adaptação e da sobrevivência financeira no ambiente universitário foram amenizadas pela rede de amizades que ele formou.

A universidade não me deu só conteúdo ela me deu mais maturidade para ver as coisas de uma maneira diferente. De pensar o pertencimento ao espaço público... Eu escuto coisas que não escutava de músicas por influência da minha mulher. Eu comecei a gostar de outras coisas também. Quando você é novo, vem de espaços populares, há um receio de frequentar alguns espaços. Você pensa “ahh, isso não é para mim”. E as pessoas que estão no seu entorno, sem querer, te incentivam a pensar que aquilo não é para você. Hoje eu ando praticamente em qualquer lugar. Eu não me sinto intimidado de entrar em lugar algum. (E4)

As trajetórias analisadas nos revelam a incorporação em diferentes etapas da vida dos entrevistados de disposições distintas do que poderíamos classificar como próprias da origem popular. Em alguns casos, logo cedo, o contato com estilos de vida estranhos ao do convívio familiar e íntimo era uma realidade que muitos pontuaram em suas narrativas como algo positivo para as suas vidas. Para outros, o vestibular e a entrada na universidade foram identificados como os momentos onde começam a lidar com um mundo diverso daquele em que estavam acostumados a conviver. Nessas condições, todos possuem um repertório de disposições heterogêneo resultado da socialização mais ou menos diversa a que foram expostos. A convivência com tal pluralidade não os leva necessariamente ao conflito indenitário e às crises de pertencimento. Como afirma Lahire (2006), o indivíduo plural é competente para adaptar esse repertório de acordo com o contexto a que está inserido. Ou seja, ele consegue reconhecer as situações que lhe demandam tal ou qual ação ou comportamento, embora não consiga evitar situações conflituosas onde não controla ou não entende o repertório compartilhado. O E13, por exemplo, relata os diferentes tipos de linguagem que utiliza para se comunicar nos ambientes em que se relaciona: *‘Até para falar português, falar o português corretamente de acordo com o que a língua exige. Não que eu vá falar um português correto toda vez que eu estiver falando com um amigo da Rocinha.’* (E13) Essa competência, contudo, não pode ser lida como reflexo de um agir inautêntico que os egressos do meio popular estariam submetidos por sua condição de “trânsfugas de classe”.

Ora, o ator plural não é obrigatoriamente um agente duplo. Ele incorporou muitos repertórios de esquemas de ação (hábitos) que não são, obrigatoriamente, produtores de (grandes) sofrimentos na medida em que podem coexistir pacificamente quando se exprimem em contextos sociais diferentes e separados uns dos outros, ou conduzir apenas a conflitos limitados, parciais, em tal ou tal contexto, em tal ou domínio da existência. (LAHIRE, 2004:41)

Embora os argumentos desta tese sigam em ampla medida a revisão crítica de Lahire acerca dos pressupostos de uniformidade inseridos no conceito de habitus, a ênfase da teoria bourdesiana no caráter agonístico da relação entre classes estabelecida no espaço social é, sem dúvida, um aspecto caro à análise de trajetórias de ascensão no contexto brasileiro, marcado

por uma enorme desigualdade social (WACQUANT, 2013). As evidências empíricas nos levam a questionar modelos de socialização monolíticos, que produziriam indivíduos que agem de acordo com um único sistema de disposições. É de extrema importância ressaltar, porém, que esse ator plural, competente ante a diversidade situacional que o cerca, é tolhido por mecanismos de fechamento de oportunidades que estão diretamente vinculados à luta de classes, considerando os casos estudados. A origem popular, comum a todos os entrevistados, soma-se em casos particulares à moradia em locais estigmatizados, como grandes favelas do Rio de Janeiro, à cor preta/parda e às demais características sociais que potencialmente os expõe a situações de preconceito, violência e discriminação. Nem todos relataram tal tipo de experiência, o que se deve a combinação parcial ou máxima dos elementos citados, mas é sabido que as chances de vida de grupo estigmatizados são bastante reduzidas em relação aos setores hegemônicos. O grupo em relevo foi selecionado justamente por ter uma trajetória de sucesso educacional não esperada em termos modais para indivíduos de sua classe. Este fato, contudo, não elimina da percepção de muitos as vivências de eventos que são relacionados por eles à desigualdade racial e de classe. Ou seja, por mais que os entrevistados possuíssem disposições de ação que facilitassem sua entrada na universidade e em demais ambientes de classes abastadas, isso não pode ser tomado como um antídoto contra práticas de discriminação mais contundentes. Na memória dos entrevistados, são inúmeros os relatos de experiências que foram interpretadas pelos mesmos como fruto de sua pertença de classe ou raça. Por exemplo, o E7 narrou um episódio vivido durante a graduação onde sua condição de bolsista foi exposta de maneira pejorativa por um docente. *‘Por exemplo, um professor numa sala já chegou a falar que quem pagava a nossa bolsa eram os outros alunos, aquele aluno que estava pagando a mensalidade 100%, bonitinha, ele estava pagando para mim. Então, ele falou que quem pagava a nossa bolsa era o aluno. Eu sei que não é. Existe uma política de isenção fiscal que é por isso que a PUC pode conceder uma série de bolsas...’*. O E4 fala sobre o descrédito que uma docente manifestou ante os seus resultados no final do primeiro período de graduação. *‘No final, na última nota ela me perguntou se eu iria continuar no curso (pausa). Era como se ela tivesse falado “olha, isso não é para você”. Eu fiquei pensativo com essa questão se era para continuar ou não.’* Por último, E20 narra um caso de discriminação racial vivido para além dos muros da universidade.

Teve um episódio de violência na cidade do Rio que alguns traficantes da Rocinha tentaram invadir o morro do Tabajara, na Lagoa, muitos deles entraram pela mata e saíram pela Rua Sacopã e Casuarina, ali na Lagoa. E nesse dia, eu não tenho a data só me lembro do episódio. Como eu estava com horário integral na PUC, eu estava o dia

inteiro estudando. Eu não tinha smartphone e também não tinha notebook na época, então eu não sabia de nada do que estava acontecendo no mundo. Eu saio da PUC e vou pra casa, que nesse dia era na Lagoa e eu ia dormir lá, então eu estou subindo pela rua Casuarina, eu estava com uma mochila, bermuda e chinelo, eu fui só pra faculdade e tinha um carro de polícia na rua, estava escuro já, e eles me pararam, me perguntaram para onde eu ia e eu disse que ia pra casa e eles não acreditaram pelo fato de eu ser negro e então eles me revistaram. (E20)

Os conflitos de classe e raça são contemplados na percepção dos entrevistados, que ilustram esse aspecto, como as passagens acima procuraram exemplificar. A percepção é exposta não apenas em situações onde foram diretamente alvo de preconceito e de discriminação. O acesso às melhores oportunidades no mercado de trabalho é identificado por muitos como desigual, pois tende a privilegiar os candidatos que possuem indicações de contatos estratégicos. *‘Uma coisa que eu percebia, e as vezes me dava até uma certa indignação, na faculdade tinha o grupinho que ficava jogando baralho durante a aula e a maioria das pessoas desses grupinhos estão nos melhores empregos (E10)’*. Dito isso, reforça-se o argumento que o pressuposto de uma socialização heterogênea, da pluralidade do ator no que se refere ao repertório de disposições incorporado, não é assumido como antídoto para o enfrentamento de questões relacionadas à desigualdade social, provenientes das lutas de classe silenciosas ou ruidosas travadas na sociedade.

A saída das classes populares através do exercício de profissões especializadas não manuais, obtidas pela formação de nível superior, encontra como destino de classe o estrato médio da estratificação social brasileira. O trânsito entre a origem e o destino, como viemos argumentando em relação às histórias de vida analisadas, não pode ser lido somente através do viés do conflito, deserção, culpa e inadaptação. Todos esses elementos podem estar presentes em diferentes momentos da vida desses egressos, contudo, a imagem que caracteriza a ascensão social conquistada não é bem compreendida através do conceito de “trânsfuga de classe”.

Em primeiro lugar, a ideia do percurso realizado entre a origem e o destino não pode ser tomada como um caminho de mão única. Se há casos de mobilidade social que são marcados pela ruptura com a origem, a ideia do trânsito entre os dois mundos é a que melhor descreve os movimentos intermitentes que os entrevistados praticam entre a origem popular e o destino de classe média profissional. O fato é explicado pela própria amplitude do movimento ascensional observado que não é feito em termos radicais, ou seja, rumo ao topo da pirâmide ocupacional. Se tivéssemos que representar no espaço físico tal movimento traçado pelos entrevistados, o movimento pendular seria o que melhor representaria esta trajetória no espaço-tempo.

A interpretação desse movimento nos sugere que são justamente as idas e vindas entre a origem popular e o destino de classe média que conferem aos sujeitos investigados a sua pertença identitária, ou seja, a possibilidade de identificação com variadas práticas e valores. A convivência em distintos círculos sociais, ao contrário de somente deflagrar conflitos identitários, também pode ser interpretada como a maneira possível do indivíduo moderno ter uma experiência pacífica, onde enfim ele pode se realizar⁹⁶.

Os sentidos atribuídos pelos entrevistados à ascensão através do ensino superior, tanto na ênfase no retorno material quanto no aspecto simbólico de ‘ser alguém na vida’, se tornam inteligíveis pelo movimento constante que fazem entre os dois mundos que habitam.

Em segundo lugar, há que se ter em mente que valores como o apreço ao dinheiro e a uma vida de consumo afluente atravessam as diferentes classes da sociedade e, por isso, são bem vistos tanto nas classes populares quanto nas abastadas. O estudo como uma via de acesso a uma vida economicamente confortável, plena de bens materiais, não foi um valor apreendido após a ‘entrada oficial’ dessas pessoas no mundo de classe média/alta. Cada vez mais em evidência, a melhora do consumo na base da pirâmide social reforça a meta de uma vida confortável, no sentido material, atualmente bem descrita nos termos da ‘ostentação’. Esse projeto foi acalentado pelos pais desses jovens adultos, que em maior ou menor medida associaram o acesso ao ensino superior como a porta de entrada dos filhos nesse mundo de bonanças. A posse de bens materiais, contudo, na percepção dos filhos, não era o único motivo do incentivo paterno ao ensino superior. Conquistar uma renda satisfatória, evitando o exercício de trabalhos desvalorizados e extenuantes, era a garantia da inclusão daqueles numa sociedade onde quem ocupa os estratos ocupacionais mais baixos corre o risco de ser desumanizado.

Uma vez profissionais atuantes, a prosperidade alcançada é comunicada através da adoção de um estilo de vida relacionado aos estratos superiores da sociedade. Essa comunicação se faz necessária não apenas no mundo de destino, mas também no de origem. A ida a restaurantes, teatros e exposições é afirmada como possível através da renda conquistada e de uma espécie de poder social que os habilitaria a estar em qualquer tipo de ambiente após o verniz do título superior. As viagens, contudo, quando citadas, são os exemplos mais eloquentes da ascensão conquistada. Em muitas entrevistas, os destinos internacionais são mobilizados espontaneamente quando questionados sobre mudanças de hábitos culturais ou experiências que lhes trouxeram grande satisfação uma vez formados. As referências às viagens são expostas

⁹⁶ ‘L’individu est divisé a l’intérieur de lui-même, ... entre ces différents appartenances, et grâce à cette multiplication des cercles, et peut devenir lui-même.’ (MARTUCCELLI, SINGLY, 2012: 22)

envoltas em expressões que revelam o encantamento dos entrevistados (suspiros, olhar distante para o alto, sorrisos) com a possibilidade de enfim ter acesso ao mundo, de poder conversar sobre os lugares que os amigos da faculdade visitavam e que, anteriormente, eram desconhecidos por eles. É com esse entusiasmo que E8 comunicou sua ida para Las Vegas e Miami, E13 relatou sua estadia em Londres, E19 marcou sua ascensão através da visita à Nova Iorque, E21 descreveu a sua ida ao Peru graças aos seus avanços profissionais e que E6, dentre as mudanças positivas que o ensino superior trouxe em sua vida, sentenciou *‘E eu já estou programando uma viagem para o exterior.’*

A transubstanciação, interpretada a partir da expressão ‘ser alguém na vida’, também torna-se inteligível a partir do que seria o duplo pertencimento de classe que caracterizaria a identidade do grupo entrevistado. A realização do projeto de ser alguém valorizado através do ensino superior é percebida como a posse de uma substância distinta daquela encontrada no ambiente de origem, marcado pelo trabalho manual, precário e degradante. Contudo, a lógica da transubstanciação não pode ser lida ao pé da letra, pois a substância a mais é diferente de uma mudança de essência, já que os indivíduos, apesar de distintos, permanecem como trabalhadores, se percebem como tal e estão vinculados ao mundo do trabalho, mesmo que em condições diversas daquelas vividas pelos pais.

Sabem que não são os trabalhadores degradados, que assombravam a sua infância, ou os pais ressentidos pelos baixos retornos provenientes de uma vida dedicada a um árduo labor, mas, ainda assim, são trabalhadores. Eles são outros, mais valorizados, mas continuam inseridos na sociedade do trabalho, são submetidos à rotina e a conformação ao ofício que exercem e têm consciência disso. Os diplomados debutam no mundo profissional e nele buscam as ferramentas que os possibilitem crescer na carreira. A máxima valorização desse feito é dada, entretanto, no trânsito que estabelecem com a origem, pois é lá, no mundo do trabalho desqualificado, que possuem um verniz especial. O padrão de estratificação ocupacional da sociedade brasileira, que desumaniza quem está na base em sua manifestação mais dramática, é percebida como a engrenagem que os tornam distintos. O sentimento, contudo, não é apenas o da vaidade por ter se destacado e evitado um destino precarizado. A percepção do ‘ser alguém na vida’, compreendida entre os dois mundos, também é marcada pelo compadecimento, pela solidariedade com os seus, aqueles que permanecem na base.

Inspirada na técnica de exposição e análise de dados qualitativos utilizada por Bernard Lahire (2004b), construí dois retratos sociológicos que buscam apresentar em formato narrativo trajetórias exemplares do problema abordado neste capítulo.

3.2.1 Retrato Sociológico 1 - José do Patrocínio, o geógrafo.

Imbariê, região do terceiro distrito do município de Duque de Caxias, é a localidade onde José passou a sua infância e a sua adolescência. Essa informação, repetida algumas vezes ao longo de nossa conversa, é um dado que ele não quis deixar passar incólume em seu relato, pois ele tem consciência que traduzir o movimento de ascensão social que experimenta a partir do deslocamento geográfico da periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro até a ocupação de espaços nobres, como o endereço do atual trabalho, tem um enorme significado.

José, Geógrafo, Mestre em Educação, Cultura e Comunicação, 30 anos, negro e casado. Atualmente, trabalha, em posição de destaque, dentro de uma organização não governamental que se propõe a pensar a cidade e a sua gestão. Esta posição demandou certa ousadia nas escolhas profissionais do entrevistado que abandonou uma posição mais estável a favor de maior visibilidade e da atuação destacada em uma área que lhe dá maior prazer.

Pensar a cidade e atuar como intelectual orgânico é um valor para José, que foi amplamente absorvido e colocado em prática nos tempos de sua graduação, mas que começou a ser formulado como desejo, mesmo que em fase germinal, quando de sua entrada em uma escola da rede federal de ensino médio.

Conheci o entrevistado na época que atuamos juntos por alguns meses em um programa da prefeitura do Rio de Janeiro em parceria com a ONU-Habitat. Tornamo-nos colegas de trabalho, sem nutrir grande intimidade. Éramos companheiros de um projeto que reuniu um grupo onde muitos estavam amplamente comprometidos com causas sociais. Desse contato, ele guardou de mim a imagem de alguém que compartilha valores políticos sociais semelhantes ao dele. Esse conhecimento prévio, penso eu, contribuiu para que a entrevista corresse num tom de análise, individual e coletiva, onde José, com frequência, fazia uma autorreflexão sobre o lugar que ele ocupava na cidade, sobre as influências que determinado tipo de socialização haviam deixado em sua personalidade e sobre os significados de sua formação universitária e de sua atuação no mercado de trabalho. Os termos utilizados e as teorias que permeavam o seu relato, entretanto, não bloquearam a emoção que transparecia no olhar e na voz do entrevistado. Esse, certamente, foi um dos encontros onde mais precisei conter a minha própria emoção.

Natural de Duque de Caxias, baixada fluminense, em uma das primeiras perguntas da entrevista, onde questiono a naturalidade e o atual endereço do respondente, José já me fornecia

detalhes, do que em sua percepção, significava um ‘salto de qualidade’ em relação à sua origem. *‘Eu vivi e morei lá até os meus 26 anos. Depois eu mudei e fui morar com a Ana, minha esposa. Eu fui morar no centro de Caxias no Bairro 25 de Agosto. Já foi um salto de qualidade porque Imbariê é muito distante é periferia de Caxias. Eu morei durante um ano no centro de Caxias, pagando aluguel, e agora nesse ano nós mudamos para Olaria, Zona Norte do Rio de Janeiro. Nós compramos uma casa com um financiamento da Caixa por trinta anos. Foi um passo enorme, uma conquista minha e da Ana.’* A compra da casa própria, para ele tem um significado importante para além da conquista material, pois, fora socializado em um ambiente onde o processo de (auto) construção comunitária das moradias *‘era uma coisa nobre’*. *‘...você construir aos poucos no final de semana, bater a laje com a ajuda dos amigos, aquilo tinha algo de valor’*. O primeiro ensaio de José para a conquista da casa própria foi feito seguindo a tradição da família. Foi em cima da casa dos pais onde ele começou a construir a sua própria moradia.

A família nuclear do entrevistado é composta pelo pai, mãe e uma irmã mais nova. Ele ainda relata possuir duas outras irmãs apenas por parte de pai com as quais não teve maior contato. No decorrer de sua narrativa, personagens como tios, primos, são citados, mas é a figura materna e a figura paterna que irá motivar, em grande parte, os relatos mais alongados sobre sua infância e adolescência. Em suas memórias, a mãe aparece como uma figura muito próxima e o pai mais distante. Essa relação permanece até José começar a trabalhar junto com o pai, quando o mesmo deixa o emprego de carteira assinada em busca do sonho de ser autônomo.

Os pais de José sempre buscaram uma vida melhor, desejo de ascensão que guiou as escolhas profissionais que fizeram. Definir a ocupação de ambos é difícil, pois, tanto a mãe quanto o pai se arriscaram algumas vezes em diferentes empregos ou funções.

Na descrição do filho, a mãe teve sua inserção no mercado de trabalho comprometida após o casamento. Antes de casar, a mãe de José cursava o ensino médio e trabalhava como auxiliar administrativo em um escritório de contabilidade. Na entrevista, há o relato do abandono dos estudos com o casamento, seguido do abandono da função de auxiliar administrativo com a primeira gravidez. A mãe, contudo, não parou de gerar renda, continuou trabalhando em casa exercendo a profissão de manicure e de costureira. Quando os filhos saíram da infância, terminou o ensino médio normal, mas nunca lecionou. Nesse momento, a mãe de José passa a nutrir o sonho de trabalhar na área da saúde e começa o que o filho define como *‘saga’* para atuar como técnico de enfermagem. De posse desse objetivo, cursa a formação de

auxiliar e técnico de enfermagem, mas as progressivas exigências de qualificação na área e o fechamento de mercado subsequente adiam o seu sonho. Ela tenta a via do concurso público, mas percebe que seus esforços não seriam suficientes para suprir a sua enorme defasagem de conteúdo. Nessa ‘saga’ não recebe o apoio do marido que na percepção de José tratava com certa rudeza os planos da mulher. O emprego doméstico acaba sendo o seu destino após as tentativas frustradas de atuar na área de enfermagem. José reforça a necessidade que a mãe sentia de produzir a sua própria renda. Anos mais tardes, com os filhos já adultos, ela vê no trabalho de ‘cuidadora de idosos’ uma oportunidade para exercer uma função mais afeita à área da saúde e aos cursos de auxiliar e técnico de enfermagem que havia feito.

O pai de José, homem de pouca escolaridade, era empregado de carteira assinada em uma grande companhia, a Varig. *‘Ele não fazia nada demais lá, mas ganhava um bom salário.’* Quando o filho estava por volta dos 11 anos de idade, ele opta por um movimento arriscado, decidi sair do emprego e tentar a sorte como autônomo. O pai já trabalhava como soldador em sua residência na feitura de portas e janelas para vender. Entendedor de construção civil, aventura-se nesse ramo e junto com o irmão abre uma loja de material de construção. *‘Chega um momento que meu pai me fala que tinha saído do trabalho e que precisava da minha ajuda. Então, como era uma loja de material de construção, as entregas eram feitas na carroça, ele tinha um carroceiro, ele comprou uma mula muito magrinha, muito fraca, era um investimento cuidar da mula para depois utilizá-la. E a minha tarefa era cuidar da mula.’* Nesse momento, José estava no ensino fundamental, uma época que em sua recordação foi marcada por muito trabalho: *‘carreguei cimento, carreguei peso, ajudando... na carroça. Isso foi algo que me aproximou do mundo dos homens’.*

A parceria que estabelece junto com o pai e o tio na condução do negócio da família o aproxima, de acordo com os seus próprios termos, do ‘mundo dos homens’. Com o crescimento dos negócios, o pai de José decidiu financiar um caminhão e atuar na produção de lajes pré-moldadas. A decisão ousada, que poderia alçar a família do entrevistado a outro patamar de renda, contudo, não se confirma. O pai sofre um grave acidente que o faz perder o caminhão recém-financiado. Em suas lembranças, após o acidente a família vive um tempo de grandes dificuldades financeiras.

A educação era algo importante para a família de José. As estratégias de escolarização, contudo, eram transmitidas, na percepção do entrevistado, através de valores como responsabilidade e esforço. José e sua irmã estudaram durante o ensino fundamental em uma escola particular localizada em Imbariê, muito próxima de sua residência. A reserva de parte

do orçamento das famílias populares para o custeio de mensalidades escolares, quase sempre, demanda a dedicação e o reconhecimento dos filhos de tal esforço: *‘eu acho que o corte deles era esse, eles davam a escola e exigiam que eu não reprovasse’*. José se recorda do acompanhamento materno nos assuntos escolares, mas, nada que tenha lhe marcado como essencial para o êxito de sua trajetória escolar. Na sua casa não tinha livros ou revistas. A primeira enciclopédia que possuiu fora presente do parente ‘rico’ da família, um ex-oficial da Marinha e funcionário da Petrobras. O parente era o marido de uma tia que morava no Rio Comprido e que lhe servia como imagem de uma pessoa bem-sucedida. *‘Como os livros ficavam na estante, eu alimentei a ideia de que ali seria a biblioteca da casa. E que eu iria preenchê-la’*.

Na transição do ensino fundamental para o médio, a crise financeira desencadeada pelo acidente do pai faz com que José procure a escola pública no intuito de aliviar o já comprometido orçamento familiar. O CIEP⁹⁷ é a sua instituição de destino nesse momento. A busca por melhores oportunidades no mercado de trabalho que sempre esteve presente na trajetória de seus pais, de certa forma, também é presente na trajetória de José. Na transição para o ensino médio, ele toma conhecimento da oportunidade de seguir carreira nas forças armadas e busca se preparar para o concurso de sargento do Exército. Para que seu desejo se tornasse realidade, ele sabia que era preciso sair do CIEP e entrar em uma escola onde conseguisse se preparar de fato para o concurso que então desejava.

Seu plano ascensional também é influenciado por um forte desejo de deixar de trabalhar na loja de seu pai, algo que, em suas recordações, era um tormento. Ele toma conhecimento das escolas federais e passa um ano trabalhando, cursando o primeiro ano do ensino médio no CIEP e se preparando para a prova do CEFET. O desejo de ser um militar na adolescência é descrito por José como consequência de um repertório limitado *‘como falei nesse mundo dos homens um militar é um cara bacana. É um cara que o salário dele não atrasa que ele é bem machão, era do caralho ser militar’*.

No final desse ano, ele conquista a aprovação para o CEFET, unidade São Cristóvão. Diante do deslocamento diário entre a Baixada Fluminense e São Cristóvão, José, marca em seu relato, que pela primeira vez teve a noção das consequências de uma política pública. Através dos trens da Supervia, ele transitava do Imbariê até São Cristóvão. Na estação de Saracuruna, tomava um café da manhã a preços populares, em sua memória, 0,35 centavos,

⁹⁷ O Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), popularmente conhecidos como ‘Brizolões’, foi uma política educacional formulada por Darcy Ribeiro implantada nos dois governos de Leonel Brizola (1983-1987 e 1991-1994). Os CIEPs quando enunciados nas entrevistas aparecem como referência de escolas de má qualidade.

política do então governador Garotinho. Na hora do almoço, havia o restaurante popular fruto da mesma gestão. Os custos de se manter no CEFET, dessa forma, eram bem reduzidos.

Nessa instituição, começou a fazer o curso técnico de eletrônica, mas como o seu desejo era o de ser sargento do Exército, ele abandonou tal formação técnica no segundo período. Depois, sem especificar o momento exato, ele muda de opinião e passa a querer ser oficial do corpo de bombeiros época em que começa a ter um pensamento crítico sobre o militarismo.

O CEFET- São Cristóvão, na percepção do entrevistado, é um marco para a sua ampliação de horizontes. Convicto que seria a partir da qualidade de ensino de tal instituição que conquistaria a aprovação no concurso militar que o motivara, José será afetado de maneira decisiva em sua passagem pela escola da rede federal.

‘Eu tinha um pouco de preocupação de sofrer preconceito. Eu pensava que iria para São Cristóvão, mas ao mesmo tempo, puxava carroça em Santa Lúcia. Eu fiquei um pouco preocupado de não ser aceito, alguma coisa. Cheguei e percebi que era um ambiente muito plural, com gente de todos os cantos. Eu acabei colando com uma galera que hoje eu percebo que não era uma galera tão massa. Hoje eu escolheria outra galera. Eu escolheria a galera do grêmio estudantil. A galera que eu escolhi era... Logo, eu coleí com um cara que foi muito meu parceiro, mas depois minha relação com ele ficou mais difícil. O nome dele era Leandro, ele também era negro, tinha poucos, tinha até alguns não era tão absurdo, mas é claro que éramos minoria. O cara era negro e também queria ser militar. Pensei, “pô, o cara é meu colega!” Ele também queria ser militar, nós éramos parceiros. Ele foi o primeiro da turma a largar o técnico porque ele queria ser militar. Ele queria ser sargento da aeronáutica. Eu fui o segundo a largar o técnico e depois o pessoal foi largando também. Eu coleí muito com ele por essas questões que nos aproximavam: ser negro e querer ser militar. Só que ele tinha uma visão, ele morava em Marechal Hermes, conservadora das coisas, uma motivação de querer estar do outro lado, ele se via como oprimido, mas queria ser o opressor. Ele tinha um pouco dessas contradições. Tinha uma galera que se juntava, não em torno da gente, mas que tinha afinidade. Nós saíamos muito, íamos para cinemas, para a praia. Nós assistíamos a aula e depois saíamos para fazer alguma coisa: praia, para o CCBB. Na verdade, para o CCBB eu nem ia tanto com eles. Mas, é nesse momento que eu vou conhecer o centro do Rio. Nós íamos muito ao cinema, meio de semana, era baratíssimo, jogávamos carta e ping pong. Por isso, que eu falo não fiz curso nenhum só fiz isso: fui para o cinema, praia, joguei carta e ping pong. Tinha uma coisa que o mundo meio se encerrava naquilo ali. Nós falávamos mal de quem era do grêmio. E eu pensava que o grêmio era legal, mas não colocava isso naquele momento.

Quando acabou eu percebi o quanto eu tinha limitado certas visões do mundo que eu queria desenvolver, por exemplo, sobre desigualdade, sobre as diferenças dentro da sociedade que eu não expressei porque não tinha espaço dentro daquele grupo. A ideia [nesse grupo] era se formar, militar ou engenheiro, se dar bem e estar do lado dos vencedores.'

As experiências que estavam bloqueadas no ensino médio serão vividas em sua plenitude durante a graduação por José. Quando entra na universidade, ele já havia passado por uma instituição que se assemelhava, a seu modo, à organização de uma instituição de ensino superior.

Antes, contudo, nos estudos preparatórios para o vestibular, ele terá outro encontro que lhe dará a certeza de que o seu caminho não estava nas forças armadas. No final do ensino médio, a carreira no exército já havia sido esquecida. José estava na dúvida entre seguir a carreira de oficial do corpo de bombeiros ou a carreira de engenheiro ambiental. Para tal, se matriculou em cursinho pré-vestibular que acabou falindo no meio do processo. Nesse cursinho ele conheceu um professor de Geografia - figura que lhe exerce uma enorme atração, vide a descrição que ele faz do professor: *'um cara grandão, negro, com um cabelão Black, gente fina, enorme, que fazia judô'* - que também coordenava um cursinho comunitário, o PVNC – Pré-vestibular para Negros e Carentes. A partir desse contato, José se torna aluno do PVNC. *'O PVNC é um marco para mim. Porque no cursinho eu tive a noção precisa de que a sociedade é desigual, que nós vivemos em uma sociedade extremamente desigual e que estamos inseridos nela'*.

A partir dessa experiência, a dúvida de José passa a ser entre a Engenharia Ambiental e a Geografia. Em 2006, ele ocupa uma vaga no curso de Geografia, selecionado a partir da política de cotas do processo seletivo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, campus Caxias. *'E estudar em Caxias, fazer geografia em Caxias e estudar o espaço em Caixas significava conhecer o território da baixada.'* "Preparado" pelas experiências que tivera, desde o início busca o ideal de ser um intelectual orgânico, participa de pesquisas, viagens, e, óbvio milita.

'Os mitos fundadores' de sua origem, ele conserva em valores como o de ter a casa própria, sua família sempre lhe disse que pagar aluguel era um coisa ruim. O seu apeço pelo trabalho e os cálculos que faz para ter uma vida mais confortável, também são exemplos dessa herança. Mas, ele traz novos repertórios, sem que isso signifique uma enorme dissonância. O *'mundo dos homens'* que fora socializado não o impediu que escolhesse como esposa uma mulher que tinha em sua independência um dos maiores atrativos para ele: *'uma*

morena bonita, que morava sozinha, já tinha uma matrícula, fazia mestrado'. O novo repertório, contudo, faz com que determinados vínculos sejam difíceis de sustentar. Leandro, o colega que compartilhava com ele o sonho do militarismo, é um desses exemplos. *'Eu fui na formatura dele em Guaratinguetá e quem estava discursando era o Bolsonaro, era o Bolsonaro! E eu estava fazendo Geografia nessa época, com um cabelão do caralho*'.

Uma maneira importante com a qual José equilibra os dois universos sociais pelos quais transita é através de sua atuação como intelectual orgânico. É a partir do seu trabalho que demanda constante reflexão sobre as desigualdades sociais e urbanas, que José experimenta sua própria ascensão social como oportunidade de estar no mundo de forma privilegiada. Sua origem é apresentada como um valor, um diferencial, no mundo em que atua. Dessa forma, sua socialização fragmentária, onde convivem distintos repertórios, enriquecem e oportunizam o seu lugar de fala.

3.2.2 Retrato Sociológico 2 - Ruth de Souza, a comunicóloga e psicóloga.

'Nascida e criada na Rocinha', atualmente, Ruth é moradora de Copacabana, bairro onde seu pai sempre sonhou morar. *'O meu pai sempre foi apaixonado por Copacabana, até hoje ele fala: amo Copacabana, o meu sonho é morar em Copacabana.'* Até os 27 anos, contudo, a Rocinha era o seu endereço. Ruth é formada em Comunicação Social e Psicologia, tem 31 anos, é negra e casada. Atualmente, ela trabalha no setor administrativo da Telefônica Brasil. Em sua avaliação, o atual vínculo de trabalho concilia as duas formações que cursou paralelamente. A frustração com a profissão de jornalista, aquela que mais a motivara, acabou por lhe apresentar o mundo do marketing e da gestão estratégica. *'...quando fui trabalhar na BAND, eu via a maneira como faziam a cobertura de tiroteios em comunidade, eu pensava: que preguiça. Morava dentro de uma, passei por algumas guerras dentro da comunidade... Jura que vocês veem dessa maneira, que vocês cobrem dessa maneira, que o negócio funciona assim! Que sem graça!'*

Cheguei até a entrevistada através dos meus contatos com ex-professores de um cursinho pré-vestibular, o PECEP⁹⁸, que ela havia frequentado. Do cursinho pré-vestibular ela mantém fortes vínculos com os seus antigos professores, dos quais ficou bem próxima. O seu

⁹⁸ Pré-vestibular, projeto de educação comunitária, que funciona nas dependências da Escola Parque – Gávea/Rio de Janeiro.

companheiro, inclusive, lecionava no cursinho. O relacionamento amoroso entre os dois começou, entretanto, anos mais tarde.

Ruth é a filha mais velha de uma família composta por pai, mãe e irmão que sempre conviveram no mesmo domicílio. Os seus pais permaneceram mais tempo na escola do que a média de escolaridade dos seus pares, já que ambos começaram, mas não terminaram o ensino médio. Tanto a mãe quanto o pai atuaram no setor de serviços. O pai, por sua vez, sempre sonhou em abrir o próprio negócio.

A mãe de Ruth foi criada por sua madrinha. *‘A minha mãe saiu cedo de casa também, aos 15 anos, e começou a trabalhar. Trabalhou em casa de família, trabalhou como promotora de vendas nas Lojas Americanas, no departamento pessoal, auxiliar administrativa no Zona Sul acho que este foi o emprego que ela ficou por mais tempo.’* Mesmo após o casamento, sua mãe continuou trabalhando até o nascimento do segundo filho. Com duas crianças pequenas, ela resolveu permanecer em casa por um tempo até que os filhos ficassem mais velhos. Entre os 9 e 10 anos de Ruth, a mãe voltou para o mercado de trabalho, atuando no comércio. Atualmente, ela trabalha como recepcionista de uma clínica médica dentro da Rocinha.

A audácia do pai na busca por oportunidades e nos riscos profissionais que assumia parece causar uma admiração especial em Ruth. No início do casamento, seu pai trabalhava no supermercado Zona Sul. A função exercida, contudo, não lhe trazia satisfação, segundo a filha. Assim como em outras histórias, ele também alimentava o sonho de viver do próprio negócio. Após desfazer o vínculo formal que tinha, tentou a carreira de representante comercial, mas, ainda não era o que lhe animava. É no ramo de administração de imóveis que ele irá encontrar sua grande motivação. Ruth, sem dar muitos detalhes, relata episódios de uma época em que o pai chegou a ser sócio de uma administradora de imóveis em Copacabana. A sociedade desequilibrada era baseada no trabalho de seu pai e no investimento em capital financeiro do outro sócio. *‘Ele conseguia alugar apartamentos e administrar apartamentos de pessoas com certo status social, como o Roberto Carlos. Então, de vez em quando, ele contava histórias dos famosos que tinha oportunidade de conhecer.’* Na versão da filha, a primeira aventura do pai no ramo imobiliário acabou pela má administração do negócio pelo sócio, que detinha o controle do capital da firma. A necessidade fez com que ele voltasse ao mercado de trabalho em diferentes funções desde entregador de jornais a auxiliar administrativo de um Centro Médico da Rocinha. *‘...então, ele foi fazendo várias coisas, o meu pai rodou bastante, mas o que imperava era o sonho de ter a sua própria imobiliária.’* Com os filhos já criados, ele

conseguiu realizar o sonho de ter a própria imobiliária, na Rocinha mesmo. O trabalho solitário, feito sem nenhum funcionário que o auxilie, lhe traz, contudo, uma enorme satisfação.

A escolarização de Ruth sempre foi um tema importante para a sua família, mas que não era por isso tratado a partir de cobrança ou pressão. *‘Eu nunca senti uma pressão muito grande, para ser bem sincera. Eu tinha um acompanhamento de perto, mas muito mais em relação à frequência e comportamento.’* Logo na primeira infância estava matriculada numa creche destinada aos filhos dos funcionários de um supermercado onde a mãe trabalhava. Das escolas por onde passou, todas da rede pública, ela guardou na lembrança os critérios que os pais utilizavam para escolher o colégio. *‘Na época, tinha um imaginário popular, social, de que também era possível hierarquizar o nível dos colégios públicos’*. A sua mãe chegou a dormir na fila de uma escola bem reputada para conseguir uma vaga para a filha.

Na percepção de Ruth, o *‘ambiente criativo e bastante rico’* que os pais criavam em torno dos filhos era o grande diferencial de sua criação. O ambiente lúdico era repleto de atividades que estimulavam a sua criatividade a partir do artesanato, da música e da escrita *‘eu adorava produzir, por exemplo, cartões de Natal para a família inteira, para os amigos’*. O encantamento da entrevistada pelo mundo expressivo estimulou nela, durante muito tempo, uma vontade de se tornar artista. *‘Desde pequena eu pensava em seguir uma carreira artística: quero ser atriz, quero ser cantora ou qualquer coisa assim. Mas quando eu pensava dentro da academia, eu falava: se eu for fazer faculdade, quero ser jornalista.’* Os pais de Ruth estavam lá para apoiá-la e incentivá-la a ampliar o seu horizonte de expectativas. *‘Em termos de incentivo, eu sempre percebi dos meus pais uma... e isso é impressionante, porque acho que era uma das maiores forças, um dos maiores traços que os meus pais deixaram que é não tem limite. O céu está ali, tenta. Vai buscar.’* Com fortes expectativas sobre o seu futuro, a jovem moradora da Rocinha cresceu alimentando grandes sonhos.

Buscar novas experiências foi um comportamento aprendido desde cedo por Ruth. Esse aprendizado se deve, em grande parte, às iniciativas de seus pais que sempre estavam atentos às oportunidades de cursos e de vivências fora do entorno imediato da família. Durante sua infância e adolescência, ela fez balé, dança afro, teatro, natação, a maioria cursos gratuitos ou cursados através de bolsas e descontos. *‘Inglês, por exemplo, na época, eles não tinham dinheiro, mas o meu pai foi como um louco pedir bolsa na Oxford, que era um curso em Copacabana, um curso que só estudava quem tinha grana.’* Sempre fora estimulada a ser autônoma, a se locomover sozinha, a interagir com o mundo e a valorizar atividades coletivas.

A narrativa de Ruth nos leva a crer que a sua personalidade é forjada em um ambiente familiar empoderador, que lhe forneceu autoestima e confiança para enfrentar o mundo. Da infância, até o ensino fundamental, suas lembranças são muito positivas. *‘Eu era a menina divertida do grupo, a representante de turma, a pessoa que queria liderar as movimentações e gostava dessa coisa de popularidade, estar envolvida nos eventos e tal.’* Embora moradora de uma comunidade e negra, em suas memórias, apesar da consciência da existência do preconceito social e racial, ela diz não se recordar de momentos onde houvesse vivido e percebido como tal uma situação de discriminação. A sua condição socioeconômica até então nunca havia lhe criado limitações.

‘Acho que a maneira que os meus pais conduziram isso sempre foi muito saudável, porque na realidade de quem mora em comunidade, além do preconceito social, que é óbvio que existe, ainda tem um preconceito racial. É muito interessante perceber o preconceito racial existindo dentro da própria comunidade e ele é reforçado pelos próprios negros, de alguma maneira. Foi muito interessante a maneira que os meus pais conduziram isso, por exemplo, nunca tive nenhuma questão com ser negra. “Gente, sou, ok!”. Olho para as pessoas de maneira igualitária, independentemente do credo, da raça e tal. Eu me lembro de um episódio na Epitácio Pessoa [aniversário da colega do inglês]: a minha mãe me levou... eu vou dar um passo atrás pra contar do presente. Primeiro, fui convidada. Ótimo, fui convidada, a minha mãe achou ótimo, passou a minha roupa: “você tem que ir arrumadinha”, fez aquele esforço, me arrumou, me “emperequetou” pra eu estar à altura da festa na Epitácio Pessoa. Mas aí começou o drama: “poxa, você aí a uma festa de uma galera que tem dinheiro. Você precisa levar um presente. Como a gente faz, já que não temos dinheiro pra presente?”, “é, mãe, não temos dinheiro pra presente”, “vamos usar a criatividade”. E aí a minha mãe fez uma coisa que eu achei genial: pegou um ovo, cortou de uma maneira que a casca não se quebrou toda, ela limpou o ovo por dentro, colocou um algodãozinho e, na época, a gente tinha um conjunto de brinco de plástico de cor neon, cada um com um desenho: estrelinha, patinho... Eu tinha muitos desses, uma cartela que eu não usava e a gente pegou uns, colocou em cima desse algodão, depois fechou o ovo com delicadeza e nem parecia que ele tinha sido quebrado. E a minha mãe me deu a brilhante idéia: “você não tem o presente mais poderoso, mais caro, mas vai ter o mais criativo. Então, faz assim: quando você chegar lá na sua amiga, mostra o ovo, faz que vai tacar nela porque é o dia do aniversário, aquela bagunça e aí, quando quebrar, ela vai ver que são os brincos e é isso aí que tem pra hoje” (risos). Eu achei sensacional porque foi exatamente o que eu fiz e o presente foi um sucesso na festa: “que criativo!”. Então foi

ótimo, foi muito legal a maneira que a minha mãe me ensinou a lidar com essa situação, porque eu podia me limitar, deixar de ir porque não tinha dinheiro pra comprar o presente, podia me sentir diferente, do ponto de vista negativo, porque não pude levar o presente que os demais estavam levando, mas eu não estava “nem aí”. A minha mãe me ensinou a me divertir, a curtir a situação e lidar com as minhas dificuldades de uma maneira muito saudável. Nesse dia que ela me levou no prédio, o porteiro olhou pra nossa cara e falou: “olha só, moça, o elevador de serviço é aquele lá”. A gente estava em frente ao elevador social. Na época ainda tinha isso, elevador social e de serviço. Ainda tem, não é?! Coisa ridícula. Enfim, a minha mãe falou: “tá bom, obrigada pela informação, mas somos convidadas da festa e vamos pelo social. Obrigada.” E entrou. Na época, eu nem tinha a dimensão do que essas palavras queriam dizer, eu simplesmente seguia a minha mãe, mas hoje eu vejo a riqueza, o jogo de cintura e a beleza da forma que ela conduziu, isso me impressiona muito.’

Na oitava série a autoestima da jovem Ruth sofreria o primeiro abalo. A mudança da turma ‘1’ para a turma ‘3’ marcou a memória da entrevistada que relata esse fato como uma situação que lhe produziu grande incômodo. Quando existia oportunidade, as antigas amigas da turma avançada não queriam fazer trabalhos de Matemática com ela. Com o orgulho ferido, ela prometeu a si mesma ‘*não tiro nota abaixo de 7*’ e se aplicou mais aos estudos. No ensino médio, ela seguiu a turma com quem convivia para uma escola normal, mas logo se deu conta de que não queria lecionar para o primário. Passado o primeiro ano, mudou de escola. Novamente, a mudança ocorrida no ambiente escolar traria questões para a sua sociabilidade. A menina tão popular no ensino fundamental acabou vivendo o que classifica como um ‘*processo de rejeição explícito*’ pela nova turma. A maior dedicação com os estudos, de toda forma, rendeu lhe frutos. Os professores começaram a perceber a dedicação e os bons resultados de Ruth e o assunto faculdade começava a aparecer mais forte em sua vida.

No final do ensino médio, o tema do vestibular cerca a entrevistada, mas o sonho de ser atriz, não formulado como uma opção acadêmica, ainda rivalizava fortemente com o plano do ensino superior em sua mente. Nesse período, se inscreve em uma seleção para o elenco de uma produção da Rede Globo. Fica entre as três finalistas, mas acaba não sendo selecionada. Em outras passagens de sua narrativa, Ruth descreve momentos onde a sua família viveu uma situação financeira mais apertada, levando todos a fazerem sacrifícios. Os tempos modestos da infância, contudo, não são recordados como períodos de grande sofrimento. De toda forma, a consciência das limitações financeiras de sua família pesa quando ela decide abandonar o projeto de ser atriz para investir na universidade. ‘*Porque a ideia de ser atriz era muito forte,*

mas me deixava muito insegura, porque eu tinha uma urgência, uma necessidade de conseguir dar certo. Na minha cabeça, dar certo era financeiramente. Isso tinha que acontecer o quanto antes para, se não conseguisse ajudar os meus pais, sei lá, dando dinheiro ou pagando contas da casa, ao menos não seria um peso para eles, queria diminuir o fardo.’ O insucesso da seleção na Globo era o sinal que o seu caminho estava apontado para o jornalismo.

Durante o terceiro ano do secundário ela se inscreve e frequenta um cursinho pré-vestibular no período da noite. O resultado desse ano de estudo não é satisfatório e a reprovação no vestibular a desaponta profundamente. *‘Quando reprovei, fiquei arrasada, achei que o mundo iria acabar.’* Recuperada da grande frustração, a menina que podia correr atrás do céu se assim quisesse, percebe que acumulava desvantagens difíceis de solucionar. Nesse interim, Ruth toma conhecimento de um pré-vestibular que funcionava nas dependências de uma prestigiosa escola particular do Rio de Janeiro: a Escola Parque. O PECEP será um divisor de águas para o seu projeto rumo à universidade. *‘Acho que o PECEP foi o grande elo transformador da minha vida. Primeiro porque eu consegui ali amadurecer muitas questões em termos profissionais, várias discussões, pontos de vista, enxergar a vida de uma maneira...’*

O PECEP lhe ensinará malícias do concurso de vestibular as quais não tinha tomado conhecimento no antigo cursinho. Para o certame da UERJ, ela aprende a avaliar suas reais chances a partir dos resultados da primeira etapa. Dessa forma, ao invés de Comunicação Social, Ruth conquista a aprovação no curso noturno de Psicologia onde fora selecionada em 10º lugar nas vagas destinadas à política de cotas do ano 2004. Além da expertise para o concurso público, ela cultivará fortes vínculos de amizades e, como dito, será em tal ambiente o lugar onde conhece o seu futuro companheiro.

Aprovada no vestibular da UERJ através da política de cotas, Ruth ainda não estava totalmente realizada. O desejo de ser repórter, de aparecer na televisão tal como sonhado em sua infância a partir de seu encantamento pelas artes, ainda estava lá. *‘Como eu não tinha passado para PUC, que na época o PECEP conseguia interagir com centros sociais para ter bolsa, eu comecei a pensar em outras opções, porque não tinha condição nenhuma de pagar. Ai eu descobri a FACHA, que é uma faculdade especializada em Comunicação. Falei: pai, vamos comigo na cara e na coragem. Eu tenho que fazer Jornalismo’.* A iniciativa da jovem, apoiada prontamente pelo pai, dá resultado e ela consegue uma bolsa de estudos para cursar Comunicação Social na FACHA no turno vespertino.

A menina sempre atarefada por cursos de dança, teatro, brincadeiras coletivas e outras mil atividades lúdicas, agora se via atarefada entre dois cursos superiores e estágios para

complementar a renda e conseguir manter as duas frentes. O período descrito como *‘bem puxado’* acabou lhe acarretando um comportamento mais sério, CDF, o que bloqueou uma vivência universitária de festas e de encontros que poderia ter tido. *‘Nível de pressão a ponto de não ir para chopada. Eu fiquei fazendo uma linha mais CDF, restrita a qualquer tipo de baguncinha’*.

Desde muito cedo, Ruth estagiou. Logo cedo também descobriu uma faceta do jornalismo, sua grande preferência, que acabou desmistificando a ideia que tinha sobre a profissão. Herdeira de uma ética do trabalho, ela ajustou as suas expectativas para encontrar outra maneira de atuar no ramo. Através do relacionamento com os clientes, da avaliação do perfil do consumidor, ela conseguiu, a sua maneira, convergir temas da Psicologia e da Comunicação Social.

Desde nova ela foi criada para desbravar outros mundos, para interagir com pessoas diferentes do seu meio. Ela sempre soube que *‘queria crescer, galgar outros patamares’*. Em sua fala, Ruth simboliza a própria ascensão social através dos lugares por onde andou, através da moradia em Copacabana o bairro dos sonhos do pai. *‘Caramba, aquela menina que estava lá na Rocinha há um tempo, que os amigos não queriam fazer o trabalho de Matemática junto, conseguiu ir para Nova Iorque.’*

Através da narrativa de Ruth, percebemos uma predisposição da entrevistada para lidar com novos repertórios. Desde muito cedo, os seus pais estimulavam a vivência em mundos sociais distintos do seu, o que é colocado em seu relato de vida como um valor. Essa característica de sua personalidade não impede que ela sinta o espanto (o choque cultural) gerado a partir da convivência com pessoas com distintos padrões socioeconômicos e culturais. Em sua narrativa ela transmite que os novos gostos são assimilados não em substituição aos antigos hábitos, apesar de sua constatação sobre mudanças na apreciação que faz do mundo, dos objetos e dos sabores. Ela diz ter um *‘gosto mais refinado’* hoje em dia. *‘Com certeza, o tipo de música que eu ouvia quando morava com os meus pais, quando tinha 14 anos, não é o mesmo tipo de música que escuto hoje. Não que vá deixar de escutar o que era daquela época, me divirto da mesma forma ouvindo, mas eu aprendi a ouvir coisas e a ter um gosto mais refinado do ponto de vista da comida, de leitura...’* A conexão com o mundo de origem, contudo, é transmitida mais em termos estéticos do que através dos vínculos pessoais, os quais ela diz ter perdido grande parte dos contatos ou mantido apenas relações superficiais com velhos amigos.

O universo lúdico da infância e da adolescência de Ruth não impediu que ela vivesse momentos de grandes frustrações e enfrentamentos de obstáculos postos pela desigualdade social. Ao contrário, em sua percepção, esse ambiente e a influência que o mesmo deixou em sua personalidade a habilitaram à assimilação do novo sem necessariamente marcar uma ruptura com o velho.

4 OS SENTIDOS DO DIPLOMA E A SOCIABILIDADE.

Os dois mundos, habitados por quem transita entre distintas classes sociais, são usualmente apresentados como espaços abstratos, sobretudo quando não se referem a práticas concretas desses indivíduos. Tais espaços podem, todavia, ganhar materialidade, mesmo que de forma parcial e também algo metafórica, através da percepção que os indivíduos, “em trânsito permanente”, possuem sobre as suas relações sociais, ou seja, da imagem que fazem das pessoas pertencentes às diferentes classes com as quais convivem. No que concerne aos casos estudados, analisar como os entrevistados se referem aos vínculos sociais que possuem em ambientes diversos é uma boa forma de discutir os efeitos da mobilidade educacional e ocupacional no cotidiano de quem as experimenta. O presente capítulo - que fecha as discussões propostas sobre os sentidos da ascensão social vivida pelos entrevistados através do ensino superior - busca no tema da sociabilidade lugar privilegiado para a compreensão do convívio de diferentes repertórios, determinações de fronteiras simbólicas e acomodações de distintas visões de mundo. As relações que serão destacadas para tal discussão passam, sobretudo, pelas relações de amizade travadas pelos sujeitos estudados em diferentes momentos de suas vidas.

A importância das relações sociais ou da rede social do indivíduo, como o campo usualmente conceitua, é destacada por muitos autores como um recurso em potencial que pode, de acordo com suas características, amenizar situações de pobreza e favorecer a ascensão social (GRANOVETTER, 1995; MARQUES, 2010, 2012; GUIMARÃES, 2009). O debate sobre as redes sociais é herdeiro das teorias do capital social e de conceitos conexos, que agregaram às discussões clássicas sobre dimensões da desigualdade um importante fator a ser considerado: como as pessoas com as quais o indivíduo interage podem lhe apresentar oportunidades, na forma dos mais variados tipos de recursos, que o favoreçam. Parte desse debate será apresentado logo na primeira sessão desse capítulo. Pode-se afirmar, ademais, que a percepção do próprio indivíduo acerca das relações nas quais ele toma parte constitui uma boa evidência do modo pelo qual ele representa seu pertencimento a diversos lugares sociais.

Em algumas histórias de vida, a heterogeneidade dos contatos que cercavam o entrevistado foi percebida pelo mesmo como positiva e relevante para a entrada e saída da universidade. Nem todos, entretanto, descreveram as suas redes pessoais como ativos ou a caracterizaram como diversa. A pluralidade dos casos nos mostra que é imprudente e incorreto, a partir da natureza dos dados investigados, argumentar em termos de uma causalidade necessária sobre os possíveis efeitos da sociabilidade para a mobilidade social. Tal consideração

não invalida, contudo, a importância do estudo, pautado por uma perspectiva qualitativa, dos efeitos da sociabilidade para a ampla compreensão dos processos que envolvem casos de ascensão e reprodução do status.

A intenção é destacar como o movimento de trasladar-se entre ambientes de classe trabalhadora (popular), média e alta foi comunicado pelos entrevistados quando perguntados sobre as interações a que estão expostos. As relações de amizade forneceram os maiores exemplos para essa discussão de modo que dos relatos obtidos serão destacados comentários sobre velhos amigos, amigos feitos na faculdade, colegas de trabalho, entre outros, o que não impede, entretanto, que percepções sobre as relações familiares também sejam mobilizadas.

O enquadramento dos diferentes contatos sociais feito por essas pessoas é mais um elemento que nos ajuda a compreender os sentimentos de pertencimento, assim como rejeições ou adesões a determinados estilos de vida, de modo a melhor abranger as experiências relacionadas à questão da formação de nível superior para oriundos das camadas populares e os processos de identificação aí deflagrados. A última sessão aborda as fronteiras simbólicas (LAMONT; MOLNAR, 2002) de que os indivíduos se valem para se diferenciarem uns dos outros na dinâmica social.

4.1 A sociabilidade em foco: capital social e redes.

Nas décadas de 1980 e 1990, a reflexão sobre os efeitos da sociabilidade circundou o conceito de capital social. O esforço teórico e metodológico da época produziu avanços nos debates sobre o tema sem, contudo, resultar em uma convergência sobre as ferramentas heurísticas utilizadas no campo. Tais pesquisas contribuíram para a revalorização de uma sociologia relacional, que enfatiza as interações intersubjetivas como lócus central para o entendimento dos fenômenos sociais. Elas também foram profícuas na apresentação de casos empíricos diversos, que estimularam a inovação tanto no campo teórico quanto na utilização de ferramentas metodológicas. Estes avanços, entretanto, não foram capazes de estabelecer um consenso mínimo sobre a própria definição do conceito de capital social. As limitações decorrentes da utilização dessa ferramenta teórica são devedoras, em parte, do excesso de otimismo que muitas vezes marcou o seu uso. Em outras palavras, a ênfase nos possíveis efeitos positivos dos ativos decorrentes das relações sociais conduziu diferentes pesquisadores a ignorar manifestações negativas do fenômeno, na ânsia de estabelecer o capital social como a

grande chave para a superação de desigualdades sociais, violência e baixa cultura cívica. Destacam-se como principais formulações na área as propostas de Pierre Bourdieu (1986), Coleman (1988, 1990) e Putman (1996).

Embora a formulação de Bourdieu para o conceito de capital social seja referência, o seu uso não possui o mesmo impacto que as demais formas de capital, econômico e cultural, cunhadas pelo autor. Segundo o sociólogo:

Capital social é o agregado de recursos reais ou potenciais que se ligam à posse de uma rede durável e mais ou menos institucionalizada de relações de reconhecimento, em outras palavras, a filiação a um grupo prevê a seus membros capital de propriedade coletiva, uma credencial que lhes dá crédito nos vários sentidos da palavra.⁹⁹. (BOURDIEU, 1986:51 – tradução nossa)

O conceito de capital social bourdesiano nos informa que os recursos oriundos da acumulação deste ativo estão vinculados às redes sociais das quais o indivíduo faz parte. Tal definição enfatiza, por um lado, o aspecto relacional necessário para a formação desse capital e, por outro, o modo de incorporação desse recurso revela o deslocamento da dimensão coletiva que o produz para uma perspectiva individual de sua acumulação, tal qual ocorre com as demais formas. Em outras palavras, o capital acumulado, incluso o derivado de relações sociais, neste modelo teórico se encontra em ‘posse’ dos indivíduos como recurso em potencial e não como propriedade das redes de interações que o geram (PRATES, SILVA, CARVALHAES, 2007). A mobilização feita pelo autor dos títulos de nobreza, como exemplo de recursos provenientes do estoque de capital social, é característica do aspecto individual pressuposto neste conceito.

No arquétipo bourdesiano, o capital social é implicado pelos demais, uma vez que ocorre a interdependência entre as múltiplas dimensões da estratificação social, embora, em última instância, todas estejam subjugadas à dimensão econômica. Dessa forma, a fungibilidade de capitais explica a independência limitada do conceito de capital social na teoria do sociólogo francês (PORTES, 1998; LIN, 2001). Embora os recursos advindos das relações sociais não possam ser reduzidos às demais formas de capital, eles são fortemente condicionados pelo volume dos ativos materiais e simbólicos que o indivíduo possui, assim como pelo conjunto destes ativos detidos pelos membros que compõem sua rede de relações¹⁰⁰.

⁹⁹Social capital is the aggregate of the actual or potential resources which are linked to possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition – or in other words, to membership in a group – which provides each of its members with the backing of the collectivity-owned capital, a ‘credential’ which entitles them to credit, in the various senses of the word (BOURDIEU, 1986:51)

¹⁰⁰ “...the volume of the social capital possessed by a given agent thus depends on the size of the network of connections he can effectively mobilize and on the volume of the capital (economic, cultural or symbolic) possessed in his own right by each of those to whom he is connected” (BOURDIEU, 1986: 51).

A trajetória do indivíduo é traçada com tons deterministas dentro desse modelo, onde os diferentes tipos de capital (ou ativos) pouco se distinguem ou se autonomizam ante a classe de origem. Associando tal tendência determinista à questão relacional, a propensão à constituição de grupos homogêneos, onde os seus membros gozam do reconhecimento de práticas e valores pelos demais, seria a regra para Bourdieu. Certamente, pessoas portadoras de um conjunto de disposições semelhantes tendem a se agrupar tanto para o mútuo reconhecimento dos valores compartilhados quanto para a sua conservação. A predisposição dos indivíduos para se relacionarem com aqueles que são considerados iguais ou próximos é uma característica de extrema importância para os estudos sobre sociabilidade. Essa característica é definida, conceitualmente, em termos do grau de homofilia presente nas redes sociais (McPERSON, SMITH-LOVIN, COOK, 2001). As relações nas quais o indivíduo se engaja ao longo da vida, contudo, podem levá-lo a conhecer e manter vínculos, com graus de intensidade distintos, com pessoas de diferentes classes sociais. A socialização plural do indivíduo na modernidade é, nesse caso, mais uma propulsora dessa possibilidade.

Ao seguir a proposta bourdesiana, os pesquisadores se deparam com questões relativas a operacionalização do conceito, pois, tal como formulado, ele traz limitações aos que desejam ressaltar os efeitos próprios da sociabilidade dos indivíduos para a desigualdade social. Os problemas não surgem pela negação da essência fungível dos capitais, e da multicausalidade que os relaciona, pontos bem apontados por Bourdieu, mas por não entender que potencialmente o capital social pode produzir efeitos não esperados, independentes das demais características de origem do indivíduo. Em comparação às formulações do conceito de capital social elaboradas por James Coleman e por Robert Putnam, a proposta bourdesiana apresenta vantagens. Portes (1998) afirma que tais vantagens estariam na clara distinção da natureza do recurso, evitando maiores confusões entre o que seriam as causas e as consequências desse tipo de capital, e nas distinções qualitativas, feitas por Bourdieu, sobre o volume e a qualidade do mesmo¹⁰¹.

Outra importante aceção para o conceito de capital social foi elaborada, sobre influência da teoria da escolha racional, por James Coleman (1988, 1990). Nesta formulação, destacam-se dois aspectos; i) a tentativa do autor de circunscrever o capital social como um recurso localizado na estrutura relacional da qual o indivíduo faz parte ii) e a intenção de defini-

¹⁰¹ “Bourdieu’s definition makes clear that social capital is decomposable into two elements: first, the social relationship itself that allows individuals to claim access to resources possessed by their associates, and second, the amount and quality of the resources.” (PORTES, 1998:3-4).

lo a partir das funções que este desempenha para a ação social¹⁰². O autor reúne o que seriam as principais formas de capital social nas seguintes dimensões: obrigações e expectativas, fontes de informações potenciais, normas e sanções efetivas. A operacionalização de tal conceito é bastante prejudicada pela imprecisão de sua formulação, uma vez que sua definição não distingue os fatores decisivos para a formação dos diferentes tipos de capital social (reciprocidade e confiança), por exemplo, daqueles relacionados com os efeitos possíveis de sua posse (acesso a informações privilegiadas).

Portes (1998) afirma que a maioria das aplicações do conceito de capital social nas Ciências Sociais agrega em sua própria definição elementos que dizem respeito ao processo de criação desse recurso e elementos relacionados aos efeitos de seu uso, o que resultaria em argumentações tautológicas sobre o fenômeno, ponto que também é notável na proposta desenvolvida por Robert Putnam. Em sua obra “Comunidade e Democracia. A experiência da Itália Moderna”, o cientista político buscava explicar a diferença do desempenho das instituições democráticas entre o norte e o sul da Itália. Fruto de um longo trabalho empírico, as conclusões obtidas pelo autor foram responsáveis pela popularização do conceito de capital social e influenciaram, inclusive, a implantação de políticas públicas mundo afora. Putnam destaca o capital social como um recurso facilitador para a emergência de uma cultura política centrada em valores como associativismo e cooperação mútua, cultura cívica que seria característica do norte italiano. “Aqui o capital social diz respeito a características da organização social como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (PUTNAM, 1996: 177). Influenciada pelo conceito de Coleman, a definição de Putnam para capital social padece do mesmo nível de imprecisão. O termo central para a argumentação do autor sobre o desempenho institucional do norte italiano e seu “círculo virtuoso democrático”, em contraposição ao sul e seu “círculo vicioso autoritário”, é vagamente desenvolvido em sua obra (REIS, 2003). Nessa abordagem, o capital social faz parte de um *ethos* comunitário ou nacional que se corporifica em instituições favoráveis à participação política dos cidadãos. Um dos problemas dessa definição está na confusão que o autor comete entre os conceitos de capital social e de cultura cívica. Ou seja, nas comunidades onde encontramos um *ethos* cívico (capital social como cultura cívica = causa), os indivíduos estão propensos a cooperarem na construção de um bom governo e conseqüentemente estas serão bem governadas (capital social como cultura cívica =

¹⁰² They all consist of some aspect of a social structure and they facilitate certain actions of individuals who are within the structure”(COLEMAN, 1990:302).

efeito) (PORTES, 1998; PRATES, SILVA, CARVALHAES, 2007). A equalização dos conceitos de capital social e cultura cívica leva Putman a ignorar aspectos negativos decorrentes da sociabilidade, entendida por ele como níveis de associativismo, participação e confiança. No caso italiano, que serve de base empírica para o autor, a organização da máfia é um contraexemplo que problematiza fortemente o sentido virtuoso dos argumentos elaborados pelo autor¹⁰³.

Os estudos sobre redes sociais, que possuem diálogo direto com as pesquisas sobre capital social, utilizam conceitos e metodologias mais sensíveis à dimensão analisada e vem produzindo avanços na discussão sobre os efeitos da sociabilidade a partir da inserção do indivíduo em uma dinâmica relacional. “A expressão ‘rede social’ é utilizada pelas ciências sociais como instrumento de análise, que permite a reconstrução dos processos interativos dos indivíduos e suas afiliações a grupos, a partir das conexões interpessoais construídas cotidianamente” (FONTES, EICHNER 2004:5-6). A ênfase em uma dimensão relacional permite distinguir com maior clareza causas e efeitos, evitando tautologias e, por outro lado, esclarece algumas especificidades do capital social, sem perder os avanços já realizados na área.

Tal ênfase analítica nos permite explorar elementos associados à sociabilidade dos indivíduos, que podem influenciar na permanência ou superação/amenização de situações desfavoráveis impostas pela desigualdade social. Como Marques (2010) bem afirma, para além da estratificação por atributos existiria uma segunda, construída e reconstruída pelas redes sociais. Seus estudos das redes sociais contribuem para a presente discussão a partir da reflexão sobre a sociabilidade, vista como um recurso potencial para superação de desigualdades.

Na literatura consultada, a classe social é amplamente relacionada às análises sobre os efeitos da sociabilidade, explorando a comparação entre redes sociais de camadas populares e médias da população. Marques (2010), por exemplo, em relação às características dos contatos, encontra redes menos diversificadas e mais encapsuladas¹⁰⁴ para os pobres do que para os

¹⁰³ Mas se concebemos capital social não como atitude individual, mas como um atributo da sociedade, dependente do contexto em que operam os indivíduos, então se impõe reconhecer a ‘neutralidade’ moral do capital social, no sentido de que sua presença facilita a realização de objetivos pelos atores, sejam esses objetivos moralmente ou socialmente desejáveis ou não: assim, a presença da máfia ou a constituição de uma organização criminosa controlada por traficantes de drogas significam uma expansão do estoque de capital social (REIS, 2003:44-5).

¹⁰⁴ A variabilidade dos contatos tanto pode ser expressa pela presença de pessoas de diferentes classes sociais daquela a que o ego pertence, descritas em termos da diversidade da rede, quanto em termos geográficos, descritos pelo maior ou menor localismo do ciclo de convívio. “Como vimos, a segregação está ligada à concentração espacial de certos grupos sociais em espaços relativamente homogêneos e separados de outros grupos. Sustento que uma importante propriedade de padrões relacionais diz respeito à proporção dos nós de uma dada rede pessoal que habitam o mesmo local que o ego. Denomino essa propriedade “localismo” e, embora ela se relacione fortemente à segregação, diz respeito a uma dimensão distinta. Enquanto o localismo é uma propriedade de cada rede, a segregação é uma propriedade do espaço onde indivíduos habitam. Na verdade, o

indivíduos de classe média. Bidart e Lavenu (2005), ao discutirem os efeitos do ciclo de vida para a sociabilidade, indicam que a velhice representa uma perda mais pronunciada de contatos para as classes baixas do que as demais. Guimarães (2009) aponta que trabalhadores que procuram empregos tendem a acessar predominantemente circuitos domésticos e comunitários para buscar informações úteis nesse processo. A questão da limitação das informações que circulam em redes poucos diversificadas, em contextos de pobreza, é colocada pela autora como uma hipótese que poderia explicar o menor alcance ocupacional do grupo.

Eduardo Marques (2010), por exemplo, no estudo comparativo das redes sociais de classe média e de pobres, identifica diferenças quanto à sociabilidade escolar e a socialização para o trabalho entre os jovens desses grupos. Tais especificidades quanto à socialização das camadas populares são convergentes com muitas das histórias de vidas analisadas nessa tese, especialmente para os homens que, em média, se dedicaram mais precocemente ao trabalho do que as mulheres entrevistadas. Segundo o autor, durante a juventude o indivíduo tanto adquire gradativamente atributos do mundo adulto quanto desenvolve sua rede de relações sociais. Contudo, o ritmo deste processo seria distinto entre os jovens de classe média e os jovens pobres. Os primeiros experimentariam a transição para a vida adulta de forma “paulatina e paralela”, sendo o período escolar o local deste processo. Já para os jovens pobres a escola não representaria o lugar por excelência da transição para a vida adulta. As razões decorrem, sobretudo, da superposição com outros eventos, característicos da vida adulta (casamentos, gravidez precoce, entrada no mercado de trabalho em ocupações de baixa qualidade). Se os jovens de classe média experimentam um lento processo de socialização com o mundo do trabalho, que envolve a passagem prolongada pelo sistema educacional, o mesmo não acontece com aqueles desfavorecidos economicamente, que, por diversos imperativos culturais e econômicos (SARTI, 2005), são socializados ao mundo do trabalho na prática, sem a mediação do período de formação escolar, onde costumam se formar as redes de contatos profissionais.

O elemento crucial, entretanto, parece-me estar na presença muito mais rara de ambientes universitários e outros espaços de preparação paulatina da vida profissional nas trajetórias de socialização para o trabalho dos pobres. É no interior dos ambientes universitários que a classe média constrói o início de suas redes profissionais, visto que o mundo dos estudos no caso dos cursos superiores representa também uma transição relacional lenta ao mercado de trabalho especializado, construída no bojo da transição relacional para a vida adulta. (MARQUES, 2010: 179)

localismo é um tipo de homofilia relativo à coincidência do atributo lugar de moradia entre os indivíduos presentes em uma dada relação”. (MARQUES, 2010:46-7)

A literatura aponta que a entrada precoce no mercado de trabalho, associada à interrupção da formação escolar, empurra os jovens dos estratos mais baixos da pirâmide social para empregos de baixa qualidade, o que limita o alcance ocupacional deste grupo na idade adulta. Os jovens oriundos de famílias pobres estão mais propensos a encurtarem o período de formação e preparação para a vida adulta, pois além de imperativos econômicos haveria outros fatores que colocariam o trabalho como uma esfera privilegiada para a obtenção de uma identidade valorizada socialmente. O trabalho seria o local que conferiria aos membros de classes desfavorecidas uma dimensão moral positiva, em contraposição à dimensão negativa da pobreza (SARTI, 2005). A conciliação entre estudo e trabalho foi uma realidade para a grande maioria dos entrevistados a partir do ensino médio. Na faculdade, quase todos relataram a divisão do tempo entre o estudo e atividades remuneradas, que eram necessárias não apenas como requisito obrigatório para a formação, mas para a própria manutenção e auxílio financeiro da família, em alguns casos.

Os indivíduos se relacionam entre si com diversos níveis de intimidade. Parentes, amigos e conhecidos são classificações possíveis para essas relações. A partir do grau de intimidade contido nesses vínculos, as relações pessoais são divididas em grupos que se distinguem pelo nível de confiança, reciprocidade, frequência de contatos, proximidade existentes entre elas. Mark Granovetter (1973), em artigo seminal, utiliza-se de quatro critérios para determinar a intensidade de um laço social, os quais seriam: o volume de tempo, a intensidade emocional, níveis de intimidade e de confiança e os serviços que são prestados reciprocamente em uma interação social. A partir destes critérios, tal autor classifica os vínculos íntimos mantidos pelo indivíduo, geralmente família e amigos próximos, como sendo os laços fortes de sua rede. Estas relações seriam aquelas onde o investimento de tempo, afeto, confiança e intimidade seriam altos. Já os vínculos distantes, mantidos com conhecidos e pessoas que não fazem parte do círculo íntimo de convivência do indivíduo, seriam os laços fracos.

Os laços fortes costumam ser acionados pelos indivíduos em situações de fragilidade, como o desemprego e a migração. O jovem que busca o primeiro emprego, por exemplo, tende a procurar auxílio de familiares e amigos próximos. A dependência nessas etapas da vida de contatos herdados da família é muito maior do que na fase adulta, onde outros ambientes, como o próprio trabalho, tendem a autonomizar o ciclo social do indivíduo. Algumas pesquisas, como a de Guimarães (2009), apontam para a eficácia desse tipo de contato em contextos de pobreza para garantir a sobrevivência do grupo ou apresentar oportunidades aos mais jovens. Nas histórias analisadas, quando ainda jovens, alguns entrevistados alcançaram oportunidades

através dos contatos acionados pelos pais. O E18, por exemplo, ressaltou a importância que a patroa de sua mãe, sua madrinha, teve para as decisões que ele tomou ao longo da vida. Ela funcionava como imagem de sucesso, além de lhe prover ajudas fundamentais durante o seu processo de escolarização. O pai de E12, por sua vez, trabalhava como porteiro no prédio onde a atual contratante do entrevistado está situada, ao tomar conhecimento da insatisfação do filho com sua atuação profissional procurou saber de novas oportunidades, abrindo as portas para que o entrevistado conseguisse entrar na empresa que o estimulou a seguir em frente com os estudos.

Em contrapartida, parte da literatura sugere que a mobilização dos “laços fortes” em situações de pobreza acaba por não diversificar o conteúdo informacional presente na rede, o que favoreceria a reprodução do status desvalorizado. Nessas situações a redundância informacional seria uma desvantagem, já que a homofilia da rede social, ou seja, a semelhança social, cultural e econômica dos contatos que a integram, pode representar prejuízos para jovens de classes desfavorecidas (McPERSON, SMITH-LOVIN, COOK, 2001)¹⁰⁵. Em muitos casos, o entrevistado descreveu sua rede social nos tempos da infância e adolescência como encerrada nos contatos familiares e de vizinhança/escola, onde o convívio cotidiano era marcado pelo encontro com pessoas de trajetórias de vida muito parecidas com a sua. Embora moradores durante a infância e a adolescência de uma comunidade populosa e heterogênea, E4 e E13 ressaltaram a semelhança das pessoas que compunham sua rede de contatos à época. Ambos estudaram em escolas localizadas em bairros nobres da Zona Sul carioca, como o Jardim Botânico ou o Leblon, mas afirmaram que os amigos da escola eram os mesmos da vizinhança. O E4, por exemplo, relatou que, ao entrar na faculdade, estranhou o comportamento da turma, pois ressentiu no primeiro contato a ausência de intimidade e coesão características do tempo da escola básica. *‘Eu estranhei um pouco. Era um relacionamento muito diferente da escola. Na escola, todo mundo andava em grupo, era a maior galera. Na faculdade, batia o sinal e as pessoas [se dissipavam]... Ninguém se falava muito no início. Na escola era diferente, no primeiro dia as pessoas já estavam se falando. Já vinham de escolas em comum, encontravam com outras, já tinha uma proximidade muito maior. Mas, também, nós éramos adolescentes’ (E4).*

Há uma clara marcação da trajetória, em alguns relatos, entre um universo descrito como limitado e outro marcado pela expansão do horizonte de expectativas. Os relatos de E11 e E22

¹⁰⁵ Homophily is the principle that a contact between similar people occurs at a higher rate than among dissimilar people. The pervasive fact of homophily means that cultural, behavioral, genetic or material information that flows through networks will tend to be localized. (McPERSON, SMITH-LOVIN, COOK, 2001:416)

expressaram com muita ênfase essa percepção. A ampliação de um repertório limitado é proporcionada através do contato com outras instituições, a escola federal de ensino médio no caso de E11, assim como as viagens feitas quando oficial da Marinha e o contato com o pré-vestibular comunitário no caso de E22. Por essas vias, ambos obtiveram conhecimento de outros estilos de vida, como a militância política e o ambiente universitário.

As relações esporádicas, aquelas que não necessitam de grande investimento emocional, mas que os indivíduos mantêm entre si, os famosos “conhecidos” ou “colegas”, não são capazes de configurar uma rede densa quanto à intimidade e frequência de encontros, mas nem por isso se tornam menos importante para o convívio social daqueles. Tais vínculos introduzem uma importante perspectiva para pensarmos a dinâmica das relações sociais, pois acrescentam à discussão teórica sobre os efeitos da sociabilidade dimensão mais ampla, oriunda dos contatos que expandem aqueles alcançados com as relações pessoais de maior intimidade e confiança (BURT, 1992; GRANOVETTER, 1973). Como mencionado, a vantagem de possuir uma rede de contatos heterogênea estaria fundamentalmente relacionada ao potencial de acesso a diferentes conteúdos informacionais, disponíveis ao indivíduo conectado a vários grupos sociais¹⁰⁶. A diversidade da informação transmitida entre indivíduos conectados por um “laço forte” seria comprometida, porque estes possuiriam maior probabilidade de compartilharem o mesmo ambiente, gostos, experiências, dentre outros aspectos. Nesse tipo de relação, o indivíduo não se defronta, na maioria das vezes, com diferentes *habitus* – esquemas de apreciação e classificação do mundo – em relação àquele em que fora socializado. Já os laços fracos, quando assumem a função de pontes entre o indivíduo e um ambiente distinto, proporcionariam maiores chances de conectá-lo a um conteúdo distinto do que estaria acostumado. A diversificação de uma rede social é dada pela medida da heterofilia dos contatos sociais presentes na mesma, que pode ser medida por diversos indicadores, incluso o de classes sociais.

Apresentar ao filho estilos de vida, lugares e possibilidades distintas daquelas encontradas em seu meio direto é, no mais das vezes, uma ação característica das classes médias intelectualizadas. Em alguns casos analisados, entretanto, com intensidades próprias, os entrevistados identificaram esse tipo de ação empreendida pelos pais pertencentes à classe

¹⁰⁶ Na teoria proposta por Granovetter (1973), é necessário ressaltar que tal vantagem só se realiza quando os laços fracos atuam como pontes, ou seja, quando estes representam o menor “caminho” entre dois indivíduos situados numa rede de relações sociais por onde informações e influências fluem. O autor afirma que somente laços fracos podem ser classificados como pontes, embora isto não signifique necessariamente que todos sejam pontes.

trabalhadora e com baixa escolaridade. Há, entre as histórias, o caso exemplar de E19, a menina da Rocinha que sempre fora estimulada a “ganhar o mundo”, conviver com todo tipo de gente e experimentar novos estilos de vida. Mas, em outros relatos, lembranças dessa natureza, que aparecem mais desarticuladas e localizadas na narrativa do entrevistado, também são ressaltadas como importantes, sobretudo, para o progresso escolar. O E3 se recorda dos passeios que fazia com o pai por várias regiões da cidade, assim como E20 enfatiza os momentos de descontração com o pai, que gostava de levar os filhos para acampar nas praias do Rio de Janeiro, frequentar teatros e outros equipamentos culturais. Ambos, na infância e adolescência, eram moradores de regiões periféricas da metrópole fluminense que enfrentam, dentre outros graves problemas de infraestrutura, dificuldades relacionadas à mobilidade urbana. As aventuras dos entrevistados em companhia da figura paterna são narradas como algo positivo, escolhidas como fatos representativos de sua criação e importante para a compreensão da trajetória de sucesso de ambos.

Em algumas perguntas do roteiro, o tema da sociabilidade era o pano de fundo que motivava questões como “Quem eram os seus amigos da infância e adolescência?”, “Você fez algum curso, atividade esportiva ou cultural?”. O interesse era escutar dos investigados relatos que expusessem a imagem que eles faziam dos vínculos afetivos do passado, assim como informações sobre a diversidade dos mesmos e a percepção das oportunidades onde puderam expandir o seu conhecimento para além da atividade escolar obrigatória. Essa intenção partilha do ponto desenvolvido por diversos autores, como Marques (2010) e Granovetter (1995), sobre a potencialidade dos “laços fracos”.

Pensar a sociabilidade, além das questões de classe já mencionada, coloca também o tema das cidades e da vivência no espaço urbano em foco. As trajetórias analisadas se desenvolveram majoritariamente na região metropolitana do Rio de Janeiro, seja em locais da Zona Norte carioca, bairros das cidades metropolitanas, como Duque de Caxias e Nova Iguaçu, ou grandes comunidades, como a Rocinha e o Borel. A segregação dos espaços urbanos, tal como trabalhada por Marques (2010), “... diz respeito à separação e ao isolamento espacial dos grupos sociais em áreas em partes homogêneas internamente, em termos dos atributos sociais de cada grupo (MARQUES, 2010:35)”. Embora relacionado com a segregação, o localismo indica a quantidade de pessoas do entorno imediato do ego que integram a sua rede pessoal. Nesses termos, podemos classificar como segregados os condomínios fechados das classes altas da Barra da Tijuca, que reúnem uma clientela com atributos semelhantes no que se refere ao poder e práticas de consumo. Esses moradores estarão mais propensos a frequentar os mesmos

lugares, a matriculem os filhos nas mesmas escolas e assim por diante, favorecendo o localismo e conseqüentemente, o encapsulamento da sua rede. A convivência entre iguais para aqueles que ocupam o topo da pirâmide social não resulta, todavia, em maiores prejuízos, ao menos considerando unicamente uma perspectiva material, já que tais pessoas se encontram em posições privilegiadas socialmente. Ademais, a redundância de informações que circula nessa rede não é um elemento negativo, uma vez que as classes abastadas possuem maior acesso a oportunidades do que as demais.

Contudo, quando o indivíduo pobre se relaciona basicamente com pessoas iguais a ele, a semelhança das informações (exemplos de vida, práticas culturais, oportunidades, etc.) que são veiculadas pode representar mais um fator para a reprodução da condição desvalorizada¹⁰⁷. Nesse ambiente, alternativas para a mobilidade ascendente são mais difíceis de serem formuladas como projetos concretos, e não apenas como desejo de melhorar de vida. Um meio escasso de egressos de nível superior, por exemplo, dificulta a construção de planos que levem em conta esse nível de formação como um mecanismo de ascensão social¹⁰⁸. Descobrir o caminho das pedras, como foi o caso de muitas das experiências relatadas, ganha para esses jovens tons de drama ou do mais simples acaso, obra do destino.

A natureza do material empírico trabalhado não permite mensurar o efeito da rede pessoal para a conquista do diploma universitário. A imagem dos entrevistados acerca da própria sociabilidade é, contudo, reveladora e reforça, ao menos, o valor positivo atribuído ao contato com diferentes repertórios de ação – identificados em pessoas específicas, instituições ou experiências. Os E19 e E20 narraram sua história valorizando o fato que desde muito cedo foram acostumados a entrar em contato com estilos de vida diferentes dos que eram encontrados em seu entorno. Por outro lado, aqueles que descreveram uma infância e adolescência marcada

¹⁰⁷ É necessário colocar a ênfase nos encontros presenciais como limite desse tipo de abordagem. Atualmente, as novas gerações estão cada vez mais conectadas ao meio virtual e fazem uso dele para interagir e descobrir novas pessoas e modos de vida.

¹⁰⁸ Como largamente reportado, e já mencionado, a conciliação de estudo e trabalho geralmente penaliza a progressão educacional de quem se dedica as duas atividades simultaneamente. A abertura de oportunidades através do contato com profissionais, por outro lado, pode ser um contra-argumento a favor de experiências positivas que a condição de jovem trabalhador proporcionaria ao perfil estudado. Em alguns casos, os entrevistados relacionaram a experiência de trabalho na adolescência com a decisão de prosseguir nos estudos. São os casos de E3 que conheceu uma assistente social que lhe falava de Marx e desigualdade quando da sua experiência como jovem aprendiz e de E23 que a partir de um estágio em uma financeira, na época do ensino médio, se interessou pela faculdade e as áreas de administração e contabilidade. Em outros, a experiência profissional na adolescência foi descrita como um indicador dos limites que a baixa qualificação educacional implicaria para o futuro como E7 e E12, que trabalharam, respectivamente, como empacotador e office boy. E7 relata, contudo, que foi a partir dessa experiência que teve contato com profissionais da área de Administração, primeira carreira que ele cogitara seguir.

pela interação quase exclusiva com pessoas da mesma classe social qualificaram o mundo de origem como restrito e limitado, como são os casos de E4, E11, E13, E22. Para esses entrevistados, há um momento onde suas expectativas se ampliam e eles passam a desejar práticas e hábitos que lhes são apresentados pelas ‘novas’ pessoas que surgem em seu caminho.

O meio popular, de origem, se em alguns relatos é retratado como um depósito de afeto, o lugar da família e de amigos que carregam para toda a vida, é igualmente caracterizado por sua estreiteza de visões de mundo. A imagem de um ambiente limitador é contraposta ao lugar atualmente ocupado pelo entrevistado, onde ele tem acesso a uma diversidade de mundos através da formação de nível superior. A intensidade dessa contraposição é singular em cada história, mas pode ser associada de forma geral às formas de narrativa elaboradas no segundo capítulo desta tese. Cada uma das tipologias criadas agrega histórias diversas, contudo algumas percepções comuns a seus membros parecem relevantes para o tema tratado. A percepção de enriquecimento dos contatos sociais, assim como das práticas e gostos, é mais contundente nos relatos dos grupos “era o caminho desejado, mas não natural” e “era o caminho inesperado”. Nesses casos, a ampliação de horizontes, pensada através da sociabilidade ou da aquisição de novas práticas é mobilizada com maior ênfase por tais entrevistados. Para os que descreveram sua trajetória rumo à universidade em tons épicos, ou como obra do acaso, a mudança quantitativa e qualitativa dos contatos presentes na rede pessoal foi mais comunicada e tratada com um dado importante a ser ressaltado durante a entrevista. As condições socioeconômicas dos dois grupos - mais precárias, em média, do que a encontrada no grupo “era o caminho natural” - parecem influenciar essa percepção.

Para aqueles que narraram a entrada na faculdade como algo natural, o sentimento de ampliação de horizontes também está presente, mas em menor medida. Não se quer afirmar que nesse grupo não ocorreu processo de diversificação da rede pessoal, tal como nos dois acima citados, mas a percepção daqueles que narraram a saga universitária como um caminho natural indica o que poderia, com ressalvas, ser colocado em termos de continuidade, e da ampliação quantitativa, do padrão de sociabilidade a que já estavam expostos. As condições de três entrevistados desse grupo explicam a hipótese da continuidade de uma sociabilidade mais próxima à classe média. E5, E9 e E16 frequentaram instituições de ensino privada ou pública de excelência na maior parte de sua formação básica. As condições socioeconômicas de suas famílias sempre lhe possibilitaram a dedicação exclusiva aos estudos e a conformação de projetos ambiciosos, sobretudo em comparação aos imaginados pelos pares de sua classe. Os três ainda possuem amigos da época de infância, com quem perpetuam contato próximo e não

relataram dificuldades de relacionamento com pessoas do passado, mas buscaram enfatizar a aquisição de hábitos culturais, ou de uma consciência crítica, como representativos da ampliação de horizontes.

As entrevistadas E10 e E15, por sua vez, viveram em lares com orçamento familiar bem mais modesto do que os outros três casos, que completam o grupo “era um caminho natural”. Estudaram em escolas públicas e frequentaram ambientes de classe média mais assiduamente quando da aprovação no vestibular. Nos relatos das entrevistadas, as amigas da infância, ao menos as mais próximas, são apresentadas como portadoras do mesmo *ethos* que a locutora. A impressão é que desde cedo elas já separavam o “joio do trigo”, se relacionando com pessoas com projetos de vida semelhante. Nesse aspecto, permanecem alguns laços de amizades do passado - amigas que também se formaram e seguiram a carreira são as dignas de menção - e não surgem menções de dificuldades em se relacionar com velhos amigos, pois, desde sempre, não tiveram proximidade com quem era muito diferente¹⁰⁹. A reconstrução da sociabilidade passada feita por esse grupo específico se realiza demarcando fronteiras entre o tipo de pessoa que eram - sérias, estudiosas e com projetos - dos pares de idade que pareciam não querer nada com a vida. Quando questionadas sobre o ciclo de amizades durante a graduação, elas novamente demarcam fronteiras. Agora, entretanto, o ‘outro’ não é mais o jovem estereotipado da periferia, mas o jovem “rico” ou, no caso das meninas, as ‘patricinhas’. Esta relação com os colegas da faculdade de classes abastadas se repetirá em grande parte das entrevistas.

Em todas as entrevistas, é possível identificar relatos onde novos hábitos, assim como novas pessoas, são incluídos no convívio do entrevistado após a entrada na universidade. Naturalmente surgem os amigos/colegas de faculdade e os amigos/colegas do trabalho, onde muitos desses trazem consigo trajetórias de classe distintas. A diversificação e ampliação da rede pessoal desses entrevistados é algo que todos comunicam de alguma forma. A diferença, contudo, parece estar na percepção da intensidade da mudança e nas rugas que marcam as relações cotidianas dos mesmos. A inflexão destas percepções, no conjunto analisado, está vinculada às melhores condições socioeconômicas de determinado grupo de entrevistados, que os propiciaram planejarem futuros ambiciosos desde cedo, em relação às condições mais precárias de outros que os impuseram maiores obstáculos para a trajetória ascensional realizada. Na próxima sessão, essas questões serão abordadas com maior detalhe.

¹⁰⁹ A E15 não relata dificuldades, mas demarca fronteiras com os irmãos que seguiram outros caminhos que não a qualificação educacional e profissional. Ela chega a se referir ao irmão como “nem, nem”, ou seja, um jovem que não estuda nem trabalha.

Antes de prosseguir, cabe ressaltar o importante papel que grande parte dos entrevistados conferiu ao cursinho pré-vestibular comunitário. A vivência na instituição não é descrita apenas como uma instrumentalização necessária para a prova do vestibular, mas como tempo de um despertar crítico. Inúmeras passagens apontam a experiência como rica e prenunciadora do que viveriam nas instituições de ensino superior. As falas apontaram o contato que eles tiveram com professores e outros profissionais desses cursinhos, jovens graduados, graduandos e militantes sociais, que buscam através da proximidade e do discurso político atrair jovens pobres, negros e com defasagem de conteúdo educacional para se integrarem ao projeto. Muitos cursinhos comunitários que foram mencionados, como o PVNC – Pré Vestibular para Negros e Carentes - e o EDUCAFRO, possuem como missão tanto o treinamento dos candidatos para o concurso vestibular quanto sua formação política. O objetivo de conscientizar politicamente a clientela específica desses cursos marca a vida de vários ex-alunos que, muitas vezes, como a E6, retornam ao ambiente para atuar como voluntários do projeto. *‘Sim, eu tive professores sensacionais no pré-vestibular. Pessoas que ajudaram a abrir a nossa mente, não só na educação em si, mas por uma questão política também, olhar o mundo com outros olhos, ter uma visão mais crítica...’ (E6)* Em outros cursinhos, onde a vocação militante não é tão proeminente como nos supracitados, outras práticas pedagógicas e assistenciais foram evocadas nas entrevistas como determinantes para a escolha da carreira e o êxito na empreitada, como é o caso dos cursinhos INVEST e PECEP. Tais instituições foram exaltadas em muitas falas nos relatos colhidos como ponto de inflexão da trajetória, onde as questões que antes eram de ordem pessoal foram articuladas a um posicionamento e discurso político sobre a condição da classe de origem. Do cursinho pré-vestibular, muitos se lembram de nomes de antigos professores, conversas específicas e palestras que representaram ali aberturas de possibilidades, que antes não eram imaginadas. A mudança nos padrões de sociabilidade é, nesse exemplo, localizada e está condicionada a um período específico da trajetória do indivíduo, ou seja, ao tempo de treinamento no cursinho pré-vestibular. A experiência, contudo, deixou lembranças profundas para vários dos casos analisados e pode ser mais um indicador a favor dos efeitos positivos da imersão dessa clientela em um ambiente diverso daquele que estavam acostumados, onde o seu diferencial é a elevação da autoestima dos vestibulandos carentes a partir de um discurso de empoderamento.

A próxima sessão encerra o capítulo com uma reflexão sobre a sociabilidade e as fronteiras simbólicas demarcadas nos relatos dos entrevistados.

4.2 Fronteiras simbólicas e as redes pessoais.

Os estereótipos de que as pessoas se valem para se diferenciarem na vida cotidiana são exemplares do que Lamont e Molnár (2002) formulam como fronteiras simbólicas, acepção que representa “as distinções conceituais feitas pelos atores sociais para categorizar objetos, pessoas, práticas, e até mesmo tempo e espaço¹¹⁰” (LAMONT; MOLNAR, 2002:168). Esse conceito é útil para a interpretação das percepções referentes aos velhos e novos contatos presentes na rede social nos casos estudados. Segundo as autoras, tais fronteiras se distinguem das fronteiras sociais que representam, por sua vez, formas objetivas de desigualdade sociais, tanto no acesso quanto na distribuição de recursos e oportunidades. As marcações simbólicas, contudo, não seriam menos reais ou potentes quanto a sua capacidade de intervenção na dinâmica social, pois atuariam como importantes mecanismos de reprodução ou transformação social.

Em “The Dignity of Working Men”, Michelle Lamont (2000) entrevistou trabalhadores norte-americanos, empregados em ocupações manuais e com o ensino médio completo. A busca pela autora do senso de identidade, valores e status social dos entrevistados contempla as principais discussões do livro e nos oferece um uso interessante do conceito de fronteiras simbólicas. No estudo, também está presente uma abordagem da questão racial, que aponta diferentes percepções entre trabalhadores com ocupações e escolaridade semelhantes, mas com identificação racial distinta.

Como afirmado, os valores - revestidos em julgamentos, classificações e preferências - que os atores sociais usam para interagir com o mundo influenciam em padrões de desigualdade objetivos. A limpeza simbólica realizada por moradores de comunidades do Rio de Janeiro, descrita por Machado da Silva (2008), para marcar sua diferença ante aqueles envolvidos com o tráfico de drogas, ou o julgamento que trabalhadores das camadas populares, protagonistas de movimentos de micromobilidade, estudados por Thiago Panica (2015), fazem daqueles de seu entorno considerados ‘acomodados’ são exemplos onde indivíduos usam distinções conceituais para se diferenciarem dos pares, de classe ou da vizinhança, caracterizados por chaves negativas como marginal, encostado e vagabundo. A pertença ao ambiente estigmatizado seria uma condição que intensificaria a necessidade dos indivíduos afirmarem o

¹¹⁰ “Symbolic boundaries are conceptual distinctions made by social actors to categorize objects, people, practices, and even time and space.” (LAMONT, MOLNÁR, 2002:168)

seu próprio valor, dizendo para a sociedade que rejeitam - e, por isso, não podem ser confundidos - estilos de vida marginalizados. Os trabalhadores negros norte-americanos seguem um comportamento semelhante, segundo Lamont (2000). Moradores de regiões segregadas e violentas, eles se apoiam em valores tradicionais, como o apego a religião, para distanciar suas práticas daquelas degradadas, relacionadas a comportamentos ilícitos ou amorais. A religiosidade cristã, hegemônica nos EUA, seria um atestado de bons antecedentes para a sociedade no geral. Nesses termos, a autora afirma que a demarcação de fronteiras simbólicas teria como função, muito mais do que afirmar o que as pessoas são - no exemplo, religiosas -, dizer ao mundo o que elas não o são, no caso, marginais pervertidos.

Nas histórias de vida analisadas, essa perspectiva teórica nos ajuda a compreender como sentimentos de pertencimento, de exclusão, processos de limpeza simbólica e conflitos relacionais foram comunicados. Em seguida, casos serão reunidos em tópicos que indicam os comportamentos mais recorrentes e significativos encontrados no material empírico analisado. Embora tal agrupamento indique algumas regularidades importantes nas experiências comunicadas, ele não busca retratar ou contemplar todas as nuances do padrão de sociabilidade percebido pelos entrevistados que estão destacados em cada tópico.

4.2.1 Semelhança dos amigos e a separação do joio do trigo.

Segundo a percepção de alguns entrevistados, não houve após a entrada e a saída do ensino superior mudanças radicais em relação ao padrão de sociabilidade estabelecido por eles na infância e na adolescência. Por “mudanças radicais”, entende-se uma transformação nítida do tipo de pessoas com as quais tais indivíduos passam a interagir após a faculdade. Em todos os casos houve o relato de inclusão de novos contatos e da ampliação das “esferas de sociabilidade”¹¹¹ a que estes sujeitos vieram a se engajar, mas não ocorreu uma ruptura radical no padrão dos mais próximos. A expansão em termos quantitativos – encontraram mais pessoas com perfil semelhante ao próprio - e as mudanças de sociabilidade relacionada ao ciclo de

¹¹¹ Segundo Eduardo Marques esferas de sociabilidade seriam “...uma região de sociabilidade em geral organizada a partir de algum processo de especialização (funcional, de práticas, cultural, de ideias, etc). [...] Em termos concretos, as esferas incluem certos conjuntos de indivíduos e organizações, as relações que se estabelecem entre eles (de vários tipos e em constante transformação), assim como determinadas identidades, conjuntos de signos e padrões discursivos no sentido de Mische e White (1998) e White (1995). (MARQUES, 2010:70)

vida¹¹² são os movimentos mais evidentes relacionados à rede pessoal nesses relatos. O elemento distinto que surge nos contatos pessoais destes entrevistados são indivíduos caracterizados como de classe média alta, ou os “ricos”, com quem passam a interagir com maior frequência em determinados ambientes e que, anteriormente à experiência universitária, eram ausentes ou escassos de seu convívio social.

Tais entrevistados, mesmo que se considerem descendentes de uma família de classe popular, tiveram oportunidades mais frequentes e constantes de conviver com um circuito de “classe média” do que os demais. Este campo de sociabilidade basicamente foi proporcionado pela frequência a colégios privados e públicos de excelência, onde E5, E9, E16, agrupados na tipologia “era o caminho natural”, e as entrevistadas E1 e E8, agrupadas na tipologia “era o caminho desejado, mas não natural” realizaram a sua formação básica. As melhores condições socioeconômicas das famílias desse grupo em relação aos demais, que, de fato as aproxima de um padrão de consumo de uma classe média baixa, são um dos fatores que potencializaram esse contato. Quando questionados sobre as amizades no período da infância e da adolescência, tais entrevistados recordam de pessoas que ainda fazem parte do ciclo de convivência dos mesmos, a maioria tendo alcançado o nível superior de formação educacional.

Nestes casos, onde se tenta argumentar a favor de uma percepção de continuidade qualitativa da rede social, considerando principalmente os vínculos de amizade, não se pretende, todavia, afirmar que tais entrevistados se viam como pertencentes a uma classe média - embora as condições objetivas destas famílias os colocassem como uma espécie de elite entre os pobres. É justamente a maneira como descreveram os contatos com os colegas da faculdade, provenientes de classes superiores, que ressalta a forma como mobilizam a origem popular e reclamam o seu pertencimento de classe. Nesses encontros, o grupo em relevo, assim como em outros casos, traça uma fronteira simbólica entre os colegas bem afortunados e os estudantes, como eles, oriundos de camadas populares. Abaixo trechos selecionados das entrevistas E1 e E8 exemplificam o ponto tratado.

R – Você ainda tem contato com essas amizades de infância e adolescência? Sabe se elas seguiram trajetórias parecidas com a sua?

E1 – Fiquei com poucas. Mas, as que começaram a partir da 5ª série, são as que tenho contato. Todo mundo meio que seguiu, não parou só no ensino médio. Uma amiga se formou na Federal em Psicologia. Outra amiga, que é praticamente uma irmã, foi muito ruim de estudar, nunca gostou, perdeu muito tempo, mas hoje está fazendo curso técnico de não sei o que, tecnologia a informação, porque percebeu que, se

¹¹² Mudanças na sociabilidade relacionadas ao ciclo de vida se referem à autonomização da rede pessoal daquela herdada através da família. Inclusão de novos vínculos através do casamento, entrada no mercado de trabalho, entre outros eventos. (BIDART, LAVENU, 2005)

ficasse parada, não teria nada pra ela. A gente conversava bastante, sempre falava pra ela: “Bruna, a gente não tem que fazer só o que gosta, se esforça, muda, se não você perder”. E agora ela está fazendo curso de tecnologia da informação, está feliz, não é superior, acho que não se considera superior... não sei.

R – [Faculdade] O seu relacionamento com os seus colegas fluía bem? Eram pessoas com trajetórias parecidas com a sua?

E1 – Era uma galera diferente. Era uma galera de classe média-média pra classe média-alta. Acho que ninguém teve a mesma trajetória que eu, não. Mas era um pessoal muito “pé-no-chão”, muito realista, que respeita as dificuldades...

R – Você tem notícias dos seus vizinhos, dos seus amigos de infância e adolescência? Você ainda conserva essas amizades?

E8 – Sim, a minha mãe continua morando no mesmo local, eu sempre vejo essa minha amiga de infância. Outra amiga de infância que eu tive, que não participava de jogos, mas foi muito importante, eu também mantenho contato. Os amigos verdadeiros eu continuo mantendo contato. Às vezes pouco, mas continuo sim.

R – Essas pessoas seguiram trajetórias parecidas com a sua?

E8 – Não a mesma carreira, mas buscaram o ensino superior, se formaram, estão trabalhando. As pessoas do meu núcleo, sim.

R – [Faculdade] Você sentiu que tinham pessoas com trajetórias parecidas com a sua?

E8 – Só mais duas amigas. Dos 40 alunos que entraram, acho que mais 3 ou 4 pessoas eram da mesma classe social que eu. Só. O restante morava no Flamengo, Tijuca, ia de carro... Eu me lembro que os alunos iam de carro. Eu levava duas horas pra chegar em casa. Então era uma realidade bem diferente.

Estes entrevistados mantêm contato com vínculos de amizade antigos que seguiram trajetórias, no sentido de qualificação profissional, algo semelhante das que eles mesmos traçaram. Não há nos relatos a pontuação de dificuldade de relacionamento com esses velhos amigos, salvo por motivos de mudança de endereços e da escassez de tempo na vida adulta. Outro aspecto observado neste grupo é a baixa frequência de marcações mais nítidas de fronteiras entre eles e o meio popular que o cercava. E16, por exemplo, descreveu as condições financeiras modestas de pessoas próximas de seu convívio, especialmente familiares, sem, contudo, colocar maior ênfase em qualquer juízo moral que a situação de pobreza pudesse ensejar. Ele se refere aos primos que sempre estudaram em colégios públicos, filhos do tio pedreiro, como detentores de menores oportunidades do que ele e seus irmãos. Esta é a justificativa dada pelo entrevistado pela atual condição de vulnerabilidade em que tais parentes se encontram. Já E8 faz uma maior distinção moral entre o seu esforço para seguir nos estudos e a falta de ambição, fruto de certo comodismo característico do resto da família. A entrevistada enfatiza que após ter alcançado êxito em sua trajetória educacional, os pais e os irmãos

começaram a se interessar e a valorizar essa área. Tais comentários marcam uma distância e tendem a uma autoglorificação da própria trajetória.

Em outros relatos, também é possível compreender as feições das relações sociais, travadas pelos entrevistados mais em termos de uma continuidade do que de uma alteração radical após a ascensão social e educacional, salvo pelo maior contato, mesmo que superficial, com pessoas de classes abastadas. É válido ressaltar que o principal interesse dessa argumentação não é o de verificar se houve ou não mudanças quantitativas e qualitativas na rede pessoal dessas pessoas, mas perceber, através do discurso dos entrevistados, como antigos e novos contatos foram representados. As entrevistas de E10 e E15, por exemplo, nos dão a impressão de uma continuidade, expressa pelo maior contato com pessoas comprometidas com projetos de vida semelhantes aos das entrevistadas, que apenas seriam proporcionados pela entrada na universidade. A diferença para os casos destacados acima está, principalmente, na marcação mais clara de fronteiras simbólicas em relação ao entorno da pobreza. Nesses casos, as condições financeiras das famílias são outras e o convívio com um circuito popular se fez mais constante nas lembranças da infância e da adolescência que foram ressaltadas. E10 e E15, da tipologia ‘era o caminho natural’, mas também, em certa medida, E2, da tipologia ‘era o caminho desejado, mas não natural’, retrataram-se como jovens que nutriam grandes expectativas sobre o próprio futuro, fato que as destacava no meio social no qual foram socializadas ou, ao menos, as tornava distintas em contraposição a estereótipos que servem para caricaturar indivíduos pertencentes a determinada classe, faixa etária ou região da cidade. Elas eram as jovens responsáveis, comprometidas com um projeto futuro e que percorriam o caminho certo. Os amigos de escola, da vizinhança, aqueles que permanecem de alguma forma em suas vidas, são descritos em termos muito semelhantes aos utilizados pelas entrevistadas para descrever a própria postura enquanto estudante e jovem: *‘Essa que é a minha amiga até hoje ela conseguiu se formar, ela fez Marketing e trabalha com Marketing hoje em dia. A maioria não continuou, a maioria terminou o ensino médio e conseguiu um servicinho mais ou menos num lugar ou outro. (E10)’*

A impressão é que eles desde sempre estiveram em contato com as pessoas certas, mas, com o amadurecimento e as novas oportunidades, agregaram às relações fraternas outras pessoas, com diferentes pertencimentos de classe, porém descritas em termos valorosos assim como os velhos camaradas. Sobre os que as circundavam no passado, mas não compartilhavam dos mesmos valores, os adjetivos mobilizados são um tanto pejorativos e buscaram, no relato, marcar a fronteira simbólica que os separava. E15, por exemplo, marca a distinção entre as suas

amigas próximas e as meninas do morro, localidade em que habitava, contudo, em sua percepção, mais próxima do “asfalto” do que as demais.

R – Das suas amizades, quem eram os seus principais amigos? Eram da vizinhança, da escola, parentes?

E15 – É muito interessante isso porque nós morávamos na subida de um morro, o Pavão Pavãozinho, Cantagalo, e a escola que ele trabalhava, a Salomão, atende toda aquela comunidade. Mas as minhas amizades... Acho que tenho amizade mesmo toda fora dali. Tenho amigas que naquela época eram até mais próximas que agora, estudavam em escolas próximas dali, mas em geral sempre estiveram fora dali.

R – Onde você as conheceu?

E15 – De escola. Mas as amigas de escola... Porque tinha um grupo que era do morro e tinha um grupo que era filho de porteiro... e morava na rua mesmo. No asfalto. Então a maioria das minhas amizades, até mesmo no ensino médio, era fora dali. Eu morava na subida do morro, mas as minhas amizades eram fora dali. Pessoas da escola mesmo.

É interessante pontuar que, por outro lado, a entrevistada também traça uma fronteira simbólica entre ela e as colegas de faculdade oriundas de classe alta que imaginava encontrar na universidade. Nesse contato, ela assume uma identificação de classe popular para se afirmar ante as ‘patricinhas’ da Pontifícia Católica do Rio de Janeiro. *‘E eu pensando: “quando eu vou encontrar as patricinhas, o pessoal diferente de mim. O pessoal tem dinheiro, eu não tenho. Eu sou ferrada e estou na PUC”’. (...) Aí a gente foi se enturmado e percebendo que o perfil dos alunos de Pedagogia não era tão diferente. Era basicamente o mesmo perfil. Eram poucos destoantes. Era um pessoal mais ou menos da mesma faixa social que eu. No início eu achei: “Pedagogia na Puc, todo mundo é riquinho”. Mas a maioria é ferrado.’ (E15).*

A distinção se apresenta, nesse sentido, muito mais termos morais do que materiais, particularmente quando relacionados aos contatos vinculados à origem popular. A ideia de continuidade dos tipos vinculados à própria rede é, nesses termos, melhor compreendida para além das melhores condições socioeconômicas que alguns entrevistados possuíam. Ou seja, não se trata de uma narrativa de não pertencimento à classe popular, mas sim da recusa de uma moralidade negativa muitas vezes associada aos pobres ou a juventude.

O caso de E2 ajuda a compreender esse ponto. A entrevistada carrega poucos contatos do mundo de origem atualmente. Sua sociabilidade na infância é descrita com ênfase nos cuidados dos pais para que não ficasse na rua, um lugar prenhe de perigo e más companhias. Os amigos eram os da escola ou as primas que faziam parte da vizinhança, a frequência de brincadeiras na rua, em sua memória, era rara e sempre vigiada. O medo dos pais em deixar os seus filhos no espaço público se repete em outras histórias, especialmente para aqueles que,

como E2, cresceram em comunidades ou bairros periféricos da cidade. A narrativa desses entrevistados enfatiza a memória dos cuidados dos pais e a restrição ao maior contato com a vizinhança ‘perigosa’.

Percebida como diferente logo cedo pelos seus pares, E2 relata uma experiência de troca de escola no ensino fundamental, quando por uma restrição financeira da família deixou de estudar em uma escola particular e se matriculou em um colégio público. Adaptar-se ao novo contexto, segundo a entrevistada, lhe custou muito. A nova estrutura era diferente da qual estava acostumada, assim como a recepção da nova turma, que não lhe pareceu amistosa no primeiro momento. E2 recorda de um episódio no qual foi interpelada por suas amigas do colégio público, na 4ª série, que lhe diziam que ela era muito diferente. ‘ [...] *Eu lembro que teve um episódio muito engraçado. Eu cheguei lá, estávamos conversando e me falaram: “você fala muito diferente, você fala muito certo”*’ (E2). Suas amigas da infância eram basicamente as primas paternas que moravam na mesma rua que ela. A relação com as primas atualmente é, contudo, marcada por desencontros, receios e sentimentos de incompatibilidade. Na percepção da entrevistada, as primas, que tiveram uma infância mais pobre e menos assistida, a veem como uma pessoa ‘metida’, algo que justificou através dos estilos de vida completamente distintos que adotaram na vida adulta. O relacionamento entre elas é marcado pela superficialidade e, com o passar do tempo, a distância estabelecida só vai aumentando, o que E2 exemplifica pelo fato de não se encontrarem mais, nem mesmos para conhecer os respectivos filhos. A rede de amigos que mantém atualmente se vincula aos colegas de faculdade, da igreja que frequenta, dos amigos herdados do esposo e a uma ‘prima-irmã’, por parte da mãe, também formada, que lhe influenciou fortemente a seguir o sonho de entrar na universidade.

A questão para esses entrevistados parece estar nos planos precoces que eles traçaram para si e que os diferenciaram das trajetórias dos velhos amigos ou conhecidos. A reconstrução da própria história tende a ressaltar as diferenças de cunho moral que já os distanciavam desde cedo de companhias que não compartilhavam da mesma ambição e seriedade perante a vida. Desse modo, as fronteiras não foram mobilizadas após o advento da universidade, mas estiveram presentes em tais relatos já na infância para demarcar diferenças entre os entrevistados e as pessoas que o cercavam. Indivíduos merecedores de adjetivos como ‘estagnados’, pessoas sem ambição que se contentaram com ‘servicinhos mais ou menos’, não permaneceram na sua rede de contatos tampouco foram apresentados como amigos próximos já na época da infância e adolescência. A percepção da mudança da própria rede de contatos,

dessa forma, não é tão acentuada em comparação com o passado. É claro que isso não é o mesmo que afirmar que eles não comuniquem mudanças. O acesso a pessoas de classes superiores, como parte dos colegas de faculdade e os colegas de trabalho, por exemplo, é uma delas. O contato também é feito através da ocupação de espaços privilegiados na cidade, que agora podem ser frequentados por eles através do maior poder de consumo e do conhecimento dessas opções.

Até então, ganharam relevo casos onde antigos vínculos de amizade permanecem próximos no convívio social dos entrevistados. São aqueles que parecem desde cedo se relacionar com pessoas com objetivos de vida semelhantes, tanto por estarem mais imersos em um ambiente de classe média - como os exemplos de E1, E5, E8, E9 e E16 - quanto por enfatizarem em seu relato a estratégia de separação do joio do trigo no que se refere às amizades estabelecidas, como E2, E10 e E15. A diferença entre esses casos reside na ausência, ou na escassez, nos relatos do primeiro grupo de fronteiras simbólicas rígidas com o seu entorno (vizinhança ou parentela) popular, enquanto para as últimas há essa marcação mais evidente e ostensiva. Não é possível, contudo, dizer que tais entrevistados se viam como pertencentes a uma classe média, tampouco que a criminalização da pobreza fosse o tom predominante nos relatos onde as fronteiras simbólicas com o entorno foram mais mobilizadas. Todos afirmam sua origem popular e, em alguns casos, essa pertença será destacada no encontro com as pessoas de classes superiores que passam a conviver.

Há casos, entretanto, onde a percepção de mudança das amizades é mais substantiva. Nestes o sentimento de afastamento dos velhos amigos e da superficialidade de tais relações é bastante comunicada. A justificativa para esse distanciamento, mobilizada nas descrições ressaltadas, estaria na incompatibilidade dos estilos de vida que os separa dos antigos vínculos. Como irá se argumentar, essa percepção é delimitada com o advento da formação superior na vida desses entrevistados.

4.2.2 As relações superficiais e os “metidos”.

Para muitos, a superficialidade dos assuntos é o que define as relações que estabelecem com os antigos amigos e conhecidos. O retorno de E18 para sua cidade natal é marcado como uma volta ao passado, onde apenas assuntos de uma época já vivida o conectam com as pessoas que deixou por lá. Temas atuais, conversas mais interessantes, ele tem com aqueles que

progrediram na vida, como o filho da sua madrinha (ex patroa de sua mãe), formado em Medicina. Na visão dele, esse fato se explica pelo desnível de escolaridade que o separa de seus velhos camaradas¹¹³. Quando questionados sobre o contato com velhos amigos, outros pesquisados responderam em sentido parecido. Como E2, mencionada acima, ao falar do contato com suas primas que agora estão distantes: *‘Às vezes que a gente teve aproximação, a gente conversava sobre assuntos muito superficiais (E2).’* Ou E19 que respondeu sem tergiversar que a maioria dos contatos da infância e da adolescência se perdeu e os que restaram permanecem como relações superficiais. *‘Se perdeu. Uma pessoa ou outra ainda tenho no Facebook, algumas ainda moram no mesmo prédio, então eu encontro quando vou visitar os meus pais, mas ficou muito superficial (E19)’*. Assim como E21, que continua morando no Borel, local onde passou a infância e adolescência, mas que nem por isso, conseguiu manter a proximidade com os vínculos de outrora. *‘Mínimo, mínimo. Porque alguns eu ainda vejo pelo Borel. Dá para dar um alô, mas não tenho aquele vínculo, nada disso, é uma coisa bem superficial. (E21)’*.

Alguns justificam essa distância e superficialidade com as amizades antigas através dos estilos de vida de cada um, já que as pessoas assumem, ao longo da vida, novas identidades que as separam de um mundo e as aproximam de outro. Os entrevistados são marcados por outras experiências, novos repertórios, apontados pelos mesmos como barreiras para uma maior integração com pessoas que permaneceram ‘estagnadas’ no mesmo lugar. *‘Da Rocinha, infelizmente, só o meu primo. Os outros eu não tenho mais contato. Na verdade, alguns morreram, outros não arrumaram emprego, acabaram se envolvendo com o tráfico de drogas, infelizmente isso é número muito, muito grande. Então, da Rocinha eu não tenho muito contato não. Todo mundo cresceu, seguiu um caminho e dos que moram ali, dos amigos do entorno, eu fui o único que ingressei na faculdade, que casei, que mudei. Muitos estão ainda estagnados, não mudou muita coisa na vida, basicamente a mesma coisa. Então, hoje as minhas amizades se resumem às amizades da minha esposa, do conselho regional que eu tenho atuado bastante, curso de inglês que estou fazendo, basicamente isso. (E7)’*

¹¹³ ‘Teve um caso que eu comecei a falar de engenharia, sobre curso... e ele vinha com a nostalgia: “lembra naquela época...”. E eu sempre entrava na conversa deles. Não que essa nostalgia seja nesse sentido, porque a única conversa que eu tenho clara, objetivo com eles é sobre isso, de lembrar do que ocorreu. Acho que não tem uma exemplificação, mas acho que eu mesmo moldei na minha cabeça sobre alguma coisa passada: “ai, como era bom...”, “como está a sua família?”, “o que você está fazendo?”, a esse nível. Os outros que cresceram junto comigo, tipo o filho da patroa da minha mãe, que hoje é médico, aí já é outra questão. É outra mentalidade, outra conversa. Mas às vezes eu sinto dificuldade nesse sentido. Aí eu recorro à nostalgia. (E18)’

Se alguns marcaram logo cedo uma predisposição ao convívio de pessoas com objetivos de vida semelhantes aos seus, para outros é a mobilidade social que experimentam que acaba por distanciá-los das amizades do passado que continuaram no mesmo lugar. Estes investigados comunicaram com maior ênfase a mudança ocorrida na própria rede de convívio, comparando os velhos amigos com as pessoas com as quais passam a interagir. Com as amizades antigas não conseguem estabelecer conversas ou compartilhar visões de mundo, senão recorrendo ao passado e à nostalgia. As fronteiras construídas no discurso justificam temporalmente tal distanciamento e as relacionam à entrada na universidade.

Os relatos obtidos possibilitaram tanto o reconhecimento das fronteiras simbólicas construídas pelos próprios entrevistados, para se diferenciarem dos distintos grupos sociais com os quais interagem, quanto, em alguns casos, permitem perceber a reação dos mesmos aos rótulos que lhes são impostos. Parte dos entrevistados comunicou, com muito incômodo, o rótulo de ‘metidos’ que recebem atualmente dos velhos amigos e membros da família. Os entrevistados entendem que tal rótulo é atribuído a eles para demarcar o movimento de ascensão que fizeram em contraposição ao lugar de origem onde permanece parte de suas amizades (ou conhecidos) da infância e adolescência, assim como parte de seus parentes. A percepção deles, contudo, é de serem injustiçados por essa definição, pois não conseguem entender os motivos de tal estereótipo e mesmo que afirmem possuir estilos de vida distintos desses antigos vínculos, muitos garantem que continuam as mesmas pessoas. Os entrevistados E24, E2 e E22 ressentem dessa “íngrata” distinção que recebem de seus velhos contatos. E22 afirma que continua o mesmo e não entende o porquê de pessoas do antigo bairro, Madureira, fazerem questão de marcar uma distância com ele. *‘Então, pode ser que eu sumi. As pessoas passaram a não me considerar uma pessoa presente como eu as considero. Mas, eu vejo que muita gente não fala comigo por considerar que eu mudei a ponto de não querer falar mais com eles. Você vem com um maço de cigarros e a pessoa diz “poxa, tu fuma esse cigarro não vou te pedir porque esse cigarro é muito caro.”’* (E22). E24 sente o mesmo, mas faz um contraponto interessante, já que, ao fim, ela diz reconhecer o porquê da necessidade que os velhos amigos possuem em distingui-la de maneira pejorativa a partir do rótulo de metida. *“Para os amigos perto da minha casa [casa da mãe] agora eu sou metida. Ninguém conversa comigo, ela está diferente. Agora é diferente. Mas, eu tinha essa visão das pessoas. Quando eu passei a andar com o pessoal do pré-vestibular e comecei a sair com os professores eu não gostava, para mim eles eram diferentes. Mas, o que era ser diferente? Era saber mais. E que talvez eu poderia trocar*

informações, mas para mim aquilo era estranho, eu sabia menos. Agora eu entendo o que o pessoal acha de mim"

O rótulo de “metido” é encarado como uma denúncia injusta das mudanças que viveram após a entrada na universidade, pois, embora digam o quanto assimilaram um novo repertório cultural, tais entrevistados refutam romper com uma essência que os vincula ao mundo da origem. Ao mesmo tempo em que encontram dificuldades de estabelecer contatos mais próximos com relações do passado ou, simplesmente, não possuem mais interesse em fazê-lo, para eles serem destacados pejorativamente como distintos dos seus, remanescentes da origem popular, é encarado com incômodo. Parte desse mal-estar, nesses casos e em outros exemplos, pode ser compreendido pela necessidade observada que os sujeitos pesquisados possuem de se diferenciar dos colegas e amigos de classes média e alta, que são retratados como pessoas de condições e experiências de vida totalmente diferentes das vividas por eles.

O trânsito entre a origem e o destino construído analiticamente através das percepções dos entrevistados sobre as relações que possuem com antigos e novos contatos de sua rede social até o momento revelou a) continuidade na relação com pessoas que possuem objetivos ou são parecidas com o entrevistado b) movimentos de distanciamento dos contatos da origem c) mudanças substantivas na composição dos vínculos de amizade e d) inclusão de novos elementos na rede social oriundos das classes altas. Em alguns casos, há no discurso marcação mais evidente de fronteiras simbólica entre o entrevistado e os contatos radicados no mundo de origem, que procuram ressaltar o valor do pesquisado ante os pares do universo popular. Assim como há uma necessidade de marcar certa distância em relação aos colegas representados como pertencentes a estratos privilegiados da sociedade, algo que perpassa praticamente todos os relatos.

Para finalizar a exposição dos tipos mais eloquentes, cabe expor aqueles casos onde os velhos contatos permanecem próximos, num contexto de uma origem mais pobre, e onde não se percebe a marcação de fronteiras rígidas com esse entorno.

4.2.3 Os camaradas de longa data e os conselheiros.

Para alguns entrevistados, os antigos laços de amizade permanecem próximos e conectados ao mundo da origem popular. São pessoas que não seguiram longe nos estudos, nem alcançaram a mobilidade através de outras vias, já que estão vinculadas a trabalhos pouco

rentáveis e não realizaram grandes deslocamentos em seu local de trabalho ou residência. Em vários casos analisados, há relatos de momentos em que os entrevistados ainda partilham de ocasiões de descontração e de lazer com tais indivíduos. É especialmente ressaltado o fato de que parte delas ainda mora no mesmo lugar, permanecendo como vizinhos dos mesmos contatos da infância. Outros, como E12 e E4, continuam residindo no mesmo bairro, o que facilita a frequência de contato com as amigas feitas na infância e adolescência. O futebol, o churrasco na laje e as conversas descontraídas são exemplos de fruição do tempo onde o entrevistado se vê como igual e sente prazer em compartilhar esses momentos com as pessoas de seu passado. Nesses casos, o movimento de expansão da rede social, com a incorporação de novos laços oriundos de outros estratos sociais, também é relatado, mas há uma grande valorização da sociabilidade popular o que é representado por eles nos contatos com tais amigos. Em comparação aos exemplos discutidos acima, é notório que este perfil está concentrado dentro da tipologia “era o caminho inesperado”, agrupamento que reúne os entrevistados com as piores condições socioeconômicas do grupo, composto majoritariamente por homens que entraram, em média, mais tardiamente na universidade.

A habilidade de cambiar papéis é mobilizada por E13 como uma condição necessária para a melhor fruição das relações sociais em cada espaço específico em que convive. Mestre em Ciência Política e profissional de uma instituição de ensino, o entrevistado diz que desde quando começou a pensar em entrar para uma universidade sentiu a necessidade de modular os assuntos de que tratava com os amigos da infância e adolescência.

R – No ensino médio, você já conversava sobre o ensino superior com amigos para saber sobre o que eles também estavam pensando...

E13 – Sim, mas eu tenho que identificar que amigos são esses. Sou nascido e criado na Rocinha e meu ciclo de amizades é o mesmo. São aqueles amigos de lá. Quando eu comecei a estudar, nesse universo de estudos, quando eu falava de estudo eu não poderia falar com esses amigos da Rocinha porque eles não estudavam. Muitos concluíram o ensino médio e pararam. Outros nem concluíram, pararam de estudar e foram trabalhar. Quando eu tinha que conversar sobre estudo, eu tinha que conversar com os meus amigos feitos na escola. Esse era o meu universo acadêmico. Porque eu não poderia falar isso nem com os meus amigos do meu ciclo de convivência nem com os meus parentes. Até então, no Rio de Janeiro, não tem ninguém que tenha nível superior. Eu não poderia falar com meu pai, minha mãe, meu irmão, com tias, tios, meus primos, então tinha que falar com o universo no qual estava vivendo minha experiência educacional.

Há, nesse caso, a percepção de uma especialização dos ambientes sociais que frequenta, levando o entrevistado a assumir diferentes papéis para melhor se adequar às exigências de cada esfera de sociabilidade. A autonomização absoluta desses papéis, contudo, não é possível nem mesmo comunicada pelos entrevistados.

Se nos exemplos acima a atribuição do rótulo de ‘metido’ é sintoma do distanciamento dos entrevistados ante seus velhos amigos, em outros casos, como nos relatos de E12 e E14, a mobilidade social conquistada é vista de maneira positiva pelas amizades vinculadas à origem popular. Tais entrevistados descrevem situações onde são interpelados por antigos amigos em busca de conselhos. Enquanto E12 revela certo constrangimento ante situações onde os amigos da comunidade da Ilha do Governador, na qual ainda vive, o procuram para pedir conselhos profissionais, E14, por sua vez, relata situação semelhante, mas a percebe como gratificante e capaz de dar um sentido especial a sua formação de nível superior.

R- E você tem alguma dificuldade em conviver com eles [amigos da infância]? Você acha que é visto como diferente?

E12 - Acho que eles acabam me vendo de forma diferente, por eu ter me formado, porque muitos deles nem concluíram o estudo todo, completo. Eu por eu ter formado, ter conseguido dar alguns passos à frente, eles que me veem de forma diferente, mas eu mesmo enxergo todo mundo igual.

R- Por que, o que te faz sentir que eles te veem diferente? Alguma situação, algum comentário, brincadeira?

E12- Comentaram algumas vezes comigo, em determinados casos eles, às vezes, vêm me pedir opinião, conselho, como se eu fosse uma pessoa mais experiente... Não sei... [...]

R – E14, levando em consideração tudo o que nós conversamos qual foi o sentido da formação universitária na sua vida? O fato de você ter entrado e formado na universidade, qual o sentido disso na sua vida. Como você avalia o efeito dessa experiência na sua vida?

E14 – Mudou 100 vezes. Hoje eu posso dar um conforto a mais para os meus pais, ajudar o meu irmão na loja dele quando ele precisa. Consegui certa vivência a mais para dar conselhos para outras pessoas que estão entrando, para minha namorada que está terminando a faculdade agora.

R - Pensando na sua experiência de trabalho no café que foi o momento em que você decidiu tentar o vestibular, você se sente mais reconhecido na nossa sociedade com o diploma de engenheiro. Você teve o que esperava quando obteve o diploma?

E14 – Quando eu entrei na faculdade era... Eu fui pela raiva que eu tinha da sócia da patroa da minha mãe. Mas, isso passou no meio do caminho. Eu vi que poderia ser maior do que fazer porque eu estava com raiva dela. Eu poderia fazer para conseguir ajudar mais gente do que só para conseguir esse status para mim: agora eu sou engenheiro. Tem gente que quer se espelhar em mim para conseguir alguma coisa na vida. Esse final de semana mesmo teve um amigo meu que veio conversar comigo, que estava terminando o ensino médio, e disse que estava querendo fazer faculdade. Nós ficamos conversando umas duas horas sobre a minha carreira, sobre o que ele queria, o que achava do que ele queria, foi uma conversa bem produtiva. Esse tipo de coisa que eu acho que vale mais a pena do que a visão que eu tinha quando eu entrei. Hoje eu não dou tanta importância para o nível social, para chegar e dizer que sou engenheiro, que sei fazer isso ou aquilo.

Como mencionado nos capítulos anteriores, o retorno do filho pródigo ao ambiente de origem é interpretado como uma oportunidade para muitos. Vários profissionais das ciências humanas, por exemplo, descrevem como fruto de sua formação um comportamento informado de valorização da cultura popular e de intervenção social. Se alguns assumem o papel de intelectual orgânico como principal atuação profissional, como E3 e E11, outros levam para o seu contato cotidiano conhecimentos que são mobilizados em suas relações sociais, como o papel de conselheiro ilustrado acima.

As condições de vida desses entrevistados e as condições não previstas que os levaram ao ensino superior parecem influenciar a percepção sobre as próprias relações pessoais. A entrada tardia no sistema de ensino superior implicou tanto no menor tempo que possuíam para se dedicar as atividades acadêmicas, muitos já eram responsáveis pelo o seu próprio sustento, quanto pela maturidade que os limitava na interação com os colegas mais jovens que conheciam no novo ambiente.

4.2.4 Os amigos “ricos”

A representação que fazem dos amigos do mundo da origem é tão interessante quanto a imagem que os entrevistados fazem das pessoas que agregaram ao seu convívio durante a formação e após com a entrada no mercado de trabalho. Como mencionado, há uma tendência nas entrevistas de classificar como positiva a heterogeneidade de contatos presentes em uma rede social, conhecer pessoas totalmente diferentes e aprender novas práticas. Em grande parte, contudo, quando questionados como ocorreu a adaptação na universidade, quem eram os seus amigos dessa época, muitos ressaltaram que encontraram pessoas com trajetórias semelhantes a própria, o que foi descrito como um alívio em diversas histórias. A presença de estudantes de origem popular se explica, em parte, pela maior frequência de cursos de baixa competitividade no grupo selecionado, graduações que majoritariamente recrutam um perfil com menor capital econômico e cultural. Dessa forma, os entrevistados encontraram na sua turma, por exemplo, pessoas que precisavam trabalhar para se manter, colegas que enfrentavam um longo percurso na cidade para chegar até a faculdade, dentre outros exemplos.

Em nenhum curso de graduação havia, entretanto, 100% de bolsistas integrais, no caso das particulares, ou somente alunos de origem popular. Nas turmas ou no ambiente universitário, os entrevistados se deparavam com pessoas oriundas de classes média e alta,

alguns que acabavam se tornando amigos ou colegas. Quando descreviam esse encontro, a marcação da origem popular em contraposição às classes abastadas foi bastante ressaltada nas entrevistas. Os entrevistados exemplificaram a distância que os separavam dos colegas mais ricos assumindo, muitas vezes, o discurso do pobre, batalhador, que precisou se esforçar muito para vencer na vida. Nas experiências relatadas, o entrevistado é o sujeito que enfrentou triplas jornadas, precisando estudar, trabalhar e estagiar para dar conta de todas as demandas incontornáveis da sua vida.

De modo geral, os amigos mais próximos, que fizeram durante a graduação, foram aqueles que compartilhavam trajetórias de vida semelhantes às dos próprios entrevistados. Os colegas afortunados, contudo, também integravam a rede de amizade dos mesmos, que relataram o convívio com esse grupo não apenas em sala de aula, mas também fora dela, como em festividades. Como já mencionado, esse encontro, todavia, é sempre relatado a partir da distância social que estava presente. Alguns constatarem essa lacuna e se colocam mais aptos a lidar com ela, como os exemplos de vida de E19 e E20. A maioria, entretanto, traçou fronteiras, em seu discurso, entre o mérito que possuem, por serem pobres e merecedores das próprias conquistas, e as facilidades da vida das quais usufruem os colegas afortunados. As benesses podem indicar favorecimento em seleções, como quando E10 aponta que muitos dos amigos que ficavam tocando violão da faculdade estão empregados nos melhores postos. Para ela, os amigos com melhores contatos são largamente favorecidos nessa dinâmica a despeito do mérito. No curso de Ciências Sociais, E4 fez amizades com pessoas com padrões de vida elevados, que podiam viajar para Europa, comer em lugares caros, enquanto ele não tinha escutado falar na maioria dos países que os colegas visitavam e só podia comer no bandejão. Serviço Social na PUC-Rio é um curso formado em sua maioria por bolsistas, ao menos, essa é a percepção dos entrevistados E7 e E22. O ‘antro da burguesia’, contudo, foi a expressão de E22 para descrever a imagem que possuía dos alunos de tal universidade, na qual ele disse ter encontrado meninas vestindo sandálias de R\$3000.

Há a marcação de uma fronteira, nesse sentido, que tende a ressaltar o esforço que foi necessário para que eles seguissem em frente e as facilidades que a vida presenteava aos seus colegas. Com raras exceções, contudo, essas constatações não impediram que os entrevistados fizessem amizades com tais pessoas, assim como aproveitassem dos contatos para cultivar novos hábitos e estilos de vida que lhes eram apresentados.

A dimensão moral que diferencia o entrevistado tanto dos amigos feitos no meio popular quanto daqueles feitos no meio de classe média e alta é mecanismo essencial para a construção

de fronteiras simbólicas. “By stressing these dimensions of morality, workers dissociate moral worth from socioeconomic status and can locate themselves above or side by side with ‘people above them’ (LAMONT, 2000: 100)”¹¹⁴. Nos exemplos destacados temos a condenação do comodismo entre os pobres e a crítica das facilidades e alienação dos ricos. No mundo de origem, a crítica recai em expressões de personalidade, e não necessariamente na condição de pobreza, embora também haja mobilização de estigmas, como o termo ‘meninas do morro’ parece remeter. Já a crítica destinada aos indivíduos das classes superiores pretende denunciar padrões considerados intrínsecos desta condição, como o consumo alienado e as estratégias de ocupação de espaços que subvertem a meritocracia, como as famosas indicações a postos privilegiados.

A dissociação entre valor moral e o status socioeconômico muitas vezes previne quem ascende socialmente de estigmatizar a pobreza, mundo de origem ao qual permanece ligado, ao menos através das relações familiares, e ao mesmo tempo o reveste com um valor especial ante os contatos das classes superiores, com quem passa a se relacionar. Os trabalhadores estudados por Lamont (2000) mobilizavam aspectos morais para se contraporem a métrica unicamente material, econômica, que os penalizava em comparações com outros estratos. Muitos assumiam uma postura que retratava o mundo dos ricos como um universo de superficialidade e ilusões, enquanto o mundo dos trabalhadores era aquele de valores substantivos, como a honradez, qualidade superior a qualquer bem material. As fronteiras simbólicas, nesse sentido, são também uma estratégia do indivíduo para tensionar valores hegemônicos, a partir de determinado campo social que, por sua posição subalterna, se vê em menor vantagem de replicar a ortodoxia das práticas e valores produzidos em outros ambientes, como nos ensina Bourdieu (2007). No exemplo do rótulo de “metido” atribuído a alguns entrevistados por pessoas de seu meio de origem, tal interpretação também é válida. Ocupando uma posição social desvalorizada ante o seu conhecido, parente ou velho amigo, a estratégia de distingui-los como “metidos” é uma forma de trazer à tona o comprometimento moral que a ascensão social provocaria no indivíduo, no caso a perda da humildade e simplicidade, comportamentos valorizados no universo popular.

Nos casos estudados, o impacto da formação superior para a sociabilidade dos entrevistados foi captado ressaltando-se a percepção dos mesmos, principalmente, sobre as

¹¹⁴ “Destacando essas dimensões da moralidade, os trabalhadores dissociam valor moral de status socioeconômico e se localizam acima ou ao lado de pessoas ‘acima delas’”

amizades, seja aquelas do passado, que permanecem na vida deles, ou as que foram mais recentemente incluídas. Percebe-se que em alguns relatos há uma sensação de continuidade da rede, o que não indica ausência de mudanças substantivas na mesma, mas revela uma narrativa que buscou enfatizar o convívio com pessoas parecidas com o próprio entrevistado desde sempre – no caso, indivíduos com projetos de vida distintos daqueles assumidos para a juventude pobre. Tal imagem sobre a característica da rede pessoal destes entrevistados está vinculada a dois fatores principalmente, as melhores condições socioeconômicas de parte desse grupo e a estratégia de proteção (separação ‘joio do trigo’) do entorno da pobreza para aqueles que mais conviveram com ela. As condições econômicas mais estáveis de algumas famílias propiciaram a seus filhos um convívio mais frequente com ambientes de classe média (ou de candidatos a tal estrato). Nesse perfil, os amigos reminiscentes, no geral, seguiram trajetórias educacionais longevas e parecem ter estilos de vida próximos ao entrevistado. A sensação de uma continuidade também é mobilizada para caracterizar o padrão de sociabilidade em outros relatos, contudo, nestes casos, isto ocorre através da marcação de fronteiras simbólicas rígidas com o entorno pobre. A estratégia de separação do ‘joio do trigo’, algo que seus pais adotaram na infância e que parece ter sido abraçada por alguns, funciona como um critério para seleção dos amigos. As velhas amizades que permanecem no ciclo de convívio desses entrevistados são aquelas sérias e responsáveis, bem-sucedidos na vida. A percepção de uma fronteira simbólica rígida ante o entorno pobre foi constatada entre aqueles que estavam em maior contato com tal meio, que viviam em famílias com piores condições econômicas do que o grupo anteriormente mencionado e que relataram planos ascensionais precoces envolvendo a formação universitária. No conjunto analisado, tais comportamentos ante as relações sociais estabelecidas em diferentes momentos da vida estão mais representados na tipologia de narrativa “era o caminho natural”, mas também abrangem casos de outras tipologias, especialmente caracterizados pelas melhores condições de vida que a família gozava em comparação ao conjunto de histórias estudado.

Alguns entrevistados comunicaram com maior ênfase a mudança no padrão de sociabilidade após a entrada e saída do sistema de ensino superior. Nestes casos, o contato com o entorno pobre, através da frequência de colégios públicos e maior contato com a vizinhança, também foi constatado. Assim como a formulação de um plano ascensional precoce envolvendo os estudos de nível superior. A diferença, contudo, está na marcação do advento da universidade como grande divisor de águas para o padrão de sociabilidade que costumavam ter. As mudanças na vida do entrevistado são vistas como obstáculos para o convívio com amigos que

permaneceram estagnados no passado. Alguns mobilizam, justamente, rótulos que comunicam uma inércia para valorizar a própria condição e justificar o distanciamento dos velhos laços fraternos. As relações remanescentes, nesses exemplos, são marcadas pela superficialidade dos contatos e por discriminações mútuas dos estilos de vida adotados na vida adulta, o que os adjetivos de ‘estagnados’ e ‘metidos’ procuram comunicar.

Finalmente, para um grupo de entrevistados, concentrados na tipologia “era o caminho inesperado”, os velhos amigos continuam fazendo parte do seu convívio. Com eles compartilham momentos de lazer apreciados por diferentes estratos sociais, como o futebol e o churrasco, e mantém vínculos íntimos. O perfil, marcadamente masculino e caracterizado, em média, pelas piores condições socioeconômicas vividas na infância e adolescência, narra estratégias para acomodar possíveis conflitos com os amigos da origem popular. A modulação da linguagem os possibilita o trânsito sem maiores contratempos. Por outro lado, alguns comunicaram as distinções positivas que recebem desses laços, como o lugar de conselheiros profissionais da turma.

O contato mais frequente com pessoas consideradas de classes altas foi constatado em todas as entrevistas. Muitos desses indivíduos, colegas de faculdade e de trabalho, fazem parte do convívio pessoal dos entrevistados. Como um tom geral, a heterogeneidade da rede pessoal é assumida como um valor tanto para aqueles que já estavam acostumados ao contato com pessoas de classes distintas quanto para aqueles que foram adotar esse padrão de sociabilidade após a entrada na universidade. A valorização da diversidade da rede e da incorporação de um novo habitus de classe, contudo, não bloqueia críticas e uma forte necessidade de se diferenciar desse perfil social. O mérito da própria trajetória, representada no esforço hercúleo que muitos fizeram para conquistar o diploma, é mobilizado para diferenciá-los dos colegas que gozaram de ampla facilidade (alguns moralmente condenáveis, como as “indicações”) e de outros, conhecidos ou simplesmente integrantes de um universo caricaturado por um consumo ostensivo e alienado.

5 OS SENTIDOS DA ASCENSÃO E OS PAPÉIS DE GÊNERO.

Evitar o que era esperado como destino de um ‘homem’ ou ‘mulher’, relacionado ou não ao pertencimento da classe trabalhadora, foi mobilizado, em muitas entrevistas, como uma importante justificativa do investimento que os entrevistados fizeram em sua formação educacional e profissional.

No caso das mulheres ouvidas na pesquisa, duas formas, não exclusivas entre si, de vincular tal investimento na qualificação educacional à quebras e questionamentos do papel de gênero atribuídos a elas foram identificadas. As referências que as entrevistadas fazem dos exemplos associados à percepção negativa, sobretudo, do destino de ‘dona de casa’ são complexas e nos trazem histórias onde o desejo de independência partiu tanto da educação que receberam em casa quanto da percepção negativa que construíram a respeito do destino reservado às mulheres que não investiram em sua vida profissional. Há relatos onde a mãe foi identificada como a maior incentivadora da formação dos filhos ao mobilizar, principalmente, a exposição negativa da própria trajetória marcada pelo abandono dos estudos e/ou do trabalho em razão do casamento ou da maternidade. Em outros exemplos, as entrevistadas ressaltaram a própria percepção sobre as limitações das mulheres que se dedicam exclusivamente aos cuidados da casa e dos filhos. A construção do papel da mulher como restrito à esfera privada é algo que incomoda especialmente às entrevistadas, mas também traz questões para alguns entrevistados que relacionaram os obstáculos profissionais que suas mães enfrentaram ao que seria um comportamento machista dos pais.

No caso dos homens entrevistados, parece importante a questão das estratégias familiares que buscaram afastar os filhos da marginalidade e o papel relevante da inserção no mercado de trabalho, fundamental na conformação de trajetórias masculinas nos meios populares. Há três casos, por exemplo, onde a carreira militar é colocada criticamente como uma das poucas opções de ascensão social destinada aos jovens pobres. O ingresso nas Forças Armadas aparecia, dessa forma, como uma alternativa para alcançar um ofício seguro e bem reconhecido socialmente. Agrupados na forma de narrar a entrada na universidade como um “caminho inesperado”, o ensino superior aparecerá a posteriori para tais indivíduos, em substituição aos planos ascensionais através do militarismo. O sonho de ser jogador de futebol também é considerado por dois pesquisados que tentam, mas não logram sucesso em tal carreira.

Dentre os casos analisados, há os que debutaram na força de trabalho brasileira na condição de jovens aprendizes e outros que desempenharam funções não reguladas, precárias e de pouca rentabilidade. O papel de provedor, associado ao sexo masculino, somado à estratégia das famílias de manterem os seus filhos longe dos perigos do ambiente periférico urbano contribuem para certo modelo de inserção laboral, precoce e de pouca rentabilidade, para tais jovens oriundos das classes trabalhadoras. É interessante perceber através dos relatos dos sujeitos investigados como estes interpretaram o diploma universitário como uma abertura de caminhos que não eram esperados – ou considerados possíveis – para membros de sua classe. No caso do grupo masculino, na maioria dos casos, é melhor falar em inflexões das trajetórias de gênero típicas de jovens moradores das periferias urbanas e menos em quebras nos papéis de gênero esperado.

5.1 A emancipação feminina: escolarização e mercado de trabalho.

Além das dimensões materiais e simbólicas, intrínsecas nos sentidos de estudar para melhor consumir e de estudar para ‘ser alguém na vida’, os significados do diploma universitário também foram interpretados, para algumas das mulheres entrevistadas, como o caminho para a emancipação feminina. Construir a própria carreira no mercado de trabalho, garantir o seu próprio sustento e contribuir para o orçamento do seu núcleo familiar foram, sem dúvida, motivos relacionados pelas profissionais entrevistadas que as levaram a seguir com o projeto de formação superior. Estes aspectos se relacionam com o desejo de autonomia expressado pelas entrevistadas, algo que aprenderam a partir dos conselhos das mães, preocupadas em evitar que as filhas repetissem às suas escolhas, ou a partir da observação dos destinos de mulheres presentes em seu entorno. *‘A minha mãe sempre comparou mais a condição dela, porque ela não continuou os estudos porque engravidou muito cedo e, por mais que tenham se passado 10 anos, ela continuou nessa condição desde que a minha irmã nasceu. Continuou cuidando da casa, da gente e, talvez por incomodá-la em algum sentido, ela sempre passou essa experiência pra gente: “estuda porque você vai poder fazer o que quiser, vai ter maior liberdade”. E acho que, pra mim, isso sempre esteve muito relacionado. Mais do que outras questões’(E1)*. Obter a própria renda e ter maior liberdade ante as decisões da vida - inserção no mercado de trabalho, casamento e maternidade - fazem parte de algo que poderia ser nomeado como desejo de emancipação feminina, sem necessariamente estar vinculado à

ruptura de valores como a formação de uma família ou com os papéis sociais tradicionais de mãe e de esposa.

Como mencionado, essas questões, caras às mulheres nos casos analisados, estão muito relacionadas à percepção que as entrevistadas possuem do destino das mães, particularmente, daquelas que abandonaram os estudos e/ou o trabalho para se dedicar aos cuidados de sua prole e da casa¹¹⁵. A figura materna é para muitos a grande incentivadora da trajetória escolar dos filhos. Os estímulos partem do intenso apoio afetivo/moral ou do tempo que elas dedicam às tarefas relacionadas ao ambiente escolar: comparecimento nas reuniões de pais e mestres, acompanhamento na feitura de deveres de casa e pesquisas, entre outros exemplos.

A ocupação não remunerada das mães relacionadas às funções cotidianas do próprio lar, a ‘dona de casa’, foi a mais citada pelo grupo de entrevistados. A maioria dessas mulheres, entretanto, se engajou em algum tipo de atividade remunerada durante a sua vida produtiva, ou seja, muitas alternaram ao longo das trajetórias períodos de trabalho não remunerado, exclusivo no próprio lar, com períodos de trabalho remunerado. As idas e vindas do mercado de trabalho, associadas à baixa qualificação educacional, resultaram no desempenho de funções, em sua maioria, mal remuneradas e não formalizadas. Nos relatos, são ressaltadas as limitações ocupacionais que a mãe enfrentou pela ausência de investimento educacional e profissional. Os destinos de ‘dona de casa’ ou do emprego doméstico são, dessa forma, identificados nas entrevistas como lugares desvalorizados, destinados às mulheres pobres. As justificativas para essa realidade mobilizam aspectos estruturais e culturais, como a falta de oportunidades educacionais e o machismo vigente em décadas passadas¹¹⁶.

Ela foi criada em um sítio, ajudava a avó a fazer as coisas, trabalhou desde nova e minha avó era muito ausente... Nesse processo todo, ninguém se importou em colocá-la na escola, ela estudou muito pouco. Quando ela ia começar a estudar, foi para uma casa de família muito nova. Sei lá, com 13, 14 anos ela começou a trabalhar em casa de família. Aí falaram para os meus bisavôs que ela ia trabalhar, a moça que ia ajudar ela: “ela vai trabalhar aqui em casa, mas à noite ela vai estudar”. E a minha mãe trabalhava até tarde e não conseguia ir para escola (E2).

Ela interrompeu. Ela começou a trabalhar, casou e teve filhos. E agora depois que da gente criados ela entrou no supletivo e concluiu o ensino médio. [...]A universidade me proporcionou experiências que eu não teria tido se continuasse no ambiente de fazer o ensino médio, ter o emprego local no meu bairro, na minha cidade, me casar, encher de filhos e seguir minha vida assim (E10).

¹¹⁵ Essa percepção também foi comunicada por alguns entrevistados que destacaram a mãe tanto como grande apoiadora dos planos educacionais dos filhos quanto como alguém que fora limitada pelo machismo e pelas imposições sociais sofridas pelas mulheres.

¹¹⁶ Outras ocupações, com características próprias, mas que também estão sujeitas a informalidade e ao exercício do labor no ambiente doméstico foram citadas; como costureira e manicure.

Contudo, há também relatos onde as entrevistadas expressam certo incômodo com a resignação e a falta de ambição manifestos no comportamento da mãe. Nesses casos, a figura materna representa um contraexemplo silencioso, onde algumas tentam justificar a passividade atribuída à mãe em termos geracionais, mobilizando as dificuldades impostas às mulheres em outras épocas. *‘A minha mãe nunca me cobrou em nada, não tinha muita ambição com o estudo. Acho até pela cultura dela, pelo o que ela viveu (E17)’*.¹¹⁷

As entrevistadas são contemporâneas de um período – as décadas de 1980 e 1990 – onde aconteceu a reversão do “hiato de gênero”, medido usualmente em termos de média de anos de escolaridade, (ROSEMBERG; MADSEN, 2011) ou através da maior inserção do público feminino na instituição escolar (CARDOSO, 2010). Ou seja, nesse período as mulheres ultrapassam os homens em anos de escolaridade e se tornam o público mais numeroso do sistema educacional. O aumento da qualificação das mulheres é acompanhado pela maior inserção de tal grupo no mercado de trabalho, mudanças que se devem a alterações de padrões estruturais e culturais da sociedade brasileira. A desvinculação da imagem feminina associada à esfera privada, ainda em franca disputa, reflete um período onde a individualização da mulher agrega aos papéis de esposa e de mãe outras possibilidades de realização. É nesse contexto de intensa mudança que as trajetórias analisadas estão se amadurecendo.

O desenvolvimento socioeconômico observado nas últimas décadas é de extrema importância para a abertura de oportunidades às mulheres, para além dos lugares que tradicionalmente a sociedade lhes reservava. Da década de 1980 até então, o país registra o aumento expressivo da participação das mulheres na população economicamente ativa, o que indica que o destino de “dona de casa” é cada vez menos a ocupação não remunerada por excelência do público feminino. Houve crescimento de 63% do número de mulheres brasileiras no mercado de trabalho no período compreendido pelo período de 1985 e 1995, percentual que correspondeu, em termos absolutos, a aproximadamente 12 milhões de novas trabalhadoras (GUIMARÃES, 2001). Comparando os indicadores encontrados para os anos de 2002 e 2009, Bruschini et al (2011) identificaram o aumento da PEA feminina de 36,5 milhões para 44,4

¹¹⁷ A E21 relata o policiamento de sua sexualidade feita pelo pai com o objetivo de impedir que a filha engravidasse e casasse cedo. Embora não haja mais exemplos desta atitude nas outras histórias, o caso em evidência ressalta um comportamento que parece ser condizente com as ingerências sobre o corpo feminino praticadas na sociedade. Os planos ascensionais da mulher são estimulados mobilizando o contraexemplo da dona de casa, cheia de filhos para cuidar e sujeitas aos humores do companheiro. *‘Então, ele colocava isso como mecanismo. “Só vai namorar depois que fizer 15 anos. Porque, se você engravidar, vai ficar com criança no colo, marido, tem a questão da violência doméstica. Vai ficar limitada, não vai avançar. Vai ficar como o restante da galera”’ (E21)*.

milhões de trabalhadoras, elevação também percebida na taxa de atividade¹¹⁸ do grupo que cresce de 50,3% para 53% no período analisado. Pinheiro et al (2016) verificam, contudo, um limite a ampliação da força de trabalho feminina. Segundo os autores, os dados da Pnad de 2014 mostraram que a taxa de atividade das mulheres acima de 16 anos estava em torno de 57%, proporção que se mantém relativamente estável nos últimos anos. As análises comprovam que as taxas de atividade para a mão de obra masculina seguem significativamente maiores do que as encontradas para as mulheres em todas as faixas etárias consideradas¹¹⁹.

O mercado de trabalho brasileiro recebe trabalhadoras mais qualificadas em comparação aos seus pares do sexo oposto. Este dado é reflexo da expansão do sistema educacional, especialmente observado a partir da década de 1990, que beneficiou particularmente as mulheres. Embora elas, em média, permaneçam mais tempo do que os homens no sistema escolar, essa diferença vem diminuindo bastante nos últimos anos. Em 2009, os números médios de anos de escolaridade encontrados para mulheres e homens eram bastante próximos, 7,7 e 7,4 anos de escolaridade, respectivamente (ROSEMBERG, MADSEN, 2011). O percentual de conclusão do sistema de ensino superior aponta vantagem para o público feminino, em 2009, elas eram 59% dos egressos do sistema. As trajetórias educacionais longevas para as mulheres estão, por sua vez, relacionadas à maior inserção de tal público no mercado de trabalho, pois, observa-se que com 15 anos ou mais de estudo a taxa de atividade acima da média, igual a 82%. (BRUSCHINI, 2011). As carreiras escolhidas, entretanto, apontam para uma importante marca de gênero. As mulheres são grande maioria em áreas como Educação, Saúde (salvo Medicina), Bem-Estar Social, Humanidades e Artes, domínios do conhecimento tradicionalmente desvalorizados pelo mercado de trabalho. As carreiras nas áreas de Ciências, Matemática, e Computação e a grande área de Engenharia, Produção e Construção, em contrapartida, são ocupadas largamente pelos homens o que explica, em parte, os maiores ganhos salariais do grupo (BRUSCHINI ET ALI, 2011; RIBEIRO; SCHLEGEL, 2015).

O aumento da escolaridade e da participação da PEA das mulheres se confronta, nesse sentido, com padrões desiguais de inserção ocupacional e de remuneração oferecidos no mercado de trabalho. Sem mencionar outros importantes fatores que limitam e prejudicam a atuação das trabalhadoras na esfera pública como: a maior carga do trabalho doméstico, a

¹¹⁸ A taxa de atividade é um indicador que comunica a proporção de um grupo específico que está empregada ou procurando emprego no período analisado.

¹¹⁹ Esses dados podem ser verificados em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/index.html>. As tabelas feitas para a taxa de participação por sexo, raça e outros atributos no mercado de trabalho demonstram a informação citada.

ausência de políticas que acolham as necessidades da mãe trabalhadora, como creches, dentre outros aspectos¹²⁰.

Um novo perfil de trabalhadora adentrou o mercado de trabalho nas últimas décadas. De acordo com Nadya Guimarães (2001) “...até os anos 70 a mulher brasileira que disputava posições no mundo do trabalho era majoritariamente jovem, solteira e sem filhos. Hoje ela é mais velha, casada e mãe” (GUIMARAES, 2001:89). A autora ressalta que além da entrada de mulheres mais velhas no mercado de trabalho, há a permanência daquelas que ingressam jovens e que não abandonam a carreira profissional com a formação de uma nova família. Esse comportamento produziu o resultado de assemelhar, quanto à composição etária, homens e mulheres participantes da população economicamente ativa brasileira nos anos 1990.

As trabalhadoras brasileiras estão concentradas, em sua grande maioria, em determinado setor da produção, no caso, o setor de serviços¹²¹. Ribeiro (2007) argumenta, em alusão à classe operária masculina trajada com macacões azuis, que “existiria um setor *pink collar* (“cor-de-rosa”), uma classe operária feminina em ocupações no setor de serviços”. O autor demonstrou, ao analisar a Pnad de 1996, que as mulheres se concentram em ocupações hierarquicamente médias e baixas no setor de serviços. “Na classe de trabalho manual também há concentração das mulheres em ocupações do setor de serviços e da indústria tradicional. Uma em cada cinco mulheres está nas ocupações de serviço doméstico, ao passo que praticamente não há mulheres na indústria moderna” (RIBEIRO, 2007:219). O setor público é outro nicho de grande concentração da mão de obra feminina. Geralmente, o aumento de oportunidades neste setor está vinculado com o aumento do espaço destinado à assistência social no Estado. Dessa forma, são criadas ocupações na esfera pública – social – que se assemelham as tarefas exercidas pela mulher na esfera privada – o lar. Elas se tornam “cuidadoras sociais¹²²”.

¹²⁰ Uma discussão sobre o uso do tempo e impacto dos múltiplos afazeres para a inserção da mulher no mercado de trabalho pode ser encontrada em Fontoura et ali (2010).

¹²¹ A sobre representação da mão de obra feminina em algumas atividades está relacionada para ocupações que requerem nível superior, em certa medida, à concentração desse público em algumas áreas do conhecimento, como mencionado acima.

¹²² O argumento por traz do termo “cuidadoras sociais” é incorporado a partir da análise de Espining-Andersen (1995), que atenta para a grande absorção das mulheres dentro do funcionalismo público em países com forte presença de um Estado de Bem-Estar Social. As carreiras protegidas e com maior flexibilidade representariam um atrativo extra às trabalhadoras acostumadas a dupla jornada. A etapa pós-industrial de desenvolvimento, identificada pelo autor, levaria a mudanças nos papéis de gênero determinados pelo fordismo, onde as fábricas eram lugar quase exclusivo dos provedores masculinos. A fase pós-industrial traz significativa expansão do setor de serviços nas economias mundiais. Neste conjunto de serviços, estaria uma maior oferta de serviços especializados nos afazeres domésticos um nicho privilegiado para a inserção da mão de obra feminina. De modo que, nas palavras de Espining-Andersen “serviços para as mulheres criam empregos para as mulheres”.

O emprego doméstico ainda é um receptor extremamente significativo da mão de obra feminina, mesmo que a sua participação relativa venha caindo consideravelmente nas últimas décadas (ITABORAI, 2015; RIBEIRO, 2007). Em 2009, segundo Bruschini et al (2011) o percentual das trabalhadoras ocupadas no emprego doméstico era de 17%, proporção que excedia os 25% na década de 1970. Nas histórias de vida analisadas, nove mães trabalharam como empregadas domésticas e diaristas. Esse número é muito expressivo e expõe a grande absorção que esse ofício possui para mulheres oriundas das classes trabalhadoras e com baixa escolaridade. Em décadas passadas, o emprego doméstico atraía mulheres jovens que iniciavam a sua inserção na PEA a partir deste trabalho. Atualmente, tal função exerce maior poder de atração para ocupantes mais velhas e menos qualificadas educacionalmente. Em muitas narrativas, as descrições sobre o emprego doméstico da mãe são feitas enfatizando as poucas oportunidades que lhe foram oferecidas ao longo da vida, a pobreza na infância, o machismo da família, a urgência de contribuir para, ou de prover, o sustento da família. O componente geracional parece indicar para as entrevistadas que os tempos são outros e apresentam novas oportunidades para as mulheres. Através do estudo negado à suas mães, elas conseguem traçar um caminho profissional mais prospero e valorizado socialmente.

As posições de chefia, aquelas com maior prestígio e rentabilidade, recrutam mais homens do que mulheres, mesmo quando eles são menos qualificados que suas companheiras de trabalho, como afirmou Nadya Guimarães (2004) a partir das análises produzidas com os dados das Pnads de 1989 e de 1999. A feminização das carreiras expressa a sobre representação das mulheres em postos de trabalho específicos, como os cargos de assistência social, as ocupações manuais de rotina no setor de serviços, o emprego doméstico, dentre outros exemplos. Alguns autores argumentam que as piores condições de trabalho verificadas nestas carreiras, em termos de renda e formalização, estariam relacionadas à maior participação do público feminino nelas (RIVERO, 2009).

Às trabalhadoras não são apenas destinadas às ocupações menos vantajosas e aos menores salários, são elas o grupo mais frágil quanto as possibilidades de perda do emprego. Segundo Nadya Guimarães (2001), a reestruturação produtiva da década de 1990 desalojou de postos tradicionalmente masculinos parte considerável de trabalhadores antes alocados na indústria. O reingresso dos homens desempregados na indústria era em parte feito no setor de serviços, nicho empregatício das mulheres, agravando dessa forma à época do desemprego da mão de obra feminina.

A maior qualificação dos profissionais e o acirramento da competição no mercado de trabalho colocam a escolarização como atributo essencial aos novos candidatos por empregos. À despeito da maior qualificação da mão de obra feminina, os efeitos da discriminação de gênero impõem barreiras à equalização salarial entre homens e mulheres. Contrariando expectativas, as profissionais com alta qualificação ainda recebem salários menores do que os homens e enfrentam maiores dificuldades para a progressão na carreira compatível com suas qualificações. A hipótese de Nadya Guimarães (2004) indica que mesmo entre os 10% mais ricos as mulheres que lá se encontram recebem salários menores do que os companheiros de trabalho. “E por quê? Provavelmente pelo fato de que lhes estava vedado o acesso às posições de chefia superior, aos postos mais elevados na hierarquia de poder, em que os ganhos salariais são verdadeiramente significativos. (GUIMARÃES, 2004:194).”

O cenário desigual, entretanto, apresenta inflexões a favor das mulheres. A análise dos dados das Pnads de 1973, 1982, 1988 e 1996, realizadas por Ribeiro (2007), indica que é cada vez maior o número de mulheres que ingressam em ocupações manuais de alto nível, posições que exigem maior formação educacional. É notável que a maior escolaridade das mulheres vem atenuando o efeito negativo do pertencimento ao sexo feminino no mercado de trabalho. Bruschini et al (2011) citam o crescimento das mulheres em algumas profissões valoradas no mercado de trabalho. Em 2009, os autores observaram que as mulheres ocupavam “41,7% dos empregos formais para médicos, 50% para advogados, 47% dos empregos para procuradores e advogados públicos, 37% dos postos de magistrados, 41% dos membros do ministério público e 56% dos empregos formais para arquiteto.” (BRUSCHINI ET ALI, 2011:160). Outras áreas, por sua vez, concentradas nas áreas de maior domínio masculino, como as engenharias, permanecem pouco frequentadas pelas mulheres.

Finalmente, cabe ressaltar os movimentos demográficos que influenciaram nas mudanças dos padrões educacionais e produtivos da população feminina no Brasil. A queda na taxa de fecundidade, tendência verificada a partir de 1970 no país, resultou, nas décadas seguintes, na diminuição do crescimento populacional e, conseqüentemente, produziu famílias menores (Berquó, Cavenaghi 2004; Lam, Marteleto 2006; OLIVEIRA, VIEIRA, MARCONDES, 2015). A liberação do público feminino das tarefas exclusivamente domésticas foi um dos resultados dessa mudança no padrão demográfico brasileiro. A mãe, que tinha boa parte de sua vida produtiva consumida por sucessivas gestações e pelos cuidados domésticos demandados por uma família numerosa gozava, então, de maior tempo livre. A grande maioria das famílias dos entrevistados é composta por dois ou três filhos, padrão reprodutivo que se

assemelha ao encontrado em famílias onde as mulheres geralmente são mais escolarizadas. “Passados quarenta anos, atenuaram-se as diferenças, ainda que mulheres com ensino fundamental incompleto tenham, em média, cerca de um filho a mais que as suas contemporâneas com ensino superior (OLIVEIRA, VIEIRA, MARCONDES, 2015: 318)”.

Outra questão relacionada à composição das famílias indica o aumento dos lares onde só há a presença de um cônjuge no caso, aqueles chefiados por mulheres. Em cinco casos analisados, os entrevistados conviveram apenas com a mãe no domicílio a maior parte de sua infância e adolescência. Contudo, nesses casos, o pai sempre foi citado como alguém que participou, financeira e afetivamente, da vida dos filhos. A questão, mesmo para aqueles onde os pais viviam juntos, estava na importância da renda gerada pela mulher a partir do desempenho de, a duras penas, funções mal remuneradas e descobertas de direitos. A mãe trabalhadora é citada como uma figura imprescindível para a manutenção do lar em vários relatos.

A entrada e saída do ensino superior para as mulheres pesquisadas, resguardadas às particularidades de cada experiência, também conta uma história de uma geração que se beneficiou pelo aumento de oportunidades educacionais, logo revertidas na maior inserção da mão de obra feminina no mercado de trabalho. As entrevistadas constroem para si narrativas de busca de independência e autonomia, que vinculam o sentido do diploma e da ascensão social conquistada também a uma mudança nos papéis de gênero que outrora eram destinados as mulheres. Associado a essas importantes mudanças estruturais está também o que é mais difícil de mensurar: a convivência das entrevistadas em um ambiente onde um léxico feminista torna-se cada vez mais presente, pautando questões como a entrada no mercado de trabalho, a igualdade salarial, os direitos reprodutivos, entre outras bandeiras do movimento. Nos relatos, contudo, não está claro – porque também não explicitamente tematizado na entrevista – o posicionamento sobre todos esses temas, já que a questão principal está na ênfase que elas são mulheres de outro tempo, independentes, mais ativas na construção da própria carreira e da geração de renda. O diploma não parece influenciar um questionamento mais radical dos papéis tradicionais de gênero atribuídos à mulher. Das 13, dez já estão casadas, muitas o fizeram durante a faculdade, e cinco já são mães. A maternidade, especialmente, para as mais novas é, todavia, um tema que pode ser adiado a favor da estabilização no mercado de trabalho. Se as entrevistadas valorizam velhos papéis, é correto dizer que as antigas atribuições não lhe bastam mais. Abrir mão da atuação no mercado de trabalho para ser dona de casa, nos relatos coletados, é uma história antiga que não faz parte dos repertórios apresentados.

5.2 Jovens pobres: juventude, trabalho e masculinidade.

O tratamento da juventude como “problema social” é uma tendência, que pode ser verificada tanto no debate público quanto na formulação de políticas públicas para esse grupo (ABRAMO, 1997). Tal perspectiva recrudescer, obviamente, quando o recorte é feito para as camadas mais desfavorecidas da população. Nos últimos anos, a representação da juventude como problema se concentrou naqueles considerados “nem nem”, ou seja, indivíduos de 15 a 29 anos que não estudavam e não trabalhavam. Ocupar as mãos e as mentes ociosas desse grupo foi alçado como meta da política pública destinada à juventude residente das grandes periferias urbanas.

Em 2010, segundo Camarano e Kanso (2012), do total de jovens de 15 a 29 anos que não estudavam nem trabalhavam, 67% eram mulheres. O percentual para as jovens é interpretado como reflexo do desempenho das funções de mãe e de dona de casa que afasta as mulheres da sala de aula e do mercado de trabalho - percentual que vem caindo ao longo das décadas, como discutido acima. Contudo a mesma pesquisa, informa que, entre os censos populacionais de 2000 e 2010, os homens aumentaram sua participação relativa na categoria dos “nem nem”, o que causa especial preocupação para aqueles que lidam com o tema da juventude, dada a ideia que esse grupo estaria mais propenso a exclusão social, violência e marginalidade.

Esse contexto influenciou nas trajetórias masculinas analisadas, especialmente, para os filhos de trabalhadores sem qualificação que em sua juventude residiram em comunidades e regiões periféricas. As transgressões juvenis no cenário da periferia urbana, muitas vezes, são dramatizadas além de suas proporções pelo enorme temor que as famílias possuem das trágicas consequências que esses atos possam produzir. Eles podem significar socialmente uma marca “indelével” da adesão do jovem à criminalidade e, ao mesmo tempo, a exposição à violência tanto do braço repressor do Estado quanto dos grupos que atuam à margem da lei. Na percepção dos entrevistados, a convivência próxima com tais perigos motivou estratégias de proteção empreendidas pelos pais com o intuito de protegê-los de tais ameaças¹²³. Essas estratégias foram

¹²³ A proteção que muitos descreveram destinadas a todos os filhos, independente do sexo, na voz masculina das entrevistas encontra maior destaque.

descritas, sobretudo, quando lhes eram perguntados sobre a convivência com vizinhos, amigos de infância e adolescência. Para afastar os filhos do ‘mau caminho’, os pais mantinham vigilância em relação à convivência com os pares da vizinhança e restringiam as brincadeiras na rua. *‘A gente cresceu na Rocinha e como minha trabalhava e ela tinha muito medo de que a gente ficasse na rua, se envolvesse com coisa errada e fosse para um caminho que ela não gostasse, nós fomos criados presos, eu e meus irmãos, criados praticamente presos dentro de casa (E7).’* e *‘Minha infância era baseada naquilo: não ir para a rua. Até 14 anos eu não ia para a rua. Nem eu nem minha irmã. As vezes, ficávamos na greta do portão olhando nossos colegas na rua (E22)’* Não raro, menções ao destino de amigos e conhecidos que se envolveram em situações de criminalidade foram citadas. Impedir que os filhos seguissem uma trajetória marcada por um “etos guerreiro”, simbólica de uma masculinidade transgressora periférica, pode ser colocado como um pano de fundo da apreensão e zelo da educação moral dos filhos, especialmente no caso dos homens (ZALUAR, 1985).

A moral da família trabalhadora indicou para alguns casos, especialmente dentre aquelas retratadas como as mais despossuídas, que era necessário garantir que o filho seguiria um caminho digno através do trabalho, sem mesmo ter se cogitado a qualificação do ensino superior. Não apenas preocupados, nesses casos, com os destinos de transgressão, mas também movidos pelo valor conferido ao trabalho e a naturalização dos destinos da classe proletária: “o trabalho dignifica a alma”. Em outros termos, o esperado era o labor e não o estudo para esses jovens. A concorrência entre a valorização da árdua labuta e a sua bruta desvalorização é uma tensão constante que as famílias das classes populares enfrentam para transmitir seus valores aos mais novos. Como já citado, Lyra (2013) em seu trabalho etnográfico com meninos “em conflito com a lei”, revela que a justificativa que alguns de seus pesquisados deram para a entrada nas atividades ilícitas estaria na extrema desvalorização do trabalhador na sociedade. Para tais garotos, seria de pouca esperteza seguir uma dura jornada de quem muito trabalha e pouco tem. Essa desvalorização e certa aversão ao trabalho assalariado é uma das teses de Alba Zaluar em “A Máquina e a Revolta” que aborda, entre outros, o tema da juventude e da violência. A antropóloga expõe a imagem pejorativa que muitos jovens possuem da figura do trabalhador, considerados como um “otário”.

A narrativa dos entrevistados enfatiza que durante a juventude sempre estiveram ocupados. A dedicação exclusiva aos estudos, contudo, para a grande maioria ocorreu apenas no ensino fundamental. Mesmo assim, em alguns casos, há relatos de experiências de trabalho antes dos 15 anos, muitas vezes atuando em um empreendimento autônomo familiar. Antes da

entrada no ensino superior, particularmente para os que não se imaginavam seguindo esse caminho, muitos se ocuparam exclusivamente do trabalho. Como já mencionado, os homens possuem taxas de atividade no mercado de trabalho mais altas do que as mulheres. Esse padrão, associado à atuação laboral precoce dos meninos, se confirmou nas entrevistas realizadas. No grupo analisado, considerando o período em que cursavam o ensino médio, dos 12 homens entrevistados, 6 trabalharam durante todo o período, enquanto 4 trabalharam parcialmente e apenas 2 se dedicaram exclusivamente aos estudos durante o secundário. Em comparação com as 13 mulheres entrevistadas, 3 conciliaram estudo e trabalho no período, enquanto 4 trabalharam parcialmente e 6 se dedicaram exclusivamente aos estudos durante o secundário.

Esses dados são convergentes com a realidade brasileira de conciliação de trabalho e estudo no Brasil, onde imaginar um modelo de transição escola mercado de trabalho, tal como o estabelecido em sociedades de bem-estar social, nunca fez grande sentido como diversos pesquisadores já afirmaram (CARDOSO, 2008; COMIN; BARBOSA, 2011). Nas histórias de vida analisadas, a marca da classe de origem impôs a esses jovens experiências que são características das camadas populares. Quanto menor a renda do domicílio, e menor a escolaridade dos pais, mais remotas são as chances do jovem se dedicar apenas aos estudos. Em contrapartida, a conciliação entre estudo e trabalho, ou o abandono da escola em favor do mercado de trabalho, crescem em proporção inversa ao capital econômico e cultural das famílias (CORSEUIL *et alii*, 2001)¹²⁴. A entrada e saída do ensino superior são temas centrais para as análises realizadas até aqui, justamente por serem consideradas, de certa forma, inesperadas para o perfil selecionado. Os jovens agrupados no modo de narrar essa trajetória, como “um caminho inesperado” são quase todos homens, de modo que apenas uma mulher está nesse grupo. Esse dado é um indício da recorrente trajetória de gênero para os homens pertencentes às classes trabalhadoras, ou seja, entra-se muito cedo no mercado de trabalho e, com isso, a trajetória educacional é penalizada. A narrativa da universidade como um acidente biográfico não poderia ser mais eloquente para aqueles que estavam destinados ao exercício de ocupações manuais e de baixo retorno. O papel de provedor e o valor dignificante do trabalho, não é exclusivo desse grupo, mas acaba nele reforçado pelo temor que as famílias pobres possuem que os seus filhos sigam caminhos mais problemáticos. Nos casos, não é possível falar

¹²⁴ É interessante ressaltar que os dois casos de homens que não trabalharam durante o ensino médio narraram sua entrada na universidade como algo natural. Ou seja, os planos de universitário já estavam presentes para os dois desde cedo. Fato a ser destacado também se refere às melhores condições materiais que desfrutaram em sua residência. O trabalho do pai garantia, com algum aperto, o investimento na educação dos filhos sem que estes precisassem colaborar para tal.

de uma quebra do papel de provedor atribuído ao gênero masculino, mas sim de uma quebra de trajetória esperada para os meninos das camadas populares.

A juventude, como argumenta Bourdieu (1983), é uma etapa ilusória, quando se imagina essa vivência como universal. Para o autor, considerar a classe social é essencial para compreender como os filhos do operariado e os filhos da burguesia desfrutam dessa fase do ciclo de vida de forma bastante distinta. Enquanto para os primeiros a juventude é abreviada pela entrada precoce no mundo dos adultos, seja pelo trabalho ou pela formação de um novo núcleo familiar, os filhos da burguesia possuem nesses anos um período de formação sem a urgência da geração de renda. É sabido que os jovens brasileiros, oriundos de classes populares, enfrentam grandes obstáculos para vivenciar o tempo da juventude puramente como um período de formação tanto da personalidade quanto de formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho (Camarano, 2006; Cardoso 2008, Corseuil et alli 2001, Guimarães 2006,). A conciliação entre o estudo e o mercado de trabalho foi justificada pelos entrevistados que a vivenciaram pelas restrições financeiras de sua família, onde era necessário contribuir de alguma forma evitando gastos ou assumindo despesas pontuais, como o pagamento de alguma conta. A fruição da juventude, contudo, vinculada ao consumo e ao deslocamento pela cidade, foi um dos principais motivos da urgência que eles sentiram em garantir a própria renda. Conviver com o básico para a sobrevivência gerava frustrações em um jovem que não podia exigir de um orçamento, insuficiente até para necessidades essenciais, financiamento para passeios, lanches na rua, roupas e outros itens.

A literatura aponta que a entrada precoce no mercado de trabalho, associada à interrupção da formação escolar, empurra os jovens para empregos de baixa qualidade. Tal decisão, realizada em meio à juventude, interfere em seu alcance ocupacional na idade adulta. A grande maioria dos homens entrevistados flertou com a permanência em empregos de baixa qualidade, em termos salariais e de formalidade. A universidade, para grande parte, foi uma oportunidade não esperada que lhes abriu outras possibilidades de atuação no mercado de trabalho. Ao desviarem do destino esperado, de certa forma, modificaram um padrão de inserção no mercado de trabalho da juventude masculina e periférica.

Se a discussão da mudança no papel de gênero através do diploma de nível superior é mais evidente no caso das mulheres do que para os homens, quatro casos, entretanto, trazem em seus relatos uma interessante reflexão sobre ideias de masculinidade e as classes populares. Nessas histórias de vida, duas figuras embalsamaram os projetos de ascensão dos entrevistados, que

almejaram na carreira militar ou na carreira esportiva de jogador de futebol uma possibilidade de ter uma vida melhor.

Teve um período de três meses que eu tentei a carreira futebolística, com 12 ou 13 anos de idade. Tinha um tio da baixada, em Caxias, que sabia que eu jogava bola. Quando eu era bem novinho eu jogava mesmo, era bem raçudo, jogava campeonatos de favelas... [...] Para o homem no Brasil tem a questão do alistamento [...] Me colocaram no CPORE que é uma escola de tenentes no Rio, do exercito, era uma coisa de intendência que só aceita pessoas que estão fazendo faculdade. Como eu estava terminando o ensino médio e a maioria jovens da minha idade não estava no ensino médio ou nem estudando, eles simplesmente me jogaram lá sem eu pedir. Quando eu fui ver o que era acabei me interessando, não porque sonhava em ser militar nunca gostei de nada disso, mas porque eu queria por causa da grana. (E3)

Era um papel A5 onde estava escrito venha ser das forças armadas. Você já viu? ESA. Eu olhei aquele ESA e pensei era aquilo. Como falei, nesse mundo dos homens um militar é um cara bacana. É um cara que o salário dele não atrasa que ele é bem machão, era do caralho ser militar (E11).

A minha vontade mesmo era de seguir carreira com o esporte... É o que eu sempre gostei de fazer... Jogar futebol... Só que as coisas são meio complicadas, bem mais difíceis do que... (E12)

A loteria do futebol não premiou nenhum dos entrevistados com a sorte grande de uma carreira em uma agremiação brasileira. Esse destino, considerado seriamente por dois entrevistados, contudo, não motivou a posteriori reinterpretações críticas sobre suas consequências. Para os que consideraram a carreira militar, pelo contrário, a avaliação dessa opção no presente é feita através de muitas críticas, as quais evocam o machismo e as poucas opções destinadas aos jovens das camadas populares como justificativas para a existência desse dado em suas biografias. A profissão militar é descrita como uma opção estável e com bom retorno salarial. E3, por exemplo, argumenta no sentido da falta de oportunidades como a propulsora da sua consideração de seguir carreira militar. Pontua, entretanto, que nunca gostou de polícia. E11 coloca o mundo dos homens, onde ‘o militar é um cara machão’, como motivo, enquanto E22 coloca o avô, que serviu o Exército, o respeito e as baixas oportunidades como justificativas por ter passado anos na Marinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O canudo, a viagem e os retornos.

Compreender os sentidos de uma ação praticada por indivíduos com origem popular, que nos contam histórias de mobilidade social através do diploma superior, foi o principal objetivo desta tese. A relevância do tema para o atual cenário brasileiro se justifica, dentre outros aspectos, pelo crescimento da presença deste perfil socioeconômico nas universidades, que testemunham, cada vez mais, a formatura da primeira geração de algumas famílias. Em diferentes momentos da História do país, como a reforma de 1968 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 atestam, a expansão do sistema universitário brasileiro figurou como uma das principais metas das políticas educacionais. Tal objetivo foi buscado, desde então, através do protagonismo do setor privado na oferta de vagas e na absorção das matrículas. As políticas implantadas entre o ano de 2003 e o atual momento, embora tenham recuperado a importância do sistema federal na absorção de matrículas, não mudaram a feição geral do sistema, que mantém o seu alunado concentrado nas instituições privadas, que detém cerca de 75% das matrículas.

Um dos maiores ganhos dos últimos 13 anos esteve na implantação de políticas de ação afirmativa, especialmente na reserva de vagas e bonificações, direcionadas para grupos populacionais subrepresentados nas faculdades do país, como pobres e não brancos¹²⁵. A adoção e fortalecimento de mecanismos de democratização do acesso, como o PROUNI e o FIES, somam-se a essas iniciativas com vistas à mudança do perfil elitista do alunado de nível superior no Brasil.

A geração da qual os entrevistados fazem parte foi potencial beneficiária do aumento de oportunidades educacionais, como a expansão do ensino secundário e superior. Esses jovens também estiveram expostos a um repertório público que os colocava como alvo de importantes políticas públicas. No caso, eles eram a principal clientela das políticas de democratização do acesso ao ensino superior implantadas nos últimos anos. Se a efetividade de tais políticas não logrou, até o momento, o sucesso esperado em termos de representatividade desta parcela da população nas instituições de ensino superior, simbolicamente o léxico reforçado pelos

¹²⁵ A análise do sistema educacional brasileiro, com foco para o nível terciário, foi apresentada no primeiro capítulo desta tese ressaltando aspectos organizacionais, performance e características do alunado, assim como as principais reformas e políticas do qual foi alvo. As políticas de ação afirmativas são frutos de reivindicações históricas de movimentos sociais, como o movimento negro, que ganharam espaço em alguns governos de âmbito estadual e federal.

mecanismos de ação afirmativa pautou o debate público, ao colocar a necessidade de conhecer o perfil, e não apenas a quantidade, de quem adentra as universidades. Não à toa, observei nos entrevistados a apropriação desse repertório que convivia, em muitos, com ideais aparentemente contraditórios, como a meritocracia.

É importante, portanto, afirmar que estruturalmente o estrato popular da geração estudada usufruiu de maiores oportunidades educacionais do que as progressas. Observamos, nas últimas décadas, a ampliação da cobertura do sistema educacional brasileiro, o que beneficia diretamente a parcela mais pobre da sociedade. Também se constatou uma inflexão do debate político ocasionado pela demanda de democratização do acesso ao sistema de ensino superior, demanda em parte concretizada, nos últimos anos, através de lei e programas como a lei nº 12.711/2012, que prevê a composição do alunado do nível superior de ao menos 50% de egressos do sistema público de ensino básico.

O desemprego estrutural e o modelo de desenvolvimento neoliberal, observados na década de 1990, colocaram ao trabalhador novos obstáculos para a sua inserção no mercado de trabalho. Investir na empregabilidade era uma responsabilidade de cada indivíduo, que deveria se manter atual e bem qualificado para garantir as melhores colocações (CARDOSO, 2003). O crescimento econômico da década seguinte contribuiu para formação de um quadro de otimismo amparado em um círculo virtuoso de crescimento, redução do desemprego e desigualdade de renda, o qual se mostrou, contudo, de fôlego curto, dando sinais patentes de estagnação em 2014. É neste cenário que os jovens adultos pesquisados formularam seus planos e sonhos.

Os projetos ascensionais dos entrevistados envolveram diretamente duas instituições: o sistema educacional e o mercado de trabalho brasileiro. Ainda no primeiro capítulo da tese, a centralidade e as especificidades do mundo do trabalho no imaginário da população foram discutidas, seguindo a clássica abordagem que vincula o trabalho à ampliação da cidadania iniciada após 1930. A escolha desta via se mostrou pertinente à problemática proposta, pois ampliava o sentido do diploma para além da expectativa dos retornos materiais - este bem fundamentado na relativa valorização da credencial universitária no mercado brasileiro - explicitando a dimensão simbólica de inclusão cidadã.

A integração pelo consumo traz uma enorme carga simbólica em um país onde a fruição do espaço e de equipamentos públicos é dramaticamente condicionada a partir da renda de cada cidadão. Analiticamente, contudo, optou-se por trabalhar os sentidos do diploma a partir de duas chaves, amplamente vocalizadas nas entrevistas: o sentido da formação concebido através

das expectativas do retorno material e o sentido do diploma através de inclusão cidadã, expressada na frase “ser alguém na vida”.

As expectativas de se formar para alcançar um melhor padrão de vida revelaram aspectos importantes sobre a sociedade brasileira e sua abissal desigualdade, vastamente conhecida. A partir da análise dos dados, argumentou-se sobre os significados da expressão “estudar para ser alguém na vida”, proferida por alguns entrevistados e suas vinculações à exclusão e à integração subalterna, às quais trabalhadores ocupados em posições precárias estão submetidos. As imagens de indivíduos que desempenham ofícios extremamente precários e de baixo retorno, como o “puxador de carroça” e o “o capinador de arroz”, eram mobilizadas pelos entrevistados para ilustrar o temor que sentiam de desempenharem funções semelhantes, que, no limite, pareciam roubar a humanidade daqueles que a executavam. Os trabalhadores desumanizados não eram os únicos mobilizados como contraexemplos, mas, em termos menos radicais, a integração subalterna relegada ao trabalhador manual, como os pais e as mães dos pesquisados, que labutam em postos mal remunerados e pouco valorizados socialmente, também fora frequentemente comunicada como um determinante para a formulação do plano de seguir os estudos até a universidade.

Deste modo, findo o trabalho, a principal conclusão a que se chega quanto aos sentidos do diploma universitários, conferidos por formados oriundos das camadas populares, evidencia que para além das expectativas de retorno material soma-se um forte apelo de inclusão cidadã, que guarda conexões com o longo imaginário trabalhista.

O mercado de trabalho no Brasil, em média, recompensa excepcionalmente a credencial de nível superior em relação às demais. A hipótese da inflação de credenciais, embora pertinente, não parece explicar a dinâmica salarial no país, mesmo após a expansão educacional, por ainda ser escasso o número de profissionais com tal qualificação na PEA. Um contraponto relativo ao perfil estudado é a concentração de jovens pobres nas carreiras mais desvalorizadas pelo mercado, como as licenciaturas e a humanidades, fato que acaba limitando os ganhos desse público.

O sentido do diploma dado através das expectativas de retorno material perpassa todas as entrevistas. Se, entretanto, o consumo é capaz de integrar os indivíduos de forma mais valorosa na sociedade, ele não encerra todas as nuances que envolveram o projeto destes jovens, ou de ao menos, parte deles. O “ser alguém na vida” através da credencial universitária extravasa o aspecto material e nos evidencia o simbolismo do canudo que os promoveria à condição de plena cidadania. Cidadãos que ao receberem o verniz no diploma se sentem

confortáveis por circular na cidade e ocupar espaços que antes eram simbolicamente interditos a eles. A centralidade do mundo do trabalho, como intermediário do acesso à cidadania, reverbera na geração estudada reminiscências de uma “utopia varguista” que ainda se atualiza, sob nova roupagem, na nossa população. São os lamentos paternos e maternos, além da imagem de trabalhadores degradados no entorno periférico, que contribuem para a crença e o projeto de, finalmente, serem gente na sociedade brasileira.

Este ponto foi defendido ao longo do trabalho, apoiando-se na análise das narrativas predominantes apresentadas nos discursos analisados. Assumindo que narrativas são mais do que representações, mas formas de construção dos mundos, a compreensão dos sentidos do diploma para os entrevistados revelaria aspectos sobre o modo como eles enxergam a sociedade e, sobretudo, como se situam nela. O modo como o discurso dos entrevistados se articulava em torno da entrada na universidade, desde a formulação do projeto até a sua concretização, se mostrou um dado central para a construção das narrativas. Três tipologias foram criadas para representar a maneira que o projeto de cursar uma faculdade apareceu na vida dos pesquisados, foram elas: “era o caminho natural”, “era o caminho desejado, mas não natural” e “era o caminho inesperado”.

A narrativa que apresentou a universidade como um projeto antigo, cultivado desde cedo, se divide em dois modelos. Um que atesta a naturalidade de tal projeto na vida de tais pessoas, “era o caminho natural”, e outro que se vale de um tom épico para valorizar as intempéries colocadas nessa jornada, “era o caminho desejado, mas não natural”. A tipologia “era o caminho inesperado” representa, por sua vez, aqueles que não imaginavam cursar o ensino superior e foram surpreendidos em diferentes fases da vida por essa possibilidade.

Evitando estabelecer causalidade entre as tipologias de narrativas propostas e as condições socioeconômicas, tendências foram, todavia, encontradas e se mostraram relevantes para compreender inflexões nos sentidos do diploma superior e suas reverberações para diferentes aspectos da vida dos indivíduos analisados, como o pertencimento de classe a os padrões de sociabilidade. A seleção dos sujeitos pesquisados prezou por se orientar por critérios previamente estabelecidos, sem, contudo, impedir variações importantes neste grupo pretensamente homogêneo. Há famílias com piores e melhores condições socioeconômicas e consequentemente indivíduos que usufruíram de maiores oportunidades educacionais em relação a outros. Em alguns lares, o jovem precisou contribuir em maior medida com a geração de renda para garantir o acesso satisfatório a bens de consumo básico da família. A conciliação de trabalho e estudo no ensino básico, entretanto, esteve vinculada em grande parte dos casos

aos padrões de lazer e consumo juvenil, que só poderiam ser acessados mediante o próprio labor.

Os entrevistados que gozaram de melhores condições socioeconômicas tendem a se concentrar entre aqueles que narraram a entrada na universidade como “o caminho natural”. Ou seja, um projeto cultivado e estimulado desde o ensino básico através do incentivo da família e da escola. O ambiente de “classe média”, que muitos tiveram acesso a partir, sobretudo, das escolas particulares que frequentaram, influenciou na formação precoce desse projeto. Indivíduos cujas famílias possuíam menores condições socioeconômicas, oriundos do sistema público de ensino e moradores de regiões periféricas da região metropolitana do Rio de Janeiro também integram, contudo, essa tipologia. O que impede, portanto, uma vinculação necessária entre maior estoque de capital econômico e cultural e a percepção de naturalidade quanto à longevidade da própria trajetória educacional. Os planos dos pais, a vigilância da família, a boa avaliação na escola e a iniciativa do entrevistado são fatores elencados como importantes pelos pesquisados para o êxito dessa trajetória, o que reforça a importância de outros fatores, para além do econômico e da escolaridade dos pais, fortemente atuantes na conformação do sucesso escolar.

Aqueles que narraram a entrada na universidade como “um caminho desejado, mas não natural” o fizeram mobilizando um tom épico escolhido para ressaltar os obstáculos que precisaram superar até o alcance do objetivo traçado desde cedo. A deficiência do sistema público, o orçamento apertado da família e a conciliação entre trabalho e estudo foram alguns dos pontos enfatizados por esse grupo.

Finalmente, os que narravam a saga rumo ao ensino superior como “o caminho inesperado” são os entrevistados membros das famílias, em média, com as piores condições socioeconômicas dos 25 casos analisados. O grupo, marcado pela voz masculina, enfatizou o caráter quase acidental que o curso superior teve em suas vidas. A limitação de horizonte de expectativas, a inserção precoce no mercado de trabalho, dentre outros aspectos foram mobilizados por esses entrevistados em sua narrativa.

Os sentidos do diploma que foram destacados apresentam afinidades com os modelos de tipologias construídos. Em todos os grupos, o sentido de estudar como forma de alcançar um melhor padrão de vida é comunicado, mesmo que algumas ressalvas sejam postas. Para alguns, possuir um padrão de consumo de classe média está mais vinculado ao aspecto simbólico de integração ao status quo, enquanto para outros essa dimensão do diploma não é tão reforçada. O “ser alguém na vida”, contudo, parece mais claramente relacionado às narrativas dos

entrevistados que foram expostos às piores condições socioeconômicas durante a infância e a adolescência. Um discurso militante, que ora está relacionado à graduação cursada ora ao léxico aprendido no cursinho pré-vestibular comunitário, também parece influir para a marcação desse aspecto.

Tornar-se gente após o diploma superior é uma constatação vivida por alguns com certo incômodo. A “transubstanciação”, ideia cristã de transformação radical da matéria, aqui é proposta com aspas, pois se os entrevistados compreendem que com o título superior são dotados de uma substância a mais que os distingue do meio popular de origem, eles possuem, entretanto, a máxima valorização de seu feito a partir da identificação com o mundo do trabalho. Eles obtêm um novo verniz, mas permanecem como trabalhadores, realizando a utopia dos pais de vê-los submetidos a condições de trabalho mais “justas e dignas” da que eles puderam acessar.

Os sentidos da credencial fazem eco em diferentes dimensões da vida dos entrevistados, como o 3º, 4º e o 5º capítulo buscaram demonstrar. A discussão sobre o trânsito entre os dois mundos, o de origem popular e o destino de classe média, buscou defender a imagem de um movimento pendular que melhor descreveria esse percurso no tempo e espaço. O acesso a diferentes repertórios, desde cedo em alguns casos, aliado com as habilidades adquiridas para modular a própria linguagem nos diferentes ambientes os quais os entrevistados transitam, depõem contra rótulos como o “trânsfuga de classe”, elaborado para casos de mobilidade radical, mas comumente utilizado para ilustrar movimentos ascensionais de menor amplitude como os casos estudados.

Os padrões de sociabilidade dos entrevistados expõem outro aspecto interessante dessas biografias, que nos possibilitou trabalhar a questão proposta sobre os sentidos do diploma. Na percepção de alguns, a entrada e saída do ensino superior não alterou substancialmente o padrão de pessoas com as quais se relacionam. Tais entrevistados, integrantes das famílias com melhores condições socioeconômicas do grupo, mantiveram amizades do passado que, em média, seguiram trajetória semelhante ao do pesquisado e agregaram pessoas de estratos diversos, sem ressaltar maiores dissonâncias. O sentimento de continuidade no padrão de sociabilidade também foi posto por outro grupo de entrevistados, mas que diferentemente do primeiro, traçaram distinções nítidas entre eles e os amigos do entorno de pobreza que o cercavam. A maior proximidade com a pobreza, e indivíduos em situações marginais, fez com que parte deles demarcassem rígidas fronteiras simbólicas, vocalizando o critério de separação do joio do trigo, estratégia mobilizada por famílias trabalhadoras de regiões periféricas e

estigmatizadas. A superficialidade também é algo comunicado por parte do grupo para lidar com os velhos amigos que não seguiram trajetórias de vida parecidas com a do entrevistado e ficaram estagnados no passado. A diferença entre os casos acima está no ambiente de classe média, acessado mais cedo, e na marcação mais nítida de uma inflexão no padrão de sociabilidade após a experiência do ensino superior.

Finalmente, entrevistados, com maior concentração entre aqueles que vieram dos lares com menor poder aquisitivo, especialmente os homens concentrados na tipologia “era o caminho inesperado”, disseram manter amizades do passado, mesmo com os amigos que abandonaram cedo os estudos. Com exceção desse importante grupo, na percepção dos entrevistados a valorização do mundo popular de origem se dá numa ordem estética ou na imensa importância que atribuem à família. Muitos encontram obstáculos para manter proximidade com os laços de amizade de outrora e se ressentem quando são diferenciados pejorativamente por esses contatos, como o incomodo rótulo de “metidos” comunica.

Quanto aos padrões de sociabilidade, para além das diferenças observadas em relação aos amigos do passado, o trato com os amigos das classes média e alta, que vão se acumulando ao longo dessa trajetória, é uma dimensão que parece unificar as percepções estudadas. Mesmo que eles afirmem manter um bom relacionamento com esse perfil social, aproveitando o contato para o aprendizado de outros estilos de vida, marcam fronteiras e evocam claramente no discurso uma pertença popular para os distinguirem daqueles que teriam usufruído de maiores oportunidades e facilidades durante toda a vida. O consumo alienado e a subversão da meritocracia no alcance de boas oportunidades ocupacionais as indicações são apresentadas quase como uma condição existencial dos membros das classes superiores.

A educação não é percebida apenas em termos utilitários pelos entrevistados, como o sentido de “ser alguém na vida” bem demonstra. O aumento do vocabulário, o verniz do diploma e a importância simbólica, tudo isso não se reduz, nem de longe, a ganhos materiais. As expectativas de melhoria do padrão de vida, através do retorno material, são, por sua vez, sempre justificadas através da partilha desses recursos com o próprio núcleo familiar, companheiros (as) e filhos (as), além dos pais e de outros familiares que os ajudaram em tal conquista.

Os entrevistados, salvo exceções como a Médica e os Engenheiros, optaram por formações que, em média, não os alçam aos postos mais valorizados da nossa sociedade. A ausência de maiores conflitos, de certa forma, também pode ser compreendida pela proximidade entre a “origem” e o “destino” dessas pessoas. Ainda localizados, em geral, no início da carreira,

os entrevistados não contaram histórias de mobilidade radical, mas estão submetidos às rotinas do trabalho, às intempéries do mercado e ao aumento do custo de vida. O mercado imobiliário representa, para muitos, por exemplo, um grande desafio, cujos atuais ganhos não permitem a eles expressar sua mobilidade em relação à moradia.

A melhoria de vida é, de fato, demonstrada nos tipos de contratos que conseguem conquistar, nas possibilidades de crescimento na carreira, entre outros aspectos. As esperanças do futuro são, nesse sentido, tão relevantes quanto as benesses do presente. O consumo, que evidencia a mobilidade vivida, é descrito em termos do financiamento da casa própria que conquistaram, da ajuda aos familiares que podem prestar, dos restaurantes que são capazes de frequentar, e, especialmente, das viagens que conseguem fazer.

As viagens para outras searas, seja Miami ou Machu Picchu, representam, assim, a alegria de poder se distanciar de um mundo, mas ao mesmo tempo a ele retornar, permanecendo vinculados por afeto e, mas também, por condições materiais.

Os retornos hodiernos ao mundo de origem são traduzidos através do lirismo, que a imagem das viagens entusiasticamente comunicadas nas entrevistas representa. Eles embarcam em uma rotina de classe média, munidos com um diploma que ainda é amplamente valorizado, mas não é suficiente para consolidar um padrão de consumo e integração social próprios do estrato médio tradicional na sociedade brasileira. Embora a substância valorosa adquirida através do diploma os resguarde da desumanização a que os trabalhadores precarizados do seu imaginário eram submetidos, o capitalismo periférico à brasileira expõe, a grande maioria, a uma constante ameaça de desclassificação. Dessa forma, os retornos à origem podem representar mais do que um apelo estético, ou afetivo, mas também uma possibilidade de exercício de trabalhos de menor prestígio e retorno.

A nós, novamente me identifico com os meus entrevistados, resta a luta.

REFERÊNCIAS

ABELL, Peter. Narrative Explanation: An Alternative to Variable-Centered Explanation? **Annual Review of Sociology**, 30, p.287–310, 2004.

ABBOT, Andrew. What do cases do? Some notes on activity in sociological analysis. In. RAGIN, Charles; BECKER, Howard (org). **What is a case? Exploring the foundations of social inquiry**. New York: Cambridge University Press, 1992.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação**, n.5-6, p.25-36, 1997.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2ª edição, 2004. -----. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional de História Oral “Memória, Democracia e Justiça” Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral/base>

AMADEO et ali. A Natureza e o Funcionamento do Mercado de Trabalho Brasileiro desde 1980. Rio de Janeiro: **Texto para Discussão nº353**, Ipea. 1994.

ALVES, Fátima Cristina de M. Qualidade na educação fundamental pública nas capitais brasileiras: tendências, contextos e desafios. Tese (Doutorado em Educação). 2007. Rio de Janeiro, Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio de Janeiro.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga. SOARES, José Francisco. XAVIER, Flávia Pereira. Índice Socioeconômico das Escolas de Educação Básica Brasileiras. Rio de Janeiro: **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v.22, n. 84, p.671-704, jul/set, 2014.

AMORIM LIMA, Leonardo Claver. Da universalização do ensino fundamental ao desafio de democratizar o ensino médio em 2016: o que evidenciam as estatísticas? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 92, n. 231, p. 268-284, 2011.

BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira (org). **Ensino superior: expansão e democratização**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

BARBOSA, Rui. A questão social e política no Brasil. In: Obras Seletas. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

BARBOSA, Rogério Jerônimo. COMIN, Álvaro A. Trabalhar para estudar: sobre a pertinência da noção de transição escola-trabalho no Brasil. São Paulo: **Novos Estudos – CEBRAP**, n. 91, nov, 2011.

BARROS, Ricardo Paes de. MENDONÇA, Roseane Silva Pinto de. Uma Avaliação da Qualidade do Emprego no Brasil. **Texto para Discussão nº381**, Ipea, 1995.

BARROS, Ricardo Paes de. CARVALHO, Mirela de. FRANCO, Samuel. MENDONÇA, Rosane. Uma análise das principais causas da queda recente na desigualdade de renda brasileira. Rio de Janeiro: **Texto para discussão nº 1203**, Ipea, 2006.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BERQUÓ, Elza. CAVENAGHI, Suzana. Mapeamento socioeconômico e demográfico dos regimes de fecundidade no Brasil e sua variação entre 1991 e 2000. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu-MG, 2004.

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: Sa validité méthodologique, ses potentialités. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Paris, vol. LXIX, pp. 197-225, 1980.

BIDART, Claire. LAVENU, Daniel. Evolution of Personal Networks and Life Events. **Social Networks**, v.27, n.4, 2005.

BIDART, Claire. DEGENE, Alain. GROSSETTI, Michel. **La vie en réseau. Dynamique des relations sociales**. Paris : Press Universitaire de France, 2011.

BOSHI, Renato. GAITAN, Flávio. Intervencionismo estatal e políticas de desenvolvimento na América Latina. Salvador, **Cadernos CRH**, v.21, n.53, p.305-322, maio-ago, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção. A crítica social do julgamento**. 2ªEd. Porto Alegre: ZouK, 2011.

----- . **O Poder Simbólico**. 10ªEd. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

----- .As contradições da herança. In: BOURDIEU, Pierre (org) **A miséria do mundo**. 7ªEd. Petrópolis: Vozes, 2008.

----- . The Forms of Capital. In: RICHARDSON, John G. (Org.). **Handbook for Theory and Research for the Sociology of Education**. Wesport: Greenwood. p. 241-258, 1986.

----- . **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

----- . A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 4ªEd. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 2011 [1970].

BRESSOUX, Pascal. As pesquisas sobre o efeito escola e o efeito professor. Belo Horizonte: **Educação em Revista**, n.38, dez, 2003.

BRUBAKER, Rogers. Rethinking classical theory: the sociological vision of Pierre Bourdieu. **Theory and Society**, v.17, p.745-775, 1985.

BRUSCHINI, Cristina. LOMBARDI, Maria Rosa. MIGLIORANZA, Cristiano Mercado. RICOLDI, Arlene. Trabalho, Renda e Políticas Sociais: avanços e desafios. In: BARSTED, Leila Linhares. PITANGUY, Jacqueline. **O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

CAMARANO, Ana Amélia (Org.) **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006. pp. 259-289.

CAMARANO, Ana Amélia. MELLO, Juliana Leitão e. KANSO, Solange. ANDRADE, Adriana. Estão fazendo a transição os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalhar? In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.) **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006. pp. 259-289.

CAMARANO, Ana Amélia. KANSO, Solange. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Mercado de trabalho (nota técnica)**, Ipea, n. 53, nov, 2012.

CARDOSO, Adalberto. Transições da Escola para o Trabalho no Brasil: Persistência da Desigualdade e Frustração de Expectativas. **Dados**, vol. 51, n. 3, p.569-615. 2008.

----- **A Década Neoliberal: e a crise dos sindicatos no Brasil.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

----- **A construção da sociedade do trabalho no Brasil. Uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

----- **Ensaio de sociologia do mercado de trabalho brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

CARVALHAES, Flávio; RIBEIRO, Carlos Antônio Costa; SOUZA, Pedro; BARBOSA, Rogério. Os impactos da geração de empregos sobre as desigualdades de renda: uma análise da década de 2000. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 29, n.85, p. 79-98, 2014.

CARVALHO, Márcia Marques de. WALTENBERG, Fábio Domingues. Ações Afirmativas em cursos de graduação no Brasil aumentam a diversidade dos concluintes sem comprometer o desempenho? **Sinais Sociais**, v. 7, p. 36-77, 2012.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. Avaliação do sistema educacional brasileiro: tendências e perspectivas. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1998.

CATANI, Afrânio Mendes, HEY, Ana Paula, GILIOLI, Renato de Sousa Porto. PROUNI: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior? **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 125-140, 2006.

CATANI, Afrânio Mendes, HEY, Ana Paula. A educação superior no Brasil e as tendências das políticas de ampliação do acesso. **Atos de Pesquisa em Educação - PPGE/ME FURB**, v.2, nº 3, p. 414-429, set./dez. 2007.

CEPÊDA, Vera Alves, MARQUES, Antônio Carlos Henriques. Um perfil sobre a expansão do ensino superior recente no Brasil: aspectos democráticos e inclusivos. **Perspectivas**, São Paulo, v. 42, p. 161-192, jul./dez. 2012.

COELHO, Edmundo Campos. **As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

COLEMAN, James S. **Foundations of social theory**. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1990

----- . Social Capital in the creation of human capital. **The American journal of Sociology**, vol.94,1988.

COMIN, Álvaro A. Desenvolvimento econômico e desigualdades no Brasil: 1960-2010. In: ARRETCHE, Marta (org). **Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: Editora UNESP, CEM, 2015.

CORSEUIL, Carlos Henrique, SANTOS, Daniel Domingues, FOGUEL, Miguel Nathan. Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina. **Texto para Discussão n°797**, Rio de Janeiro: Ipea, 2001.

COUTINHO, Priscila. “Meu sonho era maioria que eu”: Biografia sociológica de uma trãnsfuga de classe. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

CRESO, Franco, Alves, Fátima, BONAMINO, Alicia. Qualidade do ensino fundamental: políticas, suas possibilidades, seus limites. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol.28, n. 100 - Especial, p. 989-1014, out. 2007.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã: o ensino superior da Colônia à era de Vargas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

_____. **A universidade reformada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. O ensino superior no octênio FHC. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 82, p. 37-61, abril 2003.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURHAM, Eunice R. O ensino superior no Brasil: público e privado. São Paulo: **USP/Nupes**, 2003 (Documento de Trabalho, 3/03).

ESPING-ANDERSEN, Gosta. **Changing Classes. Stratification and Mobility in Post-industrial Societies**. University of Toronto: SAGE/ISA, 1995.

FAUSTO, Boris. **Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. Salvador: **Cadernos CRH**, vol.24, n.72, p.495-512 2014.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Globo Livros, 2006.

FERES JUNIOR, João, DAFLON, Verônica Toste, CAMPOS, Luiz Augusto. Ações afirmativas raciais no ensino superior público brasileiro: um panorama analítico. **Cadernos de Pesquisa** v.43 n.148 p.302-327 jan./abr. 2013.

FONTES, Breno. EICHNER, Klaus. A formação de capital social em uma nova comunidade de baixa renda. **Redes: Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales**, vol. 7, n.2, 2004 Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es>

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Um estadista da República: Afrânio de Melo Franco e seu tempo**. Editora Nova Aguilar: em convenio com o Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1976.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: UNESP, 1997.

FRANZOSI, Roberto. Narrative Analysis – Or Why (And How) Sociologists Should be Interested In Narrative. **Annual Review of Sociology**, 24, p.517-54, 1998.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOMES, Ângela Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GUIMARÃES, Nadya. Laboriosas mas redundantes: gênero e mobilidade no trabalho no Brasil dos 90. **Revista Estudos Feministas**, vol.9, n. 1, p.82-103, 2001.

----- . Na ante-sala da discriminação: o preço dos atributos de sexo e cor no Brasil (1989-1999). **Revista Estudos Feministas**, vol.12, n.2, p 117-200, 2004.

----- . **À procura de trabalho: instituições do mercado e redes**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

GRANOVETTER, Mark. **Getting a job: a study of contacts and careers**. The University of Chicago Press, 1995.

----- . The Strength of the Weak Ties. **American Journal of Sociology**, vol 78, n.6, p. 1360-1380, 1973.

HASENBALG, Carlos. A distribuição de recursos familiares. In: HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson Valle (Orgs.) **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003a.

----- . A transição da escola ao mercado de trabalho. In: HASENBALG, Carlos, SILVA, Nelson Valle (Orgs.) **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003b.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos**. Lisboa: Editora Presença, 1973. (2vl)

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Sinopse Estatística da Educação superior 2012. Brasília, 2012.

----- . Censo escolar da educação básica de 2012. Brasília, 2013.

----- . Censo da Educação Superior 2008: Resumo técnico. Brasília, 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Duas décadas de desigualdade e pobreza no Brasil medidas pela Pnad/IBGE. **Comunicados do Ipea**, nº 159, Brasília, out., 2013.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. Mudanças nas famílias brasileiras (1976-2012): uma perspectiva de classe e gênero. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

JUNIOR, Theotônio. O movimento operário no Brasil. *Revista Brasiliense*, nº39, p.100-118, 1962.

LABOV, Willian. WALETSKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In **Essays on the Verbal and Visual Arts**, ed. J Helm, pp. 12–44. Seattle: Univ. Wash. Press, 1967.

LABOV, Willian. The transformation of experience into narrative syntax. In: LABOV, Willian. **Language in the Inner City**, 354-396. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.
 -----, **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo, Editora Ática, 2004a.
 -----, **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. São Paulo: Editora Artmed, 2004b.
 -----, **A cultura dos indivíduos**. São Paulo: Editora Artmed, 2006.

LAM, David, MARTELETO, Leticia. Stages of the demographic transition from a child's perspective: family size, cohort size, and children's resources. Michigan: University of Michigan, **Population Studies Center**, 2006. 39 p. (Research report, 06-591)

LAMONT, Michelle. **The Dignity of Working Men**. Harvard, Russel Sage Foundation, 2000.

LAMONT, Michelle. MOLNÁR, Virag. The study of boundaries in the social sciences. **Annual Review of Sociology**, n.28, p. 167-195, 2002.

LEAL, Jana Martins. “Nova Classe Média”: um debate científico ou ideológico? Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LIMA, Diana N. **Sujeitos e objetos do sucesso: antropologia do Brasil emergente**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

LINDE, Charlotte. Privates Stories in Public Discourse. Narrative Analysis in the Social Sciences. **Poetics**, n. 14, p. 183-202, 1986.

LYRA, Diogo. **A república dos meninos: juventude, tráfico e virtude**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

MACHADO DA SILVA, Luiz. **Vida sob cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

McPHERSON, Miller. SMITH-LOVIN, Lynn. COOK, James M. Birds of a feather. Homophily in Social Networks. **Annual Review of Sociology**, vol 27, p.415-444, 2001.

MADEIRA, Felícia Reicher. Educação e desigualdade no tempo da juventude. In: CAMARANO, A. A. (Org.) **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006. Cap. 5, p. 139-170.

MAFRA, Clara. Relatos Compartilhados: Experiências de Conversão ao Pentecostalismo entre brasileiros e portugueses. **MANA**, n.6 vol.1, p.57-86, 2000.

MANNHEIM, Karl. Conservative Thought. In: **Essays on Sociology and Social Psychology**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1959.

MARQUES, Eduardo. **Redes sociais, segregação e pobreza**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

----- (org) **Redes sociais no Brasil: sociabilidade, organizações civis e políticas públicas**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

MARTELETO, Leticia. O papel do tamanho da família na escolaridade dos Jovens. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Vol.19, n.2, jul./dez. 2002.

MARTUCCELLI, Danilo. DE SINGLY, François. **Sociologies de l'individu**. Paris: Armand Colin, 2012.

MARX, Karl. **A Questão Judaica**. 2.Ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

MATTOS, Andrea Machado de Almeida. Narrativas, Identidades e Ação Política na Pós-Modernidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 587-602, abr.-jun. 2010.

MILLS, Charles Wright. **A nova classe média: white collar**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MODIANO, Eduardo Marco. A Ópera dos Três Cruzados: 1985-1989 In: ABREU, Marcelo de Paiva. (Org). **A Ordem do Progresso. Cem Anos de Política Econômica Republicada 1889-1989**. Rio de Janeiro, Campus. 1992.

MORAIS, Juliana Athayde Silva de. “Caminhadas de universitários de origem popular”. Trajetórias de acesso ao ensino superior federal brasileiro. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

NAUDET, Jules. L' expérience de la mobilité sociale ascendante : les deux visages de la réussite sociale. **Notes & Documents 2007-03**, Sciences Po – OSC, 2007.

NASCIMENTO, Alexandre do. Movimentos sociais, educação e cidadania: um estudo sobre os cursos pré-vestibulares populares. Dissertação (Mestrado em Educação) Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

NERI, Marcelo. CAMARGO, José Márcio. REIS, Maurício Cortez. Mercado de trabalho nos Anos 90: Fatos Estilizados e Interpretações. **Texto para Discussão nº743**, Rio de Janeiro, Ipea. 2000.

NERI, Marcelo. A nova classe média. **Revista Conjuntura Econômica**, vol.62, n.9, 2008.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta, RAIZER, Leandro, FACHINETTO, Rochelle Fellini. Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan/jun, p.124-157, 2007.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. Ensino Superior no Brasil: expansão, diversificação e inclusão. In: XXX Congresso da LASA. Maio 23-26, 2012, San Francisco, Califórnia. 2012.

NOGUEIRA, Maria Alice. Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir (Orgs). **Família e Escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Tendências atuais da sociologia da educação. In: II Seminário Catarinense de Sociologia da Educação – Leituras e imagens. Florianópolis: UDESC/FAED, 1995.

PANICA, Thiago. “Crescer na vida”: trajetórias de micromobilidade nos meios populares. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PETERS, Gabriel. **Percursos na teoria das práticas sociais. Anthony Giddens e Pierre Bourdieu**. São Paulo : Annablume, 2015.

PIOTTO, Débora Cristina. As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

POCHAMAN, Márcio. **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.

POLLETTA, Francesca. CHEN, Pang Ching Bobby. GARDNER, Beth Gharrity. MOTES, Alice. The Sociology of Storytelling. **Annual Review of Sociology**, 37, p.109-30, 2011.

PORTES, Écio Antônio. Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

_____. Trajetórias e estratégias escolares do universitário das camadas populares. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1993.

PORTES, Alejandro. Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. **Annual Review of Sociology**, v.21 n.1 p. 1-24, 1998.

PRATES, Antônio Augusto Pereira. Os Sistemas de Ensino Superior na Sociedade Contemporânea: Diversificação, Democratização e Gestão organizacional – O caso brasileiro. Tese de doutoramento em Sociologia, UFMG, 2005.

_____. Universidade VS terceirização do ensino superior: a lógica da expansão do acesso com manutenção da desigualdade: o caso brasileiro. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun, p. 102-123, 2007.

_____. Ampliação do sistema de ensino superior nas sociedades contemporâneas no final do sec. XIX: os modelos de mercantilização e diferenciação institucional - o caso brasileiro. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.15, n.28, p.125-146, 2010.

PRATES, Antônio Augusto Pereira. SILVA, Bráulio. CARVALHAES, Flávio. Capital Social e Redes Sociais: conceitos redundantes ou complementares? In: AGUIAR, Nelma. (org). **Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

PUTMAN, Robert. **Comunidade e democracia a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

OCDE. Education at a Glance. Paris: *OECD Indicators*, OECD Publishing, 2015.

OLIVERIA, Maria Coleta. VIEIRA, Joice Melo. MARCONDES, Gláucia dos Santos. Cinquenta anos de relação de gênero e geração no Brasil: mudanças e permanências. 2015. In: ARRETCHE, Marta (org). **Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: Editora UNESP, CEM, 2015.

ORBUCH, Terri L. People's Accounts Count: The Sociology of Accounts. **Annual Review of Sociology**, 23, 455-78, 1997.

RAFTERY, Adrian E. HOUT, Michael. Maximally Maintained Inequality: expansion, reform and opportunity in Irish Education 1921-75. **Sociology of Education**, v.66, n.1, p.41-62, 1993. REIS, Bruno Pinheiro Wanderley. Capital social e confiança: questões de teoria e método. Curitiba: **Revista de Sociologia e Política**, p. 35-49, 2003.

REZENTE PINTO, José Marcelino. O acesso à educação superior no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 88, p.727-756, Especial - Out, 2004.

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa; MARSCHNER, Murilo; CENEVIVA, Ricardo. Estratificação educacional entre jovens no Brasil: 1960 a 2010. In: ARRETCHE, Marta (org). **Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: Editora UNESP, CEM, 2015.

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. SCHLEGEL, Rogério. Estratificação horizontal da educação superior (1960-2010). In: ARRETCHE, Marta (org). **Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: Editora UNESP, CEM, 2015.

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. **Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil**. Bauru: Edusc, 2007.

----- Desigualdade de Oportunidades e Resultados Educacionais no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, vol. 54, nº 1, p. 41-87, 2011.

RICOUER, P. Narrative Time. **Critical Inquiry**, Vol. 7, No. 1, pp. 169-190, 1980.

----- **Tempo e narrativa**(tomo II). São Paulo: Papirus, 1995.

----- **O Si mesmo como outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RISTOFF, Dilvo. Vinte e um anos de educação superior. Expansão e Democratização. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n.3, jan/jun. 2013a.

-----, Perfil socioeconômico do estudante de graduação. Uma análise de dois ciclos completos do Enade (2004 a 2009). **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n. 4, jul./dez. 2013b.

RIVERO, Patrícia. **Trabalho: opção ou necessidade? Um século de informalidade no Rio de Janeiro**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

ROCHEX, Jean Yves. **Se sens l'expérience scolaire: entre activité et subjectivité**. Paris : Press Universitaire de France, 1995.

ROSEMBERG, Fúlvia. MADSEN, Nina. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARSTED, Leila Linhares. PITANGUY, Jacqueline. **O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

SABOIA, João. Efeitos do salário mínimo sobre a distribuição de renda no Brasil no período 1995/2005 – resultados de simulações. Rio de Janeiro: **Econômica**, v. 9, n. 2, p. 270-295, dezembro 2007

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e Justiça. A política social na ordem brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1987 [1979].

SARTI, Cíntia. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 3.Ed. São Paulo: Cortez, 2005

SCALON, Celi. O que os brasileiros pensam das desigualdades sociais. In. SCALON, Celi. (org). **Imagens da Desigualdade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM, 2004a.

SCALON, Celi. Percepção de desigualdade. Uma análise comparativa internacional. In. SCALON, Celi. (org). **Imagens da Desigualdade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM, 2004b.

SCOTT, M. B. LYMAN, S. M. Accounts. **Revista Dilemas**. vol. 1 n.2 , 2008. [1968]

SGUISSARDI, Valdemar. Modelo de Expansão da Educação Superior no Brasil: predomínio privado/mercantil e desafios para a regulação e a formação universitária. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 105, p.991-1022, set./dez. 2008.

SILVA, Matheus Faleiros. Expansão do ensino superior e diferenciação institucional: uma análise comparativa do efeito dos modelos clássicos e vocacionais sobre o status ocupacional de seus egressos. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFMG, 2011a.

SILVA, Jailson de Souza. **Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011b.

SILVERMAN, David. **Harvey Sacks: social science and conversation analysis**. New York: Oxford University Press, 1998.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SMALL, Mario Luís. How many cases do I need? On science and the logic of case selection in field-based research. **Ethnography**, vol10 n 5, 2009.

SOARES, José Francisco. Qualidade e equidade na Educação Básica Brasileira: Fatos e Possibilidades. In: Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, Rio de Janeiro, 2004.

SOARES, José Francisco. TORRES, Flávia Alexandra de Oliveira. ALVES, Maria Teresa Gonzaga. **Escola eficaz: um estudo de três escolas da rede pública de ensino do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Segrac Editora e Gráfica Ltda, 2002.

SOMERS, Margaret R. The Narrative Constitution of Identity: A Relational Network Approach. **Theory and Society** 23(5), 1994.

SOUZA, Maria do Socorro Medeiros Neri. Do seringal à Universidade: o acesso das camadas populares ao ensino superior público no Acre. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SOUZA, Jessé. Modernização periférica e naturalização da desigualdade. O caso brasileiro. In. SCALON, Celi. (org). **Imagens da Desigualdade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM, 2004.

_____. **A construção social da subcidadania. Para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

_____. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

STEINMETZ, G. Reflections on the role of social narratives in Working-Class Formation: Narrative Theory in the Social Sciences. **Social Science History**, vol. 16, n. 3, p. 489-516, 1992.

TARABOLA, Felipe de Souza. Quando o ornitorrinco vai à universidade: trajetórias de sucesso e longevidade escolares pouco prováveis na USP; escolarização e formação de habitus de estudantes universitários das camadas populares. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TELLES, Vera da Silva. Pobreza, movimentos sociais e cultura política: notas sobre as (difíceis) relações entre pobreza, direitos e democracia. In: DINIZ, Eli. LOPES, Sergio Leite Lopes. PRANDI, Reginaldo (orgs.) **O Brasil no rastro da crise: partidos, sindicatos, movimentos sociais, Estado e cidadania no curso dos anos 90**. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, IPEA, 1994.

TERRAIL, Jean-Paul. **Destins ouvriers: la fin d'une classe?** Paris: Press Universitaire de France, 1990.

VIANNA, Francisco José Oliveira. **Direito do Trabalho e Democracia Social: O Problema da Incorporação do Trabalhador no Estado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e Sindicato no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

VISSCHER, Adrie J (org). **Managing schools towards high performance: linking school management theory to the school effectiveness knowledge base**. The Netherlands: Swets & Zeitlinger B. V., Lisse, 1999.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WACQUANT, Loic. Poder simbólico e fabricação de grupos. Como Bourdieu reformula a questão das classes. São Paulo: **Novos Estudos CEBRAP**, n. 96, jun, 2013.

WEBER, Max. Ensaio sobre a teoria das Ciências Sociais. 3Ed. São Paulo: Editora Centauro, 2008.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ANEXO - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1ª PARTE – CONTEXTUALIZAÇÃO

Nome:

Data de Nascimento:

Naturalidade:

Formação:

Local de residência atual:

- Você já morou em outros endereços?
- Os seus pais são da cidade? Eles eram de quais regiões da cidade?

Você tem irmãos?

- Você conviveu com pai e mãe no mesmo domicílio?
- Na época da infância/adolescência você convivia com outros parentes no mesmo domicílio? Por exemplo, avós, tios (as)?

Situação civil:

Escolaridade do cônjuge:

Qual é a escolaridade dos seus pais?

Qual era a ocupação deles?

2ª PARTE

TRAJETÓRIA ESCOLAR – (Ensino básico)

Em relação ao ensino fundamental, de 1ª a 8ª série,

- Você fez pré-escola, jardim de infância?
- Em qual escola você cursou o ensino fundamental? Cursou da 1ª a 8ª série nessa instituição?
- A escola ficava próxima de sua residência?
- Por que essa instituição foi escolhida por você ou sua família?
- Nessa época, alguém estudava com você, te ajudava com os deveres, pesquisas, especialmente quando era mais novo?
- Havia algum parente que participava ativamente da sua vida escolar? Frequentava reuniões de pais e mestres? Participava das festividades da escola?
- Você exerceu algum tipo de trabalho remunerado nesse período da sua vida?

E no ensino médio, onde você estudou?

- Por que estudou no colégio citado?
- O colégio era próximo da sua residência, como chegava até o local?
- Você conciliou estudo e trabalho quando cursava o ensino médio?
- Qual o principal motivo de trabalhar ou de não trabalhar no período?

- Você realizou alguma atividade educacional, pedagógica ou de formação complementar como: cursos de língua estrangeira, curso de computação, aulas particulares, explicadoras?
- As atividades eram gratuitas?
- Quem lhe auxiliou, caso contrário?
- Participou de projetos oferecidos por ONGs, instituições religiosas, governamentais?

SOCIABILIDADE

Coletar informações sobre a sociabilidade do entrevistado durante a infância e adolescência. Perguntar sobre os vínculos atuais. Perguntar sobre o perfil das pessoas que compunham ou compõe a rede de relações do entrevistado.

- Quem eram os seus principais amigos na época da infância? Vizinhos, amigos feitos na escola, parentes?
- Eles frequentavam a mesma escola de ensino fundamental que você?
- O que aconteceu com sua rede de amigos na passagem do ensino fundamental para o ensino médio? Eles te acompanharam?
- De uma maneira geral, sua rede de amigos nesse período se concentrava em qual ambiente?
- Vizinhança?
- Escola?
- Igreja?
- Trabalho?
- De outros grupos como teatro, grupos de música, esportes, outras atividades.
- Atualmente, você tem contato com os amigos feitos nessa época da sua vida, amigos do ensino fundamental ou médio?
- Quem são os seus amigos atualmente?

AUTOPERCEPÇÃO:

- Você se considerava bom-aluno nessa época?
- Sua família lhe destacava por ser bom aluno? Elogios/premiações/ era o exemplo da casa.
- Os seus amigos lhe viam como bom aluno?
- Você gostava dessa imagem?
- O que você sonhava ser quando crescesse? Na sua vida adulta?

ENTRADA NA UNIVERSIDADE

- Era um sonho entrar na universidade? Quando ele começou a ser imaginado/pensado/ por você?
- A entrada na universidade lhe soava como única opção ou era uma dentre as outras? Você consegue imaginar o que teria feito, caso não tivesse entrado na faculdade?

- Algum conhecido, amigo ou parente lhe serviu de exemplo para que você seguisse esse caminho?
- Como ficou sabendo da universidade e do curso o qual ingressou?
- Você fez cursinho pré-vestibular?
- Trabalhava nesse período? Alguém lhe deu apoio financeiro durante esse período?

VIDA UNIVERSITÁRIA:

Sobre a entrada na universidade e o processo de adaptação.

- Como foi o relacionamento com a turma?
- Fez muitos amigos na universidade?
- Você frequentava bares, festas, reuniões com os seus colegas de turma? Participava de eventos culturais/lazer dentro do campus ou faculdade?
- Foi difícil enturmar-se?
- Sofreu algum tipo de preconceito ou rejeição por parte de colegas ou professores?
- Você se sentia diferente ou havia amigos com trajetórias parecidas com a sua?
- Sobre o seu desempenho acadêmico:
 - Como eram suas notas?
 - O seu desempenho era parecido com os demais estudantes da turma?
 - Reprovações, provas finais? Com qual frequência isso ocorreu?
 - Você teve que trabalhar para se sustentar ou ajudar nas despesas da família durante os seus estudos?
 - Você contou com o estímulo de algum professor, colega, instituição para prosseguir com os seus estudos? Pode participar de algum projeto de pesquisa (como bolsista ou não)

VIDA DE FORMADO

- Uma vez formado, como se deu sua entrada no mercado de trabalho?
- Como você conseguiu os seus primeiros empregos? Pediu ajuda a alguém? A quem?
- Você está trabalhando na sua área? Trabalhou antes?

TEMPO LIVRE

- O que você costuma fazer em seu tempo livre?
- Que lugares da cidade você costuma frequentar no seu tempo livre?
- Tem algum hábito cultural ou de lazer que você tenha adquirido durante a sua vida universitária ou após a sua formatura?

AUTOPERCEPÇÃO

- Quais foram as maiores mudanças que ocorreram na sua vida depois que você entrou para a universidade?
- Uma vez formado, qual foi a experiência que lhe trouxe maior satisfação pessoal, profissional? Algo que você relacione diretamente a uma consequência de sua experiência universitária.
- Quais são os seus projetos para o futuro? Profissionais e pessoais.
- Levando em consideração tudo que conversamos, a entrada e conclusão do curso superior possuem qual sentido para a sua vida?